

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E CULTURAS POLÍTICAS

GEORGE FELLIPE ZEIDAN VILELA ARAÚJO

**O impacto da Revolução Russa
no movimento anarquista uruguaio
(1917-1921)**

Belo Horizonte

2012

George Fellipe Zeidan Vilela Araújo

**O impacto da Revolução Russa
no movimento anarquista uruguaio
(1917-1921)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Prof^a. Dra. Kátia Gerab Baggio

Belo Horizonte

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓSGRADUAÇÃO
historiaufmg

Dissertação defendida pelo aluno **George Fellipe Zeidan Vilela Araújo** em **28 de setembro** de **2012** e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. **Kátia Gerab Baggio** – Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. **Adriane Vidal Costa**
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. **José Luis Bendicho Beired**
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis)

989.5 Araújo, George Fellipe Zeidan Vilela

A663i O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio
2012 (1917-1921) [manuscrito] / George Fellipe Zeidan Vilela Araújo. – 2012.
189 f.

Orientadora: Kátia Gerarb Baggio.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências.

1. História - Teses. 2. Movimento operário - Uruguai – Teses. 3. Anarquia e anarquistas – Teses. 4. Uruguai – História - Teses. I. Baggio, Kátia Gerarb. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia. III. Título.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a meus pais, Antônio Jorge e Ana Maria, pela vida e pelo amor incondicional.

Agradeço a Irene, por compartilhar comigo sua caminhada.

Agradeço a Juan, Julia e Dinorah, por toda a ajuda e carinho.

Agradeço a todos os meus amigos, especialmente a Marcelo Paolinelli, Didi (Lucas da Silva), Gabriel Marques e Clara von Sanden, pelo apoio e pelas conversas estimulantes que tanto melhoraram este trabalho. A Clara e a Didi agradeço ainda pelo inestimável auxílio prestado na aquisição de materiais para a pesquisa e na entrega do trabalho, respectivamente.

Agradeço ao ex-diretor da Biblioteca Nacional do Uruguai, o escritor Tomás de Mattos, por facilitar-me o acesso aos periódicos utilizados na pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, a Prof.^a Dra. Kátia Gerab Baggio, pelas sugestões, correções e indicações, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

Agradeço ao Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta e à Prof.^a Dra. Adriane Vidal Costa, pelas sugestões e críticas feitas na banca de qualificação.

Agradeço ao Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired e, uma vez mais, à Prof.^a Dra. Adriane Vidal Costa, por terem aceitado participar da banca de defesa da dissertação.

Agradeço também ao Prof. Dr. José Carlos Reis, ao Prof. Dr. José Newton Coelho Meneses, ao Prof. Dr. José Antônio Dabdab Trabulsi e à Prof.^a Dra. Regina Helena Alves da Silva, pelas ideias enriquecedoras apresentadas nas disciplinas que ministraram no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História e à UFMG pela possibilidade de cursar o mestrado nessa instituição.

Agradeço, por fim, à FAPEMIG e à CAPES, pela concessão das bolsas de estudo, indispensáveis para a realização deste trabalho.

Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. Mas quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca. Poderia ter-se informado melhor. Estamos diante de uma aporia que só pode ser resolvida com o passar do tempo. [...] Sempre as coisas podem acontecer diferentemente do que se espera: esta é apenas uma formulação subjetiva daquele resultado objetivo, de que o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico.

Reinhart Koselleck, “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”:
duas categorias históricas

Resumo

ARAÚJO, George Fellipe Zeidan Vilela. *O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio (1917-1921)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Na trajetória do movimento operário internacional, a Revolução Russa de 1917 é um dos momentos de maior relevância, sendo frequentemente apontada como um divisor de águas para as esquerdas em todo o mundo — aqui incluído não apenas o socialismo e o comunismo, mas também o anarquismo. Apesar de muito distante geograficamente, os ecos da Revolução Russa se fizeram sentir também na América Latina, região que atravessava igualmente momentos agitados. Em muitos países latino-americanos, como o Uruguai, um ainda incipiente movimento operário-social questionava a ordem que havia sido imposta pelas elites desde o fim do período colonial. A tendência majoritária no movimento operário-social uruguaio era a anarquista e, se bem a Revolução provocou comoção e otimismo, não deixou de suscitar inúmeras questões de ordem ideológica e conceitual. Se, em um primeiro momento, praticamente todos os grupos libertários saudaram-na e manifestaram sua solidariedade, posteriormente, muitos expressaram sua desconfiança e posterior rechaço à Rússia Soviética. Entretanto, alguns grupos, em franca contradição com o ideário anarquista, não só continuaram a defender a Revolução, a ditadura do proletariado e o governo bolchevique, como conduziram uma grande polêmica ideológica com os grupos contrários. Foram delineando-se duas correntes principais: a baseada no periódico *La Batalla*, e a representada pelo periódico *El Hombre*. O enfrentamento entre elas seria, em grande medida, responsável pela posterior fratura da *Federación Obrera Regional Uruguaya* (F.O.R.U.) e declínio do anarquismo uruguaio.

Palavras-chave: História do Uruguai, movimento operário-social uruguaio, anarquismo, imprensa anarquista.

Abstract

ARAÚJO, George Fellipe Zeidan Vilela. *O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio (1917-1921)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

In the course of the international labor movement, the Russian Revolution of 1917 is one of the moments of greatest importance, often cited as a watershed for the Left all over the world — included not only socialism and communism but also the anarchism. Although geographically far away, the echoes of the Russian Revolution were also felt in Latin America, a region that was also going through agitated moments. In many Latin American countries such as Uruguay, a nascent social-labor movement was questioning the social order that had been imposed by the elites since the end of the colonial period. The major tendency in the Uruguayan social-labor movement was the anarchist, and although the Revolution stirred excitement and optimism, it has given rise to numerous ideological and conceptual questions. If at first, virtually all libertarian groups welcomed it and expressed their solidarity, later, many expressed their distrust and later rejection of Soviet Russia. However, some groups, in frank contradiction with the anarchists ideas, not only continued to defend the revolution, the dictatorship of the proletariat and the Bolshevik government, but also have led to an ideological polemic with the groups that were opposed to it. Two main trends began to form: the one based on the *La Batalla* journal, and the one represented by the journal *El Hombre*. The clash between them would be largely responsible for subsequent split of the *Federación Obrera Regional Uruguaya* (F.O.R.U.) and decline of Uruguayan anarchism.

Keywords: History of Uruguay, Uruguayan social-labour movement, anarchism, anarchist press.

Sumário

Introdução.....p. 11

PARTE I

Capítulo 1 — O anarquismo no Uruguai entre fins do século XIX e começos do século XX.....p. 34

1.1 — Das primeiras sociedades por ofício à posição de protagonistas do movimento operário-social.....p. 34

1.2 — A importância da imprensa operária e sindical para o movimento dos trabalhadores *rioplatenses*.....p. 44

1.3 — Os periódicos *La Batalla* e *El Hombre*.....p. 46

Capítulo 2 — O ano de 1917 na imprensa libertária uruguaia.....p. 52

2.1 — Debates teóricos prévios à Revolução de Fevereiro sobre os conceitos de revolução, evolução e anarquia.....p. 52

2.2 — A análise da Revolução Russa: da saudação ao fim do czarismo às discrepâncias quanto aos métodos e objetivos revolucionáriosp. 73

2.3 — Da Revolução de Outubro à definição das posições.....p. 96

Capítulo 3 — A agudização do enfrentamento: os anos 1918-1919.....p. 107

3.1 — 1918: as discussões sobre o caráter da Revolução Russa e sobre a necessidade de defendê-la.....p. 107

3.2 — 1919: a Revolução Social no *Río de la Plata* e o caminho a ser seguido.....p. 127

Capítulo 4 — Tensões e cisões: os anos 1920-1921.....p. 137

4.1 — 1920: as lutas fratricidas e o processo internacional.....p. 137

4.2 — 1921: a divisão do anarquismo uruguaio e o desmantelamento da F.O.R.U.....p. 146

4.3 — Epílogo.....p. 155

PARTE II

Capítulo 5 — Interpretações da historiografia uruguaia sobre o impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio.....	p. 156
5.1 — Francisco Pintos (1960).....	p. 156
5.2 — Wladimir Turiansky (1973).....	p. 158
5.3 — Germán D'Elía e Armando Miraldi (1984).....	p. 159
5.4 — Alberto Sendic (1985).....	p. 160
5.5 — Fernando López D'Alessandro (1992).....	p. 162
5.6 — Universindo Rodríguez, Silvia Visconti, Jorge Chagas e Gustavo Trullén (2006)...	p. 164
5.7 — Rodolfo Porrini (2007).....	p. 165
Considerações finais.....	p. 167
Fontes e bibliografia.....	p. 175

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre o impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio. Mais especificamente, delimita-se entre 1917 (ano da Revolução) e 1921, quando a disputa política e ideológica levou à divisão do anarquismo uruguaio e ao desmantelamento da central sindical por ele dirigida, a *Federación Obrera Regional Uruguay* (F.O.R.U.).

Interessa-nos tentar compreender de quais maneiras a Revolução Russa de 1917 repercutiu no movimento anarquista do Uruguai. Como ela foi percebida, lida, interpretada, dimensionada, elogiada, abraçada, criticada, rechaçada e adaptada para ser utilizada como estandarte para a difusão das ideias libertárias? Para tanto, utilizaremos como fontes primárias, os números referentes ao período compreendido entre 1917 e 1921 de dois periódicos da imprensa libertária uruguaia de começos do século XX: *La Batalla* e *El Hombre*, que circularam em Montevideu de 1915 a 1927 e de 1916 a 1924, respectivamente.

A reflexão sobre a repercussão de Outubro de 1917 no anarquismo uruguaio conduz a questionamentos historiográficos. Como a historiografia uruguaia sobre o movimento operário-social uruguaio tratou desse impacto? Como ele foi analisado, interpretado? Como foi conferida inteligibilidade ao evento, inserindo-o na história do movimento dos trabalhadores daquele país? Por que determinados aspectos foram ressaltados e outros diminuídos, negados, restados importância? Assim, além das fontes primárias citadas, utilizaremos parte da abundante bibliografia produzida pela historiografia sobre o movimento operário-social uruguaio da época para estabelecer um diálogo crítico com os autores e suas interpretações.

Na trajetória do movimento operário¹ internacional, a Revolução Russa de 1917 é um dos momentos de maior relevância, sendo frequentemente apontada como um

¹ Empregamos o termo “movimento operário” em sentido amplo, isto é, significando o “conjunto dos fatos políticos e organizacionais relacionados com a vida política, ideológica e social da classe operária ou, mais em geral, do mundo do trabalho. Tem como primeira condição a subsistência [...] de um conjunto de homens que baseiam sua existência econômica no trabalho assalariado, estando privados da posse dos meios de produção, em oposição aos quais se encontram os detentores desses meios [...]” (BRAVO, Gian Mario. Movimento operário. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 781).

divisor de águas para as esquerdas² em todo o mundo — aqui incluído não apenas o socialismo e o comunismo, mas também o anarquismo.

É impossível dar uma definição única do que seja o anarquismo.³ Talvez isso esteja relacionado à própria ambiguidade da palavra, derivada do grego clássico *anarchos* (ἀναρχος) que, por sua vez, é composta pelos vocábulos *an* e *arkhê*, significando “ausência de governantes”.⁴ Assim, o termo *anarquia* pode ser usado “tanto para expressar a condição negativa de ausência de governo quanto a condição positiva de não haver governo por ser ele desnecessário à preservação da ordem.”⁵ Contudo, além de não haver acordo entre os estudiosos do pensamento anarquista sobre qual seria sua origem,⁶ o anarquismo nunca foi um movimento homogêneo, tendo suas vertentes, em comum, apenas a convicção de ser nociva, para a vida social, a existência de um governo e o desejo de criar uma sociedade onde ele não exista.⁷

Pode-se, inclusive, questionar se o anarquismo está à margem da tradicional divisão entre “esquerda” e “direita”, ou se existem correntes que estão mais próximas da “esquerda” ou da “direita” no espectro político. Entretanto, estamos tratando aqui dos grupos anarquistas/libertários⁸ de fins do século XIX e começos do século XX, quando

² Estamos utilizando “esquerda” como uma expressão genérica que denomina uma ampla pluralidade de vertentes do espectro político que possuem em comum a tendência a apoiar mudanças sociais que visem o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária e livre. Consideramos “esquerda” e “direita” conceitos historicamente relativos e não termos estáveis e portadores de uma identidade absoluta, válida para todas as épocas e regiões. Para uma discussão mais detalhada da questão, ver BOBBIO, N. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

³ VINCENT, Andrew [1992]. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 121, WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. Porto Alegre: L&PM, 2007, vol.1, p. 16 e MARSHALL, Peter [1992]. *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*. Londres: Harper Perennial, 2008, p. 3.

⁴ LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (comps.). *A Greek-English Lexicon*. Londres: Oxford English Press, 1996, p. 120 (Todas as traduções de fontes documentais e de referências bibliográficas são de nossa autoria).

⁵ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.1, p. 8.

⁶ Existem três hipóteses principais sobre as origens do pensamento anarquista. A primeira considera o anarquismo como uma disposição quase a-histórica pela liberdade, remontando sua origem a antigos textos chineses e pensadores da Grécia Antiga. A segunda afirma que formas potenciais de anarquismo já podiam ser encontradas em diversas sociedades primitivas ao redor do mundo. Por fim, a terceira hipótese sustenta que o anarquismo seria um produto tardio do Iluminismo e da Revolução Francesa. Ver, a esse respeito, VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*, pp. 122-125 e MARSHALL, Peter. *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*, p. IX.

⁷ WOODCOCK, George. *The Anarchist Reader*. Londres: Fontana Press, 1977, p. 11.

⁸ A palavra *libertário* foi usada como sinônimo de *anarquista* pelos próprios anarquistas durante a maior parte dos séculos XIX e XX. O uso do termo tornou-se popular a partir da década de 1890, após ter sido empregado na França como uma tentativa de se escapar à legislação antianarquista que se pretendia implementar no país e, ao mesmo tempo, dissociar o movimento da conotação negativa que havia sido atribuída à palavra *anarquismo*. (cf. NETTLAU, Max. *A short history of anarchism*. Londres: Freedom

a maioria das vertentes existentes possuía uma série de pontos em comum com a esquerda daquele período, havendo, inclusive, uma frequente e complexa sobreposição de discursos e posicionamentos entre elas. Aliás, durante grande parte do século XIX, o anarquismo era considerado parte do movimento socialista, e muitos anarquistas chamavam-se a si mesmos de “socialistas antiautoritários”, como forma de se diferenciarem dos “comunistas” (para eles, “socialistas autoritários”). Consideramos que aquele anarquismo estava bastante próximo da esquerda que lhe foi contemporânea, por partilhar com ela algumas concepções fundamentais: a noção de que os problemas sociais deveriam ser analisados cientificamente, a ideia de que as desigualdades existentes entre as pessoas derivavam da maneira como a sociedade estava estruturada (sendo, portanto, passíveis de serem eliminadas com uma reestruturação da mesma), o desejo de libertar os povos e os indivíduos do poder político-econômico injusto e opressivo, e de afastá-los do obscurantismo religioso, bem como livrá-los dos constrangimentos derivados dos privilégios de casta, classe, etnia e gênero, permitindo o livre desenvolvimento de suas capacidades, possível apenas com uma transformação radical da sociedade.⁹

Portanto, para que se compreenda o porquê da transcendência da Revolução Russa de 1917, é preciso antes considerar qual era a situação da esquerda mundial a partir de fins do século XIX, particularmente após a dissolução da *International Working men's Association* (Associação Internacional dos Trabalhadores)¹⁰ em 1876. A AIT havia reunido representantes de várias organizações sindicais e de grupos de esquerda das mais variadas tendências e oriundos de diversos países, com o intuito de

Press, 1996, pp. 75-76, p. 145 e 162). Entretanto, na segunda metade do século XX, o termo foi apropriado por vários pensadores norte-americanos defensores do “livre mercado”, como David Friedman, Robert Nozick, Murray Rothbard, e Robert Paul Wolff. “Os 'libertários' norte-americanos do século XX são acadêmicos e não ativistas sociais, e sua inventividade parece estar limitada a fornecer uma ideologia para o capitalismo de mercado desregulado” (WARD, Colin. *Anarchism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 82). Hoje, o termo *libertarianismo* indica uma filosofia política liberal que defende o máximo de liberdade individual e o mínimo de coerção ou exercício da autoridade, encontrando-se comumente associado a correntes de pensamento designadas “anarcocapitalistas”. Não obstante, muitos pensadores e ativistas anarquistas rejeitam o que consideram ser uma “apropriação indevida” de uma expressão histórica e continuam a utilizar as duas palavras — libertário e anarquista — como sinônimos.

⁹ VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*, p. 121.

¹⁰ A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também conhecida como “1ª Internacional”, manteve-se em atividade durante os anos de 1864 a 1876.

unificar as lutas do movimento operário, examinando problemas em comum e discutindo métodos de ação com a finalidade de se alcançar a emancipação dos trabalhadores.¹¹ Contudo, as enormes discrepâncias conceituais e programáticas existentes entre as tendências fizeram com que os conflitos entre as posições divergentes ocorressem já no começo de suas atividades. O principal conflito ocorreu entre os partidários de Karl Marx (que seriam chamados de “comunistas”) e os adeptos das ideias de Mikhail Bakunin (que ficariam conhecidos como “anarquistas”), intensificado após os dramáticos sucessos da Comuna de Paris (1871). A disputa¹² resultou na expulsão de Bakunin no Congresso de Haia (1872) e na saída dos anarquistas da Internacional, cuja sede foi transferida para Nova York, onde encerraria suas atividades quatro anos mais tarde.

Várias federações e agrupações anarquistas, porém, continuaram organizadas e, nos anos seguintes, promoveram diversos congressos e encontros internacionais em várias localidades europeias e também nos EUA, com o intuito de manter alguma unidade ao movimento libertário internacional e mesmo fundar uma nova Internacional. Paralelamente, alguns dirigentes europeus dos partidos social-democratas, estimulados pelo avanço eleitoral de seus partidos no final do século XIX, resolveram recriar a Associação Internacional dos Trabalhadores para coordenar globalmente o movimento socialista. Essa nova organização, fundada em 1889, ficou conhecida como 2ª Internacional. A maioria das iniciativas libertárias de organizar um movimento paralelo teve escassa repercussão e pode ser que isso tenha se devido, ao menos em parte, a que “entre 1889 e 1896 houve uma persistente tentativa dos anarquistas para se infiltrarem nos congressos da Segunda Internacional”.¹³ Em 1891, no Congresso de Bruxelas, sua participação gerou grandes controvérsias, com a expulsão de algumas delegações (como a dos espanhóis), e mesmo o veto ao ingresso de outras (por exemplo, a belga). No

¹¹ AIT. *General rules of the International Working men's Association*. Londres, 1864. Disponível em <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1864iwma/1864-a.htm>>. Acesso em 14/07/2011.

¹² Os debates foram duros, complexos e extensos. Muito sinteticamente, os temas em discussão versavam acerca da organização do movimento operário e sobre quais deveriam ser seus métodos de luta e objetivos, além de considerações sobre a estruturação da “sociedade futura”. Para uma história da Internacional, ver STEKLOFF, G. M. *History of the First International*. Londres: Martin Lawrence Limited, 1928 e LÉONARD, Mathieu. *L'émancipation des travailleurs: Une histoire de la Première Internationale*. Paris: La Fabrique, 2011.

¹³ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. Porto Alegre: L&PM, 2007, vol.2, p. 31.

Congresso de Zurique, em 1893, os anarquistas, em grande número, voltaram a solicitar sua admissão, argumentando “que também eram socialistas e sucessores da Primeira Internacional”.¹⁴ Tendo sido também expulsos nessa ocasião, realizaram um congresso paralelo improvisado, sem resultados práticos. No Congresso de Londres, em 1896, os anarquistas já foram preparados para realizar um novo congresso paralelo, tendo em vista sua mais que provável expulsão — o que, de fato, aconteceu, após tumultuadas reuniões. Após o Congresso de Londres, parecia não haver mais, naquele momento, a possibilidade de uma unidade entre os dois campos. Com efeito, os anarquistas não fizeram outro intento de serem admitidos na Segunda Internacional e passaram a concentrar seus esforços na constituição de uma Internacional própria. Apesar disso, alguns anos depois, em 1905, socialistas, anarquistas e sindicalistas radicais dos EUA fundaram a *Industrial Workers of the World* (I.W.W.), defensora da participação dos trabalhadores nos processos de tomada de decisões nas fábricas. Em 1908, aprovou-se a abstenção política e a postura de uma ação direta mais radicalizada.

As tentativas de se organizar uma nova reunião do campo anarquista com vistas ao estabelecimento de uma Internacional se efetivaram com a iniciativa belgo-holandesa de realizar o Congresso de Amsterdam (1907), que contou com representantes de praticamente todos os países europeus, além de delegações vindas dos EUA, América Latina¹⁵ e Japão. Contando com a presença de nomes ilustres do movimento libertário mundial, o congresso foi polarizado pela disputa entre Errico Malatesta e Pierre Monatte sobre as relações que poderiam desempenhar os sindicatos como órgãos revolucionários para o estabelecimento da sociedade anarquista. Outro ponto muito importante dizia respeito à viabilidade de se combinar princípios organizacionais e anarquismo. Resolveu-se criar também um escritório em Londres, que deveria promover um novo congresso, a ser realizado em 1909. Esse novo congresso jamais ocorreu e o próprio escritório suspendeu suas atividades em 1911.

¹⁴ Idem, p. 32.

¹⁵ Existem diferentes sentidos para a expressão “América Latina”. O que empregamos aqui é o conceito similar ao de Ibero-América: uma zona geográfica mais ou menos definida do continente americano que possui o português ou o espanhol como língua hegemônica e compartilha uma grande herança cultural ibérica. Essa definição corresponde, *grosso modo*, às “antigas colônias de Espanha e Portugal no Novo Mundo” (ROUQUIÉ, Alain. *América Latina: Introducción al Extremo Occidente*. México: Siglo XXI, 1994, p.23).

Com a eclosão da 1ª Guerra Mundial em 1914, contudo, o movimento anarquista viu-se debilitado, pois tornou-se mais difícil para seus adeptos viajar pela Europa, ao mesmo tempo em que, alegando questões de segurança nacional, aumentavam as perseguições das autoridades aos libertários.¹⁶ Além disso, entre alguns importantes anarquistas, havia o sentimento de que uma vitória do Império Alemão na Guerra Mundial, movido pelo “tacanho militarismo prussiano”, representava um perigo maior à liberdade individual e à emancipação humana do que um triunfo dos Aliados. Portanto, os progressistas deveriam apoiar esses últimos durante o conflito, que se esperava que fosse de curta duração. Essa posição, que provocou mal-estar no interior do movimento libertário, foi materializada em 1916 com a publicação do *Manifesto dos Dezesesseis*,¹⁷ assinado por eminentes anarquistas como Piotr Kropotkin e Jean Grave.¹⁸

Por outro lado, os partidos social-democratas, contrariando o princípio de solidariedade operária internacional, haviam decidido apoiar os governos de seus respectivos países, votando os créditos de guerra nos parlamentos. Não obstante, em setembro de 1915, já durante o conflito, um grupo composto por dirigentes socialistas que se opunham à guerra ainda tentou organizar um movimento que mantivesse unida a pequena oposição socialista ao conflito, realizando uma conferência em Zimmerwald, na Suíça. Apesar de os apelos pela paz feitos pelos participantes da Conferência Zimmerwald terem tido recepção variada nos países europeus, no conjunto, a postura contrária à contenda não deixou de constituir uma minoria no interior do movimento socialista internacional.¹⁹ Assim, com o fracasso desse esforço antibelicista, a 2ª Internacional encerraria suas atividades melancolicamente em 1916.²⁰ Ressalte-se que

¹⁶ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.2, pp. 33-37.

¹⁷ Duramente criticado dentro e fora do campo libertário, o documento era contrário aos princípios da maioria dos anarquistas da época e, além de críticas à sua inadequação às posições defendidas pelo campo libertário, acabou acarretando o progressivo isolamento de Kropotkin no movimento anarquista mundial, à medida que a guerra prosseguia. Cf. WOODCOCK, George; AVAKUMOVIĆ, Ivan. *Peter Kropotkin: From Prince to Rebel*. Montréal: Black Rose Books, 1990, pp. 380-390.

¹⁸ GUÉRIN, Daniel. *No Gods, no Masters: an anthology of anarchism*. vol. 2. Edimburgo: AK, 2005, pp. 387-389.

¹⁹ FERRO, Marc. [1969]. *História da Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 184.

²⁰ Em 1919, realizou-se a Conferência Socialista de Berna, que visava reconstituir a 2ª Internacional, o que efetivamente ocorreu em 1920. Porém, muitos partidos socialistas europeus, buscando uma alternativa tanto a essa internacional quanto à 3ª Internacional (fundada em 1919 e controlada por Moscou), se recusaram a aderir, formando, em 1921, a *International Working Union of Socialist Parties* (IWUSP) — também conhecida como “Internacional Dois e meia” ou “Internacional de Viena”. Contudo,

diversos grupos socialistas mais à esquerda, bem como a maioria dos anarquistas rejeitaram essa orientação da 2ª Internacional, decidindo manter suas críticas à “guerra imperialista” e a defesa da perspectiva revolucionária.

De fato, naquele contexto de *débâcle* econômica, guerra e destruição na Europa — o “centro da civilização ocidental” —, *revolução* tinha passado (ou voltado) a ser a palavra-chave. Havia uma sensação generalizada de crise da sociedade existente e dos valores burgueses, o que, somados ao recrudescimento das lutas dos trabalhadores, fazia com que uma parte considerável da esquerda realmente esperasse que a Revolução viesse a ocorrer em um futuro bastante próximo.

Parecia óbvio que o velho mundo estava condenado. A velha sociedade, a velha economia, os velhos sistemas políticos tinham, como diz o provérbio chinês, “perdido o mandato do céu” [...]. Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem [...] e [...] transformarem os sofrimentos sem sentido da guerra mundial em alguma coisa mais positiva: as sangrentas dores e convulsões do parto de um novo mundo. A Revolução Russa [...] pretendeu dar ao mundo esse sinal.²¹

Por isso mesmo, a tomada do poder pelos bolcheviques em 1917, e a instauração de um regime revolucionário que ameaçava subverter toda a ordem existente, “rejuvenesceram” a ideia de revolução e passaram a servir de inspiração e “exemplo” para muitos militantes revolucionários de todo o planeta.²² Por outro lado, os setores socialistas e libertários da esquerda mundial que, de alguma maneira, desejavam resistir à “onda bolchevique” encontraram-se em uma difícil situação.

A esquerda europeia, socialista ou libertária, que quer resistir ao arrastão comunista se encontra na linha de frente: é a sua sobrevivência que está em jogo a curto prazo, juntamente com sua identidade. Sua casa [...] está pegando, e ela deve cercar o fogo, traçar

a IWUSP e a 2ª Internacional reconstituída se uniram em 1923 para a formação da “Internacional Operária e Socialista”, de orientação social-democrata, que perduraria até 1940. Após a 2ª Guerra Mundial, uma nova “Internacional Socialista” foi fundada em 1951 para dar continuidade às suas políticas. Essa internacional continua a existir e tem sua sede em Londres. Ver DREYFUS, Michel. *L'Europe des socialistes*. Bruxelas: Complexe, 1991, pp. 57-184.

²¹ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 62.

²² FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaio sobre a ideia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 44.

as ruínas uma linha que a separe e abrigue dos irmãos inimigos. Não lhe basta maldizer, como a direita, que pode contentar-se com isto, brandir a propriedade, a ordem, a religião. Ela precisa combater em nome do corpo de doutrina que lhe é comum com os revolucionários de Outubro, portanto discutir, refutar, argumentar, alargar o mais possível a fronteira do que ainda lhe pertence. Difícil operação, já que a cada vez, em sua crítica ao Outubro russo, essa esquerda reticente ou hostil ao bolchevismo se expõe à acusação de passar para o lado do inimigo [...].²³

A Revolução Russa de 1917, portanto, não apenas mobilizou discussões entre seus adversários sobre como combatê-la, mas também deu origem a vários questionamentos no interior da própria esquerda desejosa de modificar o sistema socioeconômico mundial então vigente.

Apesar de muito distante geograficamente, os ecos da Revolução Russa se fizeram sentir também na América Latina,²⁴ região que atravessava igualmente momentos agitados. Em muitos países latino-americanos um ainda incipiente movimento operário-social²⁵ (reforçado pelo grande afluxo imigratório europeu), as classes médias emergentes e uma pequena intelectualidade²⁶ questionavam com cada vez mais veemência a ordem que havia sido imposta pelas elites — oligarquias urbanas, aristocracia latifundiária e setores militares — desde o fim do período colonial.²⁷ Esse era o caso do Uruguai, que havia recebido, nas décadas anteriores, um enorme contingente de imigrantes europeus²⁸ e passava por um forte impulso de modernização

²³ Idem, p. 106.

²⁴ ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 8, p. 440.

²⁵ HALL, Michael M.; SPALDING Jr., Hobart A. La clase trabajadora urbana y los primeros movimientos obreros de América Latina, 1880-1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de América Latina - Tomo 7 (América Latina: Economía y Sociedad, c. 1870-1930)*. Barcelona: Crítica, 1991.

²⁶ ROMERO, José Luís. *América Latina: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976, p. 260.

²⁷ HALPERÍN DONGHI, Túlio. *Historia contemporánea de América Latina*. 7ª ed. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2006, p.304

²⁸ Ver, entre outros, KLEIN, Herbert S. Migração internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América: A Imigração em Massa para a América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999; SCOBIE, James R. El crecimiento de las ciudades latinoamericanas, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de América Latina - Tomo 7 (América Latina: Economía y Sociedad, c. 1870-1930)*. Barcelona: Crítica, 1991; e SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás. La población de América Latina, 1850-1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de América Latina - Tomo 7 (América Latina: Economía y Sociedad, c. 1870-1930)*. Barcelona: Crítica, 1991.

econômica, política, social e cultural,²⁹ acentuado pela ascensão do reformista José Batlle y Ordóñez à presidência em 1903 e pela eclosão da 1ª Guerra Mundial em 1914.

É nesse contexto de profundas transformações e incertezas que, em 1917, chegam ao Uruguai as notícias da sublevação em curso na longínqua Rússia. No país, à semelhança do conjunto da América Latina,³⁰ as ações dos revolucionários russos imediatamente geraram expectativa e admiração entre as esquerdas e terror e rechaço entre os setores conservadores. Porém, a exemplo do que ocorria em muitos outros países na época, socialistas e comunistas representavam uma pequena parte das esquerdas e do movimento operário-social uruguaio, sendo que a tendência majoritária era notadamente anarquista.

No interior da militância anarquista uruguaia, ainda que o evento revolucionário russo tenha provocado comoção e otimismo, não deixou de suscitar inúmeras questões de ordem ideológica e conceitual. Em um primeiro momento, praticamente todos os grupos libertários saudaram a Revolução Russa e manifestaram sua solidariedade. Contudo, à medida que iam se desenrolando os acontecimentos, muitos expressaram sua desconfiança e posterior rechaço à Rússia Soviética. Entretanto, alguns grupos, em franca contradição com o ideário anarquista, não só continuaram a defender a Revolução, a ditadura do proletariado e o governo bolchevique, como conduziram uma grande polêmica ideológica com os grupos contrários. Foram delineando-se duas correntes principais: a baseada no periódico *La Batalla* e a representada pelo periódico *El Hombre*. Enquanto a primeira defendia o governo soviético e a ditadura do proletariado, tendo em vista as condições do momento, a segunda não admitia nenhum tipo de governo, nem mesmo os autodenominados "comunistas" e condenava a ação dos bolcheviques. Cada um dos setores, desde o início da Revolução, tomou uma atitude diferente: enquanto os setores agrupados ao redor de *El Hombre* recomendaram prudência na interpretação dos acontecimentos, os setores simpáticos à *La Batalla* apoiaram desde o início a Revolução Russa.

²⁹ MÉNDEZ VIVES, Enrique. *Historia uruguaya: El Uruguay de la modernización (1876-1904)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998, pp. 5-21.

³⁰ ROUQUIÉ, Alain. Los obreros y el movimiento sindical. IN: ROUQUIÉ, Alain. *América Latina: Introducción al Extremo Occidente*, pp. 188-189.

Essas duas tendências enfrentar-se-iam violenta e apaixonadamente e as suas divergências foram, em grande medida, responsáveis pela posterior fratura e declínio do anarquismo uruguaio.

A história do anarquismo e de sua influência no movimento operário-social ao redor do mundo foi, durante muito tempo, relegada ao esquecimento ou considerada de importância menor. Fosse porque a maioria dos historiadores que se dedicou a esse tema pertencesse aos quadros dos Partidos Comunistas ou Socialistas, fosse porque os autores de alguma maneira simpáticos ao anarquismo fizessem uma espécie de hagiografia, fosse por ter sido basicamente ignorada pelos historiadores tradicionais que, ao considerar história política apenas a história do Estado, das instituições e partidos políticos, simplesmente desprezavam-na. Esse paradigma, contudo, seria superado pela historiografia do século XX, particularmente com a renovação da história política, a partir dos anos 1960.

Partindo da ideia de que o anarquismo é um fenômeno historicamente multifacetado, é necessário, pois, especificar que estamos debruçando-nos sobre o anarquismo de começos do século XX. Naquele contexto, a práxis da militância anarquista esteve atravessada por dois pontos fundamentais: a necessidade de oferecer respostas às questões colocadas pela chamada *questão social*,³¹ e a sensação de se estar vivendo um período de crise generalizada do capitalismo, que colocava o mundo no limiar da “aurora dos novos tempos”. Esse último elemento fez com que grande parte do anarquismo mundial apoiasse a Revolução Russa em seu começo, mesmo sem conhecer muito bem sua orientação, pois essa passou a ser vista como o primeiro passo de uma era de *revoluções mundiais* que a barbárie da Grande Guerra havia tornado possível.

Destarte, apesar de a Revolução Russa haver exercido notável influência no movimento libertário internacional como um todo, e haver impulsionado a ascensão de partidos alinhados com Moscou em muitos países, especialmente após a fundação do Comintern³² (1919), o impacto que a Revolução Russa exerceu sobre o anarquismo deve

³¹ Por *questão social*, estamos nos referindo às contestações à organização social e produtiva do capitalismo industrial, responsável, no final do século XIX, pela marginalização, exclusão e empobrecimento de amplos setores da população.

³² Comintern (Internacional Comunista) foi o nome pelo qual ficou conhecida a 3ª Internacional. A organização foi fundada em Moscou, então capital da Rússia Soviética, em março de 1919, pelo Partido

ser mensurado — pelo menos em seus inícios — não tanto em relação à atração que o projeto soviético teria exercido (e seguramente exerceu), mas sim em relação à própria consciência histórica anarquista da época: em seu “horizonte de expectativa”³³ estava a convicção da iminência do advento de uma revolução emancipadora de toda a humanidade.

Assim, procuraremos resgatar os debates que a Revolução Russa provocou no movimento libertário uruguaio, e mostrar como a maior parte da historiografia uruguaia — que habitualmente enfatizou as ações dos socialistas e comunistas durante o período, superestimando a força desses dois grupos no movimento dos trabalhadores e atribuindo a eles papéis de protagonismo que só viriam a desempenhar décadas depois — menosprezou essas discussões e minimizou o impacto que teve o processo de ruptura do anarquismo no movimento operário-social uruguaio. Esse processo culminou em 1921, com a divisão da F.O.R.U., a maior central sindical do país à época. Acreditamos que a posição assumida pela maior parte da historiografia uruguaia, ao tratar do tema de maneira superficial, desconsiderou não apenas a importância de todos os debates ocorridos no interior do campo libertário no período (relacionados ou não à Revolução Russa), como também a própria dimensão que o anarquismo possuía no movimento operário-social uruguaio.³⁴

* * *

A partir dos anos 1960, aproximadamente, houve um intercâmbio cada vez maior da história com a ciência política. O resultado desse diálogo foi uma história política renovada e ampliada, chamada por alguns historiadores de “nova história

Comunista (Bolchevique) Russo, tendo Lenin à frente. Sua fundação esteve profundamente marcada pela própria revolução na Rússia e foi tanto uma reação à política empregada pelos partidos socialistas durante a 1ª Guerra Mundial, quanto uma tentativa de centralizar a direção da esquerda revolucionária mundial. Desde o início totalmente controlada por Moscou, possuía como objetivos oficiais ajudar a fundação de partidos comunistas pelo mundo, congregando-os na luta (armada, se necessário fosse) pela revolução socialista e pelo estabelecimento da ditadura do proletariado, que supostamente aboliria o capitalismo e realizaria a transição para a sociedade comunista. Foi dissolvido por Stalin em 1943.

³³ Estamos utilizando aqui o conceito cunhado por Reinhart Koselleck, ao qual voltaremos mais adiante.

³⁴ Ver RAMA, Carlos. La “cuestión social”. In: *Cuadernos de Marcha n° 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*. Montevideo: Marcha, 1969.

política”.³⁵ Com a renovação da história política, a imprensa tornou-se uma fonte bastante utilizada pelos historiadores.

Assim como qualquer outro tipo de fonte, os impressos também possuem seu caráter de *monumentalidade*,³⁶ isto é, eles “não falam por si próprios” nem são “produtos acabados” que esperam ser lidos ou descobertos por algum historiador, mas construções sociais que devem ser consideradas em sua própria historicidade. No esteio das muitas discussões sobre o uso da imprensa escrita como fonte histórica, destacamos a importância das contribuições de autores como Héctor Borrat, Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Maurice Mouillard e Tânia Regina de Luca.³⁷

Entre outras coisas, esses autores chamam a atenção para o fato de que, para o devido tratamento e historicização desse tipo de fonte, não podem ser negligenciados, em sua análise, questionamentos acerca do lugar social dos editores desses impressos bem como suas motivações e técnicas utilizadas; e tampouco os setores da sociedade envolvidos em tal produção e as linguagens por eles utilizadas; o que implica na refutação de uma pretensa “neutralidade”.

No interior dos debates sobre a imprensa escrita como fonte, é necessário que se considere as particularidades da imprensa operária. Intimamente vinculada à história do próprio movimento operário e ao surgimento da indústria gráfica, a imprensa operária é um tipo de imprensa especializada, com conteúdos e formas próprias. É dirigida a um público bem definido (uma classe ou um setor da sociedade), que costuma partilhar dos interesses e aspirações dos editores do jornal. Ela não é necessariamente produzida por operários, sendo muito comum que os responsáveis pelas publicações sejam intelectuais ou indivíduos pertencentes às classes médias. A imprensa operária, apesar de estar

³⁵ Ver JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, J. & NORA, P. (org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988; RÉMOND, René. (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro, FGV, 1999; FALCON, F. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997 e BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

³⁶ LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1999.

³⁷ BORRAT, Hector. *El periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gilli SA, 1989; CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, pp. 253-270, dez. 2007; MOUILLARD, Maurice. O Jornal: da forma ao sentido. In: MOUILLARD, Maurice; DAYRELL, Sérgio (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997; e LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

frequentemente ligada a algum tipo de organização — partido, sindicato, grêmio etc. — não necessariamente se confunde com a imprensa sindical ou partidária, e costuma ter por escopo não apenas a defesa de melhorias econômicas imediatas ou a aplicação de um programa partidário, mas torna-se, muitas vezes, um instrumento que, além de informar, busca conscientizar, politizar e mobilizar seus leitores.³⁸

Para os responsáveis pelos periódicos operários, a atividade “jornalística” consistia, antes que nada, em uma maneira de se fazer política; e o jornal, em um veículo de debate e confronto. Portanto, o discurso ali contido, ao ultrapassar os limites do texto, “pede mais que um tratamento de conteúdo linguístico. Transmite o sentido dos textos que se cruzam e dos condicionantes históricos, comprovando a representação social de seus interlocutores em conjunturas determinadas”.³⁹

Esse aspecto da imprensa operária é particularmente visível quando nos debruçamos sobre a imprensa anarquista, material que guarda alguma singularidade em comparação com o restante da imprensa operária sul-americana produzida no começo do século XX. Além de análises complexas sobre a realidade nacional e internacional, difundia ideias humanistas de solidariedade e de cooperação voluntária, criticando o sistema político-econômico vigente e contrapondo o racionalismo à influência religiosa. Muitos dos artigos tinham por objetivo esclarecer a opinião pública sobre o significado do termo anarquia, comumente associado à desordem e à ausência absoluta de regras — visão que era constantemente reforçada pelos poderes dominantes. Em todas as mensagens, há uma exaltação da ação política direta e um chamado à tomada de consciência dos trabalhadores sobre sua situação social e sua própria condição individual.

Tratando de difundir o ideário libertário, os periódicos anarquistas do período frequentemente contrapunham valores como humanidade e solidariedade internacional às ideias de Estado e lealdade à pátria. Ademais, nunca deixavam de ressaltar o papel do indivíduo na busca pela emancipação e costumavam conter mais matérias de cunho filosófico, ideológico e pedagógico se comparados com os socialistas. Talvez isso

³⁸ FERREIRA, Maria Nazareth. Para conceituar a imprensa operária. In: *Imprensa operária no Brasil*. Ática: São Paulo, 1988, p.6.

³⁹ ARAÚJO, Silvia; CARDOSO, Alcina. *Jornalismo & militância operária*. Curitiba: Editora UFPR, 1992, p.13.

estivesse relacionado ao fato de a educação ser um tema primordial para os anarquistas, e de a imprensa ser considerada um veículo para a educação libertária. Uma pedagogia que não procurasse justificativas para o papel submisso das mulheres ou os preconceitos de classe e das concepções religiosas que entorpeciam a mente das pessoas, especialmente das crianças. O conhecimento era uma das ferramentas que, segundo os anarquistas, auxiliariam os trabalhadores em sua luta pela emancipação, desempenhando um papel essencial na formação do *homem novo* e da sociedade futura.

Uma vez que o número de analfabetos era elevado, eram comuns leituras coletivas nas sedes das associações e sindicatos. Aliás, convites para que as sedes fossem frequentadas eram habituais, e os anarquistas também aproveitavam o espaço do periódico para divulgar suas atividades culturais e políticas, como palestras, apresentações teatrais, exibições de filmes, bailes, piqueniques, etc., almejando criar vínculos mais sólidos com seu público leitor.

De qualquer maneira, sejam ou não periódicos anarquistas, ao tratar da imprensa operária de começos do século XX produzida em muitos países sul-americanos, o pesquisador deve ter em mente que não está tratando com órgãos da grande imprensa, nem com *jornais* tal como concebidos atualmente, e sim que irá, na maioria das vezes,

manejar folhas sem periodicidade ou número de páginas definido, feitas não por profissionais, mas por militantes abnegados, por vezes redigidas em língua estrangeira, [...] impressas em pequenas oficinas, no formato permitido pelo papel e máquinas disponíveis, sem receita publicitária e que, no mais das vezes, contava com subscrição dos próprios leitores para sobreviver. [...] [Os periódicos podem fornecer dados] acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais [...] [constituindo-se] em instrumento essencial de politização e arrematamento.⁴⁰

Essas especificidades não podem ser negligenciadas pelo historiador que se debruça sobre periódicos operários.

⁴⁰ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos, p. 119.

Por outro lado, a consequente expansão do campo de abrangência da história política, anteriormente referida, trouxe novas perspectivas e parâmetros para a abordagem dos fenômenos políticos, como o conceito de *cultura política*, a nosso ver útil para a caracterização do anarquismo e sua práxis. Por *cultura política* entendemos o

conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. Importa realçar que a categoria representações está sendo entendida [...] com base em enfoque de sentido amplo, [...] [configurando] um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, e mobilizam, portanto, mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma rica cultura visual (cartazes, emblemas, caricaturas, cinema, fotografia, bandeiras etc.). [...] As variadas formas de manifestação das culturas políticas podem ser mais bem observadas em dimensão comparativa. [...] Porém, admitir a importância do comparativismo não implica aceitar o olhar que hierarquiza as culturas políticas e tenta enquadrá-las em chave evolucionista. Na acepção usada aqui, cultura política só pode existir na duração, como fenômeno estruturado e reproduzido ao longo do tempo [...], não [havendo] lugar para o efêmero.⁴¹

Certamente, nenhuma cultura política é estanque pois pode modificar-se a si mesma para responder ao surgimento de novas questões e problemáticas sociais, bem como ser influenciada por outra no decorrer do tempo. Os estudos sobre cultura política não podem limitar-se apenas ao campo das representações, sendo necessário que sejam levados em conta tanto as ações práticas realizadas, como os vetores sociais (família, instituições de ensino, corporações militares, agremiações políticas, grupos religiosos etc.) responsáveis por sua reprodução, e ainda os veículos de disseminação (como os impressos, por exemplo).⁴² Em suma, a categoria *cultura política* não deve ser tomada como um fator abstrato, isolado e definitivo, mas entendida sempre em sua relação indissociável com outros aspectos da vida social, como a economia, os fatores sociológicos etc.

⁴¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, pp.21-22.

⁴² Idem, pp. 22-24.

Não se trata, então, de empregar esse conceito para atribuir ao anarquismo uma identidade fixa, imutável, mas de utilizá-lo como uma ferramenta que, sem desconsiderar a importância da duração, auxilie a caracterizar o anarquismo naquele contexto histórico e, a partir disso, reconhecer sua linguagem,⁴³ seus ícones e símbolos, além de discutir quais eram suas ideias, leituras do passado, esperanças e visões de mundo, bem como sua práxis no movimento operário-social.

Como movimento político-social contemporâneo, o anarquismo desenvolveu-se na França da década de 1840. À semelhança de várias correntes socialistas que também surgiram à época, almejava uma espécie de “aprofundamento” da Revolução Francesa, estabelecendo, ao lado da já alcançada igualdade política, uma igualdade econômica e social real. Seu surgimento está relacionado aos problemas colocados pela industrialização e pelo aparecimento da *questão social*, e, portanto, essa corrente de pensamento “[...] deve ser apreendida, antes de mais nada, como uma reação radical face à condição operária do século XIX, caracterizada pela generalização do trabalho assalariado e pela divisão da sociedade em classes”.⁴⁴

Costuma-se apontar Proudhon, Stirner e Bakunin como os principais teóricos das fases iniciais do anarquismo, aos quais se seguiriam Kropotkin e Malatesta. Mas o anarquismo nunca foi um movimento homogêneo, seja em sua dimensão teórica ou na conformação de sua militância.⁴⁵ Portanto, pode parecer um paradoxo que a grande diversidade dessa corrente não tenha impedido os anarquistas de se pensarem como um grupo portador de uma forte identidade comum. Contudo, como afirma o historiador italiano Gaetano Manfredonia,

tal paradoxo é apenas aparente. Se em lugar de analisarmos as correntes anarquistas por um ângulo puramente ideológico [...]

⁴³ Os sentidos das palavras são muito importantes na cultura política libertária. De acordo com Alejandro Acosta, os lugares-comuns do linguajar anarquista (ação direta, ajuda mútua, solidariedade, etc.) não são apenas conceitos ou abstrações teóricas, mas “formas de prática social” (ACOSTA, Alejandro. *Anarchist Meditations*, or: Three Wild Interstices of Anarchism and Philosophy. In: *Anarchist Developments in Cultural Studies n° 1*, janeiro-junho 2010, pp. 117-138).

⁴⁴ MANFREDONIA, Gaetano. *Persistence et actualité de la culture politique libertaire*. In: BERNSTEIN, Serge. *Les cultures politiques en France*. Paris: Le Seuil, 1999, p. 246.

⁴⁵ Ver VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*, pp.121-125, WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.1, pp. 14-17, e HOROWITZ, Louis. *The anarchists*. Nova York : Dell Publishing Co., 1964, p. 15.

tentarmos explicar os comportamentos libertários a partir do estudo dos sistemas de referência ou das representações compartilhadas pelo conjunto dessa família política, as oposições ideológicas se desvanecem. [...] [O]s anarquistas são portadores de uma verdadeira cultura política [...] que faz com que eles não apenas tenham uma maneira própria de fazer política ou de reagir face aos acontecimentos, mas igualmente uma visão de mundo comum fundada sob um sistema de normas e de valores que lhes são próprios.⁴⁶

A formação de uma corrente política libertária, apartada das outras vertentes do movimento socialista, resultou de um processo de diferenciação no interior do movimento operário francês, que começou com a insurreição de 1848 e culminou com a já referida cisão entre “socialistas autoritários” e “socialistas libertários” durante as sessões da AIT. Às ideias mutualistas de Proudhon — o primeiro autor a declarar-se “anarquista” — foram sendo incorporadas problemáticas que, ultrapassando a “dimensão operária”, fizeram com que o anarquismo se pretendesse, a despeito das diferenças culturais, políticas e econômicas entre os países, um “modelo de organização social universal que [...] esteja em condições de assegurar a cada indivíduo o livre desenvolvimento de todas as suas faculdades”.⁴⁷ Aliás, para que uma sociedade pudesse adotar os princípios libertários, seria preciso que se livrasse não apenas das ilusões políticas, econômicas e religiosas, mas também das nacionais. Nesse sentido, o cosmopolitismo internacionalista e a rejeição ao nacionalismo são dois componentes fundamentais da cultura política libertária. Mas mudar a maneira como a sociedade encontrava-se organizada não significaria tão-somente estabelecer novas relações entre as forças produtivas ou criar outras instituições políticas, tarefas já bastante complexas. Para que florescesse um novo mundo, seria preciso que houvesse um novo homem, que transformasse radicalmente suas relações com si mesmo e com os outros indivíduos, com seus familiares e com os outros membros do corpo social. Para tanto, uma educação diferenciada — uma *pedagogia libertária* — desempenharia um papel fundamental, ao moldar um novo indivíduo, livre dos vícios da “sociedade burguesa”. Educação baseada na *ciência*, que também ocupa um lugar de destaque na cultura política libertária, pois os anarquistas frequentemente se esforçaram por conferir um caráter *científico* às suas doutrinas.

⁴⁶ MANFREDONIA, Gaetano. *Persistence et actualité de la culture politique libertaire*, p. 245.

⁴⁷ *Idem*, pp. 251-252.

Para Manfredonia, ainda no século XIX, algumas características já conferiam à cultura política anarquista uma originalidade que permite diferenciá-la de outras culturas políticas próximas, como a socialista. Contudo, essa originalidade tende menos “à afirmação de um corpo teórico separado ou à utilização de meios de luta à parte [...] que à existência de um forte sentimento identitário e à percepção particular que os libertários podem ter de seu combate e de seu lugar no interior do movimento social”.⁴⁸

A cultura política anarquista está marcada pelo signo de uma *radicalidade* — buscada, reivindicada, valorizada — que cumpre a função de prover os militantes libertários de uma identidade distinta das outras correntes políticas que buscam uma transformação mais ou menos completa do *status quo*. Contudo, em meio a essa radicalidade, é a revolta o valor aclamado pelos anarquistas, e não a violência. Revolta contra o obscurantismo clerical, contra a manutenção da ignorância popular, contra as eleições (“fraudulentas”) que visam legitimar um sistema socioeconômico (“corrupto e opressor”). Identidade radicalizada que — a despeito de sua similaridade com vários grupos filiados ao movimento socialista — busca símbolos próprios de expressão (a bandeira negra, o *A* estilizado), reafirma-se em diferentes redes de sociabilidade (festas, encontros familiares, relações de camaradagem) e procura referências históricas (a Comuna de 1871, por exemplo) que vão compondo a mitologia política dessa corrente.

Mas a cultura política libertária, como qualquer outra cultura política, não pode ser concebida como um dado imutável, alheio às influências do tempo, do espaço e da cultura local.⁴⁹ Durante o século XIX, ela esteve profundamente ligada ao movimento operário, disputando sua direção com o movimento socialista. Entretanto, Outubro de 1917 e a expansão da influência do bolchevismo e do *comunismo soviético* representaram um grande desafio para a cultura política libertária, que buscou, ao longo do século XX, adaptar-se e reinventar-se, incorporando novas demandas que foram sendo colocadas pelos mais variados movimentos de cunho social, político, cultural e ambiental.

Com Outubro de 1917, a experiência acumulada durante quase um século pelo anarquismo mundial no movimento operário-social foi fortemente abalada pela vivência

⁴⁸ Idem, p. 256.

⁴⁹ Idem, p. 245.

de um evento de grande magnitude, alterando substancialmente suas perspectivas teóricas e práticas.

Esse ineludível caráter de *historicidade* e de incidência recíproca entre o *experienciado* e o *esperado* nos remete às categorias históricas “espaço de experiência e horizonte de expectativa”, cunhadas pelo historiador alemão Reinhart Koselleck,⁵⁰ um dos maiores expoentes da *Begriffsgeschichte* (História dos Conceitos),⁵¹ que também fornece embasamento teórico-metodológico para este trabalho. De acordo com Koselleck, experiência e expectativa são termos que, em se tratando do humano, possuem um grau de generalidade dificilmente superável.

A experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que pode ser apenas previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.⁵²

Ao contrário de expressões como “Revolução Francesa”, “Tratado de Versalhes” ou “Segunda Guerra Mundial”, experiência e expectativa não dizem respeito a histórias concretas, não transmitem realidades históricas. Entretanto, sua relação permanentemente dinâmica — que não se restringe a uma simples cronologia, nem a um mero antagonismo — constitui a própria possibilidade de existência de qualquer

⁵⁰ KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: *Futuro passado: contribuição a uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, Editora PUC-Rio, 2006.

⁵¹ Para um breve resumo sobre a *Begriffsgeschichte*, enfoques e críticas dirigidas a essa abordagem, ver CARRIÈRES, Henri. Uma Apresentação Concisa da História Conceitual. In: *Cadernos de Sociologia e Política*, no. 8. IUPERJ, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2005 e BENTIOVOGLIO, Julio. A história conceitual de Reinhart Koselleck. In: *Dimensões*, vol. 24, 2010, pp. 114-134.

⁵² KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas, pp. 309-310.

história. Uma vez que a história concreta “amadurece em meio a determinadas experiências e a determinadas expectativas”,⁵³ a tensão entre experiência e expectativa faz surgir o tempo histórico, pois essas duas categorias entrelaçam, assimetricamente, passado e futuro — que nunca coincidem plenamente, assim como uma expectativa não é simplesmente deduzida de uma experiência. Experiência e expectativa, “enriquecidas em seu conteúdo, [...] dirigem as ações concretas no movimento social e político.”⁵⁴

Por outro lado, uma revolução é uma aceleração do tempo histórico, onde as rupturas são, pelo menos em teoria, mais desejadas do que as continuidades. A *Revolução Social* era esperada, mas não como e onde ocorreu. Por isso mesmo, carregou-se de expectativas ainda maiores. Partindo do pressuposto de que os acontecimentos vividos, em conjunto com as ideias e as práticas desenvolvidas ao longo dos anos pela militância anarquista, configuravam um espaço de experiência em relação dinâmica com o horizonte de expectativa que ela possuía acerca das possibilidades de transformação social, econômica, política e cultural, é possível identificar e contextualizar alguns parâmetros da práxis libertária e, com isso, alcançar uma melhor compreensão das tensões, questionamentos, posicionamentos e atitudes que os eventos de 1917 suscitaram. Foi uma experiência tão transcendente que, a nosso ver, rasgou o horizonte de expectativa dos militantes revolucionários da época, alterando o presente, isto é, o campo de experiência de atuação no movimento operário-social, bem como o horizonte de expectativa, as perspectivas com relação ao futuro.

Apoiando-se no arcabouço teórico exposto acima, esse trabalho pretende situar-se no bojo das variadas discussões concernentes à história do movimento operário-social anarquista mundial e latino-americano. No meio acadêmico, o conjunto da obra dos principais pesquisadores (George Woodcock, James Joll, Irving Louis Horowitz, Daniel Guérin, Max Nettlau, Henri Arvon,⁵⁵ entre outros) que contribuíram

⁵³ Idem, p. 308.

⁵⁴ Idem, ibidem.

⁵⁵ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. Porto Alegre: L&PM, 1985, 2 volumes; JOLL, James. *The anarchists* (2ª ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980; HOROWITZ, Irving Louis. *The anarchists*. Nova York : Dell Publishing Co., 1964; GUÉRIN, Daniel. *Ni dieu, ni maître: anthologie de l'anarchisme* (2 vols). Paris: Éditions La Découverte, 2002; NETTLAU, Max. *A short history of anarchism*. Londres: Freedom Press, 1996; e ARVON, Henri. *El anarquismo en el siglo XX*. Madri: Taurus, 1979.

para o avanço dos estudos sobre a organização, fundamentação teórica e atuação de diversos grupos anarquistas ao longo do tempo, continua sendo ponto de partida obrigatório para qualquer pesquisa sobre o assunto, ainda que suas perspectivas possam ser questionadas.

No que tange à historiografia uruguaia, existe uma quantidade considerável de trabalhos referentes ao movimento operário no Uruguai de começos do século XX.⁵⁶ Contudo, como afirmamos anteriormente, essa bibliografia — com algumas poucas exceções — tende a destacar naqueles anos a atuação do Partido Socialista ou as ações do nascente Partido Comunista. Por isso, acreditamos ser necessário que se avalie de maneira mais apurada como a Revolução Russa repercutiu sobre o movimento operário-social uruguaio de inspiração libertária, atribuindo ao processo de divisão do movimento anarquista naquele país a devida importância que de fato teve para os trabalhadores do período.

São estas, pois, as perspectivas e referenciais teórico-metodológicos norteadores para a produção deste trabalho.

* * *

Para uma melhor organização da exposição do tema, a dissertação será dividida em duas partes.

A primeira parte, subdividida em quatro capítulos, será dedicada à análise do impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio, utilizando como fontes primárias os periódicos *La Batalla* e *El Hombre*.

No primeiro capítulo será feito um breve resumo da história do movimento anarquista no Uruguai, contextualizando sua influência no movimento operário-social

⁵⁶ Ver, entre outros, D'ELÍA, German; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984; PINTOS, Francisco. *Historia del movimiento obrero del Uruguay*. Montevideo: Suplemento Gaceta de Cultura, 1960; TURIANSKY, Wladimir. *El movimiento obrero uruguayo*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1973; SENDIC, Alberto. *Movimiento obrero y luchas populares en la historia uruguaya*. Montevideo: Movimiento Independiente 26 de Marzo, 1985; BALBIS, Jorge; ZUBILLAGA, Carlos. *Historia del movimiento sindical uruguayo, tomo IV, Cuestión social y debate ideológico*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1992, 4 tomos; LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992, 4 volumes; RODRÍGUEZ, Universindo et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*. Montevideo: Taurus, 2006.

do país, e destacando a importância do papel da imprensa libertária no *Río de la Plata*. O foco principal, contudo, será a caracterização dos grupos anarquistas antagônicos nucleados nos periódicos *La Batalla* e *El Hombre*, explicitando e discutindo quais eram os referenciais teóricos que inspiravam seus posicionamentos políticos, ideológicos, sociais e econômicos.

No segundo capítulo trataremos do ano de 1917 na imprensa libertária uruguaia. Primeiramente, dedicar-nos-emos aos debates teóricos prévios à Revolução de Fevereiro sobre os conceitos de revolução, evolução e anarquia. A intenção será demonstrar como a análise das fontes revela que os debates sobre a revolução não eram marginais no anarquismo uruguaio nessa época específica. Ao contrário, constituíam o principal núcleo das discussões da *práxis* libertária por fazerem parte de seu horizonte de expectativa. Em seguida, mostraremos como o advento da Revolução de Fevereiro e, sobretudo, da Revolução de Outubro, fizeram com que as polêmicas se intensificassem cada vez mais e mudassem de perspectiva, culminando com o fato de que, no final daquele ano, o movimento operário libertário uruguaio já se encontrasse dividido entre a identificação e apoio entusiástico do grupo de *La Batalla* e o relativo apoio crítico dos responsáveis por *El Hombre*.

No terceiro capítulo, buscaremos explicar como, entre os anos de 1918 e 1919, o confuso cenário internacional e o contexto interno de intensa mobilização operária, repressão policial e grave crise econômica fizeram com que os libertários uruguaio acreditassem que o advento de uma revolução social estivesse bem próximo, influenciando-os profundamente. Radicalizados, buscavam oferecer uma orientação que ajudasse a resolver os problemas dos trabalhadores. Se, para muitos deles, essa orientação passava por continuar o trabalho diário de propagar a inalienável autonomia do indivíduo e a autodeterminação dos povos, para outros, a única solução possível era seguir o caminho trilhado pela Rússia e, a partir dele, avançar rumo ao estabelecimento da sociedade anárquica.

No quarto capítulo, mostraremos como, entre 1920 e 1921, a divisão do movimento-operário social no âmbito internacional contribuiu para que os debates teóricos entre as principais tendências em pugna se agudizassem dramaticamente. O forte antagonismo gerado pelas disputas políticas, ideológicas e programáticas acabou

tornando insustentável a convivência das duas facções em uma mesma central sindical. A fratura da F.O.R.U. provocou o seu virtual dismantelamento, e muitos autores afirmaram que essa divisão teria marcado o começo da perda do protagonismo e influência do anarquismo no Uruguai.

A segunda parte, composta apenas por um capítulo, estará dedicada à discussão bibliográfica, onde serão apresentadas as interpretações que a historiografia uruguaia fez do impacto da Revolução Russa no movimento anarquista do Uruguai, tentando entender os motivos pelos quais a maioria dos historiadores não dedicou a devida atenção a um tema que teve uma importância tão grande para o movimento operário-social da época.

Capítulo 1 — O anarquismo no Uruguai entre fins do século XIX e começos do século XX

1.1 — Das primeiras sociedades por ofício à posição de protagonistas do movimento operário-social

Concomitantemente ao processo de industrialização e ao aumento no número de trabalhadores urbanos, o movimento operário-social no Uruguai — decididamente reforçado pela imigração europeia (sobretudo de italianos, espanhóis e catalães) — começava a despontar, ainda que timidamente, em Montevideú.

Os tipógrafos, pelas próprias características de sua profissão, estavam em contato mais direto com as ideias que circulavam pelo resto do mundo. Foi deles a primeira tentativa de organização dos trabalhadores uruguaios, inspirada em um modelo mutualista de tipo proudhoniano, ocorrida em 1865 com a criação da Associação dos Tipógrafos — renomeada Sociedade Tipográfica Montevideana em 1870.

Até a década de 1870, contudo, a absoluta maioria das publicações contendo algum tipo de crítica social e perspectivas de transformação que circulavam no Uruguai, eram algumas revistas de pouca tiragem inspiradas nas ideias de alguns dos chamados “socialistas utópicos”, principalmente Charles Fourier e Saint-Simon. A partir de então, várias sociedades de ajuda mútua começaram a ser formadas entre os artesãos e trabalhadores uruguaios para tentar resolver certos problemas específicos que lhes afligiam, como demissões, adoecimentos, questões salariais, financiamento de funerais etc. As sociedades de ajuda mútua foram a principal forma de organização do movimento operário-social uruguaio até a década seguinte, apesar de também terem sido formadas algumas organizações imbuídas de uma perspectiva mais ampla e internacionalista.

Tributário de matrizes ideológicas por momentos contraditórias, o internacionalismo montevideano dos anos 70 refletiu em grande medida a contribuição ideológica da imigração massiva europeia. A derrota da Comuna de Paris e a ação contrarrevolucionária impulsada a partir de Versalhes por Jules Ferry, não apenas havia implicado a virtual anulação do sindicalismo francês nascido no fim do II Império

ao impulso da A.I.T., mas também a declaração de ilegalidade da Seção Espanhola da Internacional; por sua parte o apoio garibaldino ao socialismo [...] teve na península, recém unificada politicamente, uma tradução inequívoca: o crescimento do prestígio da Internacional. Os aportes imigratórios de maior significação no Uruguai da época [...] foram não apenas favoráveis ao incremento demográfico, mas também à difusão de uma ideologia cosmopolita como a que encarnava o internacionalismo anarquista, tanto mais pertinente em uma sociedade jovem como a uruguaia, quanto que o exemplo das nações industrializadas operava como advertência.⁵⁷

Com efeito, em 1872, um grupo de trabalhadores de origem europeia fundou a Seção Uruguaia da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.). De tendência federalista-libertária,⁵⁸ defendia a emancipação econômica e social dos trabalhadores, mas começou a funcionar efetivamente apenas em 1875, publicando o periódico *El Internacional* a partir de 1878. Antes disso, em 1876, foi organizada a *Federación Regional de la República Oriental del Uruguay*⁵⁹ que, ainda que tivesse escassa incidência no movimento dos trabalhadores, veiculou nesse meio um discurso composto por três eixos principais: “a análise das causas da pobreza, o assinalamento de que a violência física não resultava conatural ao anarquismo, e o reconhecimento do papel transformador da educação em um processo de mudança social revolucionária”.⁶⁰ Conquanto o alcance de suas atividades fosse reduzido, a organização não deixou de atrair a atenção dos setores conservadores da sociedade e também das autoridades uruguaias, alarmados com a propagação de um pensamento considerado avesso à tradição católica e potencialmente sedicioso.

⁵⁷ BALBIS, Jorge; ZUBILLAGA, Carlos. *Historia del movimiento sindical uruguayo, tomo IV*, p. 25.

⁵⁸ O federalismo libertário é uma forma de organização da sociedade proposta por alguns anarquistas como Proudhon, Bakunin e Kropotkin. A “sociedade anarquista” seria dividida em federações, comunas, associações ou cooperativas — todas unidas por laços de solidariedade — para uma maior racionalidade e eficiência das interações humanas e sociais. De acordo com Judith Suissa, o federalismo libertário é “basicamente um desenvolvimento lógico do mutualismo [...]. A ideia é que a sociedade de comunas organizadas voluntariamente devesse ser coordenada por uma rede de conselhos. A diferença chave entre essa ideia anarquista e a do princípio da representação democrática é que os conselhos seriam estabelecidos de forma espontânea para atender às necessidades econômicas ou organizacionais específicas das comunidades, pois eles não teriam autoridade central, nenhuma estrutura burocrática permanente, e seus delegados não teriam autoridade executiva, estando sujeitos à desnomeação a qualquer tempo” (SUISSA, Judith. *Anarchism and Education: A Philosophical Perspective*. Oakland: PM Press, 2010).

⁵⁹ Também denominada *Federación Montevideana*.

⁶⁰ BALBIS, Jorge; ZUBILLAGA, Carlos. *Historia del movimiento sindical uruguayo, tomo IV*, p.23.

Durante as décadas seguintes, vários panfletos de caráter libertário circularam pela capital, Montevideu, mas o desaparecimento da A.I.T no final dos anos 1880, provocou certa dispersão dos grupos anarquistas uruguaios. Isso não impediu que as várias organizações promovessem as ideias libertárias através de suas publicações, encontros ou pela formação de bibliotecas e cooperativas. A partir da década de 1890, houve um recrudescimento significativo tanto das publicações libertárias quanto do alcance das atividades promovidas pelos anarquistas,⁶¹ o que, junto com a difusão de ideias de cunho socialista,⁶² começava a inquietar as autoridades. A maior parte das atividades anarquistas era animada pelo *Centro Internacional de Estudios Sociales* (fundado em 1897), que funcionou como uma espécie de “Central Anarquista”.⁶³ Para além disso, o conjunto da militância libertária teve participação importante em greves, manifestações e comemorações de datas simbólicas (como o 1º de maio e o aniversário da Comuna de Paris) que ocorreram no período.

Em 1902, o movimento dos trabalhadores no país ganharia novo impulso devido à aprovação da Lei de Residência pelo parlamento argentino. A lei, que permitia ao governo argentino expulsar imigrantes do país sem a necessidade de julgamento, foi um instrumento de repressão da organização sindical dos trabalhadores anarquistas e socialistas, provocando a fuga de vários deles para Montevideu, onde trataram de dar prosseguimento à sua atividade militante.⁶⁴ O Uruguai, que havia recebido, nas décadas anteriores, um contingente muito significativo de imigrantes europeus, passava por um vigoroso impulso de modernização econômica, política, social e cultural. Ao mesmo tempo, com o crescimento da capital, das camadas médias descontentes e dos setores proletários, greves e manifestações tornavam-se cada vez mais intensas. Frente a essa situação potencialmente explosiva, alguns políticos começaram a buscar meios que pudessem conter os já ameaçadores conflitos sociais.

⁶¹ RODRÍGUEZ, Universindo et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*, p. 15.

⁶² Uma difusão mais sistemática de um socialismo de viés marxista no Uruguai remonta à década de 1890. Contudo, o Partido Socialista do Uruguai seria formado apenas em 1910. Ver LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: anarquistas y socialistas (1838-1910)*. Montevideu: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992, pp. 75-115.

⁶³ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: anarquistas y socialistas (1838-1910)*, pp. 60-61.

⁶⁴ D'ELÍA, German; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, p. 55.

Foi nesse contexto que, em 1903, o líder reformista José Batlle y Ordóñez assumiu a presidência da República. Batlle y Ordóñez era oriundo uma tradicional família pertencente à aristocracia uruguaia e seu pai, Lorenzo Batlle, havia exercido a presidência da República entre 1856-1860. Além de político e empresário, José Batlle Y Ordóñez foi jornalista e fundador do importante diário *El Día* (1886), tendo sido presidente da República em duas oportunidades, 1903-1907 e 1911-1915. Membro do Partido Colorado, subiu ao poder em meio à crise social e descontentamento popular. Típico representante da elite latino-americana ilustrada da época, desenvolveu uma doutrina política e social que ficou conhecida como *batllismo*.⁶⁵ Em linhas gerais, essa doutrina sustentava que, para o desenvolvimento do país e da sociedade, o Estado deveria controlar alguns aspectos básicos da economia por meio de monopólios estatais que fomentassem a indústria de bens de consumo e serviços, bem como criar um amplo corpo de leis sociais que, como resultado, forjaria uma sociedade de classe média sob o amparo de uma economia pujante e de um Estado benfeitor, intervencionista e redistribuidor dos lucros.⁶⁶ O alcance e a repercussão das reformas implementadas foram enormes, causando a ira dos conservadores e exercendo notável influência e certa atração sobre o movimento operário-social da época. Não obstante, a maioria dos trabalhadores manteve sua independência organizacional.

⁶⁵ O *batllismo* logo tornou-se um tema clássico na historiografia uruguaia. Contudo, frequentemente há nos trabalhos dedicados ao período uma sobrevalorização do papel de José Batlle y Ordóñez ou a atribuição de uma força excessiva aos movimentos sociais. Buscando matizar a questão, Gerardo Caetano e José Rilla ponderam “não ser fácil discriminar com precisão as 'parcelas de responsabilidade' nesse avanço do reformismo social. Para o [...] movimento sindical, cujas tendências reconhecíveis iam desde o anarquismo e o socialismo até o catolicismo social, as reformas eram apresentadas basicamente como concessões arrancadas aos poderes dominantes; para o batllismo, a reforma social se justificava e até se explicava por razões de caráter moral, por preceito ético para com os 'humildes': antes que uma missão cumprida 'pelos de baixo' era um dever cumprido 'pelos de cima'. É obvio que entre essas duas visões — um tanto quanto exageradas — circulou efetivamente a verdade das coisas. Mas também parece claro que as reformas no plano do direito trabalhista não teriam sido estendidas ao conjunto da sociedade sem o apoio do partido do governo, por mais força que tivesse — e que em ocasiões teve — a mobilização sindical. Agregue-se a isso, como característica peculiar do Uruguai na América Latina, que se bem houve transferências de lealdades entre o sindicalismo e o batllismo, este não aspirou à cooptação sistemática das lideranças sindicais e menos ainda ao patrocínio de sindicatos oficiais (CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *Historia contemporánea del Uruguay: de la Colonia al siglo XXI*. Montevideo: Fin de Siglo, 2005, p. 152).

⁶⁶ NAHUM, Benjamín, *Historia uruguaya: La época batllista (1905-1929)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998, p. 5-52.

Como afirmamos anteriormente, o anarquismo era a principal força do movimento operário-social uruguaio nas primeiras décadas do século XX e uma parte de seus militantes coordenou os esforços para a criação, em 1905, da *Federación Obrera Regional Uruguaya* (F.O.R.U.) — a principal federação operária do Uruguai à época. Para Ángel Cappelletti e Carlos Rama, uma série de características peculiares no transcurso de seu desenvolvimento histórico fizeram do Uruguai um caso particular na história do movimento anarquista.

Uma série de circunstâncias históricas, como a tardia colonização hispânica, a ausência de instituições típicas da Contrarreforma (Inquisição, universidades pontifícias, colégios jesuíticos, etc.), o predominante laicismo (que culminou na era de Batlle) e a grande afluência imigratória, fizeram do Uruguai um país muito receptivo às ideias anarquistas, conhecidas desde o século XIX por muitos uruguaios através das obras de Proudhon e Reclus, cujo nome (junto ao de outros sábios) aparece gravado no frontispício da Universidad de la República. Em nenhum país da América Latina, as ideias anarquistas chegaram a ser tão familiares ao leitor culto, ao político, ao intelectual e ao homem comum.⁶⁷

Para o historiador uruguaio Carlos Rama, “[...] o anarquismo uruguaio se beneficiava com ser constantemente dominante desde as origens do movimento operário e social em 1865”.⁶⁸ Rama afirma que o anarquismo não apenas era majoritário no movimento operário-social naqueles anos, mas “impregnava” a vida da sociedade uruguaia em três âmbitos. O primeiro seria o próprio campo da organização operária, “[...] em que praticamente movimento sindical e anarquismo se convertem em sinônimos”.⁶⁹ O segundo, a já referida profusão excepcional da imprensa libertária, tanto no que diz respeito ao número de publicações e suas tiragens quanto no alcance que possuíam. Inúmeros panfletos, revistas e periódicos de caráter anarquista, das mais variadas tendências, tanto em espanhol como em italiano foram publicados no país nesses anos. “Especialmente os anarquistas alentaram uma floração periodística inimaginável, prova de inquietude propagandística e docente da militância operária”.⁷⁰

⁶⁷ CAPPELLETTI, Ángel; RAMA, Carlos (sel.). *El anarquismo en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990, p. LXV.

⁶⁸ RAMA, Carlos. La “cuestión social”. In: *Cuadernos de Marcha n° 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*. Montevideo: Marcha, 1969, p. 64.

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ Idem, p. 66.

Por fim, o terceiro âmbito no qual, para Rama, seria possível mensurar a importância do anarquismo na sociedade uruguaia da época, refere-se à criação e difusão de

[...] uma espécie de ética popular, independente da ética religiosa da Igreja, mas também da ética utilitarista da burguesia [...]. Nesse mundo de “companheiros” [...] há usos, instituições, princípios, opções de vida, “valores” (como dizemos hoje), que se opõem ao mundo dos ricos e privilegiados.⁷¹

Ainda em 1905, sob influência da fundação da F.O.R.U., várias greves irromperam, sendo que as mais importantes foram a dos funcionários do Ferrocarril Central, a dos operadores de bonde, a dos sapateiros, e a dos trabalhadores do porto de Montevideú.⁷²

Entre 1906 e 1908, a organização viu-se debilitada por várias disputas teóricas internas, mas ainda assim buscou aumentar sua representatividade no interior do país. Uma atividade importante desenvolvida no período, que fez com que a F.O.R.U. recuperasse o ímpeto militante, foi a campanha em prol do pedagogo anarquista catalão Francisco Ferrer — um dos defensores da “Escola Moderna”.

Além do tradicional nacionalismo separatista, a Catalunha era uma região de forte influência anarquista, o que fazia com que fosse especialmente vigiada pelo governo madrilenho. Em julho de 1909, o exército espanhol havia sofrido um duro revés provocado pelos rifenhos (um povo berbere habitante do Norte da África) em uma campanha militar nas proximidades de Melilla, exclave espanhol na costa do Marrocos. Necessitando de combatentes, o governo decidiu convocar os reservistas da Catalunha, no que foi entendido por muitos catalães como uma verdadeira provocação. Anarquistas, socialistas, republicanos e sindicalistas reagiram organizando grandes manifestações contrárias à convocação enquanto tropas leais a Madri foram enviadas a Barcelona para controlar a situação e um feroz confronto teve início entre a Guarda Civil Espanhola e os sublevados, resultando em cerca de 200 trabalhadores mortos.

Durante os eventos, que ao estenderem-se por cinco dias ficaram conhecidos como “*Setmana Tràgica*”, dezenas de igrejas e conventos foram incendiados e vários

⁷¹ Idem, p. 67.

⁷² NAHUM, Benjamín. *Historia uruguaya: La época batllista (1905-1929)*, p. 10.

padres e freiras, acusados de apoiar a repressão, foram assassinados. Após controlar a situação, o governo espanhol, realizou prisões em massa, torturas e promoveu execuções sumárias, incluindo a de Ferrer. O pedagogo, na verdade, encontrava-se na Inglaterra durante o levante, mas mesmo assim foi fuzilado sob a acusação de ter incitado a revolta. A brutalidade da repressão madrilenha e os fuzilamentos sumários provocaram reações contrárias na própria Espanha, e Ferrer tornou-se um mártir internacional.⁷³

O fuzilamento de Ferrer, ocorrido a 13 de outubro do mesmo ano, indignou grande parte da sociedade uruguaia. A F.O.R.U., com o apoio dos socialistas e de outras forças progressistas convocou no mesmo dia uma paralisação geral, seguida de manifestação no fim da tarde. À manifestação, considerada um êxito, compareceram cerca de dez mil pessoas.⁷⁴ Se as jornadas pró-Ferrer serviram para que a F.O.R.U. e o movimento anarquista em geral cobrassem novo ânimo, não se deve deixar de ressaltar que a mobilização trabalhadora no Uruguai se via acentuada também devido à imigração anarquista proveniente da Argentina. Durante as comemorações do Centenário da Revolução de Maio, em 1910, o governo argentino havia expulsado do país uma grande quantidade de trabalhadores ligados aos sindicatos daquele país, que logo engrossariam as fileiras das associações uruguaias. Alguns militantes argentinos, durante o exílio, inclusive chegaram a publicar em Montevideu o periódico bonaerense *La Protesta*.⁷⁵

De qualquer maneira, totalmente controlada pelos libertários, a F.O.R.U. teve um crescimento bastante rápido. Já em 1911, segundo estatísticas oficiais do governo uruguaio, estavam afiliados à federação 90.000 trabalhadores industriais, ou seja, quase 77% da força de trabalho industrial do país.⁷⁶ Entretanto, disputas políticas, programáticas e organizacionais internas, somadas às diferentes e muitas vezes conflitantes interpretações da conjuntura nacional e da situação internacional, levaram a Federação a alternar períodos de intensa atividade com outros de crise militante. Não

⁷³ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.2, p. 119.

⁷⁴ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: La izquierda durante el batllismo (1911-1918): Primeira parte*. Montevideu: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992, pp. 30-34.

⁷⁵ Idem, pp. 15-17.

⁷⁶ CAPPELLETTI, Ángel; RAMA, Carlos (sel.). *El anarquismo en América Latina*, p. 60.

obstante, desempenhou um papel importantíssimo nas lutas do movimento operário, organizando as várias greves e manifestações que ocorreram no período por melhores condições de trabalho, redução da jornada de trabalho e pagamento de um salário digno.⁷⁷ Isso incluiu a greve dos ferroviários em 1908 e a greve geral de 1911.

A greve geral de 1911 foi motivada pela decisão das empresas de bondes United Electric Transway of Montevideo Limited e Compañía Alemana Transatlántica (ambas estrangeiras) de demitir nove trabalhadores que haviam assumido a direção do recém-criado sindicato dos trabalhadores dos bondes. Isso acarretou a declaração de greve por parte da agremiação no dia 11 de maio de 1911, contando com o apoio da absoluta maioria dos trabalhadores do setor. Apesar do governo de Batlle y Ordóñez ter reconhecido o direito à greve, evitou declarar apoio a um dos lados do conflito. Um acordo que havia sido mediado pelo Círculo da Imprensa, reintegrando os trabalhadores a seus postos de trabalho, foi desrespeitado pela empresa inglesa, o que levou o sindicato a solicitar a intervenção da F.O.R.U. Dos quarenta sindicatos que compunham a Federação, trinta e cinco votaram pela greve geral por tempo indeterminado, a iniciar-se a partir do dia 23 daquele mês. Com Montevideu praticamente paralisada, manifestações em favor dos trabalhadores demitidos irromperam pela cidade, e alguns grevistas acabaram presos. Após intensos debates no parlamento e discussões sobre o tema na imprensa, um novo acordo, desta vez mediado pela prefeitura de Montevideu, foi assinado, prevendo a reintegração dos trabalhadores. Apesar do voto contrário de seis sindicatos, a F.O.R.U. decidiu pelo fim da greve, considerada um sucesso.⁷⁸ Essa foi a primeira greve geral da história do Uruguai, considerada por muitos historiadores uruguaios um verdadeiro marco na história do movimento dos trabalhadores no país, não apenas por ter sido a primeira, mas também por ter aumentado a confiança do movimento, e indicado que era possível impor reformas laborais através do caminho das lutas e da ação direta.⁷⁹

⁷⁷ Ver RODRÍGUEZ, U. et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*, pp. 28-48; D'ELÍA, G.; MIRALDI, A. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, pp. 61-97.

⁷⁸ Ver D'ELÍA, German; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, pp. 99-103; e LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: La izquierda durante el batllismo (1911-1918): Segunda parte*. Montevideu: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992, pp. 14-20.

⁷⁹ LÓPEZ D'ALESSANDRO. *Historia de la izquierda uruguaya: La izquierda durante el batllismo (1911-1918): Segunda parte*, p. 20.

As mobilizações continuavam por todo o país. Entre fins de outubro e começos de novembro de 1913, houve uma greve dos trabalhadores de uma indústria têxtil por melhores salários e pela criação de uma sociedade de resistência na cidade de Puerto Sauce (atual Juan Lacaze, departamento de Colonia). A greve geral convocada pela F.O.R.U. em solidariedade aos trabalhadores não aconteceu. O conflito resolveu-se com a intervenção do Ministro das Indústrias de Batlle, tendo sido acordado um aumento salarial e a proposta de criação de uma sociedade operária que não tivesse o nome de “sociedade de resistência”, mas sim “centro educativo”. A aceitação do acordo por parte do secretário-geral da F.O.R.U., Jesús M. Suárez, enfureceu a maioria dos delegados dos sindicatos que compunham a Federação, que a consideraram uma traição aos interesses dos trabalhadores. A renúncia do secretário-geral na reunião do Conselho Geral, no dia 12 de novembro, a incapacidade de compor um novo conselho e os ataques públicos feitos por alguns sindicatos à federação determinaram a interrupção temporária de suas atividades no final daquele mesmo ano⁸⁰ — o que debilitou o movimento dos trabalhadores.

Essa debilitação foi algo reforçada pelas políticas repressivas adotadas por Feliciano Viera, sucessor de Batlle na presidência.⁸¹ Contudo, as agitações voltaram a recrudescer durante o transcurso da Grande Guerra (1914-1918). A difícil conjuntura internacional incidiu fortemente na classe trabalhadora uruguaia, com o aumento do desemprego e do custo de vida, ao que os trabalhadores responderam deflagrando greves, promovendo comícios de protestos e organizando comitês pró-paz.⁸²

Tendo sido protagonistas da maioria das greves, manifestações e paralisações entre fins do século XIX e inícios do século XX, os anarquistas tiveram a oportunidade de atuar tanto sob os governos militaristas de Lorenzo Latorre (1876-1880) e Máximo Santos (1882-1886), quanto sob o reformismo *batllista*. Se bem é certo que desprezavam os governos militaristas por suas características intrínsecas, o fato de que os anarquistas uruguaiois tenham sido os principais atores sociais do movimento

⁸⁰ Idem, p. 36.

⁸¹ D'ELÍA; MIRALDI. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, pp. 120-123.

⁸² RODRIGUES, Edgar. *Universo Ácrata*. Florianópolis: Insular, 1999, vol 2, p. 168.

operário e social em seu país no contexto das reformas políticas, econômicas e sociais promovidas pelo *batllismo* fez com que as disputas em torno da “questão social” adquirissem contornos particulares. Isso porque os libertários não apenas lideraram o movimento operário em uma série de lutas e reivindicações (diminuição da jornada laboral, abolição do trabalho noturno, indenizações por acidentes, direito à sindicalização etc.), como também se viram obrigados a posicionar-se a respeito de melhorias que emanavam do próprio governo, o que fazia com que não fossem, aos olhos de muitos deles, resultados da “genuína luta popular”. Alguns grupos defendiam a aprovação e cumprimento de tais leis, qualificando-as como “progressistas” e “essenciais para o bem-estar dos trabalhadores”. Contudo, para um setor radicalizado, que estava longe de ser minoria no movimento operário-social, a *questão social* somente poderia ser resolvida “pelo cumprimento 'finalista' da revolução social”,⁸³ o que implicava a derrubada de toda a ordem política, econômica e social existente.

O desenvolvimento histórico do Uruguai havia “demonstrado” a esses setores do movimento operário-social uruguaio que — a despeito das melhorias alcançadas pelos trabalhadores durante os mandatos presidenciais de José Battle y Ordóñez — mesmo o mais progressista dos governos poderia apenas promover reformas lentas, limitadas, insuficientes. Reformas que, para eles, mantinham a desigualdade social e a exploração do trabalho, restringiam a liberdade individual e perpetuavam a alienação das massas. Portanto, a maior parte dos anarquistas uruguaiois continuou a advogar o fim tanto dos partidos quanto do poder político e a acusar as eleições de serem uma “farsa da burguesia”, defendendo a conscientização das pessoas através da propaganda de seus ideais revolucionários e apontando a ação direta como única verdadeiramente consequente com o ideal anarquista e única capaz de provocar uma mudança efetiva da sociedade. Destarte, só havia um caminho para que fosse possível essa transformação: a *Revolução Social*. Por esse motivo, a Rússia convulsionada iria atrair tanto a atenção dos libertários. Em um primeiro momento, ela parecia o prenúncio de uma onda revolucionária mundial, ou, pelo menos, o começo das tão desejadas mudanças.

⁸³ RAMA, Carlos. La “cuestión social”. In: *Cuadernos de Marcha n° 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*, p. 74.

1.2 — A importância da imprensa operária e sindical para o movimento dos trabalhadores *rioplatenses*

Centros de estudo e alfabetização, locais de convivência como salas de leitura e discussão, atividades de integração como piqueniques, churrascos, vesperais e apresentações de peças teatrais engajadas ajudavam, sem dúvida, a difundir o ideal anarquista. Contudo, os principais veículos de propagação dos ideais anarquistas no *Río de la Plata* eram os periódicos que os libertários publicavam.

A importância que a imprensa operária e sindical teve para o movimento dos trabalhadores *rioplatenses* em geral (e para o anarquismo em particular) entre fins do século XIX e começos do século XX, é sublinhada por vários autores.

Carlos Zubillaga e Jorge Balbis sustentam que uma história desse movimento que ignore ou relegue a um lugar secundário o papel desempenhado por esse tipo de impresso é algo impensável, pois “[...] não se trata de um componente prescindível no momento de desenhar rigorosamente a dimensão ideológica e os modos de ação dos setores assalariados por mais de um século de vida cotidiana”.⁸⁴ Aliás, as redações dos periódicos operários, onde eram diagramados, vendidos e distribuídos, estavam concentradas em uma zona mais ou menos específica da topografia urbana e coincidiam com as próprias sedes de várias organizações (sindicatos, centros de estudo, espaços de convivência etc).

Carlos Rama destaca que um dos “[...] fatos mais surpreendentes quando se estuda esse período é comprovar a profusão da imprensa do movimento operário e social”,⁸⁵ fosse através de manifestos, volantes, periódicos ou folhetos. Não obstante a ampla variedade dos impressos então circulantes, havia semelhanças no que diz respeito à disposição gráfica, periodicidade e financiamento. Com relação à disposição gráfica, não havia maiores preocupações com a apresentação estética, o que provavelmente denotava tanto um grau relativamente limitado de conhecimentos gráficos quanto uma preocupação em maior aproveitamento possível de tinta, papel e instrumentos para a própria impressão. As dificuldades econômicas eram enormes e o endividamento,

⁸⁴ BALBIS, Jorge; ZUBILLAGA, Carlos. *Historia del movimiento sindical uruguayo, tomo IV*, pp. 9-10.

⁸⁵ RAMA, Carlos. La “cuestión social”. In: *Cuadernos de Marcha n° 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*, p. 66.

recorrente; o que muitas vezes comprometia a periodicidade pretendida pelos responsáveis pela publicação. A direção de cada periódico tentava minimizar os problemas financeiros através de pedidos de doação e “contribuições solidárias”, e, principalmente, com a realização de eventos que cobravam pequenas taxas para participação, como piqueniques, vesperais, festas comemorativas etc.⁸⁶

De acordo com Mirta Zaida Lobato, aquela imprensa operária (como qualquer imprensa alternativa) possuía, como um de seus objetivos, contrainformar o que seus oponentes — as imprensas burguesa e religiosa — afirmavam, exercendo uma função “pedagógica” e contrapondo-se ao discurso das classes dominantes. Além de informações sobre eventos e acontecimentos, as páginas possuíam um marcado conteúdo de propaganda do ideário revolucionário, crítica à moral burguesa e defesa da necessidade de derrubada da ordem capitalista — sem que isso representasse, necessariamente, a discussão dos meios pelos quais se daria essa mudança. Os periódicos eram, assim, utilizados para difundir uma consciência classista, estabelecendo um primeiro contato entre os trabalhadores e o *corpus* teórico da doutrina, funcionando como uma ferramenta de preparação dos trabalhadores para leituras de textos mais complexos. Os editores dos periódicos esperavam que, com a conscientização advinda da relação com essas novas ideias, os leitores fossem transformados em agentes da mudança e da construção de uma nova ordem social.⁸⁷

Apesar de sua irregularidade, heterogeneidade e seu alcance limitado, a imprensa [operária e] sindical contém, como fonte historiográfica, um conjunto de informações, opiniões e referências às vivências dos trabalhadores e se transforma em um material indispensável para o desenvolvimento dos estudos históricos sobre o movimento [operário e] sindical. Através da leitura de muitos desses periódicos, de vida efêmera e de tiragens limitadas, emanados de alguma sociedade ou biblioteca proletária, é que muitos militantes abraçaram a causa operária e se nutriram de propaganda, doutrina e educação política e social.⁸⁸

⁸⁶ ÁLVAREZ FERRETJANS, Daniel. La cuestión social: la prensa obrera y los diarios pioneros de los partidos de izquierda. In: ÁLVAREZ FERRETJANS, Daniel. *Historia de la prensa en el Uruguay: desde La estrella del sur a Internet*. Montevideo: Fin de Siglo, 2008, p. 410.

⁸⁷ LOBATO, Mirta Zaida. *Palabras proletarias, utopías, derechos y ciudadanía en la prensa gremial del Río de la Plata (1890-1955)*. Buenos Aires: Flacso, 2005, *apud* ÁLVAREZ FERRETJANS, Daniel. La cuestión social: la prensa obrera y los diarios pioneros de los partidos de izquierda, p. 418.

⁸⁸ ÁLVAREZ FERRETJANS. *La cuestión social: la prensa obrera y los diarios pioneros de los partidos de izquierda*, p. 410.

Essas publicações estavam dirigidas sobretudo aos trabalhadores assalariados manuais em geral (especialmente àqueles de oficinas e indústrias), aos estivadores e a outros trabalhadores envolvidos em tarefas de carga e descarga nos portos ou estações ferroviárias.

Ao finalizar o século XIX e começar o século XX, o trabalhador da cidade, em particular o das fábricas e das oficinas, os portuários e ferroviários, eram dados inseparáveis da vida urbana (e não apenas dela). O trabalhador da cidade era também um homem que podia protestar, paralisar o trabalho, deter a produção.⁸⁹

As referências aos trabalhadores rurais eram quase nulas, já que o público-alvo era o trabalhador urbano assalariado, presumido ator da transformação social.⁹⁰ Muito mais do que “informar” os leitores sobre algum fato ou acontecimento, os jornais deveriam, portanto, ser úteis no campo da propaganda ideológica.

Todavia, os periódicos libertários *rioplatenses* cumpriram funções ainda mais importantes. Ao propagarem valores, referências, artigos teóricos, análises conjunturais, imagens com mensagens anarquistas e divulgarem datas comemorativas e jornadas de luta e luto, ajudaram a construir redes de sociabilidade e a disseminar a cultura política libertária na região, atuando como vetores privilegiados de sua socialização.

1.3 — Os periódicos *La Batalla* e *El Hombre*

Dado que os principais veículos de propagação dos ideais anarquistas no *Río de la Plata* eram os periódicos libertários,⁹¹ escolhemos essas publicações como fonte primária para interpretar de que maneira a Revolução Russa de 1917 repercutiu no movimento anarquista no Uruguai. Seleccionamos trabalhar com dois jornais libertários

⁸⁹ LOBATO, Mirta Zaida. *Palabras proletarias, utopías, derechos y ciudadanía en la prensa gremial del Río de la Plata (1890-1955)*, p. 419.

⁹⁰ ÁLVAREZ FERRETJANS. *La cuestión social: la prensa obrera y los diarios pioneros de los partidos de izquierda*, p. 409.

⁹¹ O periódico anarquista bonaerense *La Protesta*, vinculado à *Federación Obrera Regional Argentina* (F.O.R.A.), por exemplo, circulava em lugares muito distantes da Argentina, influenciando e servindo como referência ao movimento operário-social em grande parte da América Latina no começo do século XX. (HALL, Michael M.; SPALDING Jr., Hobart A. *La clase trabajadora urbana y los primeros movimientos obreros de América Latina, 1880-1930*, p. 300).

montevideanos, *La Batalla* e *El Hombre*, já que a capital concentrava o maior número de organizações, publicações e militantes anarquistas. Não obstante, uma das características da imprensa libertária uruguaia da época é justamente não ter tido órgãos regulares e de longa duração que pudessem fazer uma propaganda sistemática de suas ideias. *La Batalla* e *El Hombre* são algumas das poucas exceções, tendo circulado de 1915 a 1927 e de 1916 a 1924, respectivamente, de uma a quatro vezes por mês, com tiragens relativamente grandes para os padrões da época (cerca de dois mil exemplares por edição, de acordo com os próprios editores).

Inicialmente circunscritos à cidade de Montevideú, ambas as publicações logo passaram a circular pelo interior do país e, posteriormente, também em Buenos Aires, capital da vizinha Argentina. Por esses motivos, supomos que tenham sido capazes de cativar um público leitor, composto principalmente por trabalhadores urbanos e pelas classes médias emergentes, sensíveis aos seus questionamentos. Além disso, em meio à grande variedade de publicações anarquistas circulantes no Uruguai naqueles anos,⁹² *La Batalla* e *El Hombre* se destacaram em meio à polêmica gerada pela Revolução Russa, já que, ao redor dos dois periódicos, aglutinaram-se as principais posições da militância anarquista uruguaia com relação àquele acontecimento.

Como afirmamos anteriormente, o anarquismo uruguaio — assim como acontecia com o movimento libertário em outras localidades — estava dividido em várias correntes que muitas vezes professavam ideias que se contrapunham umas às outras, o que não impedia que se identificassem como sendo parte de um movimento comum que ansiava chegar ao ideal da Anarquia. A análise dos títulos dos periódicos (muito reveladores no que diz respeito à posição adotada), dos temas recorrentes, das notícias e informações veiculadas, dos artigos educativos, das datas comemorativas destacadas, dos conteúdos das matérias e da linguagem utilizada nos permite afirmar — muito a *grosso modo*, evitando esquematismos e sem desconsiderar a multiplicidade de influências existentes — que duas correntes ocupavam papel destacado no interior do anarquismo uruguaio de começos do século XX: uma combinação de

⁹² Ver CAPPELLETTI, Ángel; RAMA, Carlos (sel.). *El anarquismo en América Latina*, pp. LXV-LXVI.

anarcocomunismo⁹³ e anarcocoletivismo,⁹⁴ permeada por alguns elementos anarcossindiciais,⁹⁵ contrapunha-se a uma vertente do anarquismo individualista,⁹⁶ atravessada pelas teorias social-evolucionistas em voga na época. Seriam justamente essas posições que agrupariam e antagonizariam a militância libertária na interpretação dos eventos russos, através das matérias publicadas nos periódicos anarquistas *La Batalla* e *El Hombre*, que circulavam em Montevideu naqueles anos. Portanto, aproximar-nos das fontes teóricas desses diários, equiparando e mostrando os paralelismos entre os textos neles publicados será de fundamental importância para entendermos como a Revolução Russa impactou o movimento anarquista uruguaio e como esse impacto (e o debate relativo à Revolução de 1917) interferiu na trajetória do movimento anarquista uruguaio pós-1917. Note-se ainda que, como uma maneira de resguardar-se de possíveis perseguições policiais e patronais, bem como de pressões sociais, a maioria dos autores publicava seus textos, artigos e críticas de maneira

⁹³ De maneira muito resumida, essa vertente do anarquismo afirma que a propriedade da terra, dos recursos naturais e dos meios de produção deveria ser mutuamente controlada por comunidades locais federadas. Todas as decisões seriam tomadas de maneira local e direta sem a existência de intermediários ou de qualquer autoridade central (WARD, Colin. *Anarchism: a very short introduction*, p. 2).

⁹⁴ Sinteticamente, o coletivismo anárquico advoga a abolição revolucionária do Estado e o fim da propriedade privada dos meios de produção, que passariam a ser propriedade coletiva e administrados pelos próprios trabalhadores. (Idem, ibidem).

⁹⁵ Dito de forma demasiadamente simplista, o anarcossindicalismo coloca ênfase nas ações de luta e resistência dos trabalhadores organizados contra a exploração do trabalho e a violência estatal. Um de seus objetivos é a deflagração de uma greve geral que aboliria o Estado e abriria caminho para o estabelecimento de uma sociedade livre dirigida pelos próprios trabalhadores (Idem, ibidem). A expressão “anarcossindicalista” não foi utilizada de maneira ampla até o começo da década de 1920, “[...] quando foi aplicada de maneira polêmica como um termo pejorativo pelos comunistas a quaisquer sindicalistas... que se opusessem ao aumento do controle do sindicalismo pelos partidos comunistas” (BERRY, David. *The Aftermath of War and the Challenge of Bolshevism, 1917-1924*. In: BERRY, David. *A history of the French anarchist movement, 1917-1945*. Westport: Greenwood Press, 2002, p. 134)

⁹⁶ Também expresso de forma bastante esquemática, o anarquismo individualista agrupa uma série de correntes bastante diversas. O politólogo Michael Freedden identifica quatro amplos tipos de anarquismo individualista. O primeiro tipo estaria associado a William Godwin, que advogava o autogoverno com um resultado de uma progressiva e benevolente racionalização da vida social. O segundo seria a racionalidade amoral e interesseira do Egoísmo, majoritariamente associada ao neohegeliano Max Stirner. O terceiro estaria ligado às previsões iniciais de Herbert Spencer e de alguns de seus discípulos, como Wordsworth Donisthorpe, que previam o progressivo desaparecimento do Estado em decorrência da evolução social. O quarto, relacionado a alguns norte-americanos, como o escritor Benjamin Tucker, não descarta certa cooperação social, mas admite uma forma moderada de egoísmo e defende as relações de mercado (FREEDDEN, Michael. *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*. Oxford University Press Inc., 2006, pp. 313-314). Em comum a todas elas é a ênfase colocada sobre o indivíduo, considerado um fim em si mesmo. A única maneira legítima de associar-se a outros indivíduos seria através de seu livre desejo pessoal, sem submeter-se a nenhuma ideologia ou vontade externa, nem ditames morais e sociais, como, por exemplo, o chamado “bem comum”. De maneira geral, o anarquismo individualista sempre se preocupou muito mais com a mudança interna do que com a transformação externa (WARD, Colin. *Anarchism: a very short introduction*, p.2).

anônima ou através de pseudônimos (*Acracio, Libertario, Clarín Libertario, Américo Platino* etc), ainda que algumas vezes os textos fossem assinados com a utilização dos nomes verdadeiros.⁹⁷

O primeiro número de *La Batalla* ganhou as ruas na 1ª quinzena de julho de 1915. Tendo como administradora a famosa militante anarquista María Collazo⁹⁸ (posteriormente Esteban Silva, e logo Plácido A. Rodríguez) e apresentando-se como periódico de ideias e de crítica, em suas páginas se afirma que seu próprio título já é seu programa, e se defende a busca pela “emancipação humana”. Começou a circular com uma periodicidade quinzenal (posteriormente modificada para semanal), e, em suas quatro páginas, algumas seções eram mais ou menos fixas: além do editorial com reflexões sobre a publicação e o movimento libertário no país, “críticas alheias” (comentários sobre a conjuntura uruguaia e internacional), “atualidade operária” (lutas operárias no Uruguai, América do Sul e resto do mundo), “permanente da polícia de Montevideú” (mensagem permanente sobre a brutalidade do setor de investigação da polícia montevideana), “problemas operários” (disputas envolvendo os trabalhadores uruguaio), “seção literária” (contos e poemas), “vida anarquista” (divulgação de centros de sociabilidade anarquista) etc. Ao longo dos anos 1915 e 1916, o periódico dedicou-se fundamentalmente a criticar a “guerra imperialista”; a denunciar a violência policial contra grevistas e sindicalistas; a defender a implantação da Escola Moderna, com o fim dos castigos físicos contra as crianças e estudantes por parte de pais e professores; além do fim da dominação da mulher pelo homem; a divulgar as ideias anarquistas com a publicação de trechos de autores famosos, artigos de formação ou propostas de atividades de imersão anarquista; a noticiar eventos importantes da luta dos trabalhadores ao redor do mundo e a criticar tanto os partidos políticos quanto os parlamentares e as eleições; bem como fazer franca oposição à Igreja e defender o estudo do esperanto como língua auxiliar que aproximaria os povos. Além disso, havia a promoção de atividades de integração entre leitores, diretores dos periódicos e todos os

⁹⁷ Apesar de termos consciência da importância de fornecermos maiores informações sobre os autores e editores, não encontramos maiores dados de quase nenhum deles a não ser o nome ou pseudônimo, com a exceção da María Collazo, diretora de *La Batalla*.

⁹⁸ Nascida em 1884, em Montevideú, foi educadora, jornalista, ativista social e militante anarquista. Em 1915, fundou e assumiu a direção do periódico *La Batalla*, um dos mais importantes periódicos libertários do Uruguai, durante os anos em que foi publicado. Casou-se duas vezes e teve cinco filhos. Faleceu em 1942, aos 58 anos.

interessados em participar de atividades de sociabilidade anarquista, como churrascos, piqueniques, reuniões nos centros de estudo etc. No que diz respeito ao movimento operário local, eram insistentes os chamados à necessidade de união nas lutas por melhores salários e condições de trabalho, bem como as exortações à reorganização da F.O.R.U. Desde meados de 1915, apelos à reorganização da F.O.R.U. eram constantes na imprensa libertária. Em fevereiro de 1916, formou-se um comitê operário para levar a cabo tal empreitada. O comitê obteve prestígio diante do movimento operário graças à participação que teve na vitoriosa greve dos trabalhadores dos frigoríficos, ocorrida entre fevereiro e março naquele ano, e obteve apoio para a divulgação de um manifesto de refundação, que foi distribuído no simbólico 1º de maio. Com o aval de 20 sociedades de resistência, a F.O.R.U. seria refundada no dia 8 de julho daquele mesmo ano.⁹⁹

É interessante notar que foi *La Batalla* que comunicou a possível criação do periódico com o qual tanto polemizaria, quando em sua edição de número 24, na 1ª quinzena de setembro de 1916, anunciou que um “grupo de amigos e companheiros” pensava em editar um periódico com o título *El Hombre*, e divulgou duas reuniões a serem realizadas no Centro de Estudos de Villa Muñoz para tratar do assunto.

Efetivamente, o primeiro número de *El Hombre* começou a circular no dia 29 de outubro de 1916. Tendo como administradores Manuel Alfredo Salvatierra, Carlos Armellini, Andrea Paredes, e Luis Bolívar Casales, nessa ordem, apresentou-se como “semanário anarquista de combate” (logo modificado para “semanário anarquista”) editado pelos Centros de Estudos de “Arroyo Seco” e “Villa Muñoz”. Diferentemente de *La Batalla*, quase sempre havia uma ilustração na primeira página, em geral charges sobre o momento político nacional, mas algumas vezes apareciam imagens que faziam referência à Guerra Mundial, à “decrepitude da sociedade capitalista”, às “mentiras ditas pelos partidos políticos”, ou mesmo ao imaginado mundo anarquista futuro. Começou a circular com periodicidade semanal e, a exemplo de *La Batalla*, também com quatro páginas. Algumas das seções mais ou menos fixas que possuía eram: editorial com reflexões sobre o periódico e o movimento anarquista uruguaio, “comentários” (comentários sobre a conjuntura uruguaia e internacional), “nota da semana” (breves

⁹⁹ Ver LÓPEZ D'ALESSANDRO. *Historia de la izquierda uruguaya: La izquierda durante el batllismo (1911-1918): Segunda parte*, pp. 67-72.

resumos de fatos importantes), “pelo mundo” (lutas operárias na América do Sul e em outras regiões do mundo), “permanente da polícia de Montevideu” (mensagem permanente sobre a brutalidade do setor de investigação da polícia montevideana), “vida católica” (críticas à Igreja Católica), “nossos centros de estudo” (divulgação de centros de sociabilidade anarquista) etc. A maioria dos artigos publicados tratava exatamente dos mesmos temas de *La Batalla*. Os textos que versavam sobre teoria anarquista tinham como arcabouço teórico autores mais afeitos ao anarquismo individualista e ao evolucionismo social. Contudo, tanto em *La Batalla* como em *El Hombre* várias vezes foram publicados artigos enviados por leitores que, utilizando argumentos de outras vertentes do anarquismo, polemizavam com os textos publicados na edição anterior.

A princípio, os grupos responsáveis pelos dois periódicos (que frequentavam os mesmos centros de estudos anarquistas e se conheciam dos círculos do movimento operário e sindical, bem como das atividades e congressos levados a cabo pela F.O.R.U.) mantiveram relações de respeito e fraternidade. Havia por parte dos editores de *La Batalla* e *El Hombre* a divulgação das atividades de militância, integração social e arrecadação de fundos que o outro grupo promovia, para não mencionar que alguns dos textos que apareceram nos números iniciais de *El Hombre* eram exatamente os mesmos que haviam aparecido anteriormente em *La Batalla* e vice-versa. Além disso, não eram raras as exortações aos trabalhadores para que, em prol das “novas ideias”, lessem e difundissem ambos os periódicos. Paulatinamente, no entanto, algumas temáticas — dentre as quais a discussão sobre o significado da *revolução* ocuparia um papel destacado — começaram a aparecer com mais frequência em cada um dos periódicos, o que fez com que eles fossem diferenciando-se de forma progressiva. Inicialmente, nas polêmicas predominava um tom de cordialidade, que logo passou ao enfrentamento e depois à franca oposição. Artigos e editoriais eram feitos sob medida para atacar as posições do outro grupo que, por sua vez, logo publicava a réplica em seu veículo de comunicação. Os desacordos entre os dois grupos libertários aumentariam sensivelmente no ano de 1917.

Capítulo 2 — O ano de 1917 na imprensa libertária uruguaia

2.1 — Debates teóricos prévios à Revolução de Fevereiro sobre os conceitos de revolução, evolução e anarquia

O ano de 1917 foi um marco importante para o anarquismo uruguaio. Era nada menos que o terceiro ano de uma guerra que desde o princípio lhe gerava repúdio e indignação. Para muitos libertários, no entanto, a guerra era vista como uma oportunidade ideal para que os povos oprimidos ao redor do mundo se levantassem contra a sociedade existente. Já apontamos como havia, nas primeiras décadas do século XX, uma sensação generalizada entre as esquerdas de que a sonhada *revolução social* estava bem próxima.

Com efeito, nos anos anteriores havia predominado, em ambos os periódicos, a prédica antibelicista, com críticas aos governos dos “países imperialistas” e lamentos pela morte de milhares de pessoas inocentes em prol dos interesses da burguesia mundial. Iniciado o ano de 1917, porém, houve uma significativa mudança na política editorial. Sem que tenha havido um abandono dessa prédica antibelicista, o tema da *Revolução* não apenas começou a atrair mais e mais a atenção dos editores de *La Batalla* e *El Hombre*, como passou a ocupar um papel de destaque nessas publicações.

Já em janeiro daquele ano, *La Batalla* publicou um extenso artigo intitulado “Anarquía y Revolución”, no qual reconhecia haver uma pluralidade de interpretações sobre os significados de *revolução* e *anarquia*, ao mesmo tempo em que defendia que cabia aos anarquistas a busca pelo fim da miséria e da exploração, bem como o estabelecimento de uma sociedade justa e livre. Essa sociedade só seria possível através de uma necessária revolução.

Decididamente, há no campo anarquista, vários conceitos sobre nosso título. Uns fazem da Revolução a santa destruidora das materialidades e moralidades velhas, e sublime criadora na terra dos gozos e felicidade do humano. Outros declaram com muita lentidão, como se medissem as palavras, que a revolução não é necessária, e mais ainda, afirmam que não se fará, e que a ação anarquista deve realizar-se exclusivamente no cérebro e no coração do homem. Ante a sonhadora

declaração dos primeiros, exponho: que não apenas à Revolução devemos confiar o porvir do homem, mas que também é necessária a obra educadora, a obra de despertar da consciência individual, e portanto, a anulação dos preconceitos que atam o homem ao atual estado de coisas. [...] Cabe a nós, anarquistas, aos que se sublevam diante das injustiças e as misérias que vemos, aos que temos o sangue ardente de juventude e o pensamento são, livre de preconceitos e convencionalismos, cabe a nós [...] lutar contra a opressão do tirano, do monstro que estende suas garras arrebatando a vida das flores do jardim, para semear por toda parte a semente do bem e encaminhar pelas sendas da Luz, os homens que carregam junto conosco, o grande peso da injustiça social; realizar nossa ação anarquista no cérebro e no coração do homem, para arrancá-lo das garras do preconceito e da ignorância [...]. E logo, quando desperta já a consciência popular, quando o coração humano tenha retirado de si as amarras que o atam e impossibilitam que se manifeste livremente em todos os âmbitos da atividade humana, unidos pelo sublime e elevado laço de solidariedade, daremos o golpe de misericórdia ao atual estado de coisas, e não será por outro meio que pela Revolução.¹⁰⁰

O que foi afirmado aqui é que, apesar do reconhecimento da importância da educação para a transformação social, o anarquismo não deveria ser apenas uma atitude psicológica, uma mudança dos valores, da moral. Ao contrário, os anarquistas deveriam trabalhar pela revolução, já que esta levaria ao anarquismo, destruindo o estado de coisas então existente.

Como dissemos, o arcabouço teórico de *La Batalla* era composto por uma pluralidade de autores libertários, dentre os quais havia uma predominância dos que possuíam afinidades com as correntes anarcocomunista, anarcocoletivista e anarcossindical. Um deles era o russo Mikail Bakunin, considerado um dos mais importantes representantes da tendência anarcocoletivista, e partidário da revolução que tudo destruiria e tudo criaria. O artigo de *La Batalla* sem dúvida mostra alguma influência de suas ideias. Nesta passagem de *A reação na Alemanha* (1842), Bakunin clamava àqueles desejosos de mudar o mundo que confiassem “[...] no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a inexplorada e eternamente criativa origem de toda a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia criativa”.¹⁰¹ A revolução seria transformadora tanto das condições materiais, quanto das ideias:

¹⁰⁰ LA BATALLA n° 31, 2ª quinzena de janeiro de 1917.

¹⁰¹ BAKUNIN, Mikhail [1842]. The reaction in Germany. In: DOLFF, Sam (ed.). *Bakunin on Anarchy*. Nova York: Vintage Books, 1972, p. 57.

Haverá uma transformação qualitativa, uma nova maneira de viver, uma revelação que será como dádiva de vida, um novo paraíso e uma nova Terra, um mundo jovem e poderoso no qual todas as nossas atuais dissonâncias serão resolvidas, transformando-se num todo harmonioso.¹⁰²

Certamente, também as palavras do anarcocomunista Errico Malatesta ressoam nesse artigo de *La Batalla*. Escrevendo para o periódico londrino *Freedom*, em novembro de 1914, o italiano criticava os anarquistas que manifestavam apoio a um dos lados no conflito bélico, perguntando se eles haviam se esquecido de seus princípios. Ao mesmo tempo, afirmava que existiam lutas justas, como a luta revolucionária pela emancipação humana.

Eu não sou um “pacifista”. Eu luto, como todos lutamos, pelo triunfo da paz e da fraternidade entre todos os seres humanos [...]. Além disso, eu penso que os oprimidos estão sempre em um estado de legítima defesa, e sempre possuem o direito de atacar os opressores. Eu admito, portanto, que existem guerras que são necessárias, guerras sagradas: e estas são guerras de libertação, como em geral são as “guerras civis” — i.e., revoluções.¹⁰³

Outro importante autor que servia como referencial teórico para as análises de *La Batalla* sobre as realidades uruguaia e internacional era o príncipe russo Piotr Kropotkin, considerado um dos mais importantes anarcocomunistas. Além dessa filiação, ele professava uma vertente do evolucionismo social em voga na época, o que fará com que também embase as opiniões veiculadas por *El Hombre*, como veremos mais adiante. Ainda que tivesse ressalvas quanto à violência revolucionária, Kropotkin acreditava na necessidade da revolução para uma mudança efetivamente consequente da sociedade. Revolução que, aliás, seria inevitável.

Kropotkin [...] absorvera o revolucionismo multifacetado do seu tempo na própria estrutura do seu pensamento de tal forma que, para ele, a ideia de revolução como sendo um processo natural era

¹⁰² BAKUNIN, Mikhail [1842]. Die Reaktion in Deutschland. In: BEER, Reiner (ed.) *Bakunin: Philosophie der Tat*. Köln: Verlag Jakob Hegner, 1968, p. 66.

¹⁰³ MALATESTA, Errico [1914]. Los anarquistas han olvidado sus principios. In: RICHARDS, Vernon (comp.). *Malatesta: Pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007, p. 235.

inevitavelmente mais simpática do que a concepção bakuniana de revolução como apocalipse.¹⁰⁴

De qualquer maneira, ainda que inevitável, era dever dos anarquistas agir em prol da revolução, apressando sua chegada. Quando ela finalmente acontecesse, caberia ao povo organizado estabelecer comunitariamente as bases da nova sociedade.

Quando esse dia chegar — e cabe a vocês [anarquistas] apressar a sua chegada —, quando toda uma região, quando grandes cidades com seus subúrbios tiverem se libertado dos homens que as governam, nossa tarefa está definida: é preciso fazer com que todos os equipamentos retornem às mãos da comunidade; que todos os recursos sociais, hoje em poder de indivíduos isolados, sejam devolvidos aos seus verdadeiros donos, ou seja, a todos, para que cada um possa desfrutar o seu quinhão no consumo, para que a produção de tudo que for necessário e útil possa continuar sem interrupções e para que a vida social, longe de sofrer uma interrupção, possa prosseguir com renovada energia.¹⁰⁵

A afinidade das ideias desse texto com a argumentação contida no artigo de *La Batalla* é clara.

A reação do grupo vinculado ao periódico *El Hombre* àquele texto foi imediata. No seu 13º número, de 20 de janeiro de 1917, foi publicada uma resposta, intitulada “Orientaciones: El artificialismo en la Revolución”, onde foi feita uma crítica aos “impacientes” que queriam forçar uma revolução através da violência.

Há camaradas impacientes, ainda que talvez bem-intencionados, que falam da revolução e da violência como do único modo transformador e evolutivo da sociedade, dando à força e à violência um papel preponderante sobre a inteligência, as ideias e os sentimentos do homem sociável. Tais camaradas, que pretendem utilizar os grandes males sociais como dinamismos da revolução, trazem ao florido campo das ideias novas, não o valor da concepção última, recém-chegada, mas sim o programa negativo dos dias da Internacional que fazia depender o problema da felicidade universal, não da liberdade de pensar e de agir, mas sim da facilidade de alimentar-se com o menor esforço. [...] Para os que assim veem a realidade, o problema vital do anarquismo não será nada mais que

¹⁰⁴ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.1, p. 209.

¹⁰⁵ KROPOTKIN, Piotr. L'Expropriation. In: *Le Revolté*, n° 21, 25 de novembro de 1882. Disponível em <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/journals/revolte/index.html>. Acesso em 11/12/2011.

uma revolução, rápida, fulminante, decisiva. Uma revolução destruidora do que hoje é, em todas as suas fases de valor, ativas, determinadoras do mal e do bem. Uma revolução que mude radicalmente o meio social, para que uma vez esse meio mudado por golpe audaz da força, os homens se transformem em bons, sensatos, pacíficos e racionais para sempre. Uma suposição semelhante é completamente equivocada, negativa nos efeitos aspiradores, contrária à ordem evolutiva, em discordância com a psicologia, não já das raças e dos povos, mas sim dos homens mesmos observados individualmente. [...] Muitos confundem revolução com anarquia; e essa confusão deve desvanecer-se quanto antes melhor, para bem das ideias mesmas. [...] A anarquia é o que se sobrepõe ao que já é: não necessita destruir para brilhar, basta-lhe construir acima dos valores velhos uma mentalidade nova, a mais alta como ideia, o melhor como arte. Anarquia significa não a mudança de meio político e econômico pela revolução simplista, mas também, e muito especialmente, a transformação dos valores psicológicos do homem: uma nova mentalidade consciente, com ritmo de evolução sobre a escala infinita da vida.¹⁰⁶

Esse importante artigo estabelece já muitas diferenças de interpretação sobre os significados de *revolução* e *anarquia* em relação ao grupo de *La Batalla*. Para os editores de *El Hombre*, anarquia não significava apenas a satisfação das necessidades materiais, e a revolução política violenta não era o modo adequado de se transformar a sociedade. Isso assemelhava-se bastante às ideias do anarquista mutualista individualista francês Pierre-Joseph Proudhon, para quem a revolução social estaria comprometida caso fosse alcançada através de uma revolução política.¹⁰⁷ *El Hombre* compartilhava da opinião de Proudhon, para quem

[...] um *coup-de-main*, aquilo que antigamente se chamava de revolução [...] na verdade não é mais do que um choque. [...] Creio que não precisamos disso para vencer e que, conseqüentemente, não deveríamos apresentar a ação revolucionária como meio de obter as transformações sociais, porque esse pretense meio seria apenas um apelo à força, à arbitrariedade — em resumo, uma contradição.¹⁰⁸

¹⁰⁶ EL HOMBRE, nº 13, de 20 de janeiro de 1917.

¹⁰⁷ WOODCOCK, G. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. vol.1, p. 130.

¹⁰⁸ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Correspondance entre Karl Marx et Pierre-Joseph Proudhon, 17 de maio de 1846*. Disponível em <http://fr.wikisource.org/wiki/Correspondance_entre_Karl_Marx_et_Pierre-Joseph_Proudhon>. Acesso em 11/12/2011.

Ou seja, para os responsáveis por *El Hombre*, a revolução significava, primordialmente, um processo interno de aperfeiçoamento constante a ser trabalhado pelo indivíduo, isto é, uma evolução consciente, infinita. Antes de ser um fim a ser perseguido pela ação, era muito mais um meio para a mudança individual geral, que, por sua vez, seria responsável por uma transformação de toda a sociedade. Não seriam os males sociais os agentes que levariam à revolução, e por consequência, à anarquia, mas esta adviria do aperfeiçoamento moral e psicológico de cada indivíduo.

Aliás, entre muitos anarquistas de começos do século XX, se bem já não havia a crença na capacidade infinita da razão, perdurava a convicção forjada por alguns intelectuais europeus no século XVIII, e que foi predominante durante a maior parte do século XIX, de que o ser humano estava em contínuo aperfeiçoamento e que o progresso da ciência seria responsável pela evolução da humanidade em sua caminhada em direção a um futuro que seria melhor do que o presente. Ainda que o progresso de que falavam os anarquistas do século XIX não pretendesse alcançar uma maior eficiência ou aperfeiçoamento do funcionamento da sociedade existente, e sim a eliminação de várias instituições e procedimentos burocráticos que levasse a uma simplificação virtuosa da vida, não podemos deixar de notar que muitos libertários manifestavam uma fé quase absoluta na transformação dos indivíduos e da sociedade através do esclarecimento proporcionado pela educação e pelos avanços da ciência. Combinadas, elas teriam um efeito libertador, pois eliminariam os enganos propagados pelo obscurantismo religioso, os preconceitos e os erros frutos da ignorância, e a influência “nefasta” do modo de ser e viver burguês.

Duas edições depois, no 15º número de *El Hombre*, de fevereiro de 1917, Fernando Robaina — um dos principais contribuidores do periódico — no texto intitulado “Evolución y Revolución”, tentou desenvolver um pouco mais o raciocínio esboçado na edição anterior.

[...] [O]s problemas da anarquia não são problemas econômicos, mas sim psíquicos; e sendo psíquicos, são de evolução incessante. Logo, a fome não pode determinar a Anarquia. A dor é a consequência de um estado especial de sensibilidade. É de ordem psicológica, e pode ser que tenha uma grande importância como determinante nos meios que utiliza a anarquia para manifestar-se, mas não na concepção

ideológica. Estabelecer uma diferença entre a anarquia e a revolução é necessário. Revolução é o modo de manifestar-se a anarquia em um momento dado. Sendo a anarquia uma ideia motora, pode se definir como *a energia consciente da evolução*. Logo, a revolução é um dos modos de manifestar-se essa energia em um momento e um meio dado, mas não o único modo. Portanto, anarquia não é revolução, mas sim, como dissemos, evolução consciente.¹⁰⁹

Essas palavras foram, sem dúvida, dirigidas aos editores de *La Batalla* por, supostamente, considerarem que revolução e anarquia eram sinônimos. Para Robaina, a anarquia era um processo de evolução consciente, sendo a própria energia consciente dessa evolução. Por sua vez, a revolução seria apenas uma das maneiras que a anarquia tinha de manifestar-se em um momento específico. A mudança individual deveria ser não uma imposição externa, uma obrigação, mas uma evolução interna motivada pelo autoconvencimento.

Vários autores anarquistas debruçaram-se sobre o tema das relações entre evolução, revolução e anarquismo. Um dos mais importantes foi o conhecido geógrafo francês Élisée Reclus, autor de *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*. No livro, Reclus afirma que a evolução é um movimento infinito e constante, que independe da vontade dos homens: é uma lei natural, irreversível, irresistível e que atua sobre tudo aquilo que existe, das estrelas aos seres mais diminutos. As revoluções, além de não serem capazes de deter o movimento evolutivo, não diferiam desse mesmo movimento evolutivo pois eram parte dele.

A evolução é o movimento infinito de tudo aquilo que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante o infinito das eras. As vias lácteas que surgem nos espaços sem limites, que se condensam e se dissolvem durante os milhões e bilhões de séculos, as estrelas, os astros que nascem, que se agregam e morrem, nosso turbilhão solar com seu astro central, seus planetas e suas luas, e, nos limites estreitos de nosso pequeno globo terráqueo, as montanhas que surgem e desaparecem de novo, os oceanos que se formam para em seguida secar, os rios que se vê formar nos vales, depois secar como o orvalho da manhã, as gerações das plantas, dos animais e dos homens que se sucedem, e nossos milhões de vidas imperceptíveis, do homem ao mosquito, tudo isto nada mais é senão um fenômeno da grande evolução, arrastando todas as coisas em seu turbilhão sem fim. Em comparação com esse

¹⁰⁹ EL HOMBRE, nº 15, 3 de fevereiro de 1917.

fato primordial da evolução e da vida universal, o que são todos esses pequenos acontecimentos chamados revoluções, astronômicas, geológicas ou políticas? Vibrações quase imperceptíveis das aparências, poder-se-ia dizer. É por miríades e miríades que as revoluções se sucedem na evolução universal mas, por mínimas que sejam, fazem parte desse movimento infinito. Assim, a ciência não vê qualquer oposição entre essas duas palavras, — evolução e revolução, que se parecem tanto, mas que, no linguajar comum, são empregadas em um sentido completamente distinto de seu significado primeiro.¹¹⁰

Acreditamos que, pela semelhança de vocabulário e de argumentação utilizados pelos editores de *El Hombre*, essas concepções os tenham influenciado decisivamente, como poderemos observar mais adiante.

Outro importante autor a debruçar-se sobre as relações entre o ideal anarquista e os conceitos de evolução e revolução foi Kropotkin. Assim como Reclus, também era geógrafo, e “procurava diligentemente estabelecer ligações entre o anarquismo e a evolução”.¹¹¹ Observem-se estas passagens de *A ciência moderna e o anarquismo*, cujo texto original data de 1901:

E dado que o homem é parte da natureza, e uma vez que a vida de seu “espírito” — tanto pessoal quanto social — é um fenômeno da natureza tanto quanto o crescimento de uma flor ou a evolução da vida social entre as formigas e as abelhas, não há motivo para mudança súbita em nosso método de investigação quando passamos de flor ao homem, ou de um assentamento de castores a uma cidade humana. [...] O método indutivo-dedutivo provou seus méritos tão bem, naquilo que o século XIX o aplicou, que fez com que a ciência avançasse mais em cem anos do que tinha avançado nos duzentos anos precedentes. E quando, na segunda metade desse século, esse método começou a ser aplicado para a investigação da sociedade humana, não se atingiu nenhum ponto onde descobriu-se necessário abandoná-lo e adotar de volta a escolástica medieval [...].¹¹²

Kropotkin defende aqui que a utilização de um método científico que ajudou a comprovar a existência de uma força evolutiva na natureza, deveria ser empregado também para a análise do ser humano e das sociedades por ele criadas. O anarquismo seria adequado para essa análise, uma vez provido da necessária base científica.

¹¹⁰ RECLUS, Elysée [1897]. *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique*, Paris, P.V. Stock, 1914, pp. 1-3.

¹¹¹ WOODCOK, G. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. vol.1, p.25.

¹¹² KROPOTKIN, Piotr. *Modern science and Anarchism*. Londres: Freedom Press, 1912, pp. 27-28.

O anarquismo é a tentativa de se aplicar, ao estudo das instituições humanas, as generalizações obtidas por meio do método natural-científico indutivo, e uma tentativa de prever os passos futuros da humanidade no caminho à liberdade, igualdade e fraternidade, tendo em vista a realização da maior soma de felicidade para cada unidade da sociedade humana.¹¹³

Isso se justificaria pois a essência da natureza e do homem era, para Kropotkin, a mesma, já que o próprio homem era parte da natureza; argumento também utilizado pelos editores de *El Hombre*.

Fosse na forma de lenta evolução ou irrupção súbita, a insistência no tema da revolução nos permite afirmar que, por fazer parte do horizonte de expectativa dos anarquistas da época, ela era amplamente discutida entre os libertários uruguaios. No número seguinte de *El Hombre*, em mais um “texto de orientação” com o título de “Revolución y Anarquía”, voltou-se a debater as relações entre os dois conceitos. No texto, o paralelo que havia sido traçado, relacionando natureza e homem, agora era estendido para relacionar os homens e os povos. Revolução e evolução se complementavam, eram parte tanto da história natural quanto da história humana.¹¹⁴ A semelhança com a argumentação contida na obra de Reclus é cristalina. Em mais um trecho dos escritos do geógrafo, podemos verificar o uso de uma analogia entre o “movimento geral da vida” e o “movimento geral da história”:

A grande evolução intelectual, que emancipa os espíritos, tem por consequência lógica a emancipação, de fato, dos indivíduos em todas as suas relações com os outros indivíduos. Pode-se dizer assim que a evolução e a revolução são os dois atos sucessivos de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução, e esta precedendo uma evolução nova, mãe de revoluções futuras. [...] Tais são as revoluções, consequências necessárias das evoluções que lhes precederam. O movimento geral da vida em cada ser em particular e em cada série de seres não nos mostra nenhuma continuidade direta, mas sempre uma sucessão indireta, revolucionária, por assim dizer. [...] Para as grandes revoluções históricas, não é de outra forma. Quando as estruturas antigas, as formas demasiado limitadas do

¹¹³ KROPOTKIN, Piotr. *Modern science and Anarchism*, p. 43.

¹¹⁴ EL HOMBRE, nº 15, 3 de fevereiro de 1917.

organismo, tornaram-se insuficientes, a vida se desloca para realizar-se em uma formação nova. Uma revolução realizou-se.¹¹⁵

A evolução intelectual seria uma consequência lógica do movimento de emancipação individual, precedendo a revolução que engendraria outra evolução e assim sucessivamente. A evolução — e, portanto, a revolução — seriam inevitáveis por tratarem-se de leis naturais da espécie humana. Aliás, elas eram fenômenos complementares. Reclus demonstrava confiança na realização da ideia, na “evolução revolucionária”.

Virá o dia no qual a Evolução e a Revolução, sucedendo-se imediatamente, do desejo ao fato, da ideia à realização, se confundirão em um único e mesmo fenômeno. É assim que funciona a vida de um organismo saudável, de um homem, de um mundo.¹¹⁶

Revolução e evolução seriam, portanto, apenas faces diferentes de um mesmo processo. A (r)evolução, antes de ser algo determinado por fatores externos, seria um passo saudável em direção a uma fase superior da existência. A evolução sofrida pelo organismo humano, estender-se-ia ao organismo social, revolucionando-o.

É interessante determo-nos mais nesse ponto. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as ciências humanas encontravam-se em uma grave crise teórica e de identidade. Enquanto as ciências naturais alcançavam progressos significativos respaldados por seu modelo científico, questionava-se a validade do conhecimento produzido pelas ciências humanas mais tradicionais (como a história), devido ao fato de, entre outras coisas, não disporem de um método de análise social objetivo. O progresso alcançado pelas ciências naturais havia influenciado os pensadores de várias áreas no interior das ciências humanas a que utilizassem metodologias semelhantes ou a estabelecerem paralelos entre as ciências naturais e as humanidades.

Já vimos em Kropotkin a tentativa de aproximar anarquismo e evolução através da defesa da utilização do método científico das ciências naturais para a análise dos problemas humanos, e em Reclus a aproximação entre evolução humana e evolução

¹¹⁵ RECLUS, E. *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique*, pp. 14-19.

¹¹⁶ Idem, p. 292.

natural. Entre parte significativa dos pensadores anarquistas da época, foi popular ainda uma variação do darwinismo social — termo pelo qual ficou conhecido um conjunto de teorias sociais que se disseminaram em vários países europeus e nos Estados Unidos da América, a partir dos anos 1870, que buscava aplicar à sociologia e à política os princípios da seleção natural que o naturalista inglês Charles Darwin havia enunciado em *A Origem das Espécies* (1859) —, inspirada principalmente pelos escritos do filósofo, biólogo e sociólogo britânico Herbert Spencer (ainda que durante sua vida ele não tenha sido classificado como sendo um “darwinista social”).

Spencer desenvolveu uma concepção bastante abrangente da evolução — na qual as ideias de “luta pela sobrevivência” e “sobrevivência do mais apto” são cruciais — como sendo o desenvolvimento progressivo do mundo físico, dos organismos biológicos, das sociedades, da mente humana, da cultura. O desenvolvimento da sociedade comprovava, para ele, que a progressão evolutiva dava-se de uma homogeneidade simples e indiferenciada em direção a uma heterogeneidade complexa e diferenciada.¹¹⁷ Ressalte-se que muitos autores consideram que o pensamento de Spencer teria sofrido grande influência da noção cunhada por Jean-Baptiste de Lamarck, que defendia a possibilidade de um organismo transmitir a seus descendentes caracteres adquiridos durante a sua vida (ideia conhecida como teoria da herança de caracteres adquiridos) e da sociologia positivista de Auguste Comte.

As teorias deterministas não eram raras entre os anarquistas, pois muitos [...] aceitaram o determinismo científico dos evolucionistas do século XIX. Na verdade, a tendência anarquista para confiar na lei natural e o desejo de retornar a um modo de vida baseado em seus preceitos levam, por uma lógica paradoxal, a conclusões deterministas que obviamente entram em choque com a crença na liberdade de agir do indivíduo.¹¹⁸

Isso não significa, contudo, que as teorias deterministas naturalistas ou mesmo o darwinismo social de Spencer tenham sido unanimidades entre os anarquistas. O próprio Kropotkin, por exemplo, que também foi influenciado pelas ideias de Darwin, contestava o darwinismo social de Spencer, valendo-se basicamente de seus próprios

¹¹⁷ SPENCER, Herbert [1862]. *First Principles of Sociology*. Nova York: D. Appleton, 1888, p. 360.

¹¹⁸ WOODCOK, G. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. vol.1, pp. 75-77.

argumentos: a aplicação do método científico das ciências naturais nas humanidades e a analogia entre evolução natural e evolução social.

[...] [Q]uando [...] naturalistas de espírito vulgar, aparentemente baseando seus argumentos no "Darwinismo", começaram a ensinar, "Esmague todo aquele que for mais fraco que você; tal é a lei da natureza," foi fácil para nós provarmos pelo mesmo método científico que tal lei não existe: que a vida dos animais nos ensina algo inteiramente diferente, e que as conclusões dos filisteus eram absolutamente não-científicas. Elas eram tão não-científicas quanto, por exemplo, a asserção de que a desigualdade da riqueza é uma lei da natureza, ou que o capitalismo é a forma mais conveniente de vida social calculada para promover o progresso. Precisamente esse método científico-natural, aplicado aos fatos econômicos, nos permite provar que as assim chamadas "leis" da sociologia da classe média, incluindo também sua economia política, não são leis de forma alguma, mas simplesmente suposições, ou meras asserções que nunca foram verificadas. Além disso, toda investigação só dá frutos quando se tem um objetivo definido — quando ela é realizada com a finalidade de obter uma resposta a uma pergunta definida e claramente formulada. E é tão mais fecunda quanto mais claramente o observador vê a ligação que existe entre o seu problema e seu conceito geral do universo — o lugar que ocupa o primeiro no segundo. Quanto melhor ele compreenda a importância do problema no conceito geral, mais fácil será a resposta. A questão, pois, que o anarquismo coloca a si mesmo pode ser assim enunciada: "Quais formas de vida social que asseguram a uma determinada sociedade, e à humanidade em geral, a maior quantidade de felicidade, e, portanto, também de vitalidade?" "Quais as formas de vida social que permitem essa quantidade de felicidade crescer e se desenvolver, tanto quantitativa como qualitativamente, — isto é, tornar-se mais completa e mais variada?" (da qual, diga-se de passagem, uma definição de progresso é derivada). O anseio de promover a evolução nessa direção determina tanto a atividade científica, como a social e artística do Anarquista.¹¹⁹

O que sim se pode afirmar é que o anarquismo uruguaio, à semelhança do anarquismo mundial, se viu obrigado a discutir essas questões que circulavam entre sua militância. O periódico *El Hombre* foi especialmente sensível às discussões envolvendo as relações entre evolução e revolução, ainda que, em linhas gerais, ele possa ser considerado como mais próximo à corrente anarco-individualista, pela grande incidência de textos que tratavam das relações entre indivíduo e sociedade, bem como de reproduções de autores anarquistas afeitos a essa corrente.

¹¹⁹ KROPOTKIN, P. *Modern science and Anarchism*, p. 28.

Por outro lado, é muito provável que as divergências expressas nos periódicos e as acusações trocadas entre os dirigentes tenham sido transpostas para as assembleias da F.O.R.U., ou mesmo provocado discussões acaloradas em reuniões de sindicatos e associações de classe. Provavelmente um desses episódios tenha motivado os editores de *El Hombre* a escreverem no mesmo número 16, o duro texto “A ver, señores trogloditas!”. A severa resposta utiliza os mesmos conceitos e ideias que acabamos de ver em Spencer, Kropotkin e Reclus: revolução e evolução como fenômenos complementares, onde a revolução é consequência da resistência conservadora à evolução universal, bem como da própria evolução consciente da moral, do espírito e do intelecto dos seres humanos. O grupo de *La Batalla* — chamado de “troglodita” — ainda não teria evoluído, mas os editores de *El Hombre* — os “verdadeiros revolucionários” — confiavam que essa evolução fatalmente ocorreria, já que ninguém poderia escapar dela.¹²⁰

Não obstante a defesa dessas posições, pode-se constatar que a pluralidade de ideias no anarquismo uruguaio manifestava-se até mesmo no interior de cada periódico. Eram abertos espaços para textos e artigos de leitores que discordavam da linha editorial adotada, e muitas polêmicas estendiam-se por várias edições. Veja-se o exemplo contido ainda no nº 16 de *El Hombre*, de 10 de fevereiro de 1917. O texto “La Revolución”, que faz um repasso histórico, dos antigos egípcios ao proletariado mundial dos anos 1910, de importantes revoluções levadas a cabo pelos oprimidos de todo o mundo contra os tiranos, é assinado por um tal “Acracio”:

A história está salpicada de sangue de mártires que no holocausto da liberdade perderam suas preciosas vidas. Toda tentativa de libertação [...] custou rios de sangue, jamais os tiranos de todos os tempos deram a menor partícula de liberdade e bem-estar de boa vontade; a pouca liberdade de que gozamos, foi arrancada por meio da violência, pela força organizada dos proletários; e há de ser por meio da força, da violência, que os trabalhadores se libertarão da tirania capitalista estatal e religiosa que oprime atualmente aos povos. Com efeito, a “Internacional dos trabalhadores” abriu novos horizontes emancipadores; dirigiu a luta contra a expropriação capitalista, dando aos trabalhadores o produto integral de seu trabalho, e declarando a terra livre e os homens iguais. Essa ideia de libertação social foi ampliada e definida pelos anarquistas, afirmando a soberania do

¹²⁰ EL HOMBRE, nº 16, 10 de fevereiro de 1917.

indivíduo sobre todos os princípios políticos e religiosos, e negando toda ingerência capitalista nas relações dos homens, posto que a harmonia social das coletividades depende do livre desenvolvimento dos indivíduos que a integram. Para que se alcancem essas humanas aspirações, proclamou-se a necessidade de uma *revolução social* que transforme o atual estado de coisas, colocando os trabalhadores em posse de todas as riquezas naturais e as elaboradas por suas próprias mãos. Os partidários da revolução social como único meio de emancipação humana, preparemos nossas lutas com uma propaganda nutrida de sãos e lógicos argumentos, tirados da experiência do passado e dos estudos do presente. Prestigiamos a cultura em seus múltiplos aspectos, pois por meio dela, o homem conhece seus direitos de homem livre, e os meios para consegui-los. Ela é o farol luminoso que ilumina o viajante em direção às novas auroras pressentidas.¹²¹

Ainda que identificasse a cultura como guia para o agir correto e justo dos homens, “Acracio” advogava também a violência da *revolução social* para a emancipação humana e transformação das condições existentes, o que faz com que esse texto não se encontre em perfeita sintonia com o restante dos textos presentes vistos até aqui em *El Hombre*, chegando a contradizer alguns de seus pressupostos. Porém, como já afirmamos anteriormente, a convivência de várias vertentes em um mesmo grupo era característica do anarquismo daquele tempo. De qualquer maneira, atente-se ao vocabulário empregado: “experiências do passado” deveriam ser combinadas com os “estudos do presente” em direção “às novas auroras pressentidas”. A transformação social e individual realmente estava no horizonte de expectativa dos libertários uruguaios em 1917.

Prova disso é que *La Batalla* voltou a insistir no tema da revolução já no número seguinte, lançado na 2ª quinzena de fevereiro. O artigo “Por la Revolución” é assinado por “Teófilo Ductil”. Além dos costumeiros ataques feitos à “inutilidade do Parlamento e dos políticos” na resolução dos problemas sociais, e as denúncias sobre o papel da religião e do Estado na preservação das hierarquias sociais, há no texto uma ideia que gostaríamos de chamar a atenção. Os editores de *La Batalla* se autointitulavam apóstolos dos conceitos de uma nova redenção a infiltrar-se na consciência dos homens, e que anunciava a “alvorada próxima do apocalipse social”.¹²² O vocabulário utilizado e o estilo épico não deixam dúvidas da sensação de iminência da eclosão da revolução.

¹²¹ EL HOMBRE, nº 16, 10 de fevereiro de 1917.

¹²² LA BATALLA nº 32, 2ª quinzena de fevereiro de 1917.

Na mesma edição, um artigo de Arturo Pampín intitulado “Sobre la interpretación de la anarquía”, tece críticas às concepções sobre o anarquismo de *El Hombre*, acusando o periódico de incorrer no grave erro de querer fazer do anarquismo “um valor puramente ético”.¹²³ Para *La Batalla*, não apenas os valores éticos interferem na evolução mental dos indivíduos, também os fatores externos, os exemplos de luta transformadora. Buscar enriquecer o anarquismo apenas no campo das ideias era deixar intacto o estado de coisas então existente e temporizar com a desigualdade e a exploração promovida pelos opressores. Há ainda uma espécie de inversão do argumento de *El Hombre*: era a revolução que precedia e abria caminho para a evolução, e não o contrário.

A polêmica conceitual continuou no número seguinte de *El Hombre*. A réplica esteve calcada nas já analisadas concepções de Reclus, sobre a essência humana e do universo serem a mesma, e de neles operarem forças antagônicas de conservação e mudança,¹²⁴ e também nas ideias de Kropotkin, sobre as revoluções serem “saltos ou mutações inerentes ao processo evolutivo”.¹²⁵ Mas, decididamente, os ecos mais particularmente fortes aqui são advindos da obra *Ideia geral sobre a Revolução no século XIX* (1851), de Proudhon.

[...] [Assim] como o instinto de reação é inerente a toda instituição social, o desejo de revolução é igualmente irresistível [...]. [Esses] dois termos, reação e revolução, correlativos um ao outro e engendrando-se reciprocamente, são, não obstante o conflito entre eles, essenciais à Humanidade [...]. [...] A Revolução é uma força à qual nenhum poder consegue vencer, seja ele divino ou humano; sua tendência é crescer em função da própria resistência que encontra.¹²⁶

De acordo com Woodcock, essa ideia de revolução está em consonância com a concepção anarquista que “vê a sociedade como parte do mundo da natureza, governada por forças determinantes que representam o domínio do destino, dentro de cujas fronteiras o homem deve trabalhar e alcançar a sua liberdade”.¹²⁷

¹²³ LA BATALLA nº 32, 2ª quinzena de fevereiro de 1917.

¹²⁴ EL HOMBRE, nº 17, 17 de fevereiro de 1917.

¹²⁵ WOODCOCK, G. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. vol.1, p. 147.

¹²⁶ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Idée générale de la Révolution au dix-neuvième siècle*. Paris: Garnier frères, 1851, pp. 4-5.

Na mesma edição, o artigo “Dos tendencias” já deixa claro que os editores de *El Hombre* tinham consciência da existência de duas tendências distintas que disputavam a hegemonia sobre o anarquismo uruguaio e tratava de diferenciá-las, ao mesmo tempo em que buscava delinear melhor sua posição. Mais uma vez, o embasamento teórico das posições remetia às ideias de Proudhon, Reclus e Kropotkin. O anarquismo pleiteado por *El Hombre* não queria ser simples *resultado* de determinações externas, mas desejava fazer com que o meio externo fosse *resultante* das ideias internas. Nesse sentido, o anarquismo seria progresso, evolução constante do espírito e não algo que desapareceria uma vez que tivessem sido resolvidas as penúrias materiais.¹²⁸

Ao que parece, *La Batalla*, provavelmente por não querer superestimar a discussão teórica em detrimento das atividades práticas de militância no movimento operário e social, não viu naquele momento a necessidade de deter-se longamente sobre qual seria sua interpretação da revolução e da anarquia. O periódico dirigido por María Collazo não dedicou nem de longe tanto espaço à discussão teórica e ao esclarecimento dos conceitos que operava quanto seu rival. Com efeito, foi *El Hombre* que voltou a tocar no tema no nº 18, de 24 de fevereiro de 1917, no artigo “Revolucionarismo y culturalismo”:

Muitos camaradas supõem fundamentalmente que a revolução social, igualitária, niveladora, pode produzir-se em um momento dado. Vamos apresentar uma análise breve do ponto e veremos a quase certeza do finalismo negativo que essa crença informa. Primeiramente, devemos deixar de lado a possibilidade de uma revolução social universal e levar em conta a eficácia das revoluções parciais. Os que conhecem um pouco de psicologia sabem bem as diferenças de ordem mental existentes de indivíduo para indivíduo, que se acentuam cada vez mais, em relação com a progressiva cultura intelectual. Como diz Spencer, marchamos de uma homogeneidade inconsciente em direção a uma heterogeneidade consciente. Daí que quanto mais o homem cultiva seu cérebro, mais diferença assinala sua mentalidade da de seus semelhantes. E, se como é evidente, há diferenças fundamentais nos povos — diferenças que representam etapas de sua evolução — difícil é, para não dizer impossível, que aqueles que estão ainda agindo em planos inferiores possam compreender a necessidade de uma mudança fundamental, de uma transformação radical de seu meio social, como aqueles outros povos que escalaram planos superiores,

¹²⁷ WOODCOCK, G. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. vol.1, pp. 146-147.

¹²⁸ EL HOMBRE, nº 17, 17 de fevereiro de 1917.

atuando dentro de meios de relativo progresso. Não supomos que apenas a revolução dos espíritos seja a conveniente. O pensamento busca sempre objetivar-se na obra, realizando-se, assim, a fusão necessária do pensamento e da ação. Mas, como não seja por ação reflexa, não concebemos a obra sem a ideia que a origine, e por isso é que aceleramos a ação cultural e preconizamos a atividade seja em revoluções silenciosas que se efetuam no espírito em tempos de evolução seja nos estalos populares quando nos enfrentamos com a tirania. Na verdade, que revolucionarismo e culturalismo não podem nem devem conceber-se antagônicos, salvo quando esse revolucionarismo é filho da ignorância e responde a fins políticos, baseado na audácia e na conveniência de uns quantos ambiciosos de domínio.¹²⁹

São Spencer e Proudhon quem mais uma vez deram o tom das posições de *El Hombre*. A teoria spenceriana da diferenciação cada vez maior dos organismos, provocada pela contínua evolução, é estendida para os povos do mundo, e juntamente com as ressalvas de Proudhon com respeito a um “revolucionarismo” ignorante, constituíram-se nas bases para que se afirmasse a inconveniência de uma revolução mundial sem nuances, baseada apenas em “fins políticos” e não em “elevados ideais”.

Porém, no mesmo número, “Anarquía”, de “Acracio” era uma espécie de chamado à reconciliação em prol do “bem maior”, o ideal anarquista. Contudo, o autor fez questão de afirmar que a grandeza do ideal anarquista residia na liberdade de interpretação, ao mesmo tempo em que ressaltava a noção de que a anarquia não se resumia a problemas materiais, mas envolvia também questões morais.¹³⁰

Ao silêncio de *La Batalla* a essas palavras, seguiram-se dois artigos do primeiro número de *El Hombre* do mês de março daquele ano. O primeiro deles é “Faces”, de Fernando Robaina, no qual o autor sustentou que havia um renascer do movimento anarquista e afirmou ser um grande enigma o que ocorreria quando finalmente terminasse a Grande Guerra.

Nota-se uma espécie de ressurgimento de forças libertárias, um despertar que começa, depois desse rude golpe, que pôs à prova os homens e não as ideias. O momento tem uma transcendência maior que a que lhe é dada. Está-se discutindo sobre muitas coisas que estão em jogo [...]. Provavelmente se equivocam os que esperam que, no fim desse massacre, tudo se acerte dentro do mesmo anormal regime

¹²⁹ EL HOMBRE, nº 18, 24 de fevereiro de 1917.

¹³⁰ EL HOMBRE, nº 18, 24 de fevereiro de 1917.

social do presente. O final desta guerra é um enigma muito grande. A semente das ideias havia sido semeada, e essa semente não se pode perder. O adversário começou uma defesa desesperada, o clericalismo e o patriotismo lutam por conservar seu lugar, e o fazem com precipitação, como se algo muito importante os apressasse. Não é isso um bom sintoma?... No caos tremendo, na grande confusão, quando seja como um dilúvio, o desborde do sangue humano no Planeta, então, na terra mais fecunda se fará aberto o gérmen e mais promissora se apresentará a colheita. Se fazem, os anarquistas, o que devem, isso bastará.¹³¹

Ainda que Robaina não fosse partidário do revolucionarismo imediatista que nesse momento tanto criticava em *La Batalla*, ele parecia intuir que o momento vivido era ímpar, que a guerra mundial acabaria proximamente e que o mundo não seria ordenado sob o mesmo regime social de antes. Os anarquistas, que com tantos obstáculos haviam semeado a ideia, deveriam estar preparados para quando chegasse o momento de colher seus frutos.

No mesmo número, encontramos ainda o artigo “Vamos a ver”, um libelo contra os que afirmavam que *El Hombre* não era revolucionário. Nele, era concedido crédito aos que atuavam motivados por outras razões que não as de altruísmo desinteressado e superioridade espiritual, chegando-se a afirmar que, em alguns casos, as necessidades materiais poderiam ser melhor satisfeitas se cada um buscasse o que lhe fosse mais conveniente. Ainda que não o fosse por evolução moral, o importante seria agir em prol do ideal. Entretanto, utilizando mais uma vez os argumentos de que a motivação revolucionária resultante da evolução moral e biológica era superior àquela oriunda das determinações do meio, *El Hombre* reafirmava seu compromisso com a revolução e com o ideal anarquista. A revolução e o estabelecimento do anarquismo seriam inevitáveis, já que se tratava de um movimento que não poderia ser detido, uma “lei natural” da evolução humana e social. Mas esse anarquismo — fruto da evolução “sadia” e não de aleatórias contingências — deveria determinar a sociabilidade e não ser determinado por ela.¹³² Aqui transparecem outras importantes influências do anarquismo individualista para as posições dos editores de *El Hombre*: o francês Émile Armand e o norte-americano Josiah Warren.

¹³¹ EL HOMBRE, nº 19, 3 de março de 1917.

¹³² EL HOMBRE, nº 19, 3 de março de 1917.

Figura polêmica no movimento anarquista, Armand “[...] conjugará o pensamento neomalthusiano de Paul Robin, o movimento eugenista de fins do século XIX e a prática de um emergente naturismo nudista, com a filosofia de Stirner”.¹³³ Armand acreditava que não se deveria esperar até a chegada da revolução para que a pessoa empreendesse uma mudança radical em sua vida diária. Com efeito, ele via o individualismo como a

[...] superação da dimensão social, a partir da vontade individual, da dimensão vital de cada indivíduo que se autoafirma. Nesse aspecto, o “eu” aparecerá como um ponto de partida que permitirá criar qualquer coisa [...] [e] [...] desconstruir as doutrinas, desmontar os preconceitos, sucatear as ideias que entraram de maneira inconsciente nas mentalidades a partir do acatamento das ideias absolutas: Deus, o Estado, a moral, a religião...¹³⁴

Segundo Armand, o anarquista não poderia ser um mero reflexo do meio, mas deveria esforçar-se por manter e defender sua independência moral e intelectual das influências externas.

O anarquista deseja viver sua vida, o tanto quanto possível, moral, intelectual e economicamente independente do resto mundo, [...] sem a intenção de dominar ou explorar os outros, mas pronto a reagir por quaisquer meios àqueles que venham a intervir em sua vida ou a proibi-lo de expressar sua opinião através da pena ou da fala.¹³⁵

Ora, esse é justamente um dos pontos nos quais *El Hombre* vinha insistindo há tempos, isto é, a capacidade do indivíduo de proceder a uma transformação interna a despeito das determinações do meio externo.

Warren é o único dos autores anarquistas não citados diretamente nos artigos de *El Hombre*. Contudo, a influência de seu pensamento pode ser percebida na passagem onde se afirma que em algumas, as necessidades materiais poderiam ser melhor satisfeitas se cada um buscasse o que lhe fosse mais conveniente. Warren é conhecido por sua defesa do princípio da soberania individual, o qual sustenta que somente a

¹³³ DIEZ, Xavier. *L'anarquisme individualista a Espanya 1923-1938* (Tese de doutorado). Universitat de Girona. Departament de Geografia, Història i Història de l'Art, 2003, p. 57.

¹³⁴ Idem, pp. 59-61.

¹³⁵ ARMAND, Émile. *Petit Manuel Anarchiste Individualiste*. Paris: L'En dehors, 1911, p. 1.

própria pessoa possui direitos morais e naturais sobre o controle de seu corpo e de sua vida — ideia posteriormente retomada por John Stuart Mill e Herbert Spencer. O desenvolvimento de seu pensamento está intimamente relacionado ao fracasso da colônia Nova Harmonia, situada no Estado de Indiana, nos EUA. Idealizada nos moldes de uma espécie de socialismo cooperativista pelo empresário inglês Robert Owen, funcionou entre 1825 e 1829. Warren, que foi um dos primeiros participantes da comuna, associou o insucesso da colônia aos conflitos inerentes à “intrínseca lei natural da diversidade” e ao instinto de autopreservação. Em texto de 1856, publicado em seu jornal intitulado “Periodical letter on the principles and progress of the Equity movement”, afirmou:

Parecia que a diferença de opinião, gostos e fins aumentou na mesma proporção que as exigências à conformidade [...]. Parecia que era a intrínseca lei natural da diversidade que havia nos conquistado [...]. [...] [N]ossos "interesses unidos" estavam diretamente em guerra com as individualidades das pessoas e das circunstâncias, e com o instinto de autopreservação.¹³⁶

Mas o fracasso de Nova Harmonia em conciliar interesses coletivos e independência individual não fez com que Warren abandonasse a ideia de que certa cooperação entre os indivíduos fosse necessária para a vida em comum. A diferença era que deveria ser a “sociedade” a adaptar-se aos indivíduos e não o contrário. Em seu *Manifesto* (1841), ele escreveu:

[...] [A] formação de sociedades ou quaisquer outras combinações artificiais é o primeiro, maior e mais fatal erro [...] cometido por legisladores e reformadores. [...] [T]odas essas combinações exigem a renúncia da *soberania natural* do INDIVÍDUO sobre sua pessoa, tempo, propriedade e responsabilidades, para o governo [...]. [...] [E]ste tende a prostrar o indivíduo — para reduzi-lo a uma mera peça de uma máquina, envolvendo outros na responsabilidade por seus atos, e sendo responsabilizado pelos atos e sentimentos de seus associados, vive e age, sem o controle adequado sobre seus próprios assuntos, sem certeza quanto aos resultados de suas ações, e quase sem ousar usar o cérebro por conta própria [...]. [...] [O que defendo] está baseado sobre um princípio exatamente oposto ao da combinação;

¹³⁶ WARREN, Josiah [1856] *apud* BUTLER, Ann Caldwell. Josiah Warren and the Sovereignty of the Individual". *Journal of Libertarian Studies*, Vol. IV, No. 4 (Fall 1980), p. 438. Disponível em <http://mises.org/journals/jls/4_4/4_4_8.pdf>. Acesso em 15/09/2011.

este princípio pode ser chamado de Individualidade. Deixa cada um na posse imperturbada de sua natural e apropriada soberania sobre sua própria pessoa, tempo, propriedade e responsabilidades; e não se espera que ninguém adquira ou renuncie a qualquer "parte" de sua liberdade natural, juntando-se a uma sociedade qualquer, nem para se tornar de alguma forma responsável pelos atos ou sentimentos de ninguém a não ser de si mesmo, nem há qualquer acordo através do qual o conjunto possa exercer qualquer governo sobre a pessoa, a propriedade, tempo ou responsabilidade de um só indivíduo.¹³⁷

Para Warren, portanto, a vida em comum não poderia, de maneira alguma, subtrair os atributos “naturais” do indivíduo: a soberania irrevogável e intransferível de seu corpo, propriedade, tempo e responsabilidades.

Voltando à polêmica entre os diários *El Hombre* e *La Batalla*, destacamos o texto “Anarquía y Revolución”, no qual, em *La Batalla*, Julio Ranvel decidiu rebater as críticas de Robaina veiculadas em fevereiro, no nº 18 de *El Hombre*, que acusavam os autores de *La Batalla* de exclusivismo e revolucionarismo ocioso, que não considerava as questões psicológicas e baseava-se apenas nas contingências materiais. Apesar de ter sido publicado em março, portanto após a chamada Revolução de Fevereiro (ocorrida, de acordo com o calendário gregoriano, entre 8 e 12 de março), o texto a seguir foi escrito no mês anterior.

Não confundamos *revolta* com *revolução*. [...] Revolução é a mudança do meio econômico-social, de uma transformação verificada pelos homens em cujos corações aninham-se sentimentos formosos e elevados de Amor e Justiça — liberados de valas e véus, que impeçam seu desenvolvimento e a irradiação da luz do cérebro — e sustentada por esses homens, não com o entusiasmo do arrastado ou do neófito, mas sim com a firmeza e a certeza do convencido. Revolução é o período álgido, o momento mais demonstrativo da atividade evolutiva. Logo, a Revolução não é uma simples expansão, não é o produto de uma rebeldia instintiva, mas sim a consequência das reflexões acerca do meio mais eficaz e digno de realizar a transformação do meio econômico atual, em outro que possa garantir ao homem o que hoje lhe custa milhares de fadigas e sofrimentos e nem ainda o consegue para sua própria satisfação. [...] E para terminar, repito com um pensamento cujo nome não me recordo neste momento: “A revolução há de suceder necessariamente à evolução, como o ato sucede à vontade”, parágrafo esse que vem robustecer minhas afirmações de integralismo, face a todos os exclusivismos.¹³⁸

¹³⁷ WARREN, Josiah. [1841] *Manifesto*. New Jersey: Oriole Press, 1952, pp. 1-2.

¹³⁸ LA BATALLA, nº 33, 2ª quinzena de março de 1917.

Em resumo, revolta e revolução diferiam pelo fato de que apenas esta última era motivada por ideais elevados que conduziam à transformação e melhora das condições de vida existentes. Os problemas econômicos eram tão importantes para a anarquia quanto os problemas psíquicos, pois a realidade material não podia ser ignorada na gênese da ideia ou dos questionamentos que eram colocados. O final do texto reservava uma ironia aos responsáveis por *El Hombre*. Ranvel cita uma frase da qual diz não se lembrar do autor, para reforçar sua posição e negar qualquer “exclusivismo”. O autor da frase citada é justamente Elysée Reclus,¹³⁹ um dos grandes referenciais teóricos do grupo opositor.

Um fato que certamente chama a atenção, especialmente a essa altura dos acontecimentos, quando as discussões já estavam bastante acirradas devido à utilização de termos ácidos e frequentes acusações mútuas de incapacidade intelectual ou falta de vigor revolucionário, é que em praticamente todos os números até aqui, seguiam as conclamações à leitura e difusão do periódico rival, tanto em *La Batalla* como em *El Hombre*.

A análise dessas fontes demonstra que os debates sobre a revolução não eram marginais no anarquismo uruguaio nessa época específica. Ao contrário, constituíam o verdadeiro núcleo das discussões da *práxis* libertária por fazerem parte de seu horizonte de expectativa. O advento da Revolução de Fevereiro fez com que as polêmicas se intensificassem cada vez mais e mudassem de perspectiva, já que a realidade tinha passado a interferir agudamente nas discussões teóricas: a tão discutida *Revolução* parecia finalmente ter-se iniciado.

2.2 — A análise da Revolução Russa: da saudação ao fim do czarismo às discrepâncias quanto aos métodos e objetivos revolucionários

Durante todo o ano de 1917, a situação na Rússia ocuparia um espaço importante nos periódicos *La Batalla* e *El Hombre*. Se bem, como vimos, a incitação a alguma modalidade de revolução social em todos os países fosse uma constante entre os

¹³⁹ RECLUS, E. *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique*, p. 15.

anarquistas uruguaios, a primeira referência explícita à “revolução na Rússia” em um dos periódicos que acompanhamos foi em uma pequena nota na edição de número 14 de *El Hombre*, de 27 de janeiro de 1917.

Notícias de Norte América indicam como possível o estalo de uma revolução na Rússia. Todo ato que signifique castigo às bestas feras que governam aquele país merece o aplauso de todos os homens de elevados sentimentos. As centenas de milhares de companheiros, que extinguem suas vidas nas horríveis prisões da Sibéria, clamam sempre vingança contra o czarismo maldito.¹⁴⁰

Estranhamente, a divulgação dessas notícias não teve repercussão nas edições de *La Batalla* de janeiro e fevereiro. Foi ainda o periódico *El Hombre* que voltou a chamar a atenção para uma possível revolução, cerca de um mês após aquela nota. Desta vez, não uma simples nota, mas uma denúncia da repressão lançada pelas forças reacionárias do czarismo contra os que lutavam pelo fim da tirania:

Na Rússia volta a reinar o terror. Abrem-se novamente as prisões para receber os homens de coração e pensamento, que aspiram a um progresso, a uma mudança, ainda que ela seja equivocada no que diz respeito a seu finalismo político. [...] Não nos importa que sejam socialistas. São, antes de tudo, homens de progresso, perseguidos das forças políticas mais conservadoras do mundo, e em seu favor, devemos fazer ouvir nossa voz de protesto, nossa voz de libertários inimigos do crime. Que se levante a voz do proletariado uruaio contra o czarismo russo, que a *Federación Obrera del Uruguay* faça alguma manifestação de protesto, demonstrando assim, que somos, os libertários, homens na maior e mais pura acepção do vocábulo, e não como os dirigentes socialistas deste país, que estão ocupados sempre em problemas caseiros, em torno da panela política. [...] Que sejam os libertários, uma vez mais, os que defendam a liberdade e amaldiçoem o crime do governo russo. Essa é sua missão mais honrosa.¹⁴¹

Dois aspectos devem ser destacados aqui. O primeiro, a declaração de que os socialistas russos, que lutavam contra o czarismo mereciam apoio (ainda que seus fins fossem equivocados), pois eram homens de progresso batalhando contra as forças conservadoras, ao contrário de seus “acomodados” consortes uruguaios. O segundo, a exortação direta à F.O.R.U., para que declarasse sua solidariedade a eles, mostrando,

¹⁴⁰ EL HOMBRE, nº 14, 27 de janeiro de 1917.

¹⁴¹ EL HOMBRE, nº 17, 17 de fevereiro de 1917.

assim, o comprometimento dos libertários uruguaiois com a “causa da liberdade” em todo o mundo.

O silêncio de *La Batalla* sobre os eventos em curso na Rússia seria quebrado após a confirmação da Revolução de Fevereiro, a primeira das duas revoluções que ocorreram naquele ano no país, que passava por sérios problemas econômicos e sociais, agravados pelo impacto da 1ª Guerra Mundial. As ações concentraram-se na então capital russa, Petrogrado, e resultaram na abdicação do czar Nicolau II, com o fim da dinastia dos Romanov e do Império Russo. Sem liderança real ou planejamento formal, pessoas que protestavam contra a escassez de alimentos e trabalhadores das indústrias que estavam em greve somaram-se aos soldados descontentes da guarnição da cidade. Como mais e mais soldados desertavam, e como as tropas leais ao regime estavam distantes no *front*, a cidade mergulhou no caos, o que acabou levando à derrubada do monarca. O czar foi substituído por um “Governo Provisório”, uma aliança entre liberais, democratas e socialistas reformistas, sob o comando do príncipe Georgy Lvov. Foi estabelecido um regime republicano com algum viés democrático e uma Assembleia Constituinte.¹⁴²

O texto de Domingos Rodríguez, “La Revolución en Rusia”, era uma efusiva saudação ao movimento revolucionário naquele país, justamente em um momento no qual havia a impressão de que o pessimismo em relação às possibilidades de um levantamento revolucionário parecia espalhar-se pelo movimento operário mundial:

Quando uma corrente fatal de pessimismo se apoderava universalmente dos espíritos; quando todos os poetas lançavam ao ar suas canções de morte, pulsando a lira da dor para chorar a decadência irremediável da civilização, o caso dos sentimentos da humanidade e de vida na alma dos homens, quando todos os filósofos nos anunciavam o retrocesso dos povos às épocas pretéritas, e do fundo de seus abismos onde haviam sido sepultados surgiam arrogantes os sinistros defensores dos partidos reacionários, quando uma nuvem sombria ameaçava apagar a luz radiante do progresso e até os homens mais otimistas começavam a sentir um sopro de angústia em seus corações sedentos de justiça, eis que, subitamente, surge pujante, ameaçadora, a fúria vivificante da Revolução, lá onde a reação tinha seu quartel mais formidável, onde a tirania tinha cravados suas pontas de bronze, onde o monstro do despotismo parecia ter mil cabeças,

¹⁴² Ver FIGES, Orlando, *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*. London: Jonathan Cape, 1996, pp. 307-321.

cada uma das quais estava defendida por barreiras de aço. De lá, das longínquas regiões siberianas, onde a mão de ferro do déspota manchou-se mil vezes no sangue precioso de suas incontáveis vítimas da liberdade, dessa terra fecunda, que nos deu tantos heróis e tantos mártires, nos chegou o alento reparador, o supremo canto da vida ansiada, o eco doce das liberdades e dos povos. Detenham-se, ó poetas e filósofos da decadência! Freiem a marcha, sepultadores do ideal! Que a Rússia nos deu o passo decisivo? [...] Não nos apressemos: a fúria fez seu efeito, o incêndio começou. Quem poderá detê-lo? A aurora dos novos tempos se avizinha. A Revolução russa é um augúrio risonho, uma feliz promessa que anima nossa fé na esperança de um novo e mais esplendoroso renascimento da civilização e da humanidade. Essa soberba iluminação será maior, mais luminosa, abrirá sulcos mais profundos no coração dos homens, porque foi forjada na frágua imensa da dor e porque sobre o corrompido ambiente da moribunda sociedade capitalista que se afoga no pântano de seus próprios vícios, flutua como alento supremo de vida o sublime ideal do anarquismo mostrando aos povos o libérrimo caminho da felicidade.¹⁴³

Escrito em tom bastante eloquente, o texto glorificava a ação dos revolucionários russos em paisagem política tão inóspita. A derrubada do czar seria a fúria de um incêndio incontrolável que atearia o fogo revolucionário a todos os países do mundo. Incêndio purificador, pois levaria a uma nova era, onde a civilização e a humanidade renasceriam sobre os alicerces da solidariedade e da liberdade. Para *La Batalla*, o futuro se fazia presente.

De maneira muito mais contida, com um título que parecia querer delimitar com precisão o que havia acabado de acontecer, assim se expressou *El Hombre* no texto “Rusia en el camino republicano: la criminal autocracia há caído bajo el golpe certero de la revolución”:

Aquele homem [...], signatário das mais monstruosas sentenças, autor de crimes terríveis, acaba de ser deposto de seu trono. Uma revolução breve, sumária, ativa, determinou a queda do grande criminoso coroado. Com ele, caíram também os grandes bandidos reacionários. O povo russo tinha fome, e sobretudo, desejos de vingança de 1905. Saquearam-se sem consideração alguma as casas dos ricos, e se abriram todas as prisões, sem que se prestasse atenção em quem eram os prisioneiros. O povo queimou o quartel da polícia, aquele antro de feras, lugar odiado; queimou seus arquivos, atacou e destruiu os móveis da casa da polícia secreta, matando seu odiado chefe. Os

¹⁴³ LA BATALLA, nº 33, 2ª quinzena de março de 1917.

soldados, lembrando-se de que também eram filhos do povo, se somaram à revolução. Um arremedo da revolução francesa, ao fim. Não sucederá ao abjeto czar o mesmo que a Luís XVI? Lamentavelmente, o povo não soube aproveitar sua vitória. A Duma, ou seja, o parlamento, manda hoje, aproveitando os resultados da revolução. O czar foi vencido, mas ficam os brotes, os políticos, os militares, que também são criminosos. Quanto puderam ter feito em poucos dias os revolucionários russos!¹⁴⁴

Não obstante os elogios à deposição da dinastia dos Romanov, o movimento não havia passado de “um arremedo da Revolução Francesa”. *El Hombre* salientava, de maneira sutil, que a insurreição havia sido motivada por aflições imediatas (fome e desespero), o que teria impedido que o povo soubesse aproveitar a vitória e avançasse na construção de uma nova sociedade. Prova disso seria o fato de que alguns órgãos de poder, como o Parlamento, mantiveram-se intactos.

Após a queda de Nicolau II, houve um aumento significativo do espaço dedicado à situação na Rússia. Editoriais passaram a ser dedicados ao tema, telegramas de jornalistas e observadores estrangeiros começaram a ser traduzidos e publicados com destaque, discussões teóricas sobre o que se supunha estar acontecendo eram veiculadas com frequência, polêmicas sobre a orientação da Revolução tornaram-se constantes, debates sobre qual posição o campo libertário deveria adotar eram recorrentes. A Rússia passou a ser vista como um campo de real possibilidades para o advento da transformação social tão esperada.

O número 23 de *El Hombre*, de 31 de março do mesmo ano, apresentava uma reflexão escrita por José Torralvo sete dias antes, na localidade argentina de San Genaro, província de Santa Fé. O texto, mais uma vez, louvava os revolucionários russos pelo destronamento do czar e os felicitava por não terem-no matado — uma referência à Revolução Francesa e à execução de Luís XVI —, e sim apenas reduzido-o, e ao mesmo tempo elevado-o, à condição de *homem*, destituído de seus pretensos atributos sobre-humanos.¹⁴⁵ Desta vez, além das já conhecidas noções de revolução e evolução, tributárias do evolucionismo social do final do século XIX, parte do texto de *El Hombre* guarda alguma semelhança com as ideias de Max Stirner, um dos expoentes do anarquismo individualista. O filósofo havia criticado os revolucionários de 1789, que

¹⁴⁴ EL HOMBRE, nº 21, 17 de março de 1917.

¹⁴⁵ EL HOMBRE, nº 23, 31 de março de 1917.

teriam utilizado a Revolução como pretexto para “vingar-se” de seus opositores, “confundindo” vingança com direito.¹⁴⁶ Também quando Torralvo afirma no texto que a escravidão é um “triste resultado do espírito” e que “ser fraco é a única forma de ser servil, escravo e cadáver”, sentimos certa ressonância stirneriana. Esse autor criticava àqueles que consideravam que a liberdade seria uma concessão de outrem, sustentando que ela deveria partir primeiramente do indivíduo, dado que “[...] o Senhor é um produto do servo. Se a submissão cessasse, seria o fim da dominação”¹⁴⁷ — fórmula que seria retomada por Armand.¹⁴⁸ De qualquer forma, Torralvo acreditava que a verdadeira transformação ocorria na consciência, no cérebro. Uma simples mudança político-social apenas criaria novos arranjos de poder, novas escravidões e limitações da liberdade.

No número seguinte, o artigo de Armando Larrosa “La revolución en Rusia” não deixa de surpreender pelo certo grau de “elitismo” nas declarações feitas sobre a participação do povo na revolução que derrubou o czarismo. Para Larrosa, o povo russo não foi e nem poderia ter sido o protagonista da revolução. Serviu apenas como massa de manobra, como bucha de canhão, já que de almas constantemente submetidas a atrocidades não poderiam brotar ideais elevados.¹⁴⁹ Um pouco desse mesmo tom “elitista” é repetido no artigo “Superioridad de nuestro idealismo”, na edição de número 25, de 14 de abril de 1917. Admitia-se a influência “capitalíssima” da questão econômica sobre a massa social, mas não sobre os homens pensantes, donos de si mesmos. Esses deveriam trabalhar as ideias mais evoluídas, difundi-las no meio social, transformando as consciências das pessoas, o que, por sua vez, transformaria o meio.

Nosso problema é um problema do homem e pelo homem. E como o meio está constituído por homens, melhorar o homem é melhorar o meio, pelo que o meio são os homens e não algo novo, distinto em natureza e em caráter. Convém [...] mudar primeiramente as ideias, isto é, a psicologia do homem, antes que sonhar em uma transformação fundamental do espírito do homem pelo virtualismo da revolução econômica como creem sindicalistas e muitos que se chamam de anarquistas.¹⁵⁰

¹⁴⁶ STIRNER, Max [1845]. *El Único y su propiedad*. Buenos Aires: Anarres, 2003, p. 207.

¹⁴⁷ STIRNER, Max. *El Único y su propiedad*, p. 198.

¹⁴⁸ “Só existem senhores porque há escravos, só existem deuses porque há fiéis.” ARMAND, E. *Petit Manuel Anarchiste Individualiste*, p.3

¹⁴⁹ EL HOMBRE, nº 24, 7 de abril de 1917.

¹⁵⁰ EL HOMBRE, nº 25, 14 de abril de 1917.

A grande preocupação de *El Hombre* dizia respeito à consciência, ao pensamento. Era necessário eliminar da mente as ideias equivocadas que impediam a evolução do ser humano. A evolução mental não apenas era superior à mera revolução política, mas o melhoramento do homem era *conditio sine qua non* para mudanças no meio. O trabalho do anarquista deveria ser primordialmente o de crítica, libertando as mentalidades de concepções equivocadas, bem como das determinações dos meios social, moral, intelectual e econômico, afirmando sua individualidade livre. Melhorar a si mesmo seria uma maneira de engendrar a mudança nos que estivessem em seu entorno.

Enquanto isso, as edições de *La Batalla* de abril apresentavam diversas conclamações à organização da luta do movimento operário. Os editores desse periódico acreditavam que o “próximo” fim da guerra trazia consigo a esperança de uma revolução. Nesse sentido, sem abandonar os artigos teóricos, a propaganda anarquista deveria centrar-se na agitação revolucionária.¹⁵¹ O momento vivido era decisivo para a espécie humana e, portanto, mais do que nunca, deveriam os anarquistas aproveitá-lo para preparar a reação dos povos em todo o planeta contra a guerra. A única maneira de evitar que a prédica libertária se perdesse e que surgissem outros despotismos, seria através da revolução, considerada “a única salvação”.¹⁵² O momento não era de discussões vazias e intermináveis em “comitês desertos”, mas sim de ida aos núcleos operários e aos cortiços, de participar de manifestações antibélicas e antipatrióticas. Se preciso, sair às ruas e montar barricadas para deter a guerra. Em suma: agitar o povo e ser protagonista da própria libertação.¹⁵³

La Batalla insistia na tese de que a conjuntura era propícia para a transformação social, pois o suicídio que a Europa “bárbara” estaria cometendo representava o prenúncio de uma nova era “baseada no trabalho e na justiça”. Carlos Álvarez Pintos, em “Actitud del momento”, atacava os que se pensavam evoluídos moralmente e se perdiam em discussões estéreis, pueris e derrotistas. Ele ainda destacava que naquele momento crítico, de “alvorada de sangue”, precisava-se de anarquistas de postura

¹⁵¹ LA BATALLA, nº 34, 1ª quinzena de abril de 1917.

¹⁵² LA BATALLA, nº 34, 1ª quinzena de abril de 1917.

¹⁵³ LA BATALLA, nº 34, 1ª quinzena de abril de 1917.

revolucionária, capazes de incitar a população à insurreição. Necessitavam-se indivíduos “[...] prontos a lançar-se às ruas a um grito dado para precipitar o populacho à conquista de seus direitos, à revolução salvadora, iluminada pelas projeções da anarquia.”¹⁵⁴

Entretanto, o número 26 de *El Hombre* (21 de abril de 1917) ignorou essas discussões e limitou-se a apresentar vários textos sobre a importância do ideal anarquista, em compasso com as já discutidas ideias de evolucionismo social. A resposta viria apenas no nº 27, uma semana depois. O autor utilizou o pseudônimo de *Américo Platino* para, de maneira virulenta, escrever um longo texto dizendo que muitos militantes uruguaiois no campo libertário estavam a defender teorias, táticas e concepções de ação que nada tinham a ver com o ideal anarquista. Portanto, esses militantes faziam mal em se chamarem de anarquistas. Como podiam defender que o povo fosse transformado em massa de manobra de “chefes” pretensamente revolucionários? Como podiam, diziam, chamar-se anarquistas os que, em definitivo, estavam cheios de ódio e valiam-se de insultos para desqualificar seus adversários, predicando um revolucionarismo “etéreo e destemperado” que atentava contra a liberdade individual e fazia do anarquismo uma simples questão de necessidades materiais, sem nenhuma relação com o uso da razão?¹⁵⁵

A chegada a Montevideu dos frios ventos outonais de maio não diminuiu a intensidade da contenda. O mês, diga-se de passagem, sempre ocupa um lugar especial na imprensa operária devido às celebrações do 1º de maio, Dia do Trabalhador. Ambas as publicações analisadas apresentaram artigos sobre a data, lembrando mártires ou divulgando atividades de luta, protesto e resistência que ocorriam em vários países, tanto da Europa quanto das Américas. No Uruguai, maio de 1917 também foi palco de uma violenta e fracassada greve geral convocada pela F.O.R.U.

A greve foi desencadeada a partir de uma paralisação ocorrida no Frigorífico Montevideo, com o objetivo de pressionar a direção do estabelecimento por melhores condições laborais. Os socialistas deram seu “apoio crítico” ao sindicato, pois era preciso “manter unida a classe trabalhadora”. A F.O.R.U. decidiu apoiar a mobilização declarando uma greve geral, não apoiada pelos socialistas. A greve geral foi declarada

¹⁵⁴ LA BATALLA, nº 35, 2ª quinzena de abril de 1917.

¹⁵⁵ EL HOMBRE, nº 27, 28 de abril de 1917.

sem consultar os sindicatos que compunham a federação, e, de fato, muitos deles não responderam à convocação. A indiferença dos sindicatos e a repressão policial promovida pelo governo de Viera fizeram com que a greve fosse um total fracasso. Porém, desta vez, o insucesso da greve não abalou significativamente a organização, que passava por um período de radicalização.¹⁵⁶

Enquanto isso, em seu primeiro número do mês, *El Hombre* continuava a expor sua plataforma, cada vez mais explicitamente individualista. Desta vez, opunha-se diretamente aos “coletivistas”, acusados de diluir a personalidade e a moral individuais na sociedade e no Estado. Os homens livres se associariam em atividades cooperativas, mas apenas de forma volitiva, nunca imposta por nenhuma força exterior à sua própria consciência.¹⁵⁷ Pode parecer estranho que no mesmo número tenha aparecido um texto cujo título era “El proletariado alemán despierta”. Contudo, pretendia-se mostrar que as influências do meio externo não determinavam totalmente a vontade dos seres humanos. O proletariado alemão, a despeito de estar em meio às influências de um ambiente de forte militarismo e propaganda nacionalista desde o começo da guerra, agora mostrava-se hostil ao governo, uma vez que as promessas do Kaiser de vitória rápida não se cumpriam e a população enfrentava sérias dificuldades, deflagrando greves em protesto. O exército do Império Alemão encontra-se virtualmente derrotado e desprestigiado, assim como havia acontecido na Rússia. As condições para que ocorresse uma revolução como a que teve lugar naquele país pareciam estar se repetindo na Alemanha, sem a necessidade de que alguém “inventasse um processo revolucionário”. Na última frase do texto, uma sugestiva indagação: acaso seria a guerra, “[...] por seus resultados imprevistos, [...] o prelúdio de uma nova era?”¹⁵⁸

Para muitos libertários da época, inclusive para os editores de *La Batalla*, definitivamente sim. Aliás, o periódico teve apenas um número publicado em maio de 1917, onde afirmava-se no texto “Optimismo”, que o ar parecia estar carregado de “faíscas revolucionárias”.¹⁵⁹ Mas, ainda que o momento fosse propício, os editores de *El Hombre* faziam questão de sublinhar que a atitude anarquista não poderia ser a de um

¹⁵⁶ Ver LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: La izquierda durante el batllismo (1911-1918): Segunda parte*, pp. 73-75.

¹⁵⁷ EL HOMBRE, nº 28, 5 de maio de 1917.

¹⁵⁸ EL HOMBRE, nº 28, 5 de maio de 1917.

¹⁵⁹ LA BATALLA, nº 36, 1ª quinzena de maio de 1917.

revolucionarismo cego ou violento. Os libertários deveriam capacitar-se, estudar, melhorar seu intelecto. Deveriam ser revolucionários conscientes, centrando sua propaganda na razão, na cultura, no conhecimento e na ciência, para que o mundo realmente pudesse progredir quando terminasse a guerra.¹⁶⁰ Só assim seria inaugurada uma nova era, onde não haveria mais exploração econômica e nem escravidão material e moral: a sociedade anarquista. Apesar de todas as tentativas da burguesia de impedir o desmoronamento das instituições capitalistas, a ideia da emancipação — verdadeiramente revolucionária se conjugasse instrução e rebelião — abria caminho entre os corações e as mentes dos homens.¹⁶¹

Entre junho e julho daquele ano, a situação econômica dos trabalhadores uruguaios deteriorou-se em função da guerra, com um aumento significativo do custo dos artigos de primeira necessidade. Vários são os textos que retratavam esse quadro de penúria ou pregavam o boicote contra comerciantes que praticavam aumentos abusivos de preços. Ao mesmo tempo, considerações sobre a situação na Rússia começaram a aparecer com mais frequência tanto em *El Hombre* quanto em *La Batalla*, muitas vezes traçando-se paralelos entre a realidade uruguaia e a russa.

A inicial postura reservada dos anarco-individualistas de *El Hombre* com relação ao estado de coisas na Rússia ia se transformando em séria apreensão. Comentando a informação veiculada por um diário ocidental de um suposto telegrama russo, no qual se afirmava que o Conselho de Operários e Soldados de Petrogrado¹⁶² tinha passado a exigir dos emigrantes russos que voltavam dos E.U.A. a apresentação de um passaporte com visto de alguma representação socialista norte-americana, e que o seu não-cumprimento seria punido com o envio à frente de batalha, *El Hombre* afirmou que se estaria gestando

[...] um novo czarismo, quase tão odioso quanto o dos imperadores.
[...] O Conselho de Operários e Soldados, integrado totalmente por socialistas, está mostrando suas verdadeiras intenções e se a esse passo vão as coisas, o povo russo e principalmente os anarquistas terão deixado de sofrer a tirania de um czar para padecer a de

¹⁶⁰ EL HOMBRE, nº 29, 12 de maio de 1917.

¹⁶¹ EL HOMBRE, nº 30, 19 de maio de 1917.

¹⁶² O Conselho (*Soviet*) de Operários e Soldados de Petrogrado, formado em março de 1917, foi constituindo-se em uma fonte de poder alternativo ao Governo Provisório, estabelecido no mesmo período. Cf. KOWALSKI, Ronald. *The Russian Revolution 1917-1921*. Nova Iorque: Routledge, 2005, pp. 32-45.

quinhentos. [...] [E]ssa autocracia socialista onde uma multidão inculta e fanática é rei, nos afirma uma vez mais em nossas ideias negadoras de todo governo, venha do povo ou dos monarcas.¹⁶³

Qualquer governo, nessa acepção, fosse socialista, democrata ou “popular” era, por definição, nocivo ao indivíduo e ameaçador aos que defendiam sua liberdade, sendo apenas outra forma de tirania. Nessa mesma edição, um texto escrito em tom profético alertava para o “perigo” que o aumento da influência socialista na Rússia poderia representar para os anarquistas daquele país.

A súbita importância que tomou o socialismo na Rússia não é uma maravilha nem nos assombra, já que é o virtualismo das circunstâncias. Os anarquistas quiçá dentro de pouco sejam mais perseguidos pelos socialistas que constituam governo que outrora pelos nobres e pelos burgueses, e isso, como se vê, não nos tomará de surpresa em nenhum momento.¹⁶⁴

No último número do mês de junho, José Torralvo publicou um longo texto, “El obrerismo”, no qual criticou mais uma vez as “concepções acabadas” de socialismo e comunismo, nas quais imperava uma sobrevalorização da questão econômica e que impediam que os trabalhadores pensassem por si mesmos — um “caminho errado” para a transformação. Torralvo também dizia que um anarquismo que “arrastava” adeptos sem se importar com sua formação, sem “ilustrá-los”, estaria, na verdade, atrasando a mudança no mundo, pois uma simples revolução política e social não acabava com as escravidões internas. A futura sociedade anarquista deveria ser pensada, discutida. Torralvo acreditava que o proletariado deveria preparar-se e capacitar-se tecnicamente para assumir o lugar que lhe caberia na nova organização social. Limitar sua atividade, como de costume, às simples reivindicações por melhores salários e redução da jornada laboral era ater-se ao presente capitalista de exploração econômica e aviltamento moral.¹⁶⁵ Além de uma crítica à concepção “puramente” economicista do movimento operário, o texto pretendia ser mais um ataque direto ao “revolucionarismo cego” de *La Batalla*.

¹⁶³ EL HOMBRE, nº 34, 16 de junho de 1917.

¹⁶⁴ EL HOMBRE, nº 34, 16 de junho de 1917.

¹⁶⁵ EL HOMBRE, nº 36, 30 de junho de 1917.

Este último periódico, que acumulava um grande déficit financeiro e havia publicado um único número em maio de 1917, repetiria essa periodicidade em junho e julho. Nessas edições, houve muitos artigos polemizando com *El Hombre*, bem como grande espaço dedicado à análise detalhada do processo em curso na Rússia. No nº 37, de julho, denunciou a guerra como armação imperialista e, elogiando Lenin, fez uma defesa apaixonada da Revolução, que teria sido feita “pelo proletariado organizado pelos 'anarquistas e anarcocomunistas’”.¹⁶⁶ Para *La Batalla*, vastas regiões da Rússia tinham passado a viver de forma independente e já não existia governo de nenhuma espécie: estavam sendo aplicadas reformas de natureza essencialmente anarcocomunista, e esse era um exemplo de emancipação que deveria ser imediatamente seguido pelos povos de todo o mundo. A indiferença dos libertários sobre a situação na Rússia poderia significar a eliminação da possibilidade histórica do próprio nascimento da sociedade anarquista. E, para *La Batalla*, no campo libertário uruguaio, apenas os “pessimistas” (uma referência implícita aos editores de *El Hombre*) não conseguiam ou não queriam ainda vislumbrar o potencial que representava o avanço das “ideias redentoras” na Rússia.¹⁶⁷

Por fim, Manuel Marrero comentava o artigo “El Obreroismo”, assinado por José Torralvo e publicado no nº 36 de *El Hombre*. Torralvo havia criticado a limitação das reivindicações do movimento operário à melhoria salarial e à redução da jornada de trabalho, argumentando que mesmo o anarquismo, ao tomar parte nessas “questões menores”, acabava — ainda que não fosse essa a sua intenção — atuando em sentido contrarrevolucionário. Ele ainda havia acrescentado que o proletariado deveria instruir-se para ocupar um posto de direção na produção da sociedade futura, e não ficar a reboque de concepções acabadas de socialismo, comunismo etc. Marrero se opôs frontalmente a Torralvo. Para ele, os anarquistas possuíam consciência do alcance limitado das reivindicações econômicas, mas deveriam participar das lutas do movimento operário, onde aproveitavam para difundir a ideia revolucionária. Para Marrero, era justamente a falta de perspectivas revolucionárias libertárias que fazia com que o movimento operário se limitasse à luta econômica. Propagar essas ideias era

¹⁶⁶ LA BATALLA, nº 37, 1ª quinzena de junho de 1917.

¹⁶⁷ LA BATALLA, nº 37, 1ª quinzena de junho de 1917.

melhorar o meio, e melhorando-se o meio, a psique dos indivíduos seria necessariamente melhorada.¹⁶⁸

Se a atitude reservada de *El Hombre* com respeito à situação na Rússia ia se transformando em apreensão, a postura simpática de *La Batalla* ia derivando à franca exaltação. Este último periódico alertava para os riscos de se deixar levar pelos reacionários de todo o mundo que não cessavam de veicular notícias falsas sobre o país, e explicava, em tom elogioso, o que eram os Comitês de Operários e Soldados. Os *soviets* eram apontados como um poder popular plural, alternativo ao governo *de facto*. Mais do que isso, eram um elemento importantíssimo na luta contra a reação que já pairava sobre a Rússia, especialmente sobre Petrogrado e a fortaleza naval de Kronstadt. Demonstrando enorme confiança em um desfecho favorável à “causa anarquista” na Rússia, afirmava que as lutas sociais no país já estariam começando a inflamar os trabalhadores de todos os países. Era imperioso preparar-se para a ação.

O espetáculo magnífico da Rússia indisciplinada e rebelde à autoridade despótica de seus novos chefes é algo que alenta nosso espírito e nos faz depositar novas esperanças no porvir desse povo tão castigado pela brutal tirania dos czares. Os acontecimentos sucedidos ultimamente demonstram de maneira acabada que os elementos anarquistas estão dando à nova Rússia, com a virilidade de suas inquebrantáveis energias, o mais soberbo empurrão revolucionário, canalizando as multidões pela trilha da verdadeira liberdade, apoderando-se das terras e desconhecendo a força imperativa dos que, aproveitando as circunstâncias, pretendem erigir-se em novos tiranos, afogando em sua essência o espírito positivo da revolução. O vendaval se aproxima e de um a outro lado do globo vibra o eco da rebelião libertadora que, iniciada na Rússia, remove os cimentos dos velhos Estados europeus e há de terminar com o estalo insurrecional de todas as nações. [...] Trabalhadores e anarquistas do mundo: alerta, que o momento é crítico e decisivo. Os momentos são de luta e de ação. A preparar-se, pois!¹⁶⁹

Se a conjuntura era decisiva, de luta e ação, por que não propagandear a revolução? Por que manter uma postura “conservadora”, “covarde”, quando já se pressentia em todo o mundo “a aurora da liberdade”? Contrariamente à opinião dos anarco-individualistas, para *La Batalla*, era fundamental que a propaganda do momento

¹⁶⁸ LA BATALLA, nº 37, 1ª quinzena de junho de 1917.

¹⁶⁹ LA BATALLA, nº 39, 2ª quinzena de julho de 1917.

estivesse centrada na divulgação da revolução social e no radiante futuro que ela traria. Isso precipitaria a evolução e a transformação do presente.¹⁷⁰

El Hombre, que em seu nº 40 dava seu aval aos arranjos iniciados para a criação de uma organização libertária de abrangência continental, publicou um texto de José Tato Lorenzo no qual se dizia que falar de revolução sem antes serem criados fatores revolucionários, isto é, sem antes fazer com que os homens sentissem real desejo de mudança, progresso e evolução, era uma tolice. Ao mesmo tempo, afirmava que existiam várias interpretações possíveis do ideal, mas fazia questão de ressaltar que aquela advinda do raciocínio, do altruísmo e da inteligência era superior à baseada na violência e motivada pela paixão e pela necessidade.¹⁷¹

Para os responsáveis por *El Hombre*, ser anarquista em 1917 não significava ser um assassino calculista ou um “raivoso vingador dos oprimidos”. O ideal anarquista havia evoluído e seus adeptos eram pessoas de bem que buscavam o progresso, a justiça social e a beleza.¹⁷² Seus editores queriam dissociar-se da imagem de terrorismo que havia sido colada ao anarquismo em fins do século XIX, quando foi popular, em setores desse movimento, a teoria da “propaganda pelo feito” (também conhecida como “propaganda pelo ato” ou ainda “propaganda pela ação”). Naquele período, esse tipo de propaganda estava invariavelmente ligada à violência e consistia na realização de uma ação que tivesse grande repercussão — geralmente atentados contra governantes ou órgãos do Estado —, com o fim de que inspirasse outras ações semelhantes. Seus adeptos acreditavam que seus atos acarretariam uma reação em cadeia contra as instituições e figuras representantes ou defensoras do *status quo*, engendrando um momento revolucionário. Entretanto, de acordo com James Joll, de uma maneira geral,

[...] a experiência de duas décadas de “propaganda pelo feito” forçou todos os anarquistas na Europa e nas Américas a repensarem sobre seus métodos e objetivos. [...] Além disso, a propaganda pelo feito poderia facilmente tornar-se propaganda contra e não a favor das ideias anarquistas. [...] Foi durante os anos em que a “propaganda pelo feito” estava tornando o anarquismo notório como um credo de ação revolucionária que os pensadores do movimento estavam tentando, não totalmente com sucesso, transformá-lo em uma filosofia

¹⁷⁰ LA BATALLA, nº 39, 2ª quinzena de julho de 1917.

¹⁷¹ EL HOMBRE, nº 40, 28 de julho de 1917.

¹⁷² EL HOMBRE, nº 40, 28 de julho de 1917.

política respeitável. O problema era que aqueles que estavam animados pela violência sensacional dos assassinos e terroristas provavelmente encontraram [...] [nesse ponto de vista algo] pacato, enquanto aqueles que foram atraídos pelo otimismo de mente elevada da teoria anarquista foram as pessoas que possuíam maior tendência a chocar-se e a indignar-se com a crueldade indiscriminada envolvida na propaganda pela ação, ou, na verdade, em qualquer outra forma de ação revolucionária violenta [...].¹⁷³

Enquanto isso, na Rússia, crises políticas e conflitos sociais vinham ocorrendo, e o Governo Provisório mostrava-se incapaz de atender as demandas populares por “pão, paz e terra”. Em julho, o fracasso de uma ofensiva militar ordenada pelas autoridades russas foi o estopim para que eclodisse uma grande revolta popular, que ficou conhecida como “Dias de Julho”. Entre 16 e 20 desse mês (calendário gregoriano), anarquistas, soldados, marinheiros e operários em Petrogrado se revoltaram contra o Governo Provisório. Os bolcheviques tentaram exercer um papel de liderança na revolta, que fracassou. Alexander Kerensky, então ministro da guerra, ordenou a prisão de seus dirigentes. Lenin, que em abril havia retornado à Rússia clandestinamente com a ajuda do Exército Alemão, conseguiu fugir, mas vários outros dirigentes foram presos.¹⁷⁴ Em fins de julho, *El Hombre* relatou a grande repressão que havia se abatido sobre os revolucionários russos após esses eventos.

Contra os socialistas avançados e os anarquistas começou a repressão mais violenta. A pena de morte foi restabelecida para os que não querem sacrificar sua vida nas trincheiras. A reação avança novamente. Já não é o czarismo, e sim a democracia. As suposições otimistas de revolução social não de desvanecer-se infelizmente uma vez mais. E é uma lástima!... Os corações haviam palpitado aceleradamente, acreditando na aurora social que começava pelo lado da Rússia. No fim, sucederá o que é fatal que suceda: a república. A república será a mudança política do país que foi dos czares até ontem, mas não a revolução que muitos acreditaram determinante do comunismo anárquico. É preciso esperar ainda!¹⁷⁵

Como não haviam sido criados ânimos revolucionários “adequadamente evoluídos”, não era ainda hora da revolução que instauraria na Rússia o comunismo

¹⁷³ JOLL, James. *The anarchists*, pp. 75-77.

¹⁷⁴ Ver REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 47-51.

¹⁷⁵ EL HOMBRE, nº 40, 28 de julho de 1917.

anárquico. A reação, apoiada pelos militares conservadores, cobraria a vida de muitos “elementos de progresso” e “mártires da liberdade”, confirmando o que todos os “verdadeiros anarquistas” já sabiam de antemão: todo governo é tirânico e atenta contra a emancipação humana. O desfecho que *El Hombre* anunciava para a Rússia demonstrava, mais uma vez, que não bastava pregar ao vento uma “revolução social milagrosa”, e sim que era fundamental fazer com que os ideais de emancipação estivessem difundidos entre a população para que houvesse conhecimento sobre o que determinava e o que era determinante na existência individual e social. O homem deveria determinar o meio, e o faria mediante uma consciência superior, evoluída. Quem pensava que a revolução iria por si só resolver todos os problemas da existência, considerava o homem como algo totalmente determinado, sem liberdade nem autoconsciência. Os que assim agiam não realizavam obra libertadora.¹⁷⁶

La Batalla retrucou veementemente essas ideias em sua edição da 1ª quinzena de agosto de 1917. De acordo com Fernando Robaina, a história mostrava que as revoluções eram produtos das ações de minorias que haviam sabido capitanear o descontentamento popular. Portanto, a questão não se resumia a instruir toda a população antes de se promover a revolução. Se teoria e prática não estivessem combinadas, a prédica anarquista não passaria de diletantismo que nada produziria. E a revolução deveria ser proclamada, pois, uma vez adentrado o mundo no quarto ano da “matança feroz”, já se podiam sentir os raios da “aurora da redenção” na Rússia, na Europa, nas Américas. Que cessassem os diletantismos ociosos, então, pois o momento era de solidariedade internacionalista.

Pisando estamos no quarto ano da matança feroz. [...] E do caos atual que nos circunda, da noite moral em cujas sombras trágicas se agita despavorida a humanidade, ela espera ansiosa a aurora de sua redenção. E não está distante... Do longínquo e misterioso Setentrião baixam ululantes as vozes libertárias que enchem com seus ecos sonoros os âmbitos do planeta. Rumoreja já a rebelião sobre as estepes de Moscóvia, presságio da tempestade revolucionária que se acerca para abater os despotismos que algemam os povos ao capricho de seus amos. Uma nova era, uma nova vida se divisa ao pisar o quarto ano da guerra. Uma esperança bate as asas no ambiente carregado ainda por miasmas mefíticos dos campos de batalha. Por cima, mais acima do

¹⁷⁶ EL HOMBRE, nº 43, 18 de agosto de 1917.

eco tonante dos canhões, da fumaça da pólvora e dos gases asfíxiante, alçaram o lábaro vermelho da anarquia os revolucionários russos. Em Norte América, Espanha e no Brasil também se pleiteia à bala o direito à vida livre. Contra a guerra lá, contra o serviço militar aqui e contra a tirania em todos os lugares se manifesta o espírito novo dos povos, que como resultado de experiências dolorosas, os empurrões em direção à conquista de todos os seus direitos. Dirijamos, então, nossos esforços a consolidar essa obra que se inicia, façamos para que não se esterilizem essas grandes aspirações dos povos, colocando em prática a solidariedade internacional.¹⁷⁷

As opiniões sobre os resultados que tiveram os “Dias de Julho” para o processo em curso na Rússia também foram radicalmente distintas daquelas de *El Hombre*. Para *La Batalla*, a influência do elemento revolucionário não havia desaparecido, uma vez que o Governo Provisório encontrava-se debilitado e o *Soviet* de Petrogrado, contrário à guerra, tinha o apoio da maioria do Exército. Portanto, ao contrário do que a imprensa burguesa mundial alardeava, a disciplina de ferro de Kerensky havia sido um rotundo fracasso, o que era visto como mais um elemento a favor para que o processo revolucionário russo se expandisse pelo mundo e ajudasse a acabar com a guerra e com a ordem existente.¹⁷⁸

Setembro foi um mês muito importante para o desenrolar dos acontecimentos na Rússia devido ao chamado “Caso Kornilov”. Após as jornadas de julho, o General Lavr Kornilov — que era visto como uma espécie de “salvador da pátria” por alguns círculos da direita russa — foi escolhido para ser Comandante-em-chefe do Exército. Assim como boa parte dos políticos conservadores, da antiga nobreza e da ínfima classe média, ele acreditava que o país estava indo em direção à ruína e que uma derrota militar na guerra seria desastrosa para o orgulho e para a honra da nação. Buscando elencar os inimigos internos responsáveis pela decadência nacional, acusou Lenin e os bolcheviques de serem “espíões alemães” e declarou que eles deveriam ser enforcados, os *soviets* eliminados, a disciplina militar restaurada e o Governo Provisório, “reestruturado”. Kerensky, que a essa altura era primeiro-ministro, temendo que Kornilov pretendesse tomar o poder e instaurasse uma ditadura militar, demitiu-o no dia 9 de setembro. Quando Kornilov recebeu o telegrama de sua demissão, recusou-se a

¹⁷⁷ LA BATALLA, nº 40, 1ª quinzena de agosto de 1917.

¹⁷⁸ LA BATALLA, nº 41, 2ª quinzena de agosto de 1917.

assiná-lo e reagiu convocando todos os russos a salvarem a pátria agonizante, ordenando a seus subordinados (que incluíam divisões de cossacos) que avançassem sobre Petrogrado e a colocassem sob lei marcial. Com o Exército dividido e desestruturado, Kerensky buscou ajuda dos bolcheviques que, com seus destacamentos militares (chamados de Guardas Vermelhos), eram os únicos no momento capazes de mobilizar contingentes significativos. Na capital, a população mobilizou algumas milícias populares — muitas delas criadas com a ajuda dos bolcheviques — para defender Petrogrado, às quais também se juntaram tropas oriundas de outros lugares, como os marinheiros de Kronstadt. Agitadores soviéticos foram enviados aos acampamentos das tropas leais a Kornilov para tentar persuadi-las a não atacar Petrogrado. A tentativa de golpe de Kornilov viu-se frustrada pois vários de seus comandados (em especial os cossacos), que começaram a desertar aos montes e, assim, não houve luta efetiva. Assim como vários soldados, Kornilov foi condenado à prisão, mas conseguiu fugir.¹⁷⁹

Esses acontecimentos, que na prática enfraqueceram o governo de Kerensky e acentuaram a radicalização dos operários e soldados russos, praticamente não mereceram atenção por parte de *El Hombre*, mas o assunto foi amplamente explorado por *La Batalla*. O fracasso dos golpistas foi um prato cheio para seus editores, que chegaram a duas conclusões. A primeira era que a derrota da contrarrevolução iria dissipar as ilusões reformistas, fortalecendo a tendência à radicalização das demandas do povo russo. A segunda era que os “pessimistas” agora tinham que se curvar à realidade dos fatos: o que acontecia na Rússia era, de fato, uma revolução de bases sólidas.¹⁸⁰ O desprestígio do Governo Provisório, as deserções das tropas, o duplo poder que representava o Conselho de Operários e Soldados de Petrogrado, e as revoltas populares exigindo pão, paz e terra, eram demonstrações inequívocas de que na Rússia “[...] o governo já não manda, ou melhor, não há mais governo que o próprio povo”.¹⁸¹ A reação apenas havia fortalecido a tendência revolucionária observada na Rússia — o que era reconhecido até mesmo pela imprensa burguesa. Logo essa tendência revolucionária se observaria em todo o mundo e, portanto, cumpria agir, difundindo as

¹⁷⁹ FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*, pp. 407-418.

¹⁸⁰ LA BATALLA, n° 43, 20 de setembro de 1917.

¹⁸¹ LA BATALLA, n° 44, 30 de setembro de 1917.

ideias revolucionárias e conseguindo o maior apoio possível da população. Erguendo novas bases de produção e consumo, conquistando a independência econômica, os indivíduos se encaminhariam à independência moral, à evolução intelectual. Para os editores do periódico, o sonho da anarquia materializando-se parecia um “conto de fadas”, mas, o triunfo estava próximo, como havia sucedido com os companheiros da Rússia. Não deixa de ser curioso que *La Batalla* identificasse os *maximalistas*¹⁸² com os anarquistas.

A própria imprensa burguesa, com toda a dor imaginável, nos assegurou que os maximalistas, ou seja, os anarquistas, são os donos da situação na Rússia. E não será, como muitos supõem, transitório esse triunfo anarquista porque se nesses momentos mais álgidos, em um período ainda anormal, os reacionários não foram capazes de se impor, de reabilitar-se, menos possível lhes será cada dia que passa e que os revolucionários irão tendo tempo de reorganizar sobre bases equitativas e sólidas as novas formas de produção e de consumo que, nesses momentos, é a base vital para que uma massa popular como é a da Rússia e a de todos os países, fique satisfeita e perceba, acabada, que é melhor trabalhar para si que entregar o produto de seu trabalho a um terceiro. E partindo dessa base — a independência econômica — paulatinamente se irá chegando à independência moral, cúspide do ideal sonhado pelos precursores da anarquia.¹⁸³

Contudo, em outubro, algumas questões internas ao Uruguai fizeram com que houvesse uma aproximação dos dois periódicos: a iminente entrada do Brasil no conflito (o que trazia a guerra à América do Sul), o aumento das pressões dos Estados Unidos da

¹⁸² Os termos *maximalismo* e *minimalismo* começaram a ser utilizados durante os debates políticos e teóricos do Partido Social-Democrata Alemão (SPD) em fins do século XIX, representando duas alas que se opunham no que diz respeito ao fins e aos objetivos a serem perseguidos pela luta operária socialista. Sem negar a importância das reformas políticas, econômicas e sociais, o programa máximo considerava-as apenas um meio para se chegar ao objetivo final, isto é, o estabelecimento da propriedade social dos meios de produção e de troca. O programa mínimo colocava ênfase na realização prática das reformas em si, que iriam melhorando aos poucos a vida dos trabalhadores. “Hoje o termo [maximalismo] parece ter perdido as primitivas raízes históricas, tornando-se simples sinônimo de intransigência ideológica e de aspereza na luta política de esquerda. Fica-lhe, porém, a conotação negativa, a da denúncia de ações políticas sem resultado concreto, puramente demonstrativas” (BONGIOVANNI, Bruno. Maximalismo. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*, pp. 744-745). Há, porém, outro sentido para o termo. Em um primeiro momento, os bolcheviques ficaram conhecidos em muitos países ocidentais como *maximalistas*, devido às traduções do russo transliterado *bol'shinstvo* (majoritários), em oposição aos *men'shinstvo* (minoritários). Essas eram as denominações pelas quais eram conhecidas as duas principais frações do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR), que se separaram no segundo congresso da agremiação, realizado entre julho e agosto de 1903, em Londres. Cf. BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchévique – histoire du PC de l'URSS*. Paris: Minuet, 1963, pp. 14-15.

¹⁸³ LA BATALLA, nº 44, 30 de setembro de 1917.

América para que o Uruguai também declarasse guerra às Potências Centrais, e a possibilidade de que o governo uruguaio aprovasse uma lei que tornaria o serviço militar obrigatório. Nesses pontos, *El Hombre* e *La Batalla* coincidiam em grande medida. Aliás, suas edições do mês de outubro foram bastante parecidas, contendo ainda a divulgação de reuniões e manifestações contra a guerra, contando com a participação do *Centro de Estudios Sociales*, da F.O.R.U. e de diversos outros grupos anarquistas.

El Hombre culpava a ganância burguesa e o cinismo da Igreja Católica pelo prolongamento da guerra, e a ignorância do proletariado pela continuação do atual estado de coisas (miséria, carestia, más condições de vida etc). A guerra já havia ceifado muitas vidas, e ameaçava cada vez mais se estender à América do Sul. Era preciso que a juventude uruguaia se mobilizasse para impedir que o governo aprovasse a lei que tornaria o serviço militar obrigatório.¹⁸⁴ Nesse sentido, fez um chamado para a formação de uma frente de elementos progressistas que organizasse uma corrente pela paz e lançassem uma “*ofensiva de ideias*” para derrotar a guerra. Os governos eram os verdadeiros inimigos, responsáveis pelas “maravilhas da guerra”: corrupção, negócios espúrios, abjeção moral e crime.¹⁸⁵ *La Batalla* era da mesma opinião, mas sua ênfase recaía na ação, e não na palavra, sustentando que era preciso reagir e lutar a “verdadeira guerra”, a guerra do povo oprimido e explorado contra o governo burguês explorador e parasita. Essa era uma “guerra justa”, uma guerra que todos os povos deveriam lutar, combatendo o inimigo até derrotá-lo definitivamente. Como o Uruguai estava “a um passo da guerra”, vendo aproximar-se o vendaval de matanças, a neutralidade não era uma opção: ou se estava com o povo e com a causa da paz, ou se estava com o governo e pela guerra.¹⁸⁶

Mas como guerrear contra a guerra? Como impedir ser arrastado para o conflito que manchou de sangue a Europa? Para *La Batalla*, a resposta era clara: havia que seguir o exemplo dos russos, como se afirmou na edição do dia 20 de outubro de 1917. Já há algum tempo *La Batalla* insistia no papel que as minorias poderiam ter no processo revolucionário. Isso não estaria em contradição, para seus apoiadores, com o

¹⁸⁴ EL HOMBRE, nº 50, 6 de outubro de 1917.

¹⁸⁵ EL HOMBRE, nº 51, 13 de outubro de 1917.

¹⁸⁶ LA BATALLA, nº 45, 10 de outubro de 1917.

ideal anarquista de liberdade individual pois não se tratava de “delegação de poderes” ou de “abandono do poder decisório” (críticas comumente dirigidas pelos libertários ao “regime democrático burguês”), mas um expediente temporário e necessário para impulsionar o processo revolucionário que levaria à instauração da anarquia. As minorias revolucionárias russas haviam sabido aproveitar a situação, e as minorias revolucionárias dos outros países deveriam ser capazes de fazer o mesmo.

Vejamos como a situação daquele momento estava fazendo com que as perspectivas de um setor importante do anarquismo uruguaio mudassem rapidamente. O historiador britânico Irving Louis Horowitz identificava como característica geral do anarquismo, em comparação a outros movimentos radicais, precisamente “a pouca importância dada ao sucesso político imediato, e a grande importância dada à gestação de um 'novo homem' no útero da velha sociedade”.¹⁸⁷ Mas, naquele momento, para *La Batalla*, era *essencial* formar minorias que *agissem*, que procedessem à imediata tomada e dissolução do poder político, à mudança das relações econômicas, à transformação social. Mas de onde Robaina e seus companheiros de *La Batalla* retiravam argumentos teóricos para justificar suas posições? Não podemos desconsiderar a influência de textos de autores como o próprio Lenin, mas acreditamos que essa inspiração também foi buscada nas próprias obras de teóricos anarquistas.

A questão das minorias revolucionárias não havia aparecido com muita frequência nos textos de teóricos libertários até então. As exceções foram algumas intervenções feitas por Bakunin — ele mesmo envolvido ao longo de boa parte de sua vida em vários grupos conspiratórios muito reduzidos e de escassa inserção social¹⁸⁸ — durante os debates nas reuniões da Internacional, quando defendeu que os anarquistas, sendo temporariamente minoria na sociedade, deveriam comportar-se de “maneira ativa”; e, principalmente, de Kropotkin, cujo oitavo capítulo de *Palavras de um rebelde* (1885) tem por título, precisamente, “As minorias revolucionárias”. Nesse capítulo, Kropotkin argumentava que não importava o fato de que os anarquistas fossem numericamente inferiores na sociedade: era preciso falar ao povo sobre a revolução em termos simples, angariar adeptos, ampliar sua base social. Ainda nesse capítulo,

¹⁸⁷ HOROWITZ, Irving Louis. *The anarchists*, pp. 16-17.

¹⁸⁸ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.1, p. 163.

Kropotkin discutia sobre o “fulcral papel exercido pelas audazes minorias revolucionárias” na Revolução Francesa, concluindo que elas iniciaram a revolução e que o mesmo aconteceria durante a implantação do anarcocomunismo.

A minoria começou a revolução e carregou o povo com ela. Será a mesma coisa com a revolução cuja abordagem prevemos. A ideia do comunismo anárquico, hoje representado por “débeis minorias”, mas cada vez mais encontrando expressão popular, abrirá seu caminho entre a massa do povo. Espalhando-se por toda parte, os grupos anarquistas, por menores que sejam, retirarão força do apoio que encontram entre as pessoas, e levantarão a bandeira vermelha da revolução. E este tipo de revolução, irrompendo simultaneamente em mil lugares, irá impedir o estabelecimento de um governo que possa dificultar o desenrolar dos acontecimentos, e a revolução irá arder até que haja cumprido sua missão: a abolição da propriedade privada e estatal. Nesse dia, o que hoje é a minoria vai tornar-se o Povo, a grande massa, e a massa levantando-se contra a propriedade e o Estado, marchará em direção ao comunismo anárquico.¹⁸⁹

Seguramente essas linhas influenciaram as concepções de *La Batalla*. De todas as formas, as minorias as quais Kropotkin se referia seriam absolutamente passageiras e deveriam apenas *participar* do processo, *impulsioná-lo*; nunca “dirigi-lo”.

Enquanto *La Batalla* discutia sobre o papel das minorias revolucionárias, a chegada de novembro parecia confirmar o “pessimismo” de *El Hombre* que, já em seu primeiro número daquele mês, lamentava profundamente a entrada do Brasil na guerra, afirmando que o conflito bélico se alastrava, minando, dessa maneira, as possibilidades de progresso social e individual.¹⁹⁰ Antes que saísse o primeiro número de novembro de *La Batalla* comentando a “chegada da guerra” ao continente americano, a Rússia seria sacudida por outra revolução: Outubro.

A rebelião de Kornilov havia demonstrado o perigo de uma reação conservadora, enquanto que a palavra de ordem levantada por Lenin, “todo o poder aos *soviets*”, representava que alguns setores da sociedade russa não pretendiam contentar-se com as mudanças promovidas até então pelo Governo Provisório. Ainda que os bolcheviques houvessem angariado a simpatia de parte da população com a

¹⁸⁹ KROPOTKIN, Piotr [1885]. *Words of a rebel*. Montréal: Black Rose Books, 1992, pp. 30-31.

¹⁹⁰ EL HOMBRE, nº 54, 3 de novembro de 1917.

palavra de ordem “pão, paz e terra”, certamente não contavam com seu apoio para um tomar o poder através de um golpe de Estado. De todas as maneiras, entre a liderança bolchevique (ainda que não de maneira unânime), a ideia de tomar o poder em nome dos *soviets* vinha amadurecendo. No dia 19 de outubro (6 de outubro pelo calendário juliano), o governo havia anunciado a retirada de metade da guarnição de Petrogrado para combater o avanço alemão. O *soviet* local entendeu o gesto como uma tentativa de privá-lo de seus elementos revolucionários e organizou o Comitê Militar Revolucionário do *Soviet* de Petrogrado. Em uma reunião do Comitê Central do Partido Bolchevique ocorrida em 9 de outubro, Lenin — que havia retornado clandestinamente da Finlândia — propôs a tomada do poder, sendo apoiado apenas por Trotsky, então presidente do *Soviet* de Petrogrado. No dia 20 de outubro, quando o governo determinou o início da transferência das tropas, o Comando Militar Revolucionário deu ordem para que elas não se movessem sem sua autorização. Na madrugada de 5 para 6 de novembro (23-24 de outubro no calendário juliano), Kerensky ordenou o fechamento da imprensa bolchevique, dando a Trotsky, que havia se encarregado de organizar os preparativos para a insurreição, um pretexto para desencadeá-la. Na noite do dia 6 de novembro (24 de outubro), as tropas leais ao *soviet* e os Guardas Vermelhos tomaram o controle de pontes, estações férreas e outros pontos estratégicos. Kerensky fugiu, incapaz de fazer com que as tropas enfrentassem os insurgentes. Na manhã seguinte, o Palácio de Inverno (sede do governo) foi facilmente tomado e Lenin apareceu em público à tarde para declarar ao *Soviet* de Petrogrado que o Governo Provisório havia sido derrubado e que um “Estado socialista proletário” seria implantado. Os mencheviques e os social-revolucionários denunciaram a insurreição bolchevique como um passo em direção à guerra civil, mas seus argumentos foram rechaçados por Trotsky. A revolução estava consumada.¹⁹¹

¹⁹¹ SMITH, Steve A. *The Russian Revolution: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002, pp. 34-39.

2.3 — Da Revolução de Outubro à definição das posições

É, por vezes, muito difícil evitar pensar no que se seguiu a um fato específico ou no que resultou determinado processo histórico. Hoje, sabemos que à Revolução de Outubro sobrevieram a brutalidade dos campos de concentração siberianos e as injustiças da coletivização forçada; a burocratização e a militarização da sociedade; a falta de liberdades individuais e políticas, o culto à personalidade e os grandes expurgos; o desenvolvimento de uma casta dirigente privilegiada (*Nomenklatura*); a ineficiência produtiva, a decadência econômica e a escassez de bens de consumo etc.

Alguém poderia dizer, por exemplo, que Bakunin havia alertado sobre os perigos que representava a implantação de um Estado “marxista” décadas antes, durante os debates nas seções da Internacional.¹⁹² Ou que Rosa Luxemburgo houvesse vislumbrado que o “centralismo democrático” defendido por Lenin como forma de organização do Partido Bolchevique exigia subordinação total dos militantes à hierarquia partidária dirigente, sufocando a liberdade de pensamento e de expressão.¹⁹³ Ou ainda que o próprio Kropotkin, que após a queda do czar havia retornado à Rússia depois de mais de quarenta anos, houvesse expressado repetidas vezes seus receios com relação à sobrevivência da revolução após a tomada do poder pelos bolcheviques. Ainda assim, nem tudo estava explicitamente colocado naquele momento, nem muito menos poderia ser totalmente previsto.

A Revolução Russa era, para a grande maioria dos que de alguma maneira participavam de alguma vertente radical do movimento operário mundial, a materialização dos sonhos, a ansiada e buscada transformação do estado de coisas. Talvez isso seja ainda mais difícil de ser compreendido por nós, que vivemos em um “presente eterno”. Atualmente, “[...] a consigna de 'transformar o mundo' desperta [...] reações cada vez mais céticas”.¹⁹⁴ Eram outras épocas. Para muitas pessoas que viveram

¹⁹² BAKUNIN, Mikhail [1873]. *Statism and Anarchy*. In: DOLFF, Sam (ed.). *Bakunin on Anarchy*. Nova York: Vintage Books, 1972.

¹⁹³ LUXEMBURGO, Rosa [1904]. *Questions d'organisation de la social-démocratie russe*. Disponível em <http://www.marxists.org/francais/luxembur/c_et_d/c_et_d_1.htm>. Acesso em 14/02/2012.

¹⁹⁴ MANSILLA, H. C. F. Perspectivas para el movimiento socialista en América Latina. In: *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 108, Julio-Agosto, 1990, p. 135.

1917, Outubro era, de fato, a utopia que se realizava, era *a tão aguardada Revolução*.
Segundo Furet,

[...] o poder de Outubro sobre as imaginações vem também do reaparecimento, a mais de um século de distância, da mais forte representação política da democracia moderna: a ideia revolucionária. [...] O que há de tão fascinante na revolução? É a afirmação da vontade na História, a invenção do homem por si mesmo, figura por excelência da autonomia do indivíduo democrático. Assim, a Revolução Russa não teria sido o que foi na imaginação dos homens dessa época se não se tivesse inscrito no prolongamento do precedente francês e se essa ruptura no tempo já não tivesse sido revestida de uma dignidade particular na realização da História pela vontade dos homens.¹⁹⁵

Foi esse espírito de esperança que transpareceu na primeira edição de novembro de *La Batalla*, a qual já continha dois textos sobre a Revolução de Outubro. O primeiro deles era “Salud, libre Rusia!”:

Mais uma vez receba nossa saudação, livre e valente Rússia! Consola-nos pensar que nunca duvidamos de teu valor e poder desde as primeiras faíscas da revolução libertadora. E é que não te julgávamos através de nosso pessimismo e covardia ambiente, mas sim através de tua tradição revolucionária e emancipadora. [...] Tu, livre Rússia, darás alento com tua atividade viril a todos os povos para que procurem imitar-te e sacudir o jugo que nos oprime. Saberemos fortalecer nossas esperanças de futuro, sacudiremos a pesada carga de nossos pessimismos suicidas, e te acompanharemos a formar os povos livres, onde ao lado de um dever criaremos o direito de cada um viver sua vida sem deuses nem amos. Saudações, valente e livre Rússia! Saudações, povo de heróis, recebei nosso abraço fraternal através das fronteiras que logo varreremos! Saudações!¹⁹⁶

O segundo, “Cartelitos: Aurora roja...”, de “Clarín Libertario”, sustentava que a nova revolução na Rússia seria o anúncio do despertar dos povos, a aurora vermelha que iluminava o caminho a ser seguido pelos que lutavam para derrocar a tirania política e a exploração econômica.

¹⁹⁵ FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaio sobre a ideia comunista no século XX*, pp. 80-81.

¹⁹⁶ LA BATALLA, nº 48, 10 de novembro de 1917.

O momento é de luta. Os sinos tocam a rebate convidando o povo para as grandes reivindicações. Por todas as partes há fogueiras acesas e suas chamas são purificadoras porque são de justiça e de liberdade... São as vozes sonoras dos povos oprimidos que se preparam para romper os grilhões das correntes que eles mesmos se colocaram em uma época de ignorância e obscurantismo. As coroas e os tiranos caem; é o regime burguês cambaleante que se cava a própria fossa; é a sociedade moribunda que desaparece para dar passagem à sociedade futura, cimentada no amor, na paz e na fraternidade. São os produtores, os párias e hilotas que se dão as mãos em laço fraternal para dar o último empurrão em um regime de tirania e barbarismo, que com vergonha e ignomínia reinou sobre a terra durante séculos e séculos. Saudemos, pois, a aurora vermelha que aparece nos novos horizontes. Os sinos tocam a rebate. Os proletários do universo se alçam altivos como as ondas do mar enraivecido. O proletariado desperta. E o vento matinal nos acaricia com as brisas libertárias que nos trazem de longínquas praias. Bem-vinda seja essa aurora, que como um farol luminoso se distingue nos novos horizontes da humanidade redimida...¹⁹⁷

Muito mais contido, *El Hombre*, em sua edição de nº 55, também do dia 10 de novembro, igualmente continha um texto sobre a questão russa. É sintomático que seus responsáveis tenham preferido qualificar o sucedido como “outro golpe de Estado”:

Rússia acaba de ter outro golpe de Estado. Agora o golpe é dos de baixo, isto é, dos ultrademocráticos contra Kerensky, como antes foi dos ultraconservadores com Kornilov à frente. “Proposição imediata de uma paz justa”. Este é o gesto simpático do governo maximalista. Ato que é de difícil realização, porque a paz justa do governo alemão, turco, búlgaro e austríaco, não é a paz justa do povo russo. É difícil harmonizar ideias e entender-se devidamente entre um povo como o russo com os governos anteriormente citados. Se a democracia russa pudesse entender-se com o povo alemão, austríaco, turco e búlgaro diretamente, então a paz justa de que se trata pudesse ser um fato. Enfim, esperemos. Kerensky foi o homem dos meio-termos. Para vencer a reação personificada em Kornilov, chamou em seu auxílio aos maximalistas; agora estes o depõem e perseguem por ser demasiado moderado. Outro ponto importante do programa dos maximalistas é a repartição das terras dos nobres e latifundiários, assim como também os bens da Coroa. O governo dos operários substituiu o governo burguês. As doutrinas de Marx vão abrindo caminho em direção à realidade, sem anos e anos de política estéril. Mas é necessário que façamos um compasso de espera em nossas apreciações. Muitas vezes dissemos que não caímos de amores pelos predomínios de classe nem pelos legalismos. A burguesia foi derrocada pela metade e a revolução está apenas em sua fase inicial;

¹⁹⁷ LA BATALLA, nº 48, 10 de novembro de 1917.

entretanto, do “Maximalismo” ao “Czarismo” há uma grande distância. [...] Rússia democrática, quando normalizar suas funções econômicas sem propriedade particular das terras e com organização industrial sindicalista, terá acabado de chegar ao verdadeiro caminho, que é o econômico antes que o político e não inversamente, como ali vem sucedendo, infelizmente. Não obstante, não desesperemos do porvir. Deste mundo de maldade que é a guerra com todos os seus horrores, surgirá quiçá uma ação renovadora, tal a luz da Aurora que põe fim ao reino da noite.¹⁹⁸

El Hombre deliberadamente evitou julgamentos naquele primeiro momento e preferiu apontar os avanços em relação ao governo de Kerensky, elencando os pontos positivos do programa dos *maximalistas*, mas também as possíveis dificuldades em sua implementação. Contudo, abria-se uma pequena brecha que indicava que também possuía alguma esperança no porvir... podia ser que da terrível guerra acabasse germinando um mundo melhor.

Mas, para *La Batalla*, já nenhum anarquista podia duvidar de que na Rússia haviam triunfado os elementos avançados, e isso significava que realmente não era preciso que todo o povo estivesse “preparado” para a revolução desde que houvesse uma minoria revolucionária esclarecida moral e intelectualmente, que pudesse empreender movimentos de luta pela transformação social. Primeiro resolver os problemas materiais, por fim à exploração capitalista e às privações para depois avançar em direção à emancipação moral e política: para *La Batalla* a ordem a ser seguida era clara. O periódico também discordava da análise de *El Hombre* sobre a possibilidade de que os bolcheviques viessem a assinar uma paz incondicional que pusesse em risco o novo regime, algo que a própria imprensa burguesa — ainda que, como diziam os anarquistas, fosse censurada por toda parte e deturpasse os acontecimentos — já estaria, a contragosto, reconhecendo.¹⁹⁹

Mas o que efetivamente *queriam* os maximalistas da Rússia? Após fazer um breve retrospecto dos eventos que marcaram a história russa na primeira década do século XX e do congresso do POSDR que consagrou a divisão entre bolcheviques e mencheviques, *La Batalla* fez uma exposição resumida do “programa revolucionário”:

¹⁹⁸ EL HOMBRE, nº 55, 10 de novembro de 1917.

¹⁹⁹ LA BATALLA, nº 49, 20 de novembro de 1917.

O programa dos maximalistas, exposto em linhas gerais, é o seguinte: a socialização completa de todas as fábricas, usinas, estradas de ferro e de toda matéria-prima e utensílios de trabalho necessários para a produção. A terra, com seus utensílios, passa a ser propriedade comum do camponês. Nacionalização do fisco, ou seja, desconhecimento de toda dívida externa contraída anteriormente pelo governo. Como único meio de luta, a revolução. Os comitês (*Soviets*) dos diferentes povoados são os únicos que, em cada lugar, devem organizar sua vida sem depender da Capital, sem por isso deixar de implantar-se o apoio mútuo e o intercâmbio. Em resumo: todo um grande princípio para encaminhar-se à anarquia, aspiração suprema de liberdade e bem-estar humano.²⁰⁰

É curioso que, para *La Batalla* o “programa bolchevique” (que em nenhum momento se declarou libertário), se fosse devidamente aplicado, encaminharia a humanidade em direção à anarquia! Porém, de fato, esse programa guardava alguma semelhança com os preceitos anarcocomunistas: a defesa de que a propriedade da terra, dos recursos naturais e dos meios de produção fossem mutuamente controlados por comunidades locais federadas.

Por sua parte, os responsáveis por *El Hombre* parecem ter ficado atordoados com a nova revolução na Rússia. Não voltaram a tocar no assunto no mês de novembro, limitando-se a tratar da “decadente política uruguaia”, a condenar a guerra e a divulgar vagos artigos que tratavam da necessidade de aperfeiçoamento moral dos homens, e da importância de se semear a ideia anarquista. Por outro lado, os editores de *La Batalla*, um tanto quanto eufóricos, já não tinham mais dúvidas sobre qual deveria ser a postura dos anarquistas e contestavam as declarações de que na Rússia houvesse naquele momento um “governo revolucionário”. Governo e revolução seriam termos autoexcludentes. O poder agora pertencia aos *soviets*, e caberia a eles cumprir o que era apontado como sendo a parte mais difícil da Revolução Russa, “o maior acontecimento dos tempos atuais”: consolidá-la.

Consolidar a revolução. Eis a preocupação central que deve mover a inteligência dos revolucionários. É o problema mais árduo, o mais escabroso, de maior perigo depois da violenta sacudida. Contudo, os revolucionários russos parecem que souberam resolver tão delicado ponto. Como? É o que vamos ver. As assembleias do povo, das cidades, das aldeias e dos campos, são as únicas reguladoras da vida e

²⁰⁰ LA BATALLA, n° 49, 20 de novembro de 1917.

suas resoluções para sua realização possuem assim a força moral suficiente para ser executadas, posto que têm a sanção da maioria do povo. Os *Soviets*, que a burguesia e o povo ignaro chamam “governo revolucionário”, são simples delegações do povo encarregadas de certos atos nos quais é imprescindível que apareçam poucos indivíduos, tais como o transmitir de resoluções, notícias, etc., etc., etc. Das assembleias do povo ao interior ou exterior da região, realizar acordos com os países que do regime anterior foram amigos ou inimigos. Essa é a missão dos *Soviets*. Não ditam ordens, as recebem do povo para serem transmitidas aonde seja necessário. Nada mais. Portanto, não são autoridade. A autoridade ali caducou. [...] A revolução russa é o maior acontecimento dos tempos atuais. Marca na história da humanidade o primeiro ciclo da era igualitária que é forçoso e fatal que deve viver-se, depois da tremenda hemorragia que hoje aflige o mundo. A revolução social tem que ser e será a *ultima ratio* dos povos face à vesânia criminosa dos governos. É imperioso, então, que os revolucionários de todos os países saibam agir, tal como os revolucionários da Rússia: com inteligência e energia. A preparar-se!²⁰¹

Assim, sendo a revolução na Rússia algo tão transcendental, inauguradora de uma nova era, o conteúdo da propaganda anarquista não era mais uma questão de mera preferência pessoal, de “temperamentos diferentes”. Bosquejar a “bem próxima” transformação social, a ser efetivada pela massa conscientizada e pela minoria vanguardística, era uma necessidade incontornável. Aqueles que não pudessem ou não quisessem fazê-lo, deveriam simplesmente afastar-se, sair do caminho para não atrapalhar as ações dos demais.

De hoje em diante, devemos reconcentrar nossas energias em direção a um objetivo comum e único: a preparação imediata da massa e especialmente as minorias, para dar o grande golpe na propriedade privada e no Estado. Todos os nossos atos de propaganda oral e escrita, toda nossa crítica ou movimento a iniciar-se no seio do povo deve ter como finalidade bosquejar a grande transformação que dentro de pouco é necessário e imprescindível empreender. Afastemos de nossa mente, por agora, toda ação de propaganda que possa dar seus frutos apenas para o ano dois mil... Deixemos para outros momentos, por favor, tudo o que seja simples acessório; tudo o que possa ser um simples verniz intelectual. Suspendamos por um momento de fazer versos, de polir a prosa, de estudar astronomia, etc. Aprofundemos seriamente a melhor maneira de saber desenvolver-nos em um período álgido de reorganização social sobre bases completamente diferentes das presentes. Que em nossos centros de estudos, em nossos

²⁰¹ LA BATALLA, nº 50, 30 de novembro de 1917.

periódicos e em todo lugar que haja reuniões de amigos, que ocupe o primeiro lugar o presente tema que é urgente, de inegável necessidade tratá-lo. E que os cétricos, os que perderam toda fé em si mesmos e nos demais homens, que se coloquem à margem e contemplem sem estorvar a obra dos que acreditam, dos que vivem...²⁰²

El Hombre decidiu rebater os argumentos acima expostos. Não haveria razão para que a atitude anarquista se modificasse, pois os tempos *continuavam* sendo de propaganda e de luta. O que não se poderia deixar de fazer era observar as leis básicas da natureza, que eram aplicáveis também à sociedade humana.

Todo processo progressivo contém seus fatores, suas energias propulsoras, o curso normal que lhe determinam leis universais. Quando a fruta está madura, cai da árvore por seu próprio peso. E aceitando o símil, tudo o que pode fazer a revolução é sacudir a árvore para acelerar e ainda antecipar em pouco tempo a queda; mas sempre que a fruta esteja madura. Sem produzir uma revolução nos espíritos da maioria, não será possível a transformação social em benefício para a espécie, salvo que se apresente o problema da felicidade universal em uma solução de força e de violência, que seria igual a escrever outra página mais de escravidão.²⁰³

A revolução não podia ser inventada, apenas estimulada, acelerada. Revoluções que carecessem de bases reais, sem a necessária preparação intelectual da maioria dos homens, apenas criariam novas formas de escravidão. Lançar palavras de efeito ao vento, com o propósito de impressionar os ingênuos por sua “suposta radicalidade”, como fazia *La Batalla*, não possuía nenhuma serventia para o estabelecimento de verdadeiras bases revolucionárias. A revolução precisava de um programa efetivo, e tal programa não só já existia, como era colocado em prática há muito tempo pelos anarquistas. Aliás, tratava-se de um programa permanente, que não mudava com os tempos, pois seria a própria aplicação atemporal da *justiça*.

Quer-se um programa imediato para apresentá-lo ao povo com o laudável fim de fazer a revolução? Pois o programa está em prática há muito tempo, é obra diária dos anarquistas em todas as conferências, em todos os encontros. É simples, claro, à medida de todo entendimento. No econômico: que os trabalhadores se apoderem dos

²⁰² LA BATALLA, nº 50, 30 de novembro de 1917.

²⁰³ EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

utensílios do trabalho — fábricas, matérias-primas, minas, campos — e por si mesmos, administrem e utilizem os produtos, sem ter tolerância para os parasitas. Um mundo novo, onde todos sejam cooperadores com obra útil. No político: que seja anulada toda situação de violência por meio da desorganização de toda força e se considere como maior delito as funções de governo. O programa não poder ser mais sintético: o produtor deve ser o dono do que produz; o homem deve ser o dono de sua vontade [...]. Não pode haver programa mais simples para todos os homens. É um programa de ontem, de hoje, de amanhã e de sempre. Não está sujeito a reformas nem mudanças porque é um programa de justiça. Tal é o programa dos anarquistas que não sonham nem fazem revolução com palavras mais ou menos sonoras.²⁰⁴

Por fim, o esperado rechaço à defesa da preparação das minorias, “chamem-se governo ou caudilhos do povo”.²⁰⁵ Não havia que se preparar “minorias inteligentes” que se converteriam, inevitavelmente, em tiranos. O que se deveria fazer, ao contrário, era preparar as maiorias, desde a primeira infância, para evitar que as crianças aprendessem coisas prejudiciais à causa da liberdade e entorpecessem, com esses preconceitos herdados, o progresso da vida social.²⁰⁶

A essa altura, *La Batalla* enxergava em qualquer manifestação, protesto ou ato reivindicatório, fosse na Argentina, Áustria, Espanha, Portugal, México ou Estados Unidos, a possibilidade que se radicalizasse e assumisse proporções revolucionárias. Portanto, não havia tempo a perder: preparar as minorias revolucionárias, que desalojariam as minorias reacionárias que sustentavam o estado de coisas então existente, era tarefa premente. Nesse espírito, a redação do periódico afirmou desejar receber opiniões e comentários sobre a Rússia e a situação mundial, e chegou a organizar uma enquete, veiculada em seu segundo número de dezembro. As questões a serem respondidas pelos leitores eram bastante tendenciosas, com perguntas que iam da possibilidade da revolução na Rússia influenciar os movimentos revolucionários no mundo ao questionamento da necessidade urgente da formação de minorias que pudessem orientar a população durante o processo revolucionário, passando pela criação de organismos semelhantes aos *soviets* nas cidades uruguaias. Essa edição ainda contava com um chamado aos “anarquistas revolucionários”, dizendo de maneira bem explícita

²⁰⁴ EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

²⁰⁵ EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

²⁰⁶ EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

que, sob a influência do que acontecia na Rússia, a emancipação do proletariado e a utopia anarquista estava se transformando em realidade. Havia, portanto, que alardear essa situação a todos os cantos do planeta.

Triunfante a revolução russa; consolidado já lá o novo regime que é um grande passo dado rumo à meta por nós sonhada, aberta assim a brecha por onde deve penetrar o raio de sol que tonifique a humanidade toda, não podemos nós homens de pensamento e de ação, permitir que ela se feche com a derrubada que indubitavelmente se produziria se permanecêssemos mais inativos. E que a alarguemos mais, derrubemos as muralhas que a circundam para deixar livre o caminho aos ventos que vêm da Rússia, ventos que são portadores de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade sem bandeira. Trabalhem. Façamos chegar a todos os âmbitos do planeta a fausta nova. Gritemos, gritemos bem forte para que todos nos ouçam que o bem-estar, que a emancipação do proletariado, que a igualdade econômica dos seres humanos já não é mais utopia, já não é mais uma ilusão, que é pois, uma grande realidade. Desse modo aceleraremos a chegada daquele dia glorioso em que os hoje escravos seremos em nosso abraço fraternal com os demais homens, cobertos com o manto de nossa mãe: Anarquia!²⁰⁷

Já vimos como *El Hombre* não compartilhava dessas opiniões tão... “otimistas”. Entretanto, em um de seus números de dezembro, o periódico se viu forçado a prestar esclarecimentos a seus leitores sobre o por quê de a Revolução Russa estar recebendo tão pouca atenção em suas páginas — o que nos mostra claramente como esse já era assunto bastante comentado no interior do anarquismo uruguaio e do movimento operário-social em geral. Em “Nosotros y la situación rusa”, isso foi explicado recorrendo-se à necessidade de se ter prudência e não fazer julgamentos apriorísticos sobre fatos importantes, quando não se possuía informação suficiente para emitir um posicionamento mais incisivo. E mais, como para o periódico anarco-individualista Lenin e Trotsky haviam constituído um governo, fazia questão de lembrar que era um princípio libertário não apoiar nenhum governo — ainda que fosse “progressista” —, e muito menos tomar parte nele.

Nossa simpatia pela conduta do povo russo é evidente e não admite dúvidas. [...] Reconhecemos que se se compara o governo de Lenin e Trotsky com outros governos anteriores da Rússia, inclusive o do

²⁰⁷ LA BATALLA, n° 52, 20 de dezembro de 1917.

próprio Kerensky, há que se destacar um sensível progresso. E se se compara com governos de outros países, a diferença é enorme. Mas nós, os anarquistas, não podemos estar com nenhum governo, por mais avançado que seja, posto que nosso objetivo, convém repeti-lo, é a liberdade do homem e não o governo dos povos.²⁰⁸

Além disso, *El Hombre* acreditava que, assim como ocorreu com várias outras revoluções ao longo da História, também a Revolução Russa conheceria seu Termidor: o ímpeto revolucionário iria arrefecer, dando lugar ao sentido de conservação daqueles que haviam obtido o poder.²⁰⁹

Mas essa postura tão crítica e tão desconfiada não era majoritária no interior do anarquismo uruguaio. Com efeito, houve uma cisão no grupo que se encarregava de editar *El Hombre*. Como dissemos antes, essa publicação era editada pelos centros de estudo de “Arroyo Seco” e “Villa Muñoz”, partes do *Centro de Estudios Sociales*, uma organização que se ocupava em promover várias atividades educativas, culturais, sociais e políticas de caráter libertário. De fato, no último número de dezembro, foi publicada no periódico uma nota assinada pelo secretário do Centro, que relatava ter havido uma reunião de duas sedes integrantes que desaprovaram a forma como vinha sendo feita a propaganda sobre a Revolução Russa em *El Hombre*, e que convocaram os centros de estudos responsáveis pela edição da publicação para uma reunião onde se discutiria quais medidas deveriam ser tomadas. Logo a seguir, José Tato Lorenzo (responsável pela direção da redação) reafirmou o direito de defender suas “posições pessoais” sobre a questão e colocou seu cargo à disposição.²¹⁰

Enquanto isso, *La Batalla*, que obviamente rechaçou a ideia de que as minorias revolucionárias de que falava possuísem qualquer semelhança com o que se entendia por governo, ainda lançou uma campanha para que sua tiragem fosse aumentada e chegasse às cidades do interior do país e também à zona rural: todos deveriam saber o que acontecia na Rússia.²¹¹ E, para o periódico, era muito claro o que estava acontecendo: as reformas e mudanças econômicas e sociais faziam com que a Rússia estivesse caminhando aceleradamente rumo à Anarquia.

²⁰⁸ EL HOMBRE, nº 61, 22 de dezembro de 1917.

²⁰⁹ EL HOMBRE, nº 61, 22 de dezembro de 1917.

²¹⁰ EL HOMBRE, nº 62, 29 de dezembro de 1917.

²¹¹ LA BATALLA, nº 53, 30 de dezembro de 1917.

Os camponeses são donos da terra e das ferramentas necessárias para o trabalho. Cada sindicato encarregou-se da administração da indústria a que pertence. Na ordem política chegou-se à anarquia? Não, mas foram dados os passos necessários para chegar a isso livre de obstáculos; por exemplo, começou-se a descentralizar toda direção, cada região, cidade, povoado e aldeia rege-se por si mesmo, sem abandonar a necessária solidariedade entre todos. Desta forma o povo russo se encaminhará a passos de gigante: a que cada um seja dono de si mesmo.²¹²

Assim, no final de 1917, o movimento operário libertário uruguaio encontrava-se dividido em relação à revolução na Rússia, entre a identificação e apoio entusiástico do grupo de *La Batalla* e o relativo apoio crítico dos responsáveis por *El Hombre*. No conjunto, a balança parecia pesar para o primeiro grupo, já que a Revolução de Outubro comoveu toda a militância anarquista uruguaia e angariou a simpatia da maior dela, que buscava, “assim como a Rússia”, encontrar o caminho da emancipação.

²¹² LA BATALLA, nº 53, 30 de dezembro de 1917.

Capítulo 3 — A agudização do enfrentamento: os anos 1918-1919

3.1 — 1918: as discussões sobre o caráter da Revolução Russa e sobre a necessidade de defendê-la

A crise econômica uruguaia aprofundou-se no começo de 1918. Os trabalhadores que, estimulados tanto pelos socialistas quanto pelos anarquistas, haviam promovido várias greves no fim do ano anterior, continuavam mobilizados. Um dos setores mais radicalizados era o que reunia os trabalhadores portuários, entre os quais os socialistas eram o grupo de maior influência. Há anos tentava-se reunir as associações de ajuda mútua em uma central sindical, o que aconteceria em fevereiro, com a fundação da *Federación Obrera Marítima* (F.O.M.).²¹³

Outubro havia feito com que a Rússia tivesse se convertido, quase que imediatamente, em uma espécie de “centro de radicalismo messiânico”.²¹⁴ Entre socialistas e anarquistas de todo o mundo, ela motivava discussões de toda ordem, e parte considerável de ambos os grupos desejava seguir mais de perto o exemplo da Rússia, e incitar os trabalhadores a também lutar por sua emancipação.

Como vimos, a Revolução de Outubro havia repercutido fortemente no campo libertário uruguaio. Em janeiro, *El Hombre* — que passava por uma espécie de “intervenção” dos centros de estudos que o editavam e que questionavam sua visão sobre a situação russa — apresentou em seus primeiros números do mês textos bastante simpáticos à ela. Com a intervenção, o periódico passou a ser editado não mais pelos Centros de Estudos “Arroyo Seco” e “Villa Muñoz”, tornando-se responsabilidade da agrupação “El Hombre”, que reafirmou seu caráter de “tribuna livre para todas as opiniões libertárias”. Tato Lorenzo deixou a direção da redação do periódico, mas ficou incumbido de organizar uma série de conferências em que os membros dessa agrupação iriam expor suas impressões sobre a Revolução Russa. Contudo, já no número 65, de 19 de janeiro, foi publicado um texto onde se afirmava que ser simpático ao programa dos

²¹³ D'ELÍA, German; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, pp. 135-136.

²¹⁴ EKSTEINS, Modris. *A sação da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 69.

revolucionários russos não significava defender a “extravagância” de sua aplicação no Uruguai, onde as circunstâncias do meio social não eram as mesmas.²¹⁵

Por sua vez, *La Batalla* já dedicava quase dois terços de sua publicação para o tratamento da “questão russa”. O periódico organizava conferências e manifestações a favor dos revolucionários russos, além de impulsionar uma nova organização chamada “Rússia Livre”. Para seus editores, todas as revoluções ao longo da história haviam seguido o mesmo padrão, sendo as diferenças, uma questão de “pequenos detalhes”. Não bastava, portanto, que os anarquistas se solidarizassem com a Rússia. Era preciso analisar cuidadosamente os passos que haviam levado ao triunfo dos *maximalistas* e reproduzi-los no Uruguai.²¹⁶

Não obstante, como afirma López D'Alessandro, a “especial situação da República dos Soviets criou um conflito teórico entre os anarquistas que apoiavam a revolução”.²¹⁷ Se na Rússia não havia sido implantada a anarquia, por que defender a Revolução Russa? Tendo sido a revolução liderada pelos socialistas russos, reivindicá-la seria apoiá-los, defendendo também a orientação socialista do movimento? Afinal, para onde caminhava a revolução? Os comitês de fábricas e os conselhos instituídos na Rússia não seriam uma espécie de governo? Se sim, o que, então, faziam os anarquistas neles? *La Batalla* teve que se desdobrar em verdadeiras “ginásticas teóricas” para conseguir “responder” a essas indagações. Em primeiro lugar, argumentou-se que, apesar de muitos setores avançados terem participado da “revolução social russa”, essa não teve orientação socialista e sim anarquista.

Participaram da grande revolução, é certo, todos os avançados da Rússia, mas os meios que empregaram para triunfar sobre a autocracia primeiro e sobre a implantação fugaz da democracia de Kerensky depois, foram meios essencialmente revolucionários. A ação direta, a revolução, em uma palavra, foi o que deu o triunfo e esses são os métodos precisamente que os anarquistas, como meio de luta, propagamos entre o povo. Como se vê, pois, o triunfo da revolução russa foi uma vitória exclusivamente anarquista.²¹⁸

²¹⁵ EL HOMBRE, nº 65, 19 de janeiro de 1918.

²¹⁶ LA BATALLA, nº 54, 10 de janeiro de 1918.

²¹⁷ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992, p. 155.

²¹⁸ LA BATALLA, nº 55, 20 de janeiro de 1918.

Sendo uma vitória anarquista, urgia defender a revolução russa, cujo caminho era deduzível por si só, ainda mais se fosse levado em conta que, com “dirigentes inteligentes como Lenin e Trotsky”, não havia a possibilidade de ser estabelecido um *governo*. As duas últimas perguntas foram respondidas comparando-se a participação nos comitês e conselhos instituídos na Rússia com a atividade quotidianamente desempenhada pelos libertários nos sindicatos e sociedades operárias em todo o mundo: a militância nos órgãos de classe não significava fazer parte de nenhum governo. Além do mais, nem sempre os anarquistas encontravam lugares perfeitos e situações ideais para propagar suas ideias, o que de forma alguma indicava que deviam ficar isolados, fazendo críticas “tão puras quanto abstratas”. Por fim, a recomendação geral era de que todos deveriam tomar muito cuidado ao lerem notícias sobre a Rússia na imprensa burguesa, já que, além das “notícias falsas” que visavam desestabilizar o regime e confundir a opinião pública mundial, alguns dos termos utilizados pelos revolucionários como *república* e *governo do povo* possuíam significado específico naquela situação. Na Rússia mandavam “os *soviets*, isto é, o povo”.²¹⁹

Ainda em janeiro de 1918, após considerarem que a enquete realizada em dezembro do ano anterior havia sido “um sucesso”, os responsáveis por *La Batalla* lançaram um segundo questionário, com perguntas que versavam, em sua maioria, sobre a melhor forma de reorganização social que pudesse prover um consumo racional e justo durante e depois da revolução; e sobre como as minorias revolucionárias deveriam incitar as massas para que agissem por contra própria e empreendessem ações para passar ao regime futuro. Ademais, se a maioria do povo estivesse com as minorias revolucionárias, elas se dissolveriam entre a massa também revolucionária, eliminando essa separação. Exatamente, diziam, como havia ocorrido com os *maximalistas*, que de minoria antes da revolução, contavam naquele momento com o apoio da imensa maioria do povo russo.²²⁰

Mas o ponto mais delicado na explicação dos motivos que compeliavam os anarquistas a apoiarem a Revolução Russa dizia respeito às tentativas de justificar a questão da *ditadura do proletariado*. *La Batalla* reafirmou que os anarquistas

²¹⁹ LA BATALLA, n° 55, 20 de janeiro de 1918.

²²⁰ LA BATALLA, n° 55, 20 de janeiro de 1918.

continuavam sendo contrários a qualquer forma de tirania, mas sustentou que a situação na Rússia era de vida ou morte para a liberdade. Além disso, dadas as características da tirania que imperava na Rússia, responsável por séculos de opressão, seria necessário um período de transição da sociedade capitalista para o anarquismo. Nele, seria preciso resguardar os interesses da classe trabalhadora e ao mesmo tempo evitar que os antigos tiranos se reorganizassem e, com a ajuda de uma minoria de reacionários, conspirassem contra o novo ordenamento social. Esse período seria, é claro, passageiro. Duraria até que todos tivessem sido educados nos ideais de igualdade e liberdade da nova sociedade.²²¹

Os editores de *El Hombre* começavam a pensar que as teses defendidas pelo periódico de María Collazo estavam se aproximando demasiado e perigosamente do “socialismo revolucionário”, isto é, do *maximalismo*. Para os anarco-individualistas, os rumos e os propósitos do anarquismo e do maximalismo eram muito diversos, e havia que diferenciar os dois movimentos de maneira clara.²²² Em um ataque frontal à *La Batalla*, chegou a publicar um texto que teria sido enviado de Ensenada (Argentina), no qual se afirmava que era uma vergonha que no continente americano houvesse anarquistas a glorificar o socialismo.²²³

Para *El Hombre*, os maximalistas equivocavam-se em todas as frentes, inclusive na condução da política exterior russa. Em 16 de dezembro de 1917, havia sido assinado um armistício entre a Rússia e as Potências Centrais, dando lugar às discussões sobre a assinatura de um tratado de paz. No final de fevereiro de 1918, as negociações estavam bem avançadas e em 3 de março seria assinado o tratado de paz de Brest-Litovsk, que impunha severas perdas territoriais à Rússia.²²⁴ O periódico anarco-individualista considerou a aceitação das demandas alemãs um grave erro, que colocava em xeque a revolução e tornava nebuloso o curso dos acontecimentos na Rússia. Para *El Hombre*, o apreço que se pudesse ter pelo “progressismo” dos revolucionários russos não podia impedir que os anarquistas reconhecessem uma verdade básica: a revolução ocorrida

²²¹ LA BATALLA, nº 55, 20 de janeiro de 1918.

²²² EL HOMBRE, nº 68, 9 de fevereiro de 1918.

²²³ EL HOMBRE, nº 68, 9 de fevereiro de 1918.

²²⁴ FERRO, Marc. *História da Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*, pp. 300-303.

naquele país não poderia nunca levá-lo àquele esperado mundo de liberdade; a Revolução Russa não podia trazer a anarquia.²²⁵

La Batalla discordava da análise sobre os resultados da assinatura do Tratado de Brest-Litovsk. Antes de mais nada, afirmava que não havia sido uma decisão somente de Lenin e Trosky, mas do povo russo reunido nos *soviets*. A atualidade russa assim o exigira: a população estava se armando não mais para lutar na “guerra imunda”, e sim para *defender a revolução*. E essa atitude era mais do que correta, já que era “evidente” que a orientação da Revolução Russa era cada vez mais anarquista. Sendo assim, era preciso fazer tudo o que fosse possível para defendê-la.

Tudo o que fazemos é pouco em prol da maior revolução que assinala a história e que será a causa principal da salvação da humanidade toda! Que ainda não chegou ao máximo de nossas aspirações? Quem duvida? Mas se encaminha agigantadamente rumo a nosso ideal sonhado. Emprestemos-lhe então toda nossa ajuda moral, já que ainda não somos capazes de imitar seu grande exemplo.²²⁶

La Batalla não apreciou ter sido acusado de abandonar o anarquismo e tachado de representante do “marxismo/maximalismo” nas Américas. “Floreal” (pseudônimo muito usado no periódico em seus dois primeiros anos) assinou um texto refutando essas acusações e afirmando que os anarquistas propagavam a Revolução Russa não por terem se tornado defensores do marxismo, mas por estarem convencidos de que ela era, “de qualquer ponto de vista que se olhe, o maior passo rumo ao futuro, e permanecer calados e tirar os méritos dessas melhoras é próprio de políticos e covardes”.²²⁷

Os responsáveis pelo periódico estavam convencidos de que a Revolução Russa marcava uma nova etapa na história da humanidade e inseria-se em uma série de datas históricas do movimento operário. Portanto, seu primeiro aniversário deveria ser amplamente celebrado, de maneira a reafirmar sua importância. Além de participar da organização de um ato em sua defesa a realizar-se em março, a direção do periódico estava preparando um número especial, com tiragem de dez mil exemplares (cerca de cinco vezes mais que o normal). Assim como a “influência benéfica” da Comuna de

²²⁵ EL HOMBRE, nº 69, 16 de fevereiro de 1918.

²²⁶ LA BATALLA, nº 58, 20 de fevereiro de 1918.

²²⁷ LA BATALLA, nº 59, 28 de fevereiro de 1918.

Paris era o exemplo do passado, a Revolução Russa seria o exemplo do presente, iluminando o caminho a ser seguido.²²⁸

Opinião essa completamente rechaçada pelos responsáveis por *El Hombre*, para os quais o maximalismo havia se perdido na política mesquinha, não promovendo a justiça e a reorganização do trabalho. Aliás, nem poderia fazê-lo, pois a revolução na Rússia estava marcada desde o começo pela anormalidade da guerra e, portanto, seu desenvolvimento seria necessariamente “anormal”. Mais uma prova de que a “verdadeira” revolução anarquista não podia ser uma explosão irracional, mas fruto do cultivo consciente da liberdade de pensamento, crítica e ação — algo que nunca se alcançaria enquanto os povos e os indivíduos se deixassem levar por “meros agitadores”.²²⁹

Março de 1918 foi um mês muito importante para toda a esquerda uruguaia envolvida nas polêmicas provocadas pela Revolução Russa. Estava agendada uma grande manifestação para a celebração do 1º aniversário da Revolução de Fevereiro. *El Hombre*, que tentava contrapor-se à estratégia adotada por seu rival, havia passado a destinar significativa parte de sua publicação a artigos que ressaltavam a importância da educação, da instrução e da análise “racional e objetiva” da realidade, e publicou apenas uma nota divulgando uma “manifestação em homenagem às heroicas jornadas de 1871 e 1917”.²³⁰ *La Batalla*, como vimos, há muito vinha se preparando zelosamente para o ato, e publicou a seguinte convocatória, em que apontava a Comuna de Paris e a Revolução Russa como as datas mais importantes da história da humanidade, diante das quais as diferenças ideológicas no “campo avançado” deveriam ser, momentaneamente, colocadas de lado:

Solene é a comemoração. Nenhum fato registra a história de tanta transcendência como essa epopeia do povo russo, que em hercúleo esforço conquista sua liberdade, sanciona a realidade do mais magno ideal de redenção humana, indica uma estrada salvadora às multidões no caos; marca uma nova etapa rumo às concepções mais longínquas do pensamento e reflete na potencialidade fecunda do exemplo feito luz, um aceno eterno posto sobre a Glória da Vida do homem, único Rei na Criação. Neste momento, quando o porvir das raças está nos

²²⁸ LA BATALLA, nº 59, 28 de fevereiro de 1918.

²²⁹ EL HOMBRE, nº 72, 9 de março de 1918.

²³⁰ EL HOMBRE, nº 73, 16 de março de 1918.

braços das multidões e na espontaneidade emotiva das juventudes, prontas às justas cruzadas, cabe a nós, à juventude e ao povo do Uruguai, sermos os primeiros a congregar-nos em um ato transcendente, base de uma obra a começar e ponto de partida onde começa a plasmar-se o anseio de redenção social que alenta hoje o coração dos homens bons. Diante desse alto objetivo de humanidade, em cujo nome nos congregamos, as divergências ideológicas têm que ser depostas, pois são tão amplos e tanta magnitude possuem os princípios que há um ano sancionou o povo das estepes siberianas, que eles unificam todas as aspirações que sejam nobres e identificam todos os anseios que sejam justos e quem quer que seja o que leve na alma um anseio justo e uma aspiração nobre, tem um posto que ocupar nas colunas que o povo formará no ato solidário à Rússia Livre e em comemoração das duas mais importantes datas históricas: a Comuna de Paris e a Revolução Russa!²³¹

A importância dessa manifestação não residiu exatamente no apoio à Revolução Russa, pois atos dessa natureza já vinham ocorrendo desde o começo do ano em Montevideu e em outras cidades uruguaias, mas no fato de que reuniu anarquistas, socialistas e militantes progressistas em discussões e críticas das posições assumidas por cada um desses grupos.²³²

Os socialistas uruguaios já se encontravam profundamente divididos entre a ala “internacionalista”, liderada por Celestino Mibelli e Eugenio Gómez, que acreditava que a Rússia havia chegado ao ideal socialista e que no Uruguai a revolução aconteceria inevitavelmente e da mesma maneira que lá, e o setor “reconstrutor”, capitaneado por Emilio Frugoni²³³ e Liber Troitiño, que buscava matizar esse raciocínio, argumentando que se deveria levar em consideração as grandes diferenças entre os dois países, e manter o Partido Socialista livre de dogmatismos. O ato praticamente selou os campos nos quais se dividiriam os militantes em dois grupos: os que votariam pela adesão do partido à Internacional Comunista em setembro de 1920 e, posteriormente, aceitariam as vinte e uma condições de ingresso à Internacional Comunista no congresso que seria realizado em abril de 1921, que acabava com o PS e fundava o Partido Comunista do

²³¹ LA BATALLA, Nº 60, 15 de março de 1918.

²³² Cf. LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, p. 143.

²³³ Sobre Emilio Frugoni, ver REIS, Mateus Fávoro. *Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

Uruguai; e os que não as aceitariam, não ingressando na nova agremiação e refundando o Partido Socialista pouco depois.²³⁴

Entre os libertários, o evento consolidou as discrepâncias já mencionadas, reforçando a idealização da Rússia Revolucionária pelos anarcocomunistas e o despreço dos anarco-individualistas a todos os pontos antes citados, com ênfase em uma questão específica: seu total rechaço ao apoio do grupo de *La Batalla* ao estabelecimento de uma *ditadura do proletariado*. No interior da F.O.R.U., a posição majoritária era coincidente com a verificada em *La Batalla*, ou seja, um apoio entusiástico à Revolução Russa e a crença de que havia que se preparar para realizar a revolução social no Uruguai.²³⁵ Poucos dias antes da manifestação do dia 17, ocorreu o 7º Congresso do POSDR, no qual os bolcheviques impuseram a mudança do nome da agremiação para *Partido Comunista Russo*.²³⁶ Para *La Batalla*, isso resolvia a dúvida sobre o caráter da Revolução Russa ser socialista ou anarquista.²³⁷ Mas, para José Tato Lorenzo e seus companheiros de *El Hombre*, a insistência nesse equívoco equivalia à devoção de um misticismo religioso, que se fechava em seus dogmas, não se importando se a realidade os contradizia.²³⁸

Enquanto isso, na Rússia, enfrentamentos entre as autoridades bolcheviques e tropas contrarrevolucionárias compostas principalmente de cossacos vinham ocorrendo desde o inverno de 1917. Os bolcheviques, que haviam repellido esses ataques com certa facilidade, derrotaram também um pequeno exército de voluntários na região do Don, ao sul de Moscou. O comandante desse exército, composto majoritariamente de ex-oficiais nacionalistas, era o conhecido General Lavr Kornilov, que acabou sendo morto em combate. Para Lenin, o fato marcava o fim dos principais enfrentamentos.²³⁹

Enquanto *El Hombre* criticava a “violência estéril”,²⁴⁰ a redação de *La Batalla* defendia essas ações, sustentando que era preciso defender a Rússia revolucionária das potências imperialistas e seus cúmplices locais. A Europa monárquica e reacionária provavelmente tentaria derrotar a Revolução Russa, assim como havia tentado sufocar a

²³⁴ Idem, pp. 177-240.

²³⁵ Idem, p. 167.

²³⁶ BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchévique – histoire du PC de l'URSS*, p. 48.

²³⁷ LA BATALLA, Nº 61, 30 de março de 1918.

²³⁸ EL HOMBRE, nº 78, 20 de abril de 1918.

²³⁹ Cf. KOWALSKI, Ronald. *The Russian Revolution 1917-1921*, p. 109.

²⁴⁰ EL HOMBRE, nº 77, 13 de abril de 1918.

Revolução Francesa. Era preciso impedir que isso acontecesse, pois a revolução social não era um assunto interno russo, mas o primeiro ato da revolução que logo realizar-se-ia em todos os lugares, inclusive no Uruguai.²⁴¹ Apesar disso, o periódico sustentava que na Rússia não havia conflitos internos, nem guerra civil ou caos, apenas a luta “contra os inimigos externos, os alemães e seus aliados”.²⁴²

Visão completamente errônea. Entre os adversários dos *maximalistas* estavam não apenas os “aliados do militarismo alemão” ou setores que desejavam a volta do czarismo, mas também forças que haviam ajudado a derrubá-lo, como os social-revolucionários e os anarquistas. A maioria dos anarquistas russos havia apoiado os bolcheviques na derrubada do Governo Provisório, por acreditar que muitas das teses defendidas por eles representavam um avanço inequívoco em direção a uma sociedade anárquica. Contudo, após Outubro, as relações entre os dois grupos deterioraram-se rapidamente. No dia seguinte à vitória da Revolução, em 26 de novembro de 1917, os anarquistas receberam muito mal a declaração do estabelecimento de um “governo soviético” e da criação de um centralizado Conselho de Comissários do Povo, composto somente por bolcheviques. Essas medidas, argumentavam, ameaçavam destruir a revolução social iniciada em fevereiro, pois concentravam demasiadamente o poder político e atentavam contra seu desejo de descentralização política e econômica. Entre alguns círculos anarquistas em Petrogrado, falava-se da necessidade de uma “terceira fase da revolução social”, na qual se destruiria completamente o Estado e o poder político. Os anarquistas russos também reprovaram a Declaração de Direitos dos Povos da Rússia, onde era afirmado que cada nacionalidade tinha direito à constituição de um Estado próprio, vista como estatizante e anti-internacionalista. A criação da Cheka (a nova polícia secreta) alarmou ainda mais os libertários, que a acusavam de atentar com a liberdade e a independência dos *soviets* e dos comitês de fábrica. Finalmente, a assinatura do Tratado de Brest-Litovsky havia irritado profundamente os setores libertários, que desejavam aprofundar a revolução, e não “contemporizar com o inimigo”.²⁴³

²⁴¹ LA BATALLA, nº 63, 20 de abril de 1918.

²⁴² LA BATALLA, nº 64, 30 de abril de 1918.

²⁴³ Cf. AVRICH, Paul.[1965]. *The Russian Anarchists*. Oakland: AK Press, 2005, p. 183.

Todas essas críticas incomodavam muitos bolcheviques, que consideravam os libertários uma séria ameaça ao seu domínio. Ainda mais depois que, em parte para opor-se às tropas alemãs e em parte para fazer frente à hostilidade bolchevique, alguns clubes anarquistas haviam criado os Guardas Negros, espécie de milícia popular. Assim, utilizando como pretexto o roubo perpetrado por alguns anarquistas de Moscou do automóvel de um representante norte-americano da Cruz Vermelha, ocorrido três dias antes, ordenaram que a Cheka invadisse, na madrugada de 12 de abril, os 26 centros anarquistas de Moscou, incluindo o edifício da Federação Anarquista de Moscou. Os Guardas Negros ofereceram forte resistência armada e durante os combates, doze agentes da Cheka terminaram assassinados, cerca de 40 anarquistas resultaram mortos ou feridos e mais de 500 foram presos.²⁴⁴

Na imprensa libertária uruguaia, que dava espaço aos protestos organizados pela F.O.R.U. em maio, motivados pelo custo de vista crescente, os eventos foram recebidos de maneira díspar. *El Hombre* louvou o “heroico levamento anarquista”, um ato de coragem de pessoas que “sabiam os motivos pelos quais lutavam”, e quais as conquistas queriam defender. Era também uma prova de que anarquismo e maximalismo eram coisas distintas, ao contrário do que uma propaganda equivocada queria fazer crer. Além disso, evidenciava o descontentamento dos libertários russos com a condução da revolução social pelos bolcheviques, que acreditavam poder resolver tudo com “discursos e baionetas”. O levantamento anarquista não possuía “caudilhos”, ao contrário da Revolução Russa, repleta de personalismos e cultos às autoridades de Lenin e Trotsky.

Agora que as ruas de Moscou estão tingidas com o sangue dos anarquistas, agora que se abrem as portas das prisões para deixar sair os reacionários nelas detidos, fazendo-os substituir pelos nossos companheiros, queremos ver se se atrevem os corifeus maximalistas a levantarem sua voz, prestando uma vez mais suas ardentes admirações a Lenin, que desonrou a revolução russa.²⁴⁵

Por sua vez, *La Batalla* publicou textos onde discutia a veracidade das informações e afirmava que se fossem mesmo verdadeiras, tais lutas possivelmente

²⁴⁴ Idem, p. 184.

²⁴⁵ EL HOMBRE, nº 82, 18 de maio de 1918.

voltariam a se repetir, pois consolidar uma revolução social não era algo que se pudesse resolver em apenas um mês ou um ano, e que cabia aos próprios anarquistas levar a revolução adiante.

Não somos partidários da revolução russa pela meta a que se chegou — ainda que esta, em relação à época e à consciência da massa russa, não é pouca — e sim às sucessivas metas a que tende a chegar. Estamos com a revolução russa, porque ela abriu portas [...] ao ideal anarquista. Da ditadura da burguesia se passou, é certo, à ditadura do proletariado, mas isto é imprescindível nos atuais momentos em que tudo deve resolver-se pela força da metralhadora. Em seu devido tempo, a razão será a que tudo regularizará, desaparecendo o choque de classes para dar lugar à harmonia social. Que a ditadura do proletariado pode levar-nos a uma tirania normalizada em vez de transitória? E para que estamos, então, os anarquistas, senão para evitá-lo?²⁴⁶

Entretanto, para José Tato Lorenzo, essa atitude de alguns anarquistas *rioplatenses* era muito perigosa. Ao invés de responder às críticas que lhes eram dirigidas, limitavam-se a descrever a Rússia como um “paraíso anarquista” e atribuir todas as contestações às “mentiras dos diários burgueses”. Por fim, estavam calando-se sobre fatos que deveriam ser amplamente discutidos. Essa não era uma atitude respeitável de pessoas que se diziam anarquistas.²⁴⁷

Contudo, na Rússia, o enfrentamento militar com os anarquistas em Moscou não era a única preocupação dos bolcheviques. Lenin havia se equivocado rotundamente sobre a derrota de Kornilov na região do Don ter representado o fim dos principais enfrentamentos. Com efeito, na visão de vários historiadores, maio de 1918 representou o começo de uma nova etapa na chamada Guerra Civil Russa. Em meados de maio, uma legião checoslovaca de cerca de 38 mil homens, que havia sido recrutada pelo governo czarista entre os presos de guerra do Império Austro-Húngaro, e tentava atravessar a Sibéria para voltar aos combates na frente ocidental, chocou-se contra os bolcheviques. Em pouco tempo, ela adquiriu o controle sobre uma vasta região a leste do rio Volga e comprometeu-se a ajudar os social-revolucionários a derrubarem o governo revolucionário, restabelecer uma assembleia constituinte e retomar a guerra contra a

²⁴⁶ LA BATALLA, nº 67, 30 de maio de 1918.

²⁴⁷ EL HOMBRE, nº 88, 29 de junho de 1918.

Alemanha. A insurreição militar dos checoslovacos “provocou pânico” entre os bolcheviques e pesou na drástica decisão que logo tomaria Lenin. O líder bolchevique, temendo que os insurretos libertassem a família real presa em Ekaterinburgo, ordenou secretamente seu assassinato, o que foi feito em 17 de julho.²⁴⁸ De acordo com Ronald Kowalski, a rebelião da legião checoslovaca marcou o verdadeiro início da Guerra Civil Russa.

Em particular, ela deu aos social-revolucionários o apoio militar que lhes permitiu desafiar efetivamente os bolcheviques. [...] [Não] é mais sustentável ver a Guerra Civil simplesmente como uma disputa entre os Vermelhos (os bolcheviques) e os Brancos (os oficiais nacionalistas apoiados pelos industriais e antigos proprietários de terras). Na verdade, houve três guerras civis bastante distintas. Na segunda metade de 1918, a chamada era da contrarrevolução democrática, o conflito foi essencialmente entre os bolcheviques e os social-revolucionários. O período que vai do outono de 1918 até a derrota do General Petr Wrangel no outono de 1920 foi dominada pelo confronto entre os Vermelhos e os Brancos (a imagem convencional da Guerra Civil). Com a derrota final dos Brancos no outono de 1920, o foco mudou dramaticamente para o movimento Verde (insurreições generalizadas e mesmo descoordenadas de camponeses descontentes) que emergiu como o principal desafio ao poder bolchevique.²⁴⁹

O endurecimento da Guerra Civil fez com que *La Batalla* houvesse publicado, em junho, um texto da Agrupação Rússia Livre que conclamava os anarquistas de todo o mundo a defender a revolução dos ataques dos países imperialistas e a não se preocupar em discutir se o maximalismo era coletivismo ou anarquismo.²⁵⁰ E, cerca de um mês após essa publicação, chegou a afirmar que os assassinatos do ex-czar Nicolau II e de sua família deviam-se exclusivamente aos crimes cometidos pelo ex-mandatário. *El Hombre* não fez nenhum comentário direto quanto a esse evento, mas, em várias ocasiões, voltou a condenar toda a violência, “sempre despótica”.²⁵¹

Ambos os periódicos, contudo, estavam dedicando grande espaço às lutas por melhoras econômicas e contra o aumento do custo de vida que vinham ocorrendo no Uruguai. Após as greves dos padeiros e dos sapateiros em maio, nos primeiros dias de

²⁴⁸ Cf. SMITH, Steve A. *The Russian Revolution: A very short introduction*, p. 49.

²⁴⁹ Cf. KOWALSKI, Ronald. *The Russian Revolution 1917-1921*, pp. 109-110.

²⁵⁰ LA BATALLA, nº 69, 20 de junho de 1918.

²⁵¹ EL HOMBRE, nº 92, 27 de julho de 1918.

julho, a F.O.M. — estimulada por elementos radicais do Partido Socialista — havia começado um movimento por melhorias salariais, semelhante ao que já ocorria em vários outros setores da classe trabalhadora. No dia 26, decidiu-se pela greve dos trabalhadores do porto de Montevideu, mas a Administração Nacional do Porto declarou que os trabalhadores que não tivessem voltado ao trabalho até o dia 29 seriam demitidos. No dia 28, ocorreu uma assembleia, na qual fizeram uso da palavra, entre outros, María Collazo, representantes da *Federación Marítima Uruguaya* e da *Federación Marítima Argentina*. A irredutibilidade dos trabalhadores e a magnitude alcançada pela greve (aproximadamente cinco mil trabalhadores estavam de braços cruzados) ameaçavam estender o conflito a outros setores. Finalmente, no dia 31 de julho os grevistas conseguiram o aumento salarial reivindicado, bem como a garantia do cumprimento da lei de 8 horas, voltando ao trabalho no dia 5 de agosto.²⁵²

Durante a greve dos trabalhadores portuários, os motoristas de bondes e automóveis também entraram em greve, sendo apoiados pela F.O.R.U. Aproveitando o momento de mobilização, a federação organizou uma gigantesca manifestação no dia 4 de agosto. Após vários tumultos entre trabalhadores, patrões e policiais nos dias que se seguiram, a F.O.R.U. realizou um ato na Plaza Independencia no dia 11, onde incitava à greve geral. Na madrugada, o Conselho Federal da F.O.R.U. reuniu seus delegados que aprovaram a greve geral por tempo indeterminado. Durante uma semana, Montevideu foi sacudida por sangrentos confrontos, que resultaram na morte de três policiais, dois trabalhadores e dezenas de feridos. O desgaste provocado pelo emprego da violência e a forte repressão policial fizeram com que a F.O.R.U. acabasse suspendendo a greve.²⁵³

A greve geral e seu desenrolar tiveram ampla repercussão em *La Batalla* e *El Hombre*. Para *El Hombre* (que teve alguns redatores presos e liberados após o pagamento de fiança nas semanas seguintes), ainda que os métodos utilizados devessem ser melhor discutidos, o mais importante era que o proletariado uruguaio despertava, e que, no futuro, conheceria os benefícios de ter participado dessa mobilização.

²⁵² D'ELÍA, German; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, pp. 136-141.

²⁵³ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, pp. 27-29.

Estamos contentes de ter visto a esse povo convulsionado, em um belo e inesquecível gesto de rebeldia. E ainda que sejamos individualistas, porque amamos o homem de qualidades para que mais facilmente possa o povo realizar seus progressos e seu destino, nos juntamos à multidão e fizemos tudo o que esteve a nosso alcance.²⁵⁴

Para *La Batalla*, cuja diretora María Collazo teve participação destacada nas assembleias grevistas e cuja opinião expressava a da própria F.O.R.U., a greve geral havia adquirido a dimensão de repúdio ao sistema capitalista, e augurava grandes e próximos acontecimentos sociais.

[...] [Foi] uma constatação palpável de que o povo se encontra disposto a experimentar novas formas de vida, de que está cansado de sofrer por mais tempo as consequências desse desajuste social e que necessita apenas acentuar um pouco mais seu querer, orientar um pouco mais sua finalidade e, sobretudo, convencer-se [...] que, para fazer frente a um estado de coisas [...] que se sustenta apoiado nas baionetas, é necessário criar outra força [...] para defender os ideais de justiça que acentuadamente se bosquejam na consciência popular.²⁵⁵

Na Europa, a guerra continuava. Os Aliados esperavam derrubar o governo revolucionário para que os soldados russos pudessem retomar a guerra contra as Potências Centrais. Assim, o desembarque das tropas aliadas na costa de Murman (no noroeste do país) para deter o avanço alemão e conter os nacionalistas finlandeses, logo serviu para dar apoio logístico e material aos Brancos. No outro extremo do país, o desembarque japonês era um sinal claro de que o exército nipônico se aproveitaria da situação na frente ocidental para estender seus domínios naquela região. O subsequente desembarque norte-americano poderia significar um freio às pretensões japonesas, mas não era nada tranquilizador para o governo de Lenin. A situação desesperadora fez com que os bolcheviques chegassem a pedir à Alemanha que deslocasse mais tropas para a frente ocidental, e que ocupasse efetivamente os territórios adquiridos com a assinatura de Brest-Litovsky — o que foi aceito em um acordo assinado em agosto. Uma das condições impostas pelos alemães era que os russos se abstivessem de fazer propaganda revolucionária nas Potências Centrais. Mas o poder bolchevique fez com que entre

²⁵⁴ EL HOMBRE, nº 95, 17 de agosto de 1918.

²⁵⁵ LA BATALLA, nº 74, 30 de agosto de 1918.

vários países aliados, a guerra contra os bolcheviques adquirisse uma importância comparável à guerra contra a Alemanha. Nos dizeres de Marc Ferro, “a Grande Guerra havia se transformado em uma cruzada”.²⁵⁶

Ao que parece, os libertários uruguaios também o entenderam dessa maneira. *El Hombre* protestou contra a intervenção burguesa, ainda que tivesse sublinhado que não estava endossando o regime bolchevique, nem que estivesse se solidarizando com as “práticas de tirania” que vigiam no que havia sido o império dos czares.²⁵⁷ Para *La Batalla*, os anarquistas não podiam mais permanecer de braços cruzados. A Revolução Russa significava muito para a história da humanidade e, caso fosse derrotada, isso representaria um enorme compasso de espera para a transformação social.²⁵⁸ Ao chamado burguês para derrotar a revolução, deveria opor-se um chamado dos trabalhadores e dos homens livres para defendê-la. O regime vigente na Rússia podia não ser perfeito, mas, para os trabalhadores, era “muito mais justo e livre” que o capitalismo.²⁵⁹

Em meados de outubro, já havia o rumor de que a paz estava sendo negociada entre as potências europeias. As Potências Centrais estavam virtualmente derrotadas e rebeliões de trabalhadores e soldados eclodiam em várias delas. Para *La Batalla*, o sistema capitalista cambaleava e era uma obrigação dos trabalhadores aproveitar o momento para organizar um levantamento revolucionário que o derrubasse.²⁶⁰ Por sua vez, *El Hombre*, que há várias edições vinha publicando textos explicando as ideias de diversos pensadores anarquistas, concordava que, comprovada a inadequação do regime capitalista e burguês à vida social, os “elementos avançados” deveriam propor alternativas a ele. Contudo, também sustentava que a “tradição revolucionária”, assim como qualquer outra tradição (costumes, crenças, ditames morais etc.), não podia ser seguida cegamente. Pretender pensar, em 1918, “com os mesmos critérios de Bakunin”, e propor uma transformação social por meio de uma única revolução era “absurdo e equivocado”. A sociedade transformar-se-ia lentamente, a partir de uma educação

²⁵⁶ FERRO, Marc. *História da Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*, p. 235.

²⁵⁷ EL HOMBRE, nº 101, 28 de setembro de 1918.

²⁵⁸ LA BATALLA, nº 76, 20 de setembro de 1918.

²⁵⁹ LA BATALLA, nº 77, 30 de setembro de 1918.

²⁶⁰ LA BATALLA, nº 79, 20 de outubro de 1918.

libertária.²⁶¹ Entretanto, os editores de *La Batalla* estavam convencidos de que o “caráter revolucionário intrínseco ao anarquismo” era mais importante do que nunca. A luta do povo russo marcava o início da epopeia vindoura, e a ditadura do proletariado serviria de ponte para chegar a uma “nova forma de vida [...]”²⁶²

Em 11 de novembro de 1918, foi assinado o aguardado armistício entre a Alemanha e os Aliados. As hostilidades, porém, continuaram por mais alguns dias em áreas antes pertencentes ao antigo Império Russo e ao Império Otomano. *El Hombre* louvou o armistício, visto como um fator de progresso. Para os anarco-individualistas, o destino da humanidade estava em jogo. Na Alemanha e na Áustria, as organizações operárias estavam bem próximas de realizar uma revolução e por toda a Europa as forças conservadoras perdiam terreno para os elementos revolucionários. Naquela “hora suprema”, os anarquistas deveriam posicionar-se na linha de frente das transformações, sempre mantendo sua liberdade individual.²⁶³ *La Batalla* criticou as comemorações que aconteciam em várias cidades do mundo, afirmando que havia terminado apenas a guerra burguesa, de interesses escusos. A guerra da revolução social que emanciparia os povos ainda não havia terminado, nem haveria paz possível entre exploradores e explorados.²⁶⁴

Contudo, o fim da Grande Guerra e a derrota alemã implicaram na anulação do Tratado de Brest-Litovsky e a guerra civil na Rússia entrou em uma nova fase. A retirada das forças alemãs da Ucrânia, do Báltico e da Crimeia permitiu que Brancos e Vermelhos avançassem sobre o território desocupado. Entre os governantes de países como EUA, Grã-Bretanha, França, Japão e Canadá, havia discrepâncias sobre qual seria o melhor destino para a Rússia: Branca e fortalecidamente imperialista ou Vermelha, porém debilitada. Ademais, alguns líderes ocidentais, como o britânico Lloyd George, estavam relutantes em contrariar a opinião pública de seus países e engajar-se em mais um conflito bélico. Apesar disso, prevaleceu a posição de enviar tropas para ressaltar seu prestígio militar e político, e, ao mesmo tempo, não se ver excluído dos espólios que a possível derrota bolchevique e ocupação da Rússia poderiam proporcionar.²⁶⁵

²⁶¹ EL HOMBRE, nº 104, 19 de outubro de 1918.

²⁶² LA BATALLA, nº 80, 30 de outubro de 1918.

²⁶³ EL HOMBRE, nº 107, 16 de novembro de 1918.

²⁶⁴ LA BATALLA, nº 82, 20 de novembro de 1918.

²⁶⁵ FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*, pp.520-521.

No final de novembro, visando posicionar-se sobre o fim da Guerra Mundial e a situação na Rússia, além de oferecer respostas à dura situação vivida pelos trabalhadores uruguaios, a F.O.R.U. organizou várias conferências. De uma delas, resultou uma proclamação onde se manifestava apoio à Revolução Russa e se divulgava a criação do primeiro *soviet* do Uruguai, localizado no Centro de Estudos de Passo Molino, na região noroeste de Montevideú. Isso provocou uma reação negativa imediata de *El Hombre*, que questionava a validade e a eficácia dessa forma de organização dos trabalhadores.

O que são os soviets? Acaso agrupações distintas às que conhecemos, melhores em suas virtudes de transformação social e de revolução que as entidades anarquistas, que os sindicatos operários e Centros de Estudos?... Acaso o sistema “sovietista” foi de algum modo uma organização revolucionária, antes que certas circunstâncias determinassem que o poder burguês e imperial entrasse em crise? Acaso é mais seguro o caminho e mais rápida a chegada ao venturoso futuro com que se sonha, importando a nosso meio o programa e o método coletivista do maximalismo russo, que as ideias práticas do sindicalismo libertário?... Convém esclarecer as situações e não dar lugar algum para possíveis confusões. À imitação do ocorrido na Alemanha, Áustria e Rússia, o “sovietismo” do Uruguai não tem outra razão de ser que aquela que compete ao socialismo e seus homens, mas de nenhum modo aos anarquistas e sindicalistas. Aqueles socialistas que, abandonando os métodos da pequena e torpe política, entram de cheio no campo combativo e revolucionário abraçando a causa maximalista, alcançam um sensível progresso; mas em troca, os anarquistas que voltam seus olhos e põem seu amor no maximalismo, e trabalham por ele ao invés de fazê-lo pela anarquia, [...] retrocedem em seu caminho.²⁶⁶

Apoiar o maximalismo era desviar-se perigosamente dos princípios libertários. Era compactuar com a ideia de que os males da humanidade poderiam ser resolvidos apenas mudando-se o sistema político ou econômico, e não combatendo o “princípio da autoridade” e trabalhando para a transformação profunda das mentalidades individuais. Essa influência, tida como “nefasta”, estava presente em setores do movimento anarquista uruaio, que teriam sido influenciados pelo “alucinante espetáculo da Europa”. Essas pessoas já não podiam ser considerados anarquistas, e sim maximalistas. Seriam partidários das maiorias e,

²⁶⁶ EL HOMBRE, nº 110, 30 de novembro de 1918.

[...] já não lhes repugnando como antes o autoritarismo, sentindo-se eles mesmos como aptos para as funções ditatoriais, declaram-se fatores de evolução política, ainda que, com o propósito de marchar depois em direção à anarquia. [...] Acaso, como os socialistas, devemos agora supor que é bom nos apoderarmos do governo, para impor de lá a anarquia?²⁶⁷

Os anarco-individualistas, entretanto, ressaltavam que criticar o maximalismo não era o mesmo que ser contrário à Revolução Russa, mas caso o Uruguai também realizasse sua revolução, todos os anarquistas deveriam lutar para que jamais grupo algum se entronizasse no poder.²⁶⁸

Por sua vez, para *La Batalla*, os libertários que haviam apoiado a Revolução Russa desde o início estavam certos, pois ela não havia sido o resultado de nenhuma eleição fraudulenta, legalismo socialista estéril ou abdicação da personalidade individual. Ao contrário, seu triunfo devia-se ao emprego dos “métodos revolucionários anarquistas” e, portanto, a revolução deveria ser reivindicada pelos libertários. Dirigindo-se aos socialistas uruguaios — cujo setor “internacionalista”, partidário da Revolução Russa, havia passado a ser majoritário e dela fazia propaganda em proveito do socialismo —, exortou-os a serem honestos e reconhecerem que a revolução havia sido um triunfo anarquista.²⁶⁹

Considerando inaceitável a postura do periódico de María Collazo, que equiparava o maximalismo ao anarquismo, os responsáveis por *El Hombre* empreenderam uma série de artigos detalhando as diferenças entre as teorias. O maximalismo era a aplicação do socialismo de Estado, antagônico, em definitivo, ao anarquismo.

O caminho socialista é a anulação dos direitos do homem como homem, e é a defesa dos direitos do homem como povo. Não é o caminho socialista o que leva à anarquia, é precisamente sua antítese, o ponto oposto. [...] Hoje, mais do que nunca, é preciso defender e propagar a autonomia do homem, seu direito a agir livremente, a

²⁶⁷ EL HOMBRE, nº 111, 7 de dezembro de 1918.

²⁶⁸ EL HOMBRE, nº 111, 7 de dezembro de 1918.

²⁶⁹ LA BATALLA, nº 84, 10 de dezembro de 1918.

pensar e a dizer o que estime e julgue por conveniente como dono que é de seus atos, porém, nunca dono dos atos dos demais.²⁷⁰

Entretanto, em seu último número do ano, com o aumento da presença das tropas estrangeiras na Rússia, *El Hombre* fez um apelo em prol do combate à intervenção no país. Era necessário defender a autodeterminação do povo russo, condição necessária para a evolução dos indivíduos.

Protestamos contra toda intervenção estrangeira nos assuntos da Rússia, contra a intervenção militar e burguesa dos países aliados [...]. Nós defendemos os direitos que possuem os povos a disporem por si próprios de seus destinos. Como anarquistas, estaremos sempre contra todo regime autoritário, chame-se como se chame, pela autonomia do homem. Como anarquistas, também estaremos sempre pela autonomia dos povos, contra as intervenções autoritárias e as conquistas. Pelo maximalismo, não; pelo direito dos povos, pela independência da Rússia, pela Justiça, sempre...²⁷¹

Nos últimos meses do ano de 1918, o terror provocado na Rússia revolucionária e a defesa da necessidade de combater a influência da “barbárie maximalista”, que já dominava a política externa dos governos dos países europeus, havia se tornado assunto corrente entre as elites e os mandatários uruguaios. Rumores de que no país havia agitadores estrangeiros de tendência maximalista infiltrados na polícia e nos bombeiros, com planos para subverter as instituições nacionais e realizar uma revolução, eram veiculados insistentemente por vários diários conservadores, que também exigiam maior rigor na entrada e permanência de estrangeiros em território uruaio. Alarmado, o governo trasladou algumas tropas do interior para Montevideu, instalou um destacamento do 3º Regimento da Infantaria em Colonia del Sacramento para impedir que grevistas argentinos entrassem no país, concentrou mais de quatro mil homens armados em Cerrillos (departamento de Canelones) e preparou os pilotos da Força Aérea para agir caso fossem requisitados.

Não se intimidando com todo o aparato mobilizado pelo Estado, em 21 de dezembro, a F.O.R.U. organizou um ato público de caráter internacionalista na Plaza Independencia. O ato foi violentamente dissolvido pela polícia e resultou em diversas

²⁷⁰ EL HOMBRE, nº 113, 21 de dezembro de 1918.

²⁷¹ EL HOMBRE, nº 114, 28 de dezembro de 1918.

detenções. Três dias depois, foi convocada uma reunião do Conselho Federal da entidade para discutir o ocorrido. Na saída do *Centro Internacional de Estudios Sociales*, onde se realizou a reunião, vários militantes foram presos, incluindo María Collazo. O Centro foi fechado e as reuniões e conferências programadas, proibidas. Além disso, na mesma noite, foram presos e posteriormente deportados, vários judeus russos membros do Comitê Israelita, acusados de serem “agentes de Moscou”.²⁷²

No final de 1918, na Europa e no restante do mundo, pairavam grandes incertezas sobre o futuro. Após quatro longos anos, a Grande Guerra havia finalmente terminado, mas deixou um saldo de destruição e morte nunca antes visto. Antigos impérios haviam desaparecido, enquanto diversos movimentos de caráter nacional buscavam autonomia ou independência. Em vários países, como a Alemanha, a agitação revolucionária dos trabalhadores parecia ser incontrolável. Por outro lado, contrariando a maioria das expectativas, a Revolução Russa mantinha-se de pé. Porém, atacada por todos os lados, parecia pouco provável que sobrevivesse por muito mais tempo.

Influenciados pelo confuso cenário internacional e imersos em um contexto interno de repressão policial, grave crise econômica com forte inflação dos artigos de primeira necessidade e aluguéis encarecidos, os libertários uruguaios, radicalizados, buscavam oferecer uma orientação que ajudasse a resolver os problemas dos trabalhadores. Para *La Batalla*, a solução era muito clara: era preciso seguir o caminho trilhado pela Rússia, e, a partir dele, avançar rumo ao estabelecimento da sociedade anárquica. Para *El Hombre*, passava por continuar o trabalho diário de propagar a inalienável autonomia do indivíduo e a autodeterminação dos povos. Mas ao sustentar essas posições, os anarco-individualistas, para serem consequentes, viram-se levados a defender a autonomia da Rússia e, conseqüentemente, o “regime revolucionário maximalista”. Paradoxalmente, esse aparente “acordo” entre os dois grupos contribuiria para aprofundar a divisão do movimento anarquista uruguaio.

²⁷² RODRÍGUEZ, Universindo et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*, pp. 56-57.

3.2 — 1919: a Revolução Social no *Río de la Plata* e o caminho a ser seguido

O ano de 1919 começou de maneira dramática no *Río de la Plata*. Anarquistas e socialistas uruguaios protestaram veementemente contra os fatos ocorridos em dezembro do ano anterior. No interior do campo libertário, *La Batalla* opinou que, apesar da violência dos tiranos e da burguesia, a justiça estava do lado dos trabalhadores e, portanto, sua vitória era inevitável.²⁷³ *El Hombre* considerou os eventos parte de uma guerra social que a burguesia mundial teria declarado contra os trabalhadores e da qual a perseguição ao maximalismo era parte.

Ao chamado que fazem os porta-vozes da burguesia contra o maximalismo, aos gritos de guerra e extermínio contra eles, às leis de exceção, os desterros e as prisões, contestaremos com nosso apoio solidário, com nossa ação de varões que não têm medo ao sacrifício, sempre contra os mais fortes e maus, e em defesa dos mais fracos e bons. Face à cruzada violenta que a burguesia internacional inicia contra o maximalismo, não seremos neutros, não seremos cúmplices da iniquidade burguesa cruzando os braços. Que saibam isso os governantes, que o saibam todos os capitalistas, que o saibam também os trabalhadores socialistas que, mesmo não estando de acordo com suas ideias coletivistas, estamos os anarquistas onde devemos estar: na vanguarda das forças do progresso e no lugar onde haja mais perigo.²⁷⁴

Ao mesmo tempo em que denunciavam a repressão das autoridades uruguaias, os anarquistas tomavam conhecimento das notícias dos enfrentamentos que se produziam na Argentina. Devido à violência e às mortes ocorridas, os eventos ficaram conhecidos como *Semana Trágica*.

À semelhança do que aconteceu no Uruguai, a Revolução Russa também repercutiu fortemente no movimento operário-social argentino, cuja tendência majoritária também era, na época, o anarquismo.²⁷⁵ Os conflitos sociais na república vizinha também vinham crescendo, e as greves haviam aumentado muito entre os anos

²⁷³ LA BATALLA, nº 86, 3 de janeiro de 1919.

²⁷⁴ EL HOMBRE, nº 115, 4 de janeiro de 1919.

²⁷⁵ Para uma análise das repercussões da Revolução Russa no movimento anarquista argentino, ver PITALLUGA, Roberto. Lecturas anarquistas de la Revolución Rusa. In: *Prismas nº 6*, 2002, pp. 179-188 e PITTALUGA, Roberto. De profetas a demonios : Recepciones anarquistas de la Revolución Rusa (Argentina 1917-1924). In: *Sociohistórica*, (11-12), 2002. Disponível em <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3061/pr.3061.pdf>. Acesso em 28/12/2011.

de 1917 e 1918. Em 3 de janeiro de 1919, metalúrgicos em greve de uma fábrica britânica nos subúrbios de Buenos Aires organizaram um piquete para impedir que carregamentos de matérias-primas chegassem à fábrica. No dia 7, enquanto os trabalhadores marítimos decidiam entrar em greve, a polícia disparava contra os metalúrgicos grevistas que tentavam impedir a entrada na fábrica de um carregamento escoltado. Cinco trabalhadores morreram e vinte ficaram feridos. No dia seguinte, a paralisação nos portos era total e no dia 9, no funeral dos trabalhadores mortos pela polícia, uma marcha de 150 pessoas (algumas armadas) acompanhava o cortejo e, em sua passagem, destruíram algumas propriedades, queimaram um veículo e incendiaram várias igrejas. A polícia interveio e, ao atirar contra a marcha, matou e feriu várias pessoas. A partir de então, os protestos espalharam-se pela cidade e a violência generalizou-se. O presidente Hipólito Yrigoyen deu ordem à polícia de atirar para matar, o que fez aumentar a violência dos manifestantes. À noite, a F.O.R.A. convocou uma greve geral de 24 horas na capital, em protesto contra a ação policial. No dia 10 de janeiro, os transportes foram paralisados, e diários, lojas, mercados, hotéis e bares permaneceram fechados. Dedicando grande espaço aos eventos que ocorriam no país vizinho, os libertários uruguaios imediatamente posicionaram-se contra a repressão comandada pelo governo argentino²⁷⁶ e previram a possibilidade de que algo semelhante ocorresse também no Uruguai.²⁷⁷

Aproveitando o caos provocado pelos protestos, a Liga Patriótica Argentina (uma organização extremista de direita) organizou massacres contra a população judia local (a maioria de origem russa) e contra os imigrantes catalães, acusando-os, respectivamente, de maximalistas e anarquistas. Nesse ínterim, a polícia de Montevideu informou às autoridades bonaerenses “ter descoberto um plano comunista” para dominar o *Río de la Plata*, com a tomada das capitais de ambos os países. No dia 11, a imprensa argentina informou que a polícia havia invadido um apartamento e prendido quarenta judeus de origem russa reunidos em um *soviet*. Buenos Aires foi colocada sob lei marcial e ocupada com tropas do Exército, dois regimentos da Cavalaria, um regimento da Artilharia e 300 oficiais da Marinha, ao que os distúrbios cessaram. Ainda assim, na manhã do dia 13, um grupo de anarquistas tentou apoderar-se da munição de

²⁷⁶ LA BATALLA, n° 87, 10 de janeiro de 1919.

²⁷⁷ EL HOMBRE, n° 116, 11 de janeiro de 1919.

uma delegacia, mas foram impedidos devido aos disparos efetuados por um destacamento da Marinha situado em um cruzador. A *Semana Trágica* havia terminado. Três policiais foram mortos e 78 ficaram feridos, enquanto estima-se que entre 100 e 700 trabalhadores tenham perdido a vida e entre 400 e 2000 tenham sido feridos.²⁷⁸

Durante os enfrentamentos no país vizinho, o presidente uruguaio, Feliciano Viera, havia se reunido com os ministros do Interior, da Guerra e Marinha, e com o chefe da polícia de Montevideú, para estudar a implantação de medidas de segurança. Os oficiais nos quartéis foram colocados de prontidão, tropas foram posicionadas em lugares estratégicos, foi reforçada a segurança nas delegacias e órgãos públicos, batalhões foram deslocados para o bairro Cerro. Sindicalistas, trabalhadores e intelectuais de diversas tendências foram perseguidos. As redações de *El Hombre* e *La Batalla* foram ocupadas e vários de seus redatores foram detidos. O secretário-geral da F.O.R.U., Francisco Carreño, e vários membros do Conselho Federal da entidade foram presos, assim como Eugenio Gómez, secretário da F.O.M. Em fins de janeiro, o governo começou a libertar os presos. Essa perseguição aos militantes, e o rígido controle que o governo impôs às centrais sindicais, debilitou o movimento operário-social; e muitas empresas aproveitaram-se dessa situação para demitir centenas de trabalhadores.²⁷⁹

Estupefatos pelas ações repressoras, os responsáveis por *El Hombre* e *La Batalla* protestaram veementemente contra as operações (classificadas de terror policial)²⁸⁰ e chamaram à unidade dos trabalhadores e dos “setores avançados” para fazer frente à “reação burguesa”.²⁸¹ Também a F.O.R.U. divulgou um comunicado oficial criticando a repressão aos trabalhadores e movimentos sociais.

Internacionalmente, a agitação operária continuava em vários países da América e também do Velho Continente. Na Europa, o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht na Alemanha significou a confirmação da guerra social para os anarcocomunistas uruguaiois, a batalha final que inauguraria uma nova era, anarquista.

²⁷⁸ Ver BILSKY, Edgardo. *La Semana Trágica*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984 e HÉBERT, John Raymond. *The Tragic Week of January, 1919, in Buenos Aires: Background, Events, Aftermath*. Washington, D. C.: Georgetown University, 1972.

²⁷⁹ Cf. RODRÍGUEZ, Universindo et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*, pp. 57-58.

²⁸⁰ EL HOMBRE, nº 118, 25 de janeiro de 1919.

²⁸¹ LA BATALLA, nº 89, 24 de janeiro de 1919.

Este momento é único na história das reivindicações humanas. Jamais haverá período de século mais fecundo, mais promissor que o presente para a implantação no mundo das bases incombíveis de uma nova sociedade libertária. Colocada a pedra fundamental na Rússia para o erguimento do novo edifício, este vai se estendendo ampla e solidamente por todos os âmbitos da terra.²⁸²

Por outro lado, os anarco-individualistas uruguaios passavam por um momento de radicalização, mas continuavam céticos com relação ao que a Revolução Russa poderia oferecer como caminho para a liberdade. Se bem afirmaram que havia que defender a todo custo a autonomia da Rússia,²⁸³ também haviam declarado, em janeiro, serem contrários a todo tipo de ditadura — *inclusive a dos trabalhadores*.²⁸⁴ Além disso, em fevereiro, José Tato Lorenzo havia concluído a série de artigos comparando criticamente anarquismo e maximalismo — logo compilada e publicada em um folheto. Para ele, o resultado da comparação era que o anarquismo havia mostrado ser nitidamente superior à doutrina maximalista.

Enquanto às ideias, aos princípios fundamentais do maximalismo, não respondem a um conceito de Justiça e Direito como o anarquismo, e em todos os pontos é inferior a este. O maximalismo pode ser defendido como norma de guerra ao capitalismo, mas não possui um caudal ideológico de verdadeiro valor moral como o anarquismo. A meu modo de ver, convém mais insistir no caminho gremial, amplificando sua ação e estendendo sua influência social, que iniciar procedimentos de organização maximalista, para a qual, é imprescindível contar com meios similares às organizações revolucionárias políticas, conquistando-se o exército e instruindo autoridades ditatoriais sempre antipáticas e odiosas para o anarquista.²⁸⁵

O resultado desse “estudo crítico” irritou os responsáveis por *La Batalla*, para quem a Revolução Russa já havia mostrado ser benéfica. Sendo assim, entre os anarquistas, a única consigna que deveria ser proclamada era “Viva a Revolução Russa e sua breve extensão à América!”²⁸⁶ O periódico ainda fez questão de celebrar o aniversário de dois anos da revolução, largamente ignorado por *El Hombre*.

²⁸² LA BATALLA, nº 90, 31 de janeiro de 1919.

²⁸³ EL HOMBRE, nº 121, 15 de fevereiro de 1919.

²⁸⁴ EL HOMBRE, nº 116, 11 de janeiro de 1919.

²⁸⁵ EL HOMBRE, nº 119, 1º de fevereiro de 1919.

²⁸⁶ LA BATALLA, nº 92, 14 de fevereiro de 1919.

Há dois anos estalou a grande revolução salvadora no ex-império dos czares, e ela, avassaladora e majestosa, não só soube varrer os empecilhos que os burgueses, políticos e clérigos lhe opunham a seu caminho, como também serviu de bálsamo aos oprimidos de toda a terra, desterrou o achatamento, o pessimismo das massas exploradas, e lhes fez vislumbrar como promissor e próximo o grande dia da total libertação. E hoje, depois de tão curto prazo, não existe canto do planeta Terra em que não haja chegado o esplendor da luminosa tocha anunciando dias de abundância, de igualdade, de fraternidade, de amor. Salve, grande povo da Rússia livre, a ti nossa saudação por ocasião do segundo aniversário da tua e da nossa revolução!²⁸⁷

Antes disso, no começo de março, ocorreu o congresso de fundação da Internacional Comunista (3ª Internacional) em Moscou, realizado entre os dias 2 e 6. Em um contexto de guerra civil e isolamento, não contou com muitos participantes, e as discussões principais tiveram por tema o funcionamento dos *soviets* e o significado “real” da ditadura do proletariado e sua “superioridade” em relação à “democracia burguesa”. Na verdade, o congresso serviu muito mais como uma propaganda do regime implantado pelos bolcheviques. A recepção não foi muito positiva entre os dirigentes socialistas mais antigos. Muitos desejavam reerguer a 2ª Internacional e haviam, inclusive, realizado uma conferência, em Berna, com esse propósito.²⁸⁸ Entre a maioria dos anarquistas, a reação também foi de desconfiança. Contudo, mais enfraquecidos e desarticulados que os socialistas, seus esforços para a constituição de uma alternativa foram menos produtivos.²⁸⁹ De qualquer maneira, todas essas correntes estavam convencidas de que a época era propícia à propaganda de suas ideias e tentavam estender sua influência no movimento operário-social internacional.

No Uruguai, onde o também colorado Baltasar Brum havia assumido a presidência da república em março, esperava-se um governo um pouco menos repressor ao movimento operário-social. No campo libertário, isso não significou o arrefecimento das polêmicas sobre o caminho a ser seguido para a transformação da sociedade. *La Batalla*, que publicou com destaque uma mensagem de Lenin aos trabalhadores do continente americano, começava, aos poucos, a substituir o vocábulo *maximalismo* por

²⁸⁷ LA BATALLA, n° 96, 21 de março de 1919.

²⁸⁸ DREYFUS, Michel. *L'Europe des socialistes*, pp. 76-88.

²⁸⁹ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.2, p. 39.

socialismo revolucionário (para diferenciá-lo do “socialismo parlamentar”) ou mesmo por *comunismo* (usado algumas vezes como sinônimo de “anarcocomunismo”). *El Hombre* preferia continuar a associar maximalismo a “socialismo coletivista” e a denunciar a anulação da individualidade nos “sistemas sociais gregaristas”. Contudo, mesmo para os anarco-individualistas, a conjuntura mundial parecia singular, e a mudança revolucionária poderia vir a tornar-se realidade.

Vivemos em um momento da história em que nossas ideias podem conquistar o mundo. Nunca os sulcos se encontraram tão propícios para receberem a semente anarquista. A humanidade passa por [...] momentos excepcionais, momentos nunca vistos que estão dando lugar a que o pensamento revolucionário e progressista triunfe e se afirme em prodigiosas realidades.²⁹⁰

Era necessário, então, que os anarquistas multiplicassem suas ações e, em sua propaganda, marcassem sua posição na qualidade de anarquistas, ressaltando a especificidade e a superioridade de suas ideias e motivações.

Se vem a revolução, se vamos a ela, há de ser como anarquistas, em defesa do homem, e não por idealismos nem aspirações socialistas. É necessário que o digamos alto e claro nesta hora de confucionismo ideológico, que somos anarquistas, face à burguesia, face ao governo, face a todos os partidos, em toda circunstância e meio, somos anarquistas, anarquistas sempre e não outra coisa.²⁹¹

Para *La Batalla*, entretanto, a Revolução Social *já era uma realidade* em muitos países europeus, e logo se estenderia à América do Sul. Não era o momento de “propagar ideias” e sim de apresentar um programa revolucionário para os trabalhadores uruguaios. Assim, em fins de abril, o periódico apresentou um “programa mínimo imediato”, de caráter anarcocomunista, para orientar os inícios da transformação social.

O exposto, em linhas gerais, é o mínimo que se pode exigir para [...] dar começo à nova organização social e seguir sem travas econômicas e autoritárias rumo a um máximo de aspirações, cada vez mais amplo, mais perfeito intelectual, moral e fisicamente, até chegar ao interminável ideal sonhado... E o exposto [...] não é uma quimera, não

²⁹⁰ EL HOMBRE, nº 128, 5 de abril de 1919.

²⁹¹ EL HOMBRE, nº 129, 12 de abril de 1919.

é uma utopia; já muito povos da Europa: Rússia, Hungria, Áustria, Alemanha, Romênia, Bulgária, Sérvia (e agora também se iniciando na Itália) estão colocando em prática, com feliz resultado, o pequeno programa que expusemos. Atreve-te tu também, povo do Uruguai, e não ficarás arrependido. Grita conosco: Viva o comunismo! Viva a nova sociedade na qual “o que não trabalha não come”!²⁹²

Ambos os periódicos vinham subindo o tom das críticas mútuas, acusando-se, reciprocamente, de “revolucionários de papel”, “oportunistas” ou “inconsequentes com o ideal anarquista”. Nesse ínterim, *El Hombre* chegou a publicar uma carta de um leitor que sugeria a união dos dois periódicos, tendo em vista que a nova publicação seria enriquecida com diversas opiniões e isso poderia fortalecer o movimento anarquista. Mas os anarco-individualistas, embora reconhecessem o alcance que poderia ter o hipotético periódico, rejeitaram essa proposta.²⁹³

Em maio, a F.O.R.U. organizou mais uma grande manifestação pelo Dia do Trabalhador. *El Hombre* havia criticado a institucionalização e despolitização do 1º de maio,²⁹⁴ enquanto *La Batalla* não apenas divulgou a manifestação organizada pela federação, como também apresentou textos históricos explicando o significado da data.²⁹⁵

Como o custo de vida continuava extremamente elevado, discussões sobre como resolver a *questão social*, greves e manifestações de todo tipo continuavam a ocorrer por todo o país. Em fins de julho, uma greve dos trabalhadores portuários, em protesto pelo não-cumprimento do acordo de 1918, foi declarada pela F.O.M. A F.O.R.U. ofereceu prontamente seu apoio, e socialistas e anarquistas mais uma vez estiveram do mesmo lado. Porém, a pedido do governo, a Guarda Republicana interveio para garantir o funcionamento do porto, ao que os transportadores solidarizaram-se com os estivadores e a greve tomou um caráter violento. Uma greve geral começou a ser discutida entre as centrais sindicais, mas as autoridades se anteciparam, declarando seu caráter “subversivo”. Vários centros operários foram invadidos e fechados, *La Batalla* foi proibido de circular e os líderes grevistas foram presos. Além disso, as sedes da F.O.M., da F.O.R.U. e de muitos sindicatos foram ocupadas e saqueadas. Apesar de

²⁹² LA BATALLA, nº 100, 24 de abril de 1919.

²⁹³ EL HOMBRE, nº 131, 26 de abril de 1919.

²⁹⁴ EL HOMBRE, nº 131, 26 de abril de 1919.

²⁹⁵ LA BATALLA, nº 102, 1º de maio de 1919.

envolver cerca de 4000 trabalhadores e ter durado 75 dias, o movimento foi totalmente derrotado. A repressão governamental e o desgaste sofrido pelas centrais sindicais desarticularam as lutas dos trabalhadores, o que foi profundamente lamentado por socialistas e anarquistas. Após a derrota, o Conselho Federal da F.O.R.U. fez um balanço da atuação da federação nos meses anteriores e apresentou sua renúncia em outubro. Uma das primeiras medidas do novo Conselho foi rechaçar a participação dos sindicatos uruguaios na Conferência Internacional do Trabalho, organizada pela recém-fundada Organização Internacional do Trabalho (OIT), por acreditar que o organismo não representava efetivamente os “verdadeiros interesses” dos trabalhadores.²⁹⁶

Enquanto os libertários uruguaios protestavam contra as ações do governo, polícia e Exército, a guerra civil continuava na Rússia. Em fins de 1918, a ascensão do Almirante Aleksandr Kolchak à liderança dos Brancos marcou o fim da “facção democrática” destes e uma maior polarização do país. Em janeiro de 1919, como uma estratégia para manter-se no poder, os bolcheviques chegaram a concordar em pagar indenizações de guerra aos governos dos países aliados. Mas os combates no interior do país não haviam cessado, e, melhor preparados, os Brancos estavam em vantagem. Com o passar dos meses, a situação ficava cada vez mais dramática: a lei marcial foi imposta em todo o país e Trotsky viu-se obrigado a recorrer à conscrição obrigatória, o que significava recrutar camponeses — tradicionalmente vistos pelos bolcheviques como contrarrevolucionários em potencial. Como havia poucos soldados de alta patente, a solução encontrada foi recrutar oficiais ex-czaristas, apelando a seu patriotismo. Ambas as medidas foram muito criticadas por alguns bolcheviques, como Stálin. Contudo, sob o comando de Trotsky, o Exército Vermelho adquiria feições de um exército regular e tornou-se o principal veículo da propaganda bolchevique durante a Guerra Civil Russa. Ele seria, ainda, o maior fornecedor de quadros burocráticos para o futuro Partido Comunista da União Soviética.

Em sua maioria, contudo, os soldados do Exército Vermelho não recebiam treinamento e nem equipamento adequados, o que fazia com que motins, atos de indisciplina e deserções fossem comuns. Alguns desertores juntaram-se a grupos

²⁹⁶ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, pp. 44-48.

guerrilheiros que ficaram conhecidos como Verdes, em parte devido ao costume de esconderem-se nos bosques e serem abastecidos pelos camponeses locais. Opondo-se tanto aos Brancos quanto aos Vermelhos, os Verdes defendiam uma espécie de “poder camponês”. Além de destruírem estradas de ferro, telégrafos e pontes, na primavera de 1919, provocaram enormes baixas à retaguarda do Exército Vermelho posicionada nas frentes sul e ocidental, debilitando-o em um momento crucial da Guerra Civil.²⁹⁷

No Uruguai, *El Hombre* utilizou a hierarquia imperante no Exército Vermelho, as restrições à circulação de bens e pessoas, e o rígido controle da produção, impostos pelo chamado “comunismo de guerra”²⁹⁸ para, mais uma vez, criticar as ações de Lenin e dos bolcheviques.

Lenin e os seus fizeram sua revolução que é, antes de tudo, estatista. Não possuíam ideias anarquistas, senão socialistas. Por isso governam e possuem exércitos. Por isso se sustentam com as armas em punho: a ditadura. Na Rússia, como em qualquer parte, os acontecimentos são o que podem ser e não o que se quer. [...] Não criticamos [o maximalismo] pelo que é, e sim pelo que alguns anarquistas afirmam que é. [...] E é preciso ter cuidado... Lenin fez mais pela ordem que Kerensky. [...].²⁹⁹

Para *El Hombre*, as previsões feitas pelos anarco-individualistas quando os bolcheviques tomaram o poder pareciam cumprir-se. O maximalismo ia mostrando sua “verdadeira face”: autoritária, estatizante e liberticida. Faltava apenas que os recalcitrantes setores nucleados em *La Batalla* assim o reconhecessem.

As previsões e deduções de dois anos atrás se cumprem. Maximalismo é socialismo. O socialismo não está no caminho da anarquia. Alguns anarquistas superficiais, impressionistas [...] voltam-se agora sobre seus passos. Alguns permanecem, teimosos, em seu negativismo. Mas agora se calam? Por que se calam? Viram que na França os maximalistas são socialistas políticos. Porque na Itália, os socialistas políticos são maximalistas. Porque na Suíça, os socialistas são maximalistas. Porque na Espanha, os socialistas aderem à Terceira Internacional. Porque a Terceira Internacional é socialista. Porque na Rússia, o maximalismo faz política. Porque aceita, funda sua ação e

²⁹⁷ Cf. FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*, pp. 549-551.

²⁹⁸ Lenin determinaria o fim do “comunismo de guerra”, substituindo-o pela Nova Política Econômica (NEP) em março de 1921.

²⁹⁹ EL HOMBRE, nº 156, 18 de outubro de 1919.

faz progressar o estado político. Porque em nenhuma parte da Europa os anarquistas apoiam, como suas, as ideias maximalistas. Porque na Rússia, segundo todos os testemunhos, inclusive o de Kropotkin, [...] o maximalismo é socialismo e não outra coisa. [...] [O]s elementos opositores, mais ativos e perigosos que combatem o maximalismo são anarquistas. Falem agora os anarquistas defensores do maximalismo.³⁰⁰

A despeito das evidências e de declarações do próprio Lenin ressaltando as enormes diferenças entre o bolchevismo e o anarquismo, não houve mudança na política editorial de *La Batalla*. Contudo, essa intransigente defesa da Revolução Russa começava a ter repercussões negativas também na própria F.O.R.U. O novo Conselho Federal publicou um documento — reproduzido em *La Batalla*³⁰¹ — no qual, entre outras coisas, se desaprovava o uso repetido dos revolucionários russos como referência para a ação e se condenava as críticas desmesuradas às lutas diárias que não visassem a imediata transformação social. Reprovar incessantemente companheiros de luta por supostamente não serem fortes o bastante para libertarem-se subitamente de sua “condição de escravos”, não era uma maneira de proceder digna de anarquistas e de trabalhadores dos quais se esperava solidariedade. A atitude dos setores nucleados no periódico, enfim, estava tendo efeitos negativos sobre o campo libertário uruguaio. Os editores de *La Batalla* rebateram todas essas acusações, mas, no final de 1919, a fissura no anarquismo uruguaio era cada vez mais evidente.

³⁰⁰ EL HOMBRE, n° 162, 29 de novembro de 1919.

³⁰¹ LA BATALLA, n° 132, 28 de novembro de 1919.

Capítulo 4 — Tensões e cisão: os anos 1920-1921

4.1 — 1920: as lutas fratricidas e o processo internacional

O começo da década de 1920 foi marcado pelo aprofundamento das divisões do movimento operário-social mundial. Esse processo acompanhava os intensos enfrentamentos ideológicos da época, tanto no que diz respeito ao alinhamento com algumas das muitas “Internacionais” existentes, quanto à filiação a determinada federação sindical de caráter supranacional. A recusa de muitos sindicatos a se juntarem à 3ª Internacional controlada por Moscou contribuiu para que, em julho de 1919, lideranças da social-democracia europeia refundassem a Federação Sindical Internacional (FSI), em um congresso na cidade de Amsterdam (motivo pelo qual recebeu o apelido pejorativo de “Internacional de Amsterdam”). Aproximadamente no mesmo período foi fundada a Confederação Internacional de Sindicatos Cristãos, em Haia.

Por outro lado, a Guerra Mundial havia criado muitas dificuldades para os movimentos anarquistas na Europa. Excetuando-se a Espanha e a Itália, a maioria das agrupações libertárias saiu enfraquecida da guerra. Ainda assim, em um primeiro momento, e de maneira paralela às suas próprias atividades, os anarquistas participaram de federações de caráter reformista, como a própria FSI. Contudo, entre os libertários, ganhava força a tendência anarcossindical, que rejeitava a participação em organizações desse tipo.³⁰²

De todas as maneiras, era a situação russa que continuava a atrair as atenções de todo o mundo. Naquele país, no fim de novembro de 1919, a liderança obstinada de Trotsky e a determinação dos soldados permitiram que o Exército Vermelho obtivesse vitórias decisivas. O bloqueio aliado foi suspenso no começo do 1920 e as tropas russas avançavam em direção ao oeste. A suspensão do bloqueio, entretanto, não significou o fim da guerra civil, mas fez com que parecesse muito mais provável que antes não só a

³⁰² WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.2, p. 38.

consolidação do poder bolchevique, como também a possibilidade da extensão da revolução para outros países do Velho Continente.

No Uruguai, se bem os anarquistas saudaram o fim do bloqueio estrangeiro à Rússia, acelerava-se o processo de divisão no interior do movimento anarquista. Muitos libertários uruguaios passaram a escrever também em periódicos anarquistas argentinos, como *La Protesta* e *La Antorcha* e, algumas vezes, respostas a artigos publicados neles apareciam nas publicações uruguaias.

Ainda no começo de 1920, as discrepâncias entre socialistas e anarquistas aumentaram, com mútuas acusações sobre as derrotas sofridas pelo movimento operário-social no ano anterior. Com o aumento das tensões, a F.O.R.U. expulsou os centros operários socialistas do Comitê Pró-Presos Políticos. Eles foram acusados de fazerem propaganda política, e não sindical. Em resposta, os socialistas criaram seu próprio comitê de propaganda gremial para contra-arrestar a “influência sectária anarquista” da F.O.R.U.

Os anarcocomunistas de *La Batalla*, por sua vez, viram-se na necessidade de dedicar espaço de seu periódico para combater não apenas seus rivais do campo libertário, como também os socialistas. Para tanto, algumas vezes valeram-se da reprodução de textos do veterano anarquista Malatesta, ele próprio envolvido nos movimentos contestatórios que ocorriam na Itália. Vale dizer que os textos nos quais o italiano criticava a Rússia soviética não eram publicados. A outra grande referência viva do anarquismo mundial à época, Kropotkin, vivendo em território russo, tinha acesso mais direto ao que acontecia no país. O idoso anarquista (que morreria em abril do ano seguinte) costumava escrever, periodicamente, alguns textos com críticas não tão suaves aos bolcheviques. Dado o teor desses escritos, porém, quase nunca eram publicados pelos anarcocomunistas uruguaios.

Os responsáveis por *La Batalla* temiam que os socialistas, “enganando os trabalhadores com suas mentiras”, usurpassem seu papel de “arautos da revolução social”. Embora continuasse a defender o reformismo e a participação na “mesquinha política parlamentar”, o Partido Socialista do Uruguai por vezes elogiava a Revolução Russa. Para *La Batalla*, essa “atuação cínica” dos socialistas deveria ser combatida com vigor.

A atitude equívoca dos socialistas se evidencia por si só: se são revolucionários, não podem ir ao parlamento, e se vão ao parlamento, é porque não são revolucionários. [...] Os socialistas se definiram. Nesta hora histórica em que não é possível vacilar, nem buscar cômodos oportunistas sem trair a causa da revolução, eles não querem abandonar o parlamento e repudiar a ação política, mas tampouco tem a honestidade de abandonar voluntariamente o campo gremial. Com isto demonstraram ser os inimigos mais temíveis da revolução, e entre os políticos, os mais cínicos e sem-vergonha!³⁰³

Por sua vez, além de combaterem seus rivais de *La Batalla* e a influência socialista, os anarco-individualistas de *El Hombre* atravessavam uma grande polêmica interna. José Tato Lorenzo e José Torralvo discutiam longamente sobre qual seria a correta postura individualista a ser adotada naqueles “tempos revolucionários”. Para José Tato Lorenzo, a posição individualista era invariável. Não importando contra quem, era a luta pela liberdade, pela justiça, pela emancipação. Atacando o palavrório dos “apóstolos da ditadura”, Tato Lorenzo acusava-os de não terem contribuído em nada para a obtenção de melhorias reais na vida dos trabalhadores do país. Além disso, afirmava que mesmo o proletariado deveria ser combatido se traísse os ideais de liberdade e justiça.

O individualista está com o proletariado em todas as suas lutas de emancipação, de maior justiça e de melhor vida; e está contra o proletariado se, uma vez triunfante, como na Rússia, esquece os ideais libertários que o inspiraram e cristaliza em uma situação de força, submete pela violência às minorias descontentes mais avançadas e tenta impor seu selo jurídico a toda a sociedade, a todos os homens. [...] Quem, para combater-nos, nos supõe quietos em obra de favor para a burguesia, sabe que mente, sabe que nos calunia [...]. A atividade dos individualistas na guerra social está à luz, à vista. Poderiam dizer o mesmo os novos apóstolos da ditadura? Em que grêmio militam? Que instituição cultural criaram? Onde está a obra que realizam, o bem que trabalham, as instituições a que dão vida? De [...] palavrório já estamos cansados. Queremos homens, não pontífices, não funcionários da coletividade, não apóstolos da ditadura. Homens de pensamento e ação, não charlatões [...], revolucionários de papel impresso.³⁰⁴

³⁰³ LA BATALLA, nº 143, 13 de fevereiro de 1920.

³⁰⁴ EL HOMBRE, nº 172, 7 de fevereiro de 1920.

Contudo, ironicamente, no momento em que a maior parte da F.O.R.U. também se ressentia da postura dos anarcocomunistas na atividade sindical, José Torralvo, até então um dos principais colaboradores de *El Hombre* e expoente do anarquismo individualista uruguaio, havia passado a simpatizar com essa postura, defendendo uma posição “mais prática”. Para evitar ser “vítima de acusações indevidas”, recusava os rótulos de maximalista, socialista ou comunista, descrevendo-se como um pensador anarquista, e lembrando que esse era um “sistema filosófico” que não possuía dogmas. Essa “postura prática” passava pelo reconhecimento de que a hora vivida era singular, caracterizada por “assaltos de rebeldia coletiva”, nos quais a multidão tentava estabelecer sistemas sociais mais humanos que o capitalismo. Esses sistemas não eram a anarquia, mas assentavam-se sobre a base revolucionária da posse do trabalho e da riqueza e, para seu estabelecimento e sustentação, era necessário o emprego da força organizada sintetizada em ditadura, como na Rússia.

E se não há outro remédio para que a revolução triunfe, [...] se o progresso não se realiza no mundo a não ser por uma força poderosa em movimento, hemos de obstaculizar a ascensão e o grau de liberdade que conquistam os povos, pelo fato de que não somos partidários de nenhuma sorte de ditadura? Isso é o que discutimos: como é possível que a revolução social triunfe sem uma força organizada de direção? Demonstre-se o contrário experimentalmente, não fazendo intervir os *desejos*, nem as concepções filosóficas absolutas e, por absolutas, negativas, e então nos entenderemos. Em conhecimento dessa realidade é que apoio o movimento revolucionário da hora, não estando conforme de antemão com o que há de organizar-se, e sentindo-me disposto a trabalhar novas rebeldias uma vez que as novas organizações sociais hajam sido implantadas.³⁰⁵

Enquanto a polêmica entre os anarco-individualistas tornava-se progressivamente mais ríspida, *La Batalla* assumia posturas cada vez mais maniqueístas em relação ao apoio à Revolução Russa. Ou se estava contra ou a favor, e no campo libertário, a oposição se devia exclusivamente a um “individualismo enfermo e fracassado” que, “felizmente”, começava a desvanecer-se, suplantado pelas demandas práticas das atividades reais. A ditadura proletária implantada na Rússia era a base da

³⁰⁵ EL HOMBRE, nº 169, 17 de janeiro de 1920.

emancipação econômica dos trabalhadores e, por isso, deveria ser defendida pelos anarquistas.

A essas horas pode afirmar-se que o que resta como oposição à Revolução Russa não é mais que a obra genuína e exclusiva do despeito. De cheio, pois, e amplamente, as forças anarquistas estão em solidariedade com a Revolução Russa. Mas essa solidariedade não implica que haja que se fazer de tal Revolução um molde para ajustá-lo aos fatos análogos que vão estabelecer-se em todos os lugares, e sim que representa tomá-lo como um exemplo e como um ensinamento eficaz e prático, que não pode deixar de ser aproveitado por todos os povos. A Revolução Russa é o princípio indiscutível da liberdade econômica, que é a mais fundamental de todas as liberdades. Desse ponto de vista é que a aprovamos unanimemente. Se o novo regime russo tem deficiências da importância que sejam, não hemos de solidarizar-nos com essas deficiências, posto que nossa afinidade se estabelece em um ponto bem claro e categórico: a emancipação econômica por meio da Ditadura Proletária. Nessa ditadura hão de atuar os anarquistas nem mais nem menos que como hoje atuam nos grêmios. Em outro sentido, essa solidariedade que temos com a Revolução Russa tem que ser a mesma que nos vinculou sempre ao proletariado em luta, posto que se internamente o capitalismo russo está derrotado, a guerra exterior com o capitalismo continua, [...] de maneira mais firme que nunca [...].³⁰⁶

As críticas entre os responsáveis por *La Batalla* e *El Hombre* tornaram-se mutuamente ácidas, muitas vezes com ataques pessoais de parte a parte. O curioso é que, nos primeiros meses de 1920, os anarcocomunistas, críticos costumeiros das “teorias puras e abstratas”, passaram a criticar toda atividade sindical que não estivesse imbuída de uma “correta” teoria revolucionária. Por outro lado, os anarquistas individualistas, tradicionais guardiões da “justa teoria libertária”, se voltaram para essa atividade e para o anarcossindicalismo para justificar suas posições e demonstrar como ela trazia benefícios mais tangíveis aos trabalhadores do que meras “confabulações teóricas”. De qualquer maneira, ao longo de 1920, a maioria dos temas que suscitaram as polêmicas entre eles eram, basicamente, os mesmos que desde 1917 vinham dividindo os anarquistas: a discutida superioridade dos *soviets* em relação aos sindicatos, o “verdadeiro” significado de *revolução*, as especulações sobre a

³⁰⁶ LA BATALLA, nº 143, 13 de fevereiro de 1920.

organização social futura e, principalmente, a defesa ou rechaço da *ditadura do proletariado*.

Por sua vez, as divergências tanto no interior do campo libertário quanto no campo socialista não impediram que a manifestação organizada pela F.O.R.U. para a jornada do 1º de maio contasse com a presença de um grande contingente de militantes. A manifestação foi dissolvida à bala pela polícia, e várias pessoas ficaram feridas. A despeito da rivalidade, os socialistas se solidarizaram com os anarquistas no repúdio à atitude do governo.³⁰⁷

Notícias vindas do exterior, como a situação revolucionária na Itália, as ações do governo do SPD na Alemanha, e a chegada do Exército Vermelho à Polônia também transpareciam nos debates entre os libertários. O avanço das tropas comandadas por Trotsky, aliás, foi visto como o princípio de uma nova guerra, de caráter econômico. Ambos os periódicos concordavam que era um dever dos “homens de progresso” apoiar a vitória das “forças vermelhas” na derrubada do capitalismo na Polônia.

La Batalla saudava com entusiasmo a aproximação da “onda vermelha” que logo arrebentaria na Europa Ocidental e, posteriormente, em outras partes do mundo.³⁰⁸ Para *El Hombre*, entretanto, os benefícios estritamente econômicos do regime implantado na Rússia eram inegáveis, mas os anarquistas deveriam deixar de glorificá-lo e fazer propaganda do anarquismo. Por sua vez, os trabalhadores deveriam aspirar a algo melhor que simplesmente imitar o regime bolchevique, construindo, com criatividade, uma melhor forma de organização da sociedade uruguaia.³⁰⁹

O 2º Congresso da Internacional Comunista (no qual se formularam as vinte e uma condições de ingresso) e as divisões que se produziam nos partidos socialistas ao redor do mundo, com a formação de facções, tendências ou mesmo novos partidos autointitulados “comunistas”, também foram objeto de discussão. Os anarcocomunistas, ainda que receosos, viam com bons olhos a formação de grupos que haviam “superado o socialismo parlamentar e o reformismo”.³¹⁰ Já *El Hombre* preferia reafirmar as

³⁰⁷ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, p. 51.

³⁰⁸ LA BATALLA, nº 168, 13 de agosto de 1920.

³⁰⁹ EL HOMBRE, nº 197, 7 de agosto de 1920.

³¹⁰ LA BATALLA, nº 172, 10 de setembro de 1920.

diferenças entre as doutrinas comunista e anarquista, sustentando que o comunismo não passava de um socialismo mais radical, e que ambas eram limitadas porque visavam apenas o bem-estar da sociedade; ao passo que o anarquismo era superior a esses sistemas pois visava a liberdade do homem.³¹¹

Como o poder soviético parecia estar firmemente estabelecido na Rússia, a influência mundial da Terceira Internacional crescia vigorosamente. No Uruguai, a maioria esmagadora do Partido Socialista votou a favor da proposta de adesão à Terceira Internacional no congresso realizado em setembro.³¹² Seguindo as orientações da Internacional, o PS tentou, a partir de então, a formação de uma frente única com os libertários, o que acabou sendo rejeitado por estes.³¹³ De acordo com *La Batalla*, os anarquistas deveriam apoiar criticamente a Terceira Internacional, pois nenhuma organização que defendesse a participação política poderia atuar em favor da emancipação dos trabalhadores.³¹⁴ Já *El Hombre*, atacou violentamente a Terceira Internacional, afirmando que ela não passava de um instrumento a ser usado pelos “defensores do princípio da autoridade”. Os anarquistas, “os homens livres”, não deveriam tomar parte dela. De fato, o periódico conclamou os libertários sul-americanos a aderirem a uma alternativa, uma Internacional libertária que estaria sendo gestada em Paris.³¹⁵

Enquanto isso, na Rússia, os bolcheviques consolidavam seu poder com o cerceamento das liberdades individuais e a perseguição a todos os opositores. No âmbito militar, outubro de 1920 marcou o fim dos enfrentamentos entre Brancos e Vermelhos. Mas os sucessos do Exército Vermelho não teriam sido possíveis sem a atuação de diversos outros grupos armados que também combateram os Brancos em várias frentes. Um dos principais, atuante na Ucrânia, foi o Exército Insurgente Revolucionário Makhnovista (também conhecido como “Exército Negro”). Comandado por Nestor Makhno, seu lema era “Morte a todos os que se colocarem no caminho da liberdade dos trabalhadores”. Apesar de diversas vezes terem estado do mesmo lado na

³¹¹ EL HOMBRE, nº 197, 7 de agosto de 1920.

³¹² LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, p. 215.

³¹³ Idem, p. 48-49.

³¹⁴ LA BATALLA, nº 177, 13 de outubro de 1920.

³¹⁵ EL HOMBRE, nº 206, 9 de outubro de 1920.

frente de batalha, os bolcheviques não tinham dúvidas de que o Exército Makhnovista era uma grave ameaça a seu domínio. De fato, além de atuarem constantemente no sentido de dividi-lo e destabilizá-lo, executaram vários de seus membros entre 1918 e 1920 e chegaram a enviar dois agentes da Cheka para assassinar Makhno em junho, mas o plano foi descoberto e eles acabaram sendo mortos.³¹⁶

Makhno e seus seguidores mereceram uma menção em uma edição de *La Batalla* de julho de 1920. Mas, além de traçar uma biografia do comandante, o texto pretendia demonstrar que, na Rússia, os anarquistas estavam com os bolcheviques, não por serem favoráveis à “revolução bolchevique”, e sim porque estariam continuando a lutar pelo avanço ilimitado da revolução social.³¹⁷

Mesmo com a sabotagem deliberada do Exército Vermelho (assassinato de camponeses ucranianos simpáticos ao Exército Negro, abandono de pontos estratégicos etc.), os makhnovistas foram os grandes responsáveis pela derrota das tropas comandadas por Wrangel, sua retirada para a Crimeia em novembro, e posterior evacuação do território (com a ajuda da Marinha britânica) via Sebastopol. Poucos dias depois, em 25 de novembro, os makhnovistas foram atacados pelo Exército Vermelho. Nos dias seguintes, a maioria dos oficiais do Exército Negro foi fuzilada. Makhno conseguiu escapar com um reduzido contingente, e após vagar pela Ucrânia por quase um ano, conseguiu fugir para a Romênia e, posteriormente, para Paris.³¹⁸ O episódio arranhou a imagem dos bolcheviques perante revolucionários de todo o mundo.

No Uruguai, a mobilização operária no país continuava intensa. Durante todo o ano, os trabalhadores industriais estiveram envolvidos em vários conflitos laborais, e ocorreram muitas greves — algumas delas violentas, como a dos entregadores de jornal em março, na qual um jovem de dezesseis anos foi morto pela polícia. O evento mais significativo do período foi a campanha pela liberdade de Ángel González, acusado de matar uma pessoa na greve marítima de 1919. Após várias mobilizações multitudinárias prévias, a F.O.R.U. declarou greve geral no dia 27 de novembro. A greve, contudo, não contou com a unanimidade dos sindicatos e acabou sendo suspensa dois dias depois.

³¹⁶ ARSHINOV, Peter.[1923]. *History of the Makhnovist Movement (1918-1921)*. Detroit: Freedom Press, 2002, p. 155.

³¹⁷ LA BATALLA, nº 163, 9 de julho de 1920.

³¹⁸ AVRICH, Paul. [1965]. *The Russian Anarchists*, pp. 221-222.

Embora não tenha conseguido forçar a libertação de González, a federação avaliou que o movimento havia cumprido seu papel de demonstrar a força de mobilização dos trabalhadores.³¹⁹ *La Batalla* fez ativa campanha pela deflagração da greve, que considerava de uma importância “transcendental”,³²⁰ mas os anarco-individualistas, porém, não apoiaram o movimento grevista, tido como mal preparado e inútil: um desperdício de energia que deveria ter sido canalizada para obra realmente emancipadora. O fracasso, diziam, pelo menos deveria servir para que o Conselho Federal da F.O.R.U. fosse substituído por homens mais capazes que impulsionassem uma ação renovadora entre os trabalhadores.³²¹

Nesse período, *La Batalla* e *El Hombre* passavam por grandes dificuldades financeiras, o que tentavam compensar com a multiplicação de conferências, piqueniques e outros eventos para a arrecadação de fundos. Ambos os periódicos também pressionavam a F.O.R.U. para que fosse realizado um congresso operário onde seriam discutidas as conjunturas nacional e internacional.

Após os eventos de novembro, *La Batalla* atacou diretamente os anarco-individualistas, acusando-os de tacharem todas as lutas daqueles que se “erguem por justiça” como “fracasso”. Isso, afirmavam, revelava bem seu caráter, e mostrava quem apoiava os movimentos de emancipação social e quem estava contra os trabalhadores.³²² Por sua vez, *El Hombre* denunciava que a defesa que os anarcocomunistas faziam de qualquer movimento de massa não passava de uma estratégia para exercerem suas pretensões de mando e sustentava ser irreconciliável a divisão entre defensores e negadores do princípio da autoridade.

A humanidade está dividida em dois lados irreconciliáveis. De uma parte os homens que querem mandar nos outros, governá-los, dirigi-los; e do outro, os que resistem à pretensão dos primeiros, e reclamam [...] a liberdade da vida, o direito de cada homem a viver, feliz ou infeliz por sua conta e com responsabilidade por seus atos.³²³

³¹⁹ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, pp. 51-53.

³²⁰ LA BATALLA, nº 181, 12 de novembro de 1920.

³²¹ EL HOMBRE, nº 212, 4 de dezembro de 1920.

³²² LA BATALLA, nº 185, 10 de dezembro de 1920.

³²³ EL HOMBRE, nº 213, 11 de dezembro de 1920.

No final de 1920, portanto, as discordâncias entre as duas vertentes do anarquismo uruguaio alcançavam praticamente todos os âmbitos. O principal motivo de discórdia era a defesa intransigente que *La Batalla* fazia da ditadura do proletariado, frontalmente conflitante com a não menos intransigente defesa que *El Hombre* fazia da irrestrita liberdade individual. As duas notas do movimento libertário uruguaio eram demasiado dissonantes, e a cisão entre elas parecia, a essa altura, inevitável.

4.2 — 1921: a divisão do anarquismo uruguaio e o desmantelamento da F.O.R.U.

No começo de 1921, os principais setores do anarquismo uruguaio haviam assumido uma postura de confrontação direta. Para os anarquistas individualistas, os anarcocomunistas, defensores da ditadura do proletariado, não estavam mais apenas “equivocados” no que dizia respeito aos conceitos de revolução e anarquia, mas deveriam ser tratados como inimigos pelos trabalhadores.

Os anarquistas transformados em ditadores são trãsfugas das ideias, inimigos reais da anarquia e como tais devem ser tratados. Não o afirmamos nós, assim o afirmam e fazem os anarquistas italianos, espanhóis, belgas, suíços, portugueses etc., e como eles vamos proceder. Abaixo os ditadores! Guerra aos confusionistas!..³²⁴

Da mesma maneira, *La Batalla* pedia aos trabalhadores que abandonassem os “anarquistas acovardados” que, em pleno “momento revolucionário mundial” pretendiam “eternizar-se em uma atitude teórica”.³²⁵ Os anarcocomunistas lamentavam o fato de que, a despeito do exemplo russo, o movimento operário-social no Uruguai continuasse com as mesmas táticas, estratégias e métodos de luta “reformistas”.³²⁶

Enquanto o anarquismo uruguaio se esfacelava e o Partido Socialista organizava o congresso que, em abril, oficializaria a adesão à Terceira Internacional e fundaria o Partido Comunista do Uruguai, um evento iria ter um profundo impacto na opinião de toda a esquerda mundial sobre a Rússia Soviética: a Revolta de Kronstadt.

³²⁴ EL HOMBRE, nº 221, 19 de fevereiro de 1921.

³²⁵ LA BATALLA, nº 190, 7 de janeiro de 1921.

³²⁶ LA BATALLA, nº 191, 14 de janeiro de 1921.

Durante o mês de março, houve vários levantamentos de grupos esquerdistas contra o poder bolchevique, parte de uma série de rebeliões espontâneas e violentas que ocorreram na Rússia contra a autoridade bolchevique entre 1918 e 1922. A Revolta de Kronstadt consistiu em um malsucedido levante de marinheiros, soldados e civis contra o governo da então República Socialista Soviética da Rússia, que se originou na fortaleza naval de Kronstadt, localizada na ilha de Kotlin, no Golfo da Finlândia, a cerca de 56 quilômetros da atual cidade de São Petersburgo, à época chamada de Petrogrado.

A causa imediata da insurreição foi a situação explosiva de Petrogrado no início de 1921. No dia 26 de fevereiro, como resposta às duras condições em que se encontravam e ainda confrontados com rumores de greves e insurreição na cidade, veiculados por um jornal local, as tripulações de dois navios de guerra realizaram uma reunião emergencial que aprovou uma resolução com quinze exigências ao governo bolchevique. Entre as exigências, todas prontamente rechaçadas pelos bolcheviques, estavam a "liberdade plena de ação" para todos os camponeses e artesãos que não empregassem mão de obra assalariada, isonomia de salários e o fim das barreiras nas estradas que restringiam as viagens e o abastecimento das cidades.

Em março de 1921, a base naval de Kronstadt insurgiu-se contra o governo bolchevique, exigindo *soviets* livres e a realização de uma assembleia constituinte. O governo respondeu com um ultimato assinado por Trotsky. De acordo com a versão oficial, a revolta seria uma “conspiração organizada pela contrarrevolução interna e externa”, apoiada pelas “potências imperialistas” e por oficiais que desejavam o retorno do czarismo. Prevendo o pior, alguns ativistas anarquistas, como Emma Goldman e Alexandre Berk, que se encontravam em Petrogrado, ofereceram-se como mediadores para tentar evitar o derramamento de sangue.³²⁷ Porém, as negociações fracassaram e no dia 7 de março o assalto a Kronstadt teve início. Após dez dias de combates, a revolta de Kronstadt foi finalmente esmagada com extrema violência pelo Exército Vermelho. Além dos milhares de mortos, muitos dos sobreviventes capturados foram enviados a campos de concentração na Sibéria ou simplesmente executados sob a acusação de alta traição.³²⁸

³²⁷ Cf. ARVON, Henri. [1980]. *A revolta de Kronstadt*. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 61-63.

³²⁸ Cf. FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*, p.942.

Durante muito tempo veiculou-se a hipótese de que a revolta tivesse sido um levantamento anarquista, ou seja, um enfrentamento entre o autoritarismo bolchevique e os anarquistas defensores da autogestão e da liberdade dos *soviets*. Essa versão, propagada pelos anarquistas, ganhou tamanha força entre a corrente libertária, que muitos passaram a referir-se à rebelião como o “mito de Kronstadt”, ou seja, um evento transcendente na história dessa cultura política. Posteriormente, com a descoberta de documentos inéditos e com o aprofundamento das análises, descobriu-se que, embora ambíguos, realmente existiram contatos entre generais brancos estabelecidos na Finlândia e algumas das autoridades de Kronstadt. Apesar disso, os marinheiros não eram meros “agentes das potências imperialistas” como acusava a propaganda oficial bolchevique, pois esses contatos não significavam que respondessem diretamente às ordens de generais contrarrevolucionários brancos, já que os revoltosos trataram de preservar sua plataforma reivindicativa e sua independência de ação.³²⁹ Além disso, a rebelião esteve marcada pela espontaneidade, incoerência e improviso. A postura antiautoritária e o espírito assembleísta dos marinheiros contrabalançavam a influência dos generais brancos. O efeito colateral disso era fazer com que imperasse uma grave desorganização militar entre os combatentes de Kronstadt, o que minava suas possibilidades de vitória.

Contrariamente a uma tradição estabelecida que identificou nas autoridades bolcheviques nada mais que um fanático desejo de manter o poder a qualquer custo, mesmo que afogando em sangue seus opositores, é preciso que se atente para a conjuntura da Rússia naquele momento. Tendo saído recentemente da terrível Guerra Civil, onde enfrentaram os guardas brancos, a oposição armada interna, e a intervenção militar de várias potências ocidentais, os bolcheviques estavam acuados e extremamente preocupados com o fato de acontecer um levante não em uma localidade qualquer, mas justamente em uma fortaleza naval cuja função era defender Petrogrado, nada menos que o coração da Revolução de 1917. Ainda assim, se bem os bolcheviques tinham emitido um ultimato aos marinheiros em 5 de março, eles haviam adotado no começo do motim uma atitude moderada, já que o prestígio de Kronstadt era grande entre suas fileiras devido ao destacado papel que seus marinheiros tiveram na Revolução de

³²⁹ Cf. AVRICH, Paul. [1975]. *Kronstadt 1921*. Buenos Aires: Anarres, 2004, pp. 64-5.

Outubro. A grande ambiguidade da revolta, dos beligerantes e do próprio contexto histórico fez com que cada um dos lados estivesse atravessado por contradições inescapáveis e o enfrentamento entre eles assumisse dimensões “trágicas”.³³⁰

A repercussão da Revolta de Kronstadt no anarquismo uruguaio foi díspar. Para *El Hombre*, que já vinha publicando textos de organismos internacionais denunciando a situação vivida pelos anarquistas na Rússia, foi apenas mais um capítulo da história de perseguições aos elementos libertários russos e de dominação liberticida levada a cabo pelos bolcheviques.³³¹ *La Batalla*, como vinha fazendo ao longo dos anos, negou-se a acreditar em mais uma notícia que tecia críticas à Revolução Russa, e convocou os trabalhadores uruguaios a criarem *soviets* para impulsionarem a revolução no país.

Os últimos acontecimentos de Kronstadt não são mais que um “blefe” da imprensa a serviço do Capital. É a continuação da propaganda de descrédito e provocação que realiza desde o primeiro momento a crápula burguesia, a que vê mais claro que nós, nos revolucionários russos, seus sepultadores. Não houve mais que uma “intentona” de quatro agentes provocadores que os Aliados e, principalmente o governo da França mantém secretamente na Rússia. Não houve tais grevistas, nem combates de vermelhos com anarquistas e sindicalistas. Vil mentira! Companheiros! Melhor que se dedicar à criminoso obra de desacreditar a revolução russa, [...] é hora que nos ocupemos da criação de *Soviets* ou Conselhos, ainda que não estejam compostos por mais do que três membros: um soldado, um camponês e um operário.³³²

No número seguinte, o periódico reafirmou a convicção de que as notícias sobre os enfrentamentos entre anarquistas e bolcheviques eram falsas, mas acrescentou uma ressalva. Caso ocorresse um hipotético confronto entre

[...] maximalistas que quisessem estacionar e anarquistas que quisessem avançar, não há lugar para indecisões: estamos com a Revolução Russa em si, e dentro dela, com os que, por dar-lhe melhores finalidades, lutam [...]. Tal foi sempre nosso pensamento a respeito, e agora é mais firme que nunca.³³³

³³⁰ Cf. ARVON, Henri [1980]. *A revolta de Kronstadt*, pp. 109-110.

³³¹ EL HOMBRE, nº 224, 26 de março de 1921.

³³² LA BATALLA, nº 200, 18 de março de 1921.

³³³ LA BATALLA, nº 201, 25 de março de 1921.

Nas edições que se seguiram, *La Batalla* multiplicou as matérias sobre os benefícios promovidos pela Revolução Russa e sobre a necessidade da ditadura dos trabalhadores. Isso contrastava com a linha seguida por *El Hombre*, que dedicava considerável espaço à questão da adesão a alguma Internacional, mostrando simpatias à *Industrial Workers of the World* (I.W.W.) fundada nos EUA, e rechaçando a socialista reformista *International Working Union of Socialist Parties* (IWUSP), que havia sido fundada em fins de fevereiro, em Viena. Posteriormente, em julho, ambos os periódicos se pronunciariam sobre o Profintern, também conhecida como Federação Sindical Vermelha. Desde 1917, os bolcheviques buscaram atrair para sua órbita de influência os anarcossindicalistas dos países onde estes constituíam a maioria do movimento operário, mas, além das discrepâncias teóricas e práticas, a rigidez e a orientação do Comintern os havia afastado. Assim, a fundação dessa nova federação sindical foi, em parte, uma nova tentativa de aglutinar o movimento sindical internacional, visando atrair especialmente os anarcossindicalistas.

Os anarcossindicalistas [...] concordaram em dela participar, desde que ela se tornasse completamente independente dos partidos políticos e visasse reconstruir a sociedade por meio da "organização econômica das classes produtoras". Este esforço em criar uma política sindicalista para um órgão comunista malogrou pelo fato de que o Congresso do Profintern foi eficazmente dominado pela Aliança Central de Sindicatos Russos [...], controlada pelos bolcheviques. A consequência imediata foi uma dissidência nas fileiras anarcossindicalistas. As organizações menores da Europa setentrional — Alemanha, Suécia, Holanda e Noruega — retiraram-se em seguida, mas as organizações maiores — espanhola, italiana e francesa — permaneceram durante algum tempo, na expectativa de formarem uma minoria eficiente. Por iniciativa da Federação Alemã de Trabalhadores Livres (German Freie Arbeiter Union), os grupos que se retiraram realizaram uma conferência em Düsseldorf, durante o mês de outubro de 1921, e decidiram convocar um Congresso Sindicalista Revolucionário geral, em Berlim, no ano seguinte.³³⁴

³³⁴ Cf. WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, vol.2, p. 40. O resultado desse congresso foi a criação da *International Workers' Association*. De orientação anarcossindical, o objetivo era "refundar" a Internacional original, rejeitando o centralismo, os partidos políticos, o parlamentarismo e a ditadura do proletariado. Com sede na Noruega, essa organização existe até hoje.

No Uruguai, *El Hombre* rejeitou peremptoriamente qualquer participação no Profintern, por entender que essa federação não passava de um instrumento do poder bolchevique para difundir o princípio da autoridade, implantar uma “ditadura comunista” e sepultar o ideal anarquista de liberdade e autogestão.³³⁵ Por sua vez, *La Batalla* defenderia que os anarquistas deveriam apoiar o Profintern, recusando, porém, a vinculação dos sindicatos aos partidos comunistas.³³⁶

Em meados de 1921, contudo, todo o campo libertário uruguaio vivia na expectativa da realização do aguardado Congresso da F.O.R.U., agendado para dezembro. Antes que isso acontecesse, os anarco-individualistas, importante facção no Conselho Federal da F.O.R.U., conseguiram aprovar uma resolução em reunião realizada em meados de junho que proibia que seus “oradores” fizessem propaganda da ditadura do proletariado nos sindicatos filiados à federação. Esse foi o estopim para a crise que cindiria o anarquismo uruguaio.

A proibição baseava-se no entendimento alcançado pela maioria dos delegados do Conselho, que fazer a defesa da ditadura do proletariado era uma violação do que estabelecia o artigo 6º do Pacto Federal da entidade:

Nossa organização, puramente econômica, é distinta e oposta a de todos os partidos políticos, posto que, assim como eles se organizam para a conquista do poder estatal, nós nos organizamos para destruir todas as instituições burguesas e políticas, até chegar a estabelecer em seu lugar uma Federação Livre de produtores livres.³³⁷

Certamente, os anarco-individualistas também esperavam, com isso, neutralizar o poder dos anarcocomunistas nos sindicatos filiados à F.O.R.U., — agora classificados por eles como “ditadores” e acusados de quererem apoderar-se do Conselho da Federação para difundir seus ideais de mando. Além disso, os anarco-individualistas os acusavam de se espelharem no “despotismo bolchevique” para transformá-la em uma “central operária autoritária” e defensora da ditadura.³³⁸

³³⁵ EL HOMBRE, nº 232, 15 de agosto de 1921.

³³⁶ LA BATALLA, nº 226, 9 de setembro de 1921.

³³⁷ Citado em LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, p. 247.

³³⁸ EL HOMBRE, nº 228, 15 de junho de 1921.

Eles proclamam hoje o direito que têm as minorias de governar os trabalhadores, eles preconizam o caudilhismo, eles glorificam a violência contra os homens de ideias, contra os libertários e se negam como anarquistas. E são esses os que pretendem representar o ideal anarquista? [...] Não e não! Hoje menos do que nunca. Hoje devemos estabelecer para eles o dilema de ferro, colocá-los à prova no que tange às suas convicções. Ou bem se decidem pela anarquia, que é caminho de lutas e sacrifícios, ou bem se vão pela estrada fácil de ser comissários, deputados, mandões, em vez de serem simplesmente revolucionários e homens. [...] O momento dos esclarecimentos e retificações chegou. Cada qual deve ocupar seu lugar sinceramente. Nós, hoje e sempre, libertários, anarquistas. Não queremos misturas. Não queremos anarquistas fingidos. Em boa hora, que se vão para o outro lado. Ao nosso lado já não podem estar. Já o sabem.³³⁹

Os responsáveis por *La Batalla* ficaram furiosos com a resolução tomada pelo Conselho da F.O.R.U. e questionaram a legitimidade que possuía a “reunião arbitrária de uma minoria” composta por “elementos alheios à organização operária” para proibir a propaganda de suas “ideias de redenção”.

Quem é o Conselho da F.O.R.U. para impedir os oradores que em nome da federação, do conjunto dos grêmios, falem da ditadura do proletariado, dessa ditadura com a qual unicamente poderá manter-se o triunfo da próxima revolução social? O que esperam os grêmios todos para destituir esses intrusos, que estão mais dispostos a defender a ditadura burguesa que a ditadura do proletariado?³⁴⁰

Além disso, desconsiderando o fato de que apoiava o Conselho Federal até então, o periódico ainda acusou-o de burocratização e personalismo. Os anarcocomunistas também denunciaram que alguns dos membros do Conselho (como o secretário e o tesoureiro da entidade) pretendiam se eternizarem em seus cargos, e acusaram os anarco-individualistas — chamados ironicamente de “anarquistas puros” — de aprovarem essas atitudes “contrárias aos interesses dos trabalhadores”.³⁴¹

Em julho, *La Batalla* e os sindicatos simpáticos aos anarcocomunistas formaram o *Comité de Relaciones de las Agrupaciones Anarquistas en el Uruguay*. De acordo com seu programa, o comitê aspirava chegar ao comunismo na esfera econômica, e à

³³⁹ EL HOMBRE, nº 229, 1º de julho de 1921.

³⁴⁰ LA BATALLA, nº 215, 24 de junho de 1921.

³⁴¹ LA BATALLA, nº 216, 1º de julho de 1921.

anarquia, no plano político.³⁴² Essa organização aglutinaria os sindicatos descontentes que, através dela, exigiriam a renúncia do Conselho Federal da F.O.R.U.

Durante os meses seguintes, a campanha contra o Conselho Federal da F.O.R.U. tornou-se mais intensa. Os anarcocomunistas minaram a representatividade e a legitimidade da F.O.R.U. ao incitar a separação de vários sindicatos filiados a ela. Os primeiros sindicatos importantes que decidiram retirar-se da F.O.R.U. foram o *Sindicato de Artes Gráficas* e o *Sindicato Único de la Aguja*. Logo depois foram seguidos pelos grêmios representantes dos eletricitistas, pedreiros, trabalhadores em mármore, condutores de veículos de carga, entre outros. Em assembleia realizada no dia 9 de outubro, os sindicatos dissidentes decidiram não comparecer ao congresso convocado pela F.O.R.U. e voltaram a exigir a renúncia do Conselho. Essa assembleia ainda criou o *Comité Pro Unidad Obrera* (CPUP), e vários sindicatos passaram a reconhecê-lo como seu representante, em detrimento da F.O.R.U.³⁴³

A situação obrigou a F.O.R.U. a adiar seu congresso, e o próprio Conselho Federal apresentou sua renúncia em assembleia realizada no fim de novembro. Porém, na mesma assembleia, um novo conselho foi nomeado com o aval de 14 delegados. As mais de 50 delegações que haviam se retirado da federação desaprovaram a medida e exigiram a renúncia também do novo conselho e a convocação de uma nova assembleia para nomeação de “representantes legítimos”. A pouca representatividade do novo Conselho levou os anarco-individualistas a buscarem a reunificação da Federação, convocando, para o dia 13 de dezembro, uma reunião conjunta entre a assembleia de delegados da F.O.R.U. e representantes do CPUP. Ao contrário do que esperavam os anarco-individualistas, a reunião não promoveu a reunificação da federação, pois os sindicatos dissidentes exigiram, mais uma vez, a renúncia do Conselho. Vários delegados de orientação individualista se retiraram da reunião e, após longas horas de discussões, foi nomeado outro Conselho, composto exclusivamente por membros simpáticos aos anarcocomunistas. Para os “puros”, a assembleia havia sido deturpada por uma espúria manobra política dos “ditadores” que, utilizando-se do CPUP, tentaram apoderar-se da F.O.R.U. e transformá-la em uma “central política e autoritária”.

³⁴² LA BATALLA, nº 218, 15 de julho de 1921.

³⁴³ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, pp. 250-251.

Jamais se viu maior audácia que a que manifestou essa gente. Os grêmios que se haviam retirado da F.O.R.U. em virtude de não quererem submeter-se às decisões da maioria, faltando assim aos deveres que impõe o Pacto Federal e traindo o sindicalismo, não foram sequer consultados por meio de assembleias. Os membros do titulado Comité Pró-Unidade, por si e diante de si, resolveram voltar ao seio da Federação [...] como representantes de seus grêmios, sem estar autorizados para isso. E, a primeira coisa que lhes ocorre fazer é obrigar o Conselho da F.O.R.U. a renunciar, o autêntico, o nomeado pelas organizações fiéis ao Pacto Federal, e nomear outro Conselho que fosse a expressão direta dos violadores do Pacto. [...] Tal foi a audácia [...], que os grêmios da F.O.R.U. decidiram retirar-se da assembleia de delegados, porque não podiam discutir com quem não estavam autorizados por seus grêmios para ir como delegados à F.O.R.U. e não haviam sido autorizados para mudar o Conselho Federal.³⁴⁴

Dessa forma, decidiram não reconhecer o Conselho, como também permaneceram com as chaves da sede da federação e com seus livros de contabilidade. Na madrugada do dia seguinte, levaram os móveis e todos livros da F.O.R.U., instalando-a em outro ponto da cidade. No dia 17, em assembleia com a participação de pouquíssimos sindicatos, declararam nula a reunião do dia 13.

Por sua vez, *La Batalla* denunciaria a atitude dos individualistas como o esforço desesperado de uma “camarilha insignificante e sem nenhuma representação” para provocar a divisão operária.³⁴⁵ No dia 18, os anarcocomunistas convocaram uma assembleia de delegados da F.O.R.U. “verdadeira”, onde denunciaram o golpe dos “puros”, nomearam um novo secretário-geral e agendaram uma reunião para janeiro, onde seriam decididas as atitudes a serem tomadas.³⁴⁶

Assim, no final de 1921, o movimento libertário no Uruguai estava imerso em sua mais grave crise até então. A unidade da F.O.R.U. havia sido destruída, e o movimento anarquista uruguaio estava irremediavelmente dividido.

³⁴⁴ EL HOMBRE, nº 240, 16 de dezembro de 1921.

³⁴⁵ LA BATALLA, nº 241, 23 de dezembro de 1921.

³⁴⁶ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, pp. 249-256.

4.3 — Epílogo

Após a fratura de 1921, cada um dos setores anarquistas reivindicou para si a legitimidade de falar em nome da F.O.R.U. e dos trabalhadores, durante todo o ano de 1922. Em março, os anarcocomunistas criaram o *Comité Pro Unidad Obrera* (CPUO) para organizar uma nova central sindical. Os anarco-individualistas, convencidos de que a legítima representante sindical dos trabalhadores uruguaios era a F.O.R.U. que eles mesmos controlavam, se abstiveram de participar. Por sua vez, os comunistas, ávidos por estender sua influência, acabaram por apoiar a iniciativa através da adesão da F.O.M.

Finalmente, em setembro de 1923, após meses de discussões entre os vários setores do movimento operário-social, foi fundada a *Unión Sindical Uruguaya* (USU). Os anarcocomunistas conseguiram que suas táticas, objetivos e métodos de luta fossem aprovados e obtiveram a maioria absoluta no Comitê Central da nova organização. Além disso, forçaram a aceitação da proposta de não-filiação da USU a nenhuma das internacionais existentes à época. O Partido Comunista, derrotado na disputa pela hegemonia na USU, lamentou que a nova entidade tivesse sido organizada repetindo os mesmos “vícios e erros sectários” que tinham caracterizado o movimento operário-social uruguaio anterior. Por sua vez, os anarco-individualistas, que consideravam todo o processo de divisão iniciado em 1921 uma manobra dos “defensores da ditadura comunista” para acabar com a influência libertária, questionaram a legitimidade tanto do CPUO como da USU e conclamaram o proletariado uruguaio a retornar a uma F.O.R.U. a essa altura praticamente inexistente. Já o refundado Partido Socialista, muito minoritário, preferiu, em um primeiro momento, não participar da nova organização, por entender que ela dividiria ainda mais os trabalhadores do país.³⁴⁷ De qualquer maneira, no comando da nova organização, o anarquismo continuaria a manter sua hegemonia no movimento operário-social uruguaio e ser a força mais importante da esquerda do país até o fim da década de 1920.³⁴⁸

³⁴⁷ Idem, pp. 256-285.

³⁴⁸ RAMA, Carlos. La “cuestión social”. In: *Cuadernos de Marcha n° 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*, p. 64.

Capítulo 5 — Interpretações da historiografia uruguaia sobre o impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio

Enquanto os quatro primeiros capítulos foram dedicados à análise do impacto exercido pela Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio, este quinto capítulo é dedicado às interpretações que a historiografia uruguaia teceu sobre o impacto da Revolução Russa no movimento anarquista no Uruguai. Ainda que representem uma parte pequena dessa dissertação, optamos por apresentá-las em um capítulo em separado, com o intuito de ressaltar a relevância da discussão historiográfica sobre o tema.

Apesar da importância que teve o impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio, o tema tem ocupado, geralmente, um papel secundário nos trabalhos relativos ao movimento operário-social do período, seja devido à sobrevalorização das forças do Partido Socialista ou à produção historiográfica de quadros do Partido Comunista.

De qualquer forma, todos os autores que de alguma maneira se debruçaram sobre a história do movimento operário-social no Uruguai fizeram alguma referência à polêmica gerada pelo impacto da Revolução Russa no interior da esquerda uruguaia como um todo, ainda que sua interpretação difira em diversos pontos. Enfatizaremos as considerações feitas sobre esse impacto no movimento de inspiração anarquista, por ser esse o escopo desse trabalho. Optamos por apresentar a interpretação dos autores em ordem cronológica, seguindo as datas de publicação de suas obras, indicadas em parênteses.

5.1 — Francisco Pintos (1960)

Um dos primeiros autores a tratar da história do movimento operário no Uruguai foi Francisco Pintos. Importante dirigente do Partido Comunista do Uruguai, fez parte da delegação uruguaia participante do 4º Congresso do Comintern em 1922, que completou o processo de adesão do PCU à Terceira Internacional.

Em Pintos, a hierarquização dos acontecimentos reflete sua preferência político-partidária, e a sobrevalorização das ações dos Partidos Socialista e Comunista, bem como a subestimação das atividades empreendidas pelos libertários, mesclam-se em uma retórica leninista-stalinista. Não obstante, ele foi um dos que mais espaço dedicou ao anarquismo e ao impacto da Revolução Russa no movimento que possuía orientação libertária.

Pintos é forçado a admitir a importância que possuía o anarquismo na vida dos trabalhadores uruguaios no começo do século XX, não apenas nas lutas do movimento sindical, como também em outros âmbitos, como o trabalho educativo realizado pelo *Centro Internacional de Estudios Sociales*.³⁴⁹ Apesar disso, sempre descreve toda a atividade anarquista como “pequeno-burguesa”, “sectária”, “divisionista”, “contrarrevolucionária” e “promotora da desorientação”, enquanto as ações do Partido Socialista (e logo, do Partido Comunista), são sempre exaltadas, superdimensionadas e identificadas como sendo correspondentes aos “verdadeiros anseios e interesses dos trabalhadores”. Levando em conta o papel dirigente que possuía o anarquismo, e o fato da F.O.R.U reunir a maioria dos sindicatos à época, o autor dá uma ênfase desproporcional à transformação do PS em PCU e o que isso teria significado para os trabalhadores uruguaios.

Desconsiderando todos os debates teóricos que os libertários uruguaios haviam travado sobre as relações entre *revolução*, *evolução* e *anarquia*, bem como tudo o que a *Revolução Social* representava para os anarquistas, para Pintos, o fato de os anarquistas terem apoiado inicialmente a Revolução Russa ter-se-ia devido simplesmente a que ela ocorreu através de uma “insurreição armada”. De acordo com o autor, com o conhecimento da verdadeira orientação da Revolução Russa, a posterior divisão no campo anarquista entre os que deixaram de apoiá-la e os que continuaram a fazê-lo, deveu-se a que os primeiros não quiseram abandonar suas “teorias individualistas e pequeno-burguesas”; enquanto os outros, para conciliar essa defesa com seu próprio ideário, improvisaram uma teoria da “ditadura exercida pelos sindicatos”. Para Pintos, “[...] isso só servia para semear confusão entre as fileiras dos trabalhadores, impedindo-os de ver claro, desorientando-os”.³⁵⁰

³⁴⁹ PINTOS, Francisco. *Historia del movimiento obrero del Uruguay*, p. 59.

³⁵⁰ Idem, p. 118.

O autor sustenta ainda que, após as derrotas sofridas em 1919, os esforços de reorganização dos trabalhadores no ano seguinte foram sabotados pelo “sectarismo” e “divisionismo” dos anarquistas. Isso seria uma prova irrefutável da “absoluta falta de perspectivas” dos anarquistas, que se recusavam a ver os “bons ensinamentos” que o Comintern e seu braço sindical, o Profintern, brindavam ao movimento operário mundial, e que o PCU e a F.O.M. difundiam no movimento operário local.³⁵¹ Os anarquistas da “velha F.O.R.U.”, aliás, seriam incapazes de mudar sua política sindical e adaptar-se às “novas exigências da luta de classes”, por estarem imobilizados em suas “ultrapassadas teorias”.³⁵²

Assim, para Pintos, todo o impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio, desde a recepção até a ruptura da F.O.R.U. em 1921, esteve marcado pelo que ele aponta como vícios contrarrevolucionários irremediáveis do anarquismo: o sectarismo e o individualismo pequeno-burguês.³⁵³

5.2 — Wladimir Turiansky (1973)

Outro importante autor que escreveu sobre a história do movimento operário-social uruguaio foi Wladimir Turiansky. Filiado também ao PCU, foi dirigente do sindicato da UTE (a companhia estatal responsável pelo fornecimento de energia elétrica) e membro da *Convención Nacional de Trabajadores* (CNT), central sindical fundada em 1964 — e que em 1984 se uniria ao *Plenario Intersindical de Trabajadores* (PIT) para formar o atual PIT-CNT.

A ênfase do trabalho de Turiansky está no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1970, mas o autor faz uma síntese, baseada na obra de Francisco Pintos, sobre as épocas anteriores. Contudo, ao contrário de Pintos, o espaço que dedica ao impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio é mínimo, já que identifica o biênio de 1900-1902 como o auge desse movimento.³⁵⁴

³⁵¹ Idem, 148-149.

³⁵² Idem, pp. 164-165.

³⁵³ Idem, p. 170.

³⁵⁴ TURIANSKY, Wladimir. *El movimiento obrero uruguayo*, p. 25.

Para Turiansky, 1917 teria marcado uma ruptura profunda nos debates e definições ideológicas dos movimentos revolucionários ao redor do mundo, opondo as “contrarrevolucionárias” correntes anarquistas e social-democratas às “corretas táticas” empregadas pelos bolcheviques na Rússia (e repetidas localmente pelo PCU). Os debates sobre os problemas de organização do Estado e sobre o papel do “partido revolucionário” teriam influenciado o sindicalismo uruguaio, provocando uma disputa ideológica essencial para começar a “[...] limpar o movimento revolucionário da classe trabalhadora de todo vestígio de oportunismo, como as concepções atrasadas e, em essência, pequeno-burguesas do anarquismo.”³⁵⁵

O autor confirma ainda a visão de Pintos de que a desunião dos trabalhadores uruguaio no período, bem como a ruptura da F.O.R.U., deveram-se exclusivamente às práticas divisionistas e sectárias dos anarquistas no movimento operário-social.³⁵⁶

5.3 — Germán D'Elía e Armando Miraldi (1984)

A partir de meados da década de 1980, vários historiadores profissionais, como Germán D'Elía e Armando Miraldi, passaram a se dedicar à história do movimento operário-social no Uruguai.

Como D'Elía e Miraldi se propuseram a escrever a história do movimento operário-social no Uruguai, de suas origens até 1930, há um grande destaque às ações empreendidas pelos anarquistas e pela F.O.R.U. Contudo, apesar do vertiginoso crescimento experimentado pela entidade após a sua fundação, para D'Elía e Miraldi, a autodefinição da federação como “anarquista” teria limitado suas possibilidades de “expansão futura”.³⁵⁷ De acordo com os autores, após o triunfo da Revolução Russa, os “métodos do anarquismo” — espontaneísmo, ação direta e greve geral para a luta que culminaria na revolução social — pareciam estar “defasados” e, nesse sentido, a fundação da F.O.M. teria desempenhado um papel crucial no questionamento a esses métodos, desenvolvendo a “consciência de classe” entre os trabalhadores.³⁵⁸

³⁵⁵ Idem, p. 27.

³⁵⁶ Idem, pp. 30-31.

³⁵⁷ D'ELÍA, Germán; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: Desde sus orígenes hasta 1930*, p. 75.

³⁵⁸ Idem, p. 136.

Não obstante, a ênfase da interpretação dos autores recai sobre a influência que os processos externos teriam exercido sobre o processo uruguaio. A divisão do movimento operário uruguaio seria um prolongamento local da divisão do movimento operário internacional que se seguiu à Grande Guerra e à Revolução Russa de 1917. Assim, as polêmicas ideológicas e programáticas internas teriam se acentuado no movimento operário uruguaio como reflexo de um momento de disputa pela hegemonia desse movimento a nível internacional (com a fundação de diversas Internacionais e Federações Sindicais de caráter supranacional), o que teria acarretado seu fracasso. Todas essas questões, somadas às dificuldades em estabelecer um plano de ação para o movimento operário uruguaio que pudesse fazer frente à repressão de suas atividades promovida durante a presidência de Feliciano Viera, bem como para minimizar os efeitos da crise econômica, teriam gerado enfrentamentos e contribuído, ainda mais, para a debilitação e cisão da F.O.R.U.³⁵⁹

5.4 — Alberto Sendic (1985)

Alberto Sendic, irmão do famoso guerrilheiro tupamaro Raúl Sendic, também foi ativo militante esquerdista. Na juventude, participou do grupo trotskista montevideano *Liga Obrera Revolucionaria*. Posteriormente, durante as décadas de 1940 e 1950, ajudou a constituir e consolidar a seção local da “Quarta Internacional” na Argentina peronista. A vitória da Revolução Cubana levou-o a instalar-se em Havana para tentar organizar o trotskismo local. De volta à Argentina, foi enviado à Europa, como dirigente latino-americano da Quarta Internacional. Em 1963, após uma divisão na entidade, instalou-se definitivamente na França. Vivendo na capital do país, foi operário da Renault e dedicou-se ao trabalho de militância sindical na CGT francesa e à luta pela libertação do irmão, preso em Montevideú. Durante várias décadas, escreveu textos e artigos para revistas uruguaias, até sua morte, em Paris, no ano de 2009.

Desconsiderando o fato de que a F.O.R.U. possuía uma grande inserção na vida dos trabalhadores uruguaio, Sendic afirma que a federação teria se constituído, desde a sua fundação, como uma espécie de “partido anarquista”, mais do que como uma

³⁵⁹ Idem, pp. 152-161.

organização sindical de massa. O esforço do autor — bem de acordo com os pressupostos teóricos característicos do trotskismo que lhe servia como referencial — consistiu em demonstrar como, até 1917, a F.O.R.U. não teria sido capaz de desempenhar o papel de partido revolucionário que dirigiria as massas no assalto ao poder.³⁶⁰

Para Sendic, a Revolução Russa teria mudado o panorama do movimento operário-social no Uruguai. Outubro teria exercido uma grande influência não só sobre a classe trabalhadora, mas também sobre os intelectuais. À imensa esperança que havia animado anarquistas, socialistas e reformistas em geral, somava-se uma grande confusão, pois “nos primeiros momentos cada um desses setores acreditava encontrar no triunfo dos bolcheviques o que ele buscava”.³⁶¹ Sendic avalia positivamente a participação dos socialistas (especialmente os favoráveis aos bolcheviques) nas atividades sindicais, pois o monopólio dos anarquistas seria uma “barreira de contenção” ao movimento popular reivindicatório que crescia no país.³⁶²

Com respeito aos libertários, o autor afirma que a divisão que ocorreu entre suas fileiras devia-se, por um lado, à “atração exercida pela experiência pela qual passavam os anarquistas russos” e, por outro, pela própria “insuficiência teórica” que demonstravam na condução do movimento operário uruguaio. Na opinião de Sendic, a negativa dos anarquistas individualistas em aceitar os métodos bolcheviques, a recusa a essa “evolução necessária”, deviam-se ao “sectarismo e esquematismo anarquistas”.³⁶³

Ainda de acordo com Sendic, a Revolução Russa passou, no Uruguai, por um difícil processo de “naturalização”. Nele, teria sido fundamental a ação dos socialistas e comunistas no sentido de adequar as reivindicações e métodos de luta do movimento operário local aos novos tempos, algo que a direção anarquista estaria totalmente incapacitada de fazer.

O anarquismo, de ação enérgica e radical, com seu apoliticismo, acabava com a possibilidade de influência – de interinfluência – no movimento operário com a corrente popular que se expressa no país, e

³⁶⁰ SENDIC, Alberto. *Movimiento obrero y luchas populares en la historia uruguaya*, pp. 15-32.

³⁶¹ Idem, p. 33.

³⁶² Idem, pp. 29-34.

³⁶³ Idem, pp. 34 -7.

isso contribuiu para sua esterilidade e isolamento, e para a esclerose de seu aparato e de seus militantes.³⁶⁴

Os enfrentamentos ideológicos, as disputas programáticas e a cisão da F.O.R.U. seriam, então, derivações “naturais” desse processo de “engessamento” da direção anarquista e de seu progressivo afastamento das realidades nacional e mundial, o que, obviamente, fazia com que fosse incapaz de intervir nelas de maneira coerente e eficaz.

5.5 — Fernando López D'Alessandro (1992)

O trabalho de Fernando López D'Alessandro é, sem dúvida, o que oferece mais detalhes sobre o impacto da Revolução Russa no anarquismo uruguaio e sua posterior divisão.

Assim como D'Elía e Miraldi, seu recorte temporal vai de meados do século XIX até a década de 1930. Evitando os dogmatismos das interpretações precedentes, o autor dedica os três primeiros tomos de sua obra a entender as minúcias do desenvolvimento do movimento operário-social no país, buscando ponderar as ações de anarquistas, socialistas e comunistas em relação à conjuntura de cada momento.

De acordo com o autor, não há dúvida de que a repercussão da Revolução Russa no movimento operário-social uruguaio deva ser entendida no contexto internacional de crise generalizada do centro do mundo capitalista, fim da 1ª Guerra e emergência da Rússia Soviética como possível alternativa à ordem burguesa. Contudo, a análise do tema não pode estar desvinculada do peso que os fatores locais e os processos internos (como a repressão aos trabalhadores, a crise econômica e as polêmicas no interior da esquerda uruguaia) tiveram nessa dinâmica histórica.³⁶⁵

De acordo com López D'Alessandro, quando dos acontecimentos na Rússia, os libertários manifestavam uma “fé radical” no fim do capitalismo e na chegada da “hora revolucionária”. Por isso, quando sobreveio a revolução, muitos a abraçaram, sem refletir sobre o que ela significava ou sobre o que os bolcheviques propunham.³⁶⁶ Apesar

³⁶⁴ Idem, p. 38.

³⁶⁵ LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*, pp. 6-7.

³⁶⁶ Idem, p. 153.

da desconfiança e ceticismo dos anarquistas individualistas nucleados ao redor do periódico *El Hombre*, o apoio à Revolução, tendo sua máxima expressão no periódico *La Batalla*, foi majoritário no anarquismo uruguaio. A reação favorável à Revolução justificava-se pela convicção de que uma época revolucionária havia chegado e que a revolução no Uruguai era parte de um “movimento revolucionário mundial, tal como acreditavam os socialistas internacionalistas”.³⁶⁷

A conjuntura local, especialmente a partir de 1918, mas sobretudo a partir da Semana Trágica argentina e da intensa repressão sofrida pelo movimento operário *rioplatense* em 1919, confirmava, para a maioria dos anarquistas, que a revolução no *Río de la Plata* era iminente. Destarte, era um dever dos libertários não só acelerar esse processo, como também manifestar *solidariedade revolucionária* a todos os povos em luta. Posteriormente, quando se tornou mais evidente a orientação da Revolução Russa, tal argumento será questionado pelos anarco-individualistas e ocorrerá o embate destes contra os anarcocomunistas. Ignorando todas as evidências em contrário, os anarcocomunistas continuariam a tentar “demonstrar” como a Revolução Russa era anarquista. Quando isso não foi mais possível, se esforçaram por sublinhar os pontos em comum que possuía o anarcocomunismo com o regime implantado na Rússia. Por sua vez, os anarco-individualistas, após o ceticismo inicial, assumiriam uma posição de denúncia e rechaço aos bolcheviques. A disputa entre essas duas vertentes do movimento libertário logo evoluiria à confrontação direta.

Destarte, para López D'Alessandro, além de enfrentar a pressão de batllistas, socialistas e comunistas, o anarquismo estava imerso nessa grave luta interna. A disputa política e ideológica sobre o caráter da Revolução Russa e sobre o “verdadeiro caminho revolucionário” a ser seguido estender-se-ia ao movimento operário-social local, acabando por dividir todo o campo libertário e, conseqüentemente, a F.O.R.U.³⁶⁸ A nosso ver, ainda que a interpretação de López D'Alessandro possua pontos questionáveis, como a atribuição haja pontos questionáveis – como a defesa de que a ruptura do PS tenha sido mais importante para o movimento operário-social uruguaio do

³⁶⁷ Idem, p. 165.

³⁶⁸ Idem, p. 173.

que a divisão da F.O.R.U.³⁶⁹ –, é com essa interpretação que nosso trabalho mais se identifica.

5.6 — Universindo Rodríguez, Silvia Visconti, Jorge Chagas e Gustavo Trullén (2006)

Universindo Rodríguez, Silvia Visconti, Jorge Chagas e Gustavo Trullén resgataram alguns dos principais argumentos levantados por Fernando López D'Alessandro. Para eles, a Revolução Russa de 1917 gerou expectativas enormes, porém, à medida que foram sendo conhecidos os detalhes do regime bolchevique, o movimento operário internacional entrou em um processo de fragmentação.³⁷⁰

Contudo, na interpretação desses autores sobre o impacto da Revolução Russa no anarquismo uruguaio há um nítido destaque para a influência que tiveram os processos internos nas discussões entre os libertários em torno do evento.

Resulta imprescindível destacar que os anos de 1917 e 1918 foram de intensas lutas para o movimento operário uruguaio, em um contexto de forte repressão do governo. [As greves ocorreram em meio a] [...] violentos enfrentamentos entre trabalhadores e forças repressivas, e a uma profunda tensão dentro do movimento anarquista, principal animador da organização operária.³⁷¹

Após explicitar as divergências básicas dos posicionamentos assumidos pelos grupos libertários reunidos em torno dos periódicos *La Batalla* e *El Hombre*, os autores sustentam que o apoio do setor “ditador” aos bolcheviques traduziu-se em uma busca por emular suas formas de organização e táticas de mobilização no movimento operário uruguaio, devido à confiança que esse setor possuía em um rápido triunfo da revolução no Uruguai. A partir disso, os anarcocomunistas teriam passado a priorizar discussões sobre as maneiras de se fazer a revolução e também as formas de se administrar a sociedade futura que dela resultaria. Isso teria acarretado não apenas uma desatenção à questão sindical, mas também feito com que trabalhadores e militantes com vasta

³⁶⁹ Idem, p. 285.

³⁷⁰ RODRÍGUEZ, UNIVERSINDO et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*, p. 53.

³⁷¹ Idem, p. 54.

experiência se afastassem dos sindicatos e, conseqüentemente, dos problemas imediatos enfrentados pelos trabalhadores entre 1917 e 1918, resultado da grave crise econômica que havia irrompido no país.

Ainda de acordo com os autores, quando em fins de 1918 as autoridades uruguaias — cada vez mais temerosas de que o país caísse nas mãos dos “maximalistas” — iniciaram uma severa repressão contra o movimento dos trabalhadores, parte considerável da corrente anarquista, iludida com a possibilidade de uma revolução imediata, dispendia grande tempo e energia em “polêmicas intestinas” ou na implementação de táticas cujo efeito principal teria sido o de dividir ainda mais o campo libertário.³⁷² A fundação do PCU teria apenas acentuado essa fragmentação.

Assim, todos esses fatores teriam contribuído para que, em 1921, o movimento operário-social uruguaio se encontrasse debilitado e sua principal vertente estivesse envolvida em uma disputa conceitual e programática fratricida, que resultaria na divisão da F.O.R.U. Para os autores, ainda que nos anos seguintes organizações alternativas a ela tenham sido criadas, a cisão daquele ano teria acarretado uma desestruturação que tardaria décadas para ser superada.³⁷³

5.7 — Rodolfo Porrini (2007)

Finalmente, há que se mencionar o texto de 2007 do historiador Rodolfo Porrini,³⁷⁴ o mais recente dos trabalhos consultados. Nele, o autor faz uma espécie de repasso da história da mobilização dos trabalhadores uruguaios. Ainda que seja apenas um capítulo de um livro que almeja cobrir mais de 100 anos de história (1890-2005), é curioso constatar que a questão do impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio mal seja mencionada. Talvez isso se deva ao fato de que o autor resume o movimento operário-social ao movimento estritamente sindical.

Após constatar a importância das ações empreendidas pelos anarquistas — e, em menor grau, pelos socialistas, a partir de meados do século XIX —, Porrini limita-se a

³⁷² Idem, *ibidem*.

³⁷³ Idem, pp.58-64.

³⁷⁴ PORRINI, Rodolfo. La sociedad movilizada. In: FREGA, Ana et alli. [2008]. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

assinalar que, nas primeiras décadas do século XX, alguns fatos internos (como o freio imposto pelo presidente Viera às reformas sociais e a crise econômica dos anos posteriores à Primeira Guerra Mundial) e externos (como a Revolução Russa de 1917), conferiram ao sindicalismo uruguaio um “espírito revolucionário”, que teria se manifestado em “certa receptividade às ideologias transformadoras, à organização e à mobilização.”³⁷⁵

Com respeito ao impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio, Porrini simplesmente afirma que ele teria contribuído para que, entre 1921 e 1923, “os sindicalistas da F.O.R.U.” passassem por um processo de discussões e diferenças que resultaria na formação da USU.³⁷⁶ Não há qualquer menção aos complexos debates travados pelos libertários, nem tampouco sobre o que a divisão do anarquismo em 1921 significou para os trabalhadores do país.

³⁷⁵ Idem, p. 289.

³⁷⁶ Idem, *ibidem*.

Considerações finais

Procuramos, nesta pesquisa, mostrar qual foi o impacto exercido pela Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio entre 1917 e 1921. Através da análise de dois periódicos libertários, *La Batalla* e *El Hombre*, que circularam em Montevideú durante esse período, pudemos vislumbrar o que o evento significou para os libertários uruguaio.

Em seu contexto, a Revolução Russa foi um evento transcendental, tendo sido entendida como o princípio da ansiada *Revolução Social* que se divisava no horizonte de expectativas de uma série de movimentos radicais de transformação social em todo o mundo. Entre esses movimentos, um dos mais importantes era o anarquismo, orientação majoritária no movimento operário-social de muitos países. Para muitos libertários, a Primeira Guerra Mundial havia inaugurado uma época de revoluções mundiais, e a Revolução Russa foi vista como a aurora que anunciava uma era de redenção e felicidade que se abria para a humanidade.

No Uruguai, os anarquistas, que acumulavam décadas de experiência na condução do movimento operário-social, vinham discutindo assiduamente sobre os significados de revolução, evolução e anarquia. Eles acreditavam na inevitabilidade e na proximidade da destruição da ordem capitalista, pois tratar-se-ia de um “processo natural” de evolução da sociedade. Por isso, entre os anarquistas uruguaio, as primeiras reações à Revolução Russa, ainda em março de 1917, foram de empatia pela ousadia de pôr fim à autocracia czarista. Os libertários trataram, ainda, de ressaltar os atributos positivos e o potencial emancipatório que possuía esse levantamento revolucionário.

Mas, mesmo antes de Outubro, essa reação do anarquismo uruguaio não foi homogênea, tendo variado ao longo do tempo, e produzido leituras, por vezes, conflitantes entre si. À semelhança do que afirmou Pittaluga sobre as interpretações da Revolução Russa feitas pelo anarquismo argentino, as considerações feitas pelo movimento libertário uruguaio sobre o evento,

[...] estiveram eivadas das representações e conceitualizações preexistentes da revolução, as quais, somadas à conjuntura sociopolítica [...] e às próprias práticas do anarquismo local, conformavam o *contexto de reconhecimento* da revolução russa. Por outro lado, o acontecimento revolucionário comoveu os imaginários e as formulações prévias: interpretar a revolução russa era também interrogar-se sobre os próprios pressupostos teóricos e políticos das práticas locais, sobre sua plasmação em representações e imagens, e ainda sobre a conformação de determinadas identidades. A revolução russa se constituiu então como um desafio ao mesmo tempo teórico e político que obrigou a reformulações, a novas afirmações ou, ao menos, a novos fundamentos para velhas condutas e identidades.³⁷⁷

De fato, após a saudação inicial, em meio às dificuldades em se conseguir informações fiáveis sobre o que acontecia no longínquo país, e dispondo de informações desencontradas sobre quem eram Lenin e Trotsky, e sobre o que defendiam o bolchevismo e o “maximalismo”, os debates provocados pela Revolução de 1917 no anarquismo uruguaio fizeram com que o movimento fosse se dividindo entre apoiadores e críticos da situação russa.

Para seus defensores, a Revolução Russa era o ponto de chegada de um longo caminho trilhado em busca da emancipação humana e da paz universal, parte de uma genealogia de lutas sociais que remontava à Revolução Francesa e à Comuna de Paris. Como evento magnânimo da época, a Revolução Russa passava a ser uma nova referência histórica, com um grande poder de mobilização militante.

Mas a experiência da Revolução Russa, e talvez isso seja o principal ponto a ser destacado, também marcava um rompimento com o passado. Ao fazê-lo, provocava uma reavaliação desse, ao mesmo tempo em que também o futuro era alterado. Em outras palavras, a revolução vivenciada modificava o campo de experiência prévio, reconfigurando-o e, conseqüentemente, alterando o horizonte de expectativas.

O acontecimento revolucionário que marcava o início de um novo calendário possibilitava também pontos de fuga perspectivistas em direção ao passado e rumo ao futuro, motivando um reexame que promovia a formulação de um novo espaço de experiência mediante a ressignificação dos acontecimentos pretéritos através da projeção de novos horizontes de expectativas.³⁷⁸

³⁷⁷ PITTALUGA, Roberto. Lecturas anarquistas de la Revolución Rusa. In: *Prismas n° 6*, p. 179.

³⁷⁸ Idem, p. 181.

O evento não apenas marcava um rompimento com o passado, como também determinava uma divisão entre o passado e o futuro. A Revolução era o presente, o agora, e não um futuro distante e tantas vezes invocado. Ainda que alguns poucos textos anunciassem a volta de um “passado mítico”, a maioria deles apontava para o futuro, onde finalmente seria estabelecida a igualdade entre os seres humanos, bem como a liberdade indispensável para garanti-la.

Assim, o que os anarquistas deveriam fazer era aproveitar-se dessa aceleração do tempo histórico, sentir o momento, transformar a teoria em realidade prática, estender a *Revolução*. Nesse sentido, reconfiguração do espaço de experiência e do horizonte de expectativas indicava à maioria dos anarquistas uruguaios que era preciso predicar a revolução social e efetivá-la o mais rápido possível, sob risco de que o pólen revolucionário espalhado pelo vendaval russo se perdesse.

Mesmo entre os críticos da Revolução Russa, essa perspectiva de que a Primeira Guerra havia, sem que seus protagonistas o quisessem, aberto uma época onde as revoluções eram possíveis, estava presente.

No Uruguai, essa postura crítica foi encarnada pelos anarquistas individualistas influenciados pelo darwinismo social. Apesar da simpatia que manifestaram em relação à rebeldia russa, inicialmente recomendaram prudência ao analisar os fatos, pois parecia que a revolução havia sido feita sem uma necessária preparação prévia das mentalidades. Logo depois desse relativo apoio crítico, começariam a surgir muitos questionamentos. Como entendiam a anarquia como um processo de aprimoramento psicológico e moral de cada indivíduo, e não desejavam abrir mão de sua defesa irrestrita da liberdade individual, a tendência individualista acabou por chocar-se com os métodos e com a orientação dos revolucionários russos.

Mas a Revolução Russa também levantou questões muito problemáticas para os setores do movimento anarquista que a apoiavam.

Pois se a revolução era conceituada como um corte absoluto com o passado, sem elementos antigos que pudessem subsistir na sociedade revolucionária, a dificuldade estribava em explicar, entre outras questões, a permanência do Estado e da política — sem mencionar, por exemplo, os antagonismos de classe, nacionalidade ou gênero —.

Junto com essas perdurações, emergiam elementos tanto ou mais perturbadores [...]: os problemas da organização política, da relação entre vanguarda e movimento de massas, do sujeito da revolução e ainda do momento da transição não eram questões que o anarquismo havia eludido sistematicamente — para além de formulações gerais —, mas que sua inscrição na prédica e na doutrina libertária não era possível sem uma revisão desse mesmo credo.³⁷⁹

Tal revisão passava, entre os anarcocomunistas uruguaios, por justificar seu apoio à Revolução Russa, sustentando que ela possuía uma orientação anarquista. Além disso, afirmavam que os *soviets* eram os responsáveis pelas decisões e isso só podia significar que eram a expressão mais acabada do programa anarcocomunista de comunidades livres autogestionadas. Claro que essa identificação visava também reforçar sua própria condição de dirigentes locais e sua “identidade revolucionária”: se os “maximalistas” eram os elementos avançados da Rússia, isso só podia significar que estavam próximos às concepções anarquistas.

Apesar de todas as evidências em contrário, e de denúncias feitas tanto pela esquerda quanto pela direita, sobre a maneira com que os bolcheviques procediam, eles se recusavam, de antemão, a admiti-las como verdadeiras. Por quê? De acordo com Furet, ao mobilizar termos tão sensíveis ao Ocidente pós-Revolução Francesa, como “paz universal” e “emancipação humana”, Outubro despertou uma espécie de encanto, que obnubilava as visões sobre o que ocorria na Rússia.

Já nessa época [1918], a magia do fenômeno soviético consiste, portanto, em exercer um forte poder de atração sobre as imaginações, independentemente da realidade do regime. Tendo apaixonado os homens apenas pelo fato de ter ocorrido, e de que a sua duração por si só lhe tenha conferido tão rapidamente um estatuto quase mítico, a Revolução de Outubro escapa à observação e ao estudo, objeto somente de amor e ódio. [...] [E]la também é detestada, atacada, vilipendiada. Mas esses pânicos [...] trazem consigo seu antídoto: na virulência de seus adversários, os admiradores da Rússia soviética veem mais uma confirmação de seus sentimentos.³⁸⁰

Por esse motivo, os questionamentos feitos pelos anarquistas individualistas, longe de levarem os anarcocomunistas à “reflexão”, faziam com que redobrassem seus

³⁷⁹ Idem, p. 183.

³⁸⁰ FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaio sobre a ideia comunista no século XX*, p. 105.

elogios à situação russa e seus esforços em defendê-la. As críticas intensificavam essa espécie de “fé revolucionária” e apenas aumentavam a admiração pela Rússia revolucionária.

Um terceiro momento pode ser identificado a partir de fins de 1918. A situação internacional augurava fortes comoções. O fim da Grande Guerra aumentou a esperança de que a revolução se alastrasse para vários países europeus. Em muitos deles, como Alemanha, Áustria e Hungria, a agitação dos trabalhadores parecia não poder ser contida. Se o proletariado europeu se levantava para por fim ao sistema capitalista, sua contraparte sul-americana deveria fazer o mesmo. Nesse sentido, o próprio imaginário anarquista sobre como ocorreria a revolução também vinha sendo influenciado pelo cenário internacional. Os ataques dos “países imperialistas” à Revolução contribuíram para que os anarquistas uruguaiois se posicionassem (alguns com ressalvas) do lado da Rússia.

Mas os fatores internos e regionais também tiveram um papel muito importante no impacto exercido pela Revolução Russa. Sobretudo entre fins de 1918 e meados de 1919, os conflitos sociais aumentaram exponencialmente. Com a intensa agitação social e a feroz repressão governamental, a maioria dos libertários pensou que o momento revolucionário havia chegado ao *Río de la Plata*. Apesar disso, não havia qualquer acordo entre eles no que dizia respeito aos métodos para que fosse empreendida a revolução. Essa discordância era advinda tanto da reavaliação dos anarcocomunistas no que diz respeito aos métodos para se chegar ao ideal, quanto da incorporação das estratégias que teriam funcionado na Rússia. Não apenas os anarcocomunistas trataram de incorporar táticas bolcheviques (algumas delas no mínimo estranhas à tradição da cultura política libertária), como também esforçaram-se por encontrar justificativas para isso em autores anarquistas. Por sua vez, os anarco-individualistas reforçavam o entendimento da teoria anarquista como melhoramento individual (psíquico e moral), como única garantia de que a revolução, e a sociedade gerada a partir dela, fossem modificações reais, e não apenas mudanças político-econômicas. Apenas se fosse eliminasse o princípio da autoridade poder-se-ia garantir a liberdade individual.

Durante todo esse período, o ponto de maior discórdia foi (e continuaria sendo nos anos posteriores) a defesa que anarcocomunistas faziam da *ditadura do proletariado*. Se os anarquistas individualistas desconfiavam da capacidade dos *soviets* de substituir as funções dos sindicatos e dos centros de estudo anarquistas, a maior divergência que possuíam com os anarquistas comunistas era devido à propaganda dessa forma de organização social, estranha à cultura política anarquista. Nesse ponto, os anarcocomunistas não podiam recorrer à tradição anarquista para justificar-se, e viram-se em grandes dificuldades para legitimar a incorporação de uma tática avessa aos preceitos libertários, e que nunca chegou a ser unanimidade entre as fileiras do movimento anarquista uruguaio.

A partir de meados de 1919, com a aparente consolidação do poder bolchevique na Rússia, e a evidência de que o sistema estabelecido na Rússia não era de orientação anarquista, os libertários defensores da Revolução Russa começaram a apresentá-lo como uma alternativa à “democracia burguesa”. Seria um regime que estaria na metade do caminho em direção à anarquia e, ainda que mantivesse um Estado, era preferível à exploração capitalista. A ditadura do proletariado nada mais era que um expediente provisório que garantiria a “expropriação dos expropriadores” e, em definitiva, tornava possível o avanço rumo à sociedade libertária.

Nesse período, a oposição dos individualistas tornou-se mais acirrada. Eles não possuíam mais dúvidas de que anarquismo e “maximalismo” possuíam preceitos distintos, concepções diversas sobre o homem e a sociedade, métodos diferentes de luta, objetivos díspares. Era uma falácia afirmar a transitoriedade da ditadura do proletariado, bem como afirmar que o regime bolchevique era um passo em direção ao “Ideal”. A Revolução Russa jamais se dirigiria à Anarquia, pois estava assentada sobre a base do princípio da autoridade. Todo governo seria intrinsecamente tirânico e um governo dos trabalhadores ou uma ditadura proletária iria fazer o possível para eternizar-se no poder, criando novas formas de despotismo. Era preciso olhar para dentro de si, criar a “superior consciência anarquista” dentro de si e, a partir daí, mudar o meio.

A partir de 1920, iniciou-se outra etapa do impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio. A proliferação de Internacionais e federações sindicais de caráter supranacional impelia os libertários a se posicionar sobre as divisões do movimento operário internacional. O acirramento das tensões locais, em parte, era um reflexo dessa disputa pela hegemonia mundial.

Localmente, os anarcocomunistas desejavam manter sua condição de arautos da Revolução Social, e evitar que a população identificasse os “socialistas internacionalistas” (os futuros comunistas) com a Revolução Russa. Nesse período, os anarcocomunistas agarraram-se à defesa da Revolução centrando sua posição na necessidade de primeiramente realizar uma revolução econômica, para então avançar rumo à eliminação dos constrangimentos políticos. Para tanto, propuseram um programa mínimo de caráter anarcocomunista. Sua principal bandeira era a defesa dos interesses da “classe social subjugada”. Era preciso lutar pelo proletariado, contra a exploração burguesa, capitalista. Isso implicava, mais uma vez, na defesa da ditadura do proletariado.

Os anarco-individualistas não aceitaram essa visão, e a ela contrapuseram a noção de que, mais importante ainda do que a “luta entre as classes sociais”, era perseguir o desenvolvimento pleno das capacidades do ser humano, a construção do homem novo, indispensável ao erguimento da sociedade anárquica. Por isso, como seus antagonistas relegaram essa busca a um papel secundário, acusaram-nos de terem se convertido ao maximalismo, e de quererem implantar um regime socialista autoritário e estatizante. A partir de fins de 1920, essas discrepâncias já haviam se tornado confrontação direta e os libertários uruguaios acusavam-se mutuamente de traidores do ideal anarquista, contrarrevolucionários etc. Essas lutas fratricidas acabariam por quebrar a unidade da entidade no final de 1921.

Na historiografia uruguaia sobre o movimento operário-social, a história do movimento anarquista no país foi, quase sempre, reduzida a uma nota de rodapé da expansão dos movimentos socialista e comunista. Era como se o anarquismo tivesse diminuído enormemente após a Revolução Russa e tivesse se evaporado após a fundação do PCU. Entretanto, a intensa atividade de divulgação dos ideais anarquistas

através da imprensa libertária havia atingido setores consideráveis da população, e o movimento libertário continuava sendo o principal referencial teórico e prático dos trabalhadores uruguaios nas tentativas de se oferecer uma resposta aos problemas relacionados à *questão social* no país, mesmo após a eclosão da Revolução Russa. Se bem esta exerceu considerável influência sobre o conjunto da militância libertária uruguiaia, mesmo o setor que continuou apoiando-a após 1919, jamais deixou de definir-se como *anarquista*, de veicular textos de pensadores libertários em seu principal periódico, nem sacrificou sua independência organizacional em função de socialistas e comunistas. Por isso, pensamos que esse processo de divisão do anarquismo e sua fratura em 1921, com o desmantelamento da F.O.R.U., foi muito mais importante para o movimento operário-social uruguaio da época que a ruptura interna do Partido Socialista para a fundação do Partido Comunista ocorrida no mesmo ano. Com efeito, era o anarquismo que servia de orientação para a maior parte desse movimento, além de também possuir, naqueles anos, uma maior inserção social do que esses partidos.

Mas esse menosprezo pela rica história do anarquismo no Uruguai é apenas uma parte de uma historiografia por muito tempo hegemônica, representante de um movimento que havia advogado para si próprio o direito exclusivo de falar sobre a história do movimento operário-social em todo o mundo. Esse trabalho buscou resgatar a especificidade das discussões ocorridas no interior do movimento anarquista uruguaio motivadas pela Revolução Russa de 1917. Antes mesmo que ela ocorresse, esse movimento já possuía uma trajetória de busca — e não apenas teórica — de caminhos para a transformação social. O impacto da Revolução Russa forçou o autoquestionamento tanto dessa trajetória quanto desses caminhos. Entender como isso aconteceu é refletir sobre as experiências e as expectativas desse movimento.

Fontes e bibliografia

Fontes documentais

EL HOMBRE (1917-1921)

LA BATALLA (1917-1921)

História do Uruguai e da América Latina

ÁLVAREZ FERRETJANS, Daniel. La cuestión social: la prensa obrera y los diarios pioneros de los partidos de izquierda. In: ÁLVAREZ FERRETJANS, Daniel. *Historia de la prensa en el Uruguay: desde La estrella del sur a Internet*. Montevideo: Fin de Siglo, 2008.

BILSKY, Edgardo. *La Semana Trágica*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *Historia contemporánea del Uruguay: de la Colonia al siglo XXI*. Montevideo: Fin de Siglo, 2005.

FREGA, Ana. La formulación de un modelo. 1890-1918. In: FREGA, Ana et alli. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

GLADE, William. América Latina y la economía internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América Latina: economía y sociedad (1870-1930)*. - Tomo VII. Barcelona: Crítica, 1991.

HALE, Charles A. Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América Latina: cultura y sociedad (1870-1930)*. Tomo VIII. Barcelona: Crítica, 1992.

HALL, Michael M.; SPALDING Jr., Hobart A. La clase trabajadora urbana y los primeros movimientos obreros de América Latina, 1880-1930. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina – América Latina: economía y sociedad (1870-1930)*. - Tomo VII. Barcelona: Crítica, 1991.

HALPERÍN DONGHI, Túlio. *Historia contemporánea de América Latina*. 7ª ed. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2006.

HÉBERT, John Raymond. *The Tragic Week of January, 1919, in Buenos Aires: Background, Events, Aftermath*. Washington, D. C.: Georgetown University, 1972.

KLEIN, Herbert S. Migração internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

MAIZTEGUI, Lincoln. *Orientales - Una historia política del Uruguay: de 1865 a 1938*. Tomo II. Montevidéo: Planeta, 2005.

MÉNDEZ VIVES, Enrique. *Historia uruguaya: el Uruguay de la modernización (1876-1904)*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

NAHUM, Benjamín, *Historia uruguaya: la época batllista (1905-1929)*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

ODDONNE, Juan. La formación del Uruguay moderno, c. 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América del Sur (1870-1930)*. Tomo X. Barcelona: Crítica, 1991.

PETRONIO, Tabaré (org.). *Apuntes de Historia del Uruguay: síntesis colectiva*. vol. 7. *Hacia la modernización del país*. Montevideú: La República, 2000.

_____. *Apuntes de Historia del Uruguay: síntesis colectiva*. vol. 8. *El primer batllismo (1903-1929)*. Montevideú: La República, 2000.

REIS, Mateus Fávaro. *Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

RODRÍGUEZ AYÇAGUER, Ana Maria. La república del compromiso. 1919-1933. In: FREGA, Ana et alli. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevideú: Ediciones de la Banda Oriental, 2005.

ROMERO, José Luís. *América Latina: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976

ROUQUIÉ, Alain. *América Latina: introducción al Extremo Occidente*. México: Siglo XXI, 1994.

_____. Los obreros y el movimiento sindical. IN: ROUQUIÉ, Alain. *América Latina: introducción al Extremo Occidente*. México: Siglo XXI, 1994.

SAFFORD, Frank. Política, economía y sociedad. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América Latina independiente, 1820-1870*. - Tomo VI. Barcelona: Crítica, 1991.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás. La población de América Latina, 1850-1930. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América Latina: economía y sociedad (1870-1930)*. - Tomo VII. Barcelona: Crítica, 1991.

SCOBIE, James R. El crecimiento de las ciudades latinoamericanas, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América Latina: economía y sociedad (1870-1930)*. - Tomo VII. Barcelona: Crítica, 1991.

SMITH, Robert Freeman. América Latina, los Estados Unidos y las potencias europeas, 1830-1930. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de América Latina - América Latina: economía y sociedad (1870-1930)*. - Tomo VII. Barcelona: Crítica, 1991.

SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai: 1903-1958*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

Trabalhos que tratam mais especificamente do movimento operário-social uruguaio

BALBIS, Jorge; ZUBILLAGA, Carlos. *Historia del movimiento sindical uruguayo, tomo IV, Cuestión social y debate ideológico*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1992.

D'ELÍA, German; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero en el Uruguay: desde sus orígenes hasta 1930*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.

LOBATO, Mirta Zaida. *Palabras proletarias, utopías, derechos y ciudadanía en la prensa gremial del Río de la Plata (1890-1955)*. Buenos Aires: Flacso, 2005.

LÓPEZ D'ALESSANDRO, Fernando. *Historia de la izquierda uruguaya: anarquistas y socialistas (1838-1910)*. Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992.

_____. *Historia de la izquierda uruguaya: la izquierda durante el batllismo (1911-1918): Primera parte*. Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992.

_____. *Historia de la izquierda uruguaya: la izquierda durante el batllismo (1911-1918): Segunda parte*. Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992.

_____. *Historia de la izquierda uruguaya: la fundación del Partido Comunista y la división del anarquismo (1919-1923)*. Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1992.

PINTOS, Francisco. *Historia del movimiento obrero del Uruguay*. Montevidéo: Suplemento Gaceta de Cultura, 1960.

PORRINI, Rodolfo. La sociedad movilizada. In: FREGA, Ana et alli. [2007]. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

_____. Una aproximación a la bibliografía e historiografía sobre la clase obrera y el movimiento obrero en el Uruguay. In: PORRINI, Rodolfo; BAUMANN, Néstor (comps.) *Historia y memoria del mundo del trabajo: hacia la recuperación de la memoria oral y los archivos históricos del movimiento sindical en Uruguay*. Montevidéo: Comisión Sectorial de Investigaciones Científicas: Universidad de la República, 2004.

RAMA, Carlos. La "cuestión social". In: *Cuadernos de Marcha n° 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*. Montevidéo: Marcha, 1969.

RODRÍGUEZ, Universindo et alli. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*. Montevidéo: Taurus, 2006.

SENDIC, Alberto. *Movimiento obrero y luchas populares en la historia uruguaya*. Montevidéo: Movimiento Independiente 26 de Marzo, 1985.

TURIANSKY, Wladimir. *El movimiento obrero uruguayo*. Montevidéo: Ediciones Pueblos Unidos, 1973.

Movimento anarquista (principalmente na América Latina)

ACOSTA, Alejandro. Anarchist Meditations, or: Three Wild Interstices of Anarchism and Philosophy. In: *Anarchist Developments in Cultural Studies* nº 1, janeiro-junho 2010, pp. 117-138. Disponível em http://theanarchistlibrary.org/HTML/Alejandro_de_Acosta_Anarchist_Meditations_or_Three_Wild_Interstices_of_Anarchism_and_Philosophy.html. Acesso em 05/12/2011.

AIT. *General rules of the International Working men's Association*. Londres, 1864. Disponível em <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1864iwma/1864-a.htm>. Acesso em 14/07/2011.

ARMAND, Émile. *Petit Manuel Anarchiste Individualiste*. Paris: L'En dehors, 1911.

ARVON, Henri. *El anarquismo en el siglo XX*. Madri: Taurus, 1979.

AVRICH, Paul. The Anarchists in the Russian Revolution. In: *Russian Review*, Vol. 26, Issue 4, 1967, pp. 341-350. Disponível em <http://www.angelfire.com/nb/revhist17/avrigh2.pdf>. Acesso em 29/02/2012.
_____ [1965]. *The Russian Anarchists*. Oakland: AK Press, 2005.

BAKUNIN, Mikhail [1842]. Die Reaktion in Deutschland. In: BEER, Reiner (ed.) *Bakunin: Philosophie der Tat*. Köln: Verlag Jakob Hegner, 1968.

_____ [1873]. Statism and Anarchy. In: DOLFF, Sam (ed.). *Bakunin on Anarchy*. Nova York: Vintage Books, 1972.

_____ [1842]. The reaction in Germany. In: DOLFF, Sam (ed.). *Bakunin on Anarchy*. Nova York: Vintage Books, 1972.

BERRY, David. The Aftermath of War and the Challenge of Bolshevism, 1917-1924. In: BERRY, David. *A history of the French anarchist movement, 1917-1945*. Westport: Greenwood Press, 2002.

BUTLER, Ann Caldwell. Josiah Warren and the Sovereignty of the Individual. Journal of Libertarian Studies, Vol. IV, No. 4 (Fall 1980). Disponível em <http://mises.org/journals/jls/4_4/4_4_8.pdf>. Acesso em 15/09/2011.

CAPPELLETTI, Ángel; RAMA, Carlos (sel.). *El anarquismo en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990.

DIEZ, Xavier. *L'anarquisme individualista a Espanya 1923-1938* (Tese de doutorado). Universitat de Girona. Departament de Geografia, Història i Història de l'Art, 2003.

DOESWIJK, Andreas L. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses, 1917-1930* (Tese de doutorado). Unicamp. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

GUÉRIN, Daniel [1980]. *No Gods, no Masters: an anthology of anarchism* (2 vols). Edimburgo: AK, 2005.

HOROWITZ, Irving Louis. *The anarchists*. Nova York : Dell Publishing Co., 1964.

JOLL, James [1979]. *The anarchists* (2ª ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.

KROPOTKIN, Piotr. L'Expropriation. In: *Le Revolté*, nº 21, 25 de novembro de 1882. Disponível em <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/journals/revolte/index.html>. Acesso em 11/12/2011.

_____ [1901]. *Modern science and anarchism*. Londres: Freedom Press, 1912.

_____ [1885]. *Words of a rebel*. Montréal: Black Rose Books, 1992.

LUXEMBURGO, Rosa [1904]. *Questions d'organisation de la social-démocratie russe*. Disponível em <http://www.marxists.org/francais/luxembur/c_et_d/c_et_d_1.htm>. Acesso em 14/02/2012.

MALATESTA, Errico [1914]. Los anarquistas han olvidado sus principios. In: RICHARDS, Vernon [1968]. *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007.

MANFREDONIA, Gaetano. Persistence et actualité de la culture politique libertaire. In: BERNSTEIN, Serge. *Les cultures politiques en France*. Paris: Le Seuil, 1999.

MARSHALL, Peter [1992]. *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*. Londres: Harper Perennial, 2008.

NETTLAU, Max. *A short history of anarchism*. Londres: Freedom Press, 1996.

PITTALUGA, Roberto. De profetas a demonios: Recepciones anarquistas de la Revolución Rusa (Argentina 1917-1924). In: *Sociohistórica*, (11-12), 2002. Disponível em <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3061/pr.3061.pdf>. Acesso em 28/12/2011.

_____. Lecturas anarquistas de la Revolución Rusa. In: *Prismas*, nº 6, 2002, pp. 179-188.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Correspondance entre Karl Marx et Pierre-Joseph Proudhon, 17 de maio de 1846*. Disponível em <http://fr.wikisource.org/wiki/Correspondance_entre_Karl_Marx_et_Pierre-Joseph_Proudhon>. Acesso em 11/12/2011.

_____. *Idée générale de la Révolution au dix-neuvième siècle*. Paris: Garnier frères, 1851.

RECLUS, Elysée [1897]. *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique*, Paris, P.V. Stock, 1914.

RODRIGUES, Edgar. *Universo Ácrata*. Florianópolis: Insular, 1999, 2 vol.

SCHONS, Carmen Regina. *Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidades e rupturas*. Passo Fundo: UPF, 2000.

STIRNER, Max [1845]. *El único y su propiedad*. Buenos Aires: Anarres, 2003.

_____. *O único e sua propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004.

SUISSA, Judith. *Anarchism and Education: A Philosophical Perspective*. Oakland: PM Press, 2010.

VINCENT, Andrew. Anarquismo. In: VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

WARD, Colin. *Anarchism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

WARREN, Josiah. [1841] *Manifesto*. New Jersey: Oriole Press, 1952.

WOODCOCK, George. *Anarchism: a history of libertarian ideas and movements*. Toronto: Broad View Press Ltd, 2004.

_____. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. (2 vols.). Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L& PM, 1985.

_____. *The Anarchist Reader*. Londres: Fontana Press, 1977.

WOODCOCK, George; AVAKUMOVIĆ, Ivan. *Peter Kropotkin: From Prince to Rebel*. Montréal: Black Rose Books, 1990.

Outras obras

ARAÚJO, Silvia; CARDOSO, Alcina. *Jornalismo & militância operária*. Curitiba: Editora UFPR, 1992.

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 8, p. 419-459.

ARVON, Henri. [1980]. *A revolta de Kronstadt*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *El anarquismo en el siglo XX*. Madri: Taurus, 1979.

AVRICH, Paul. [1975]. *Kronstadt 1921*. Buenos Aires: Anarres, 2004.

_____. [1965]. *The Russian Anarchists*. Oakland: AK Press, 2005.

ARSHINOV, Peter. [1923]. *History of the Makhnovist Movement (1918-1921)*. Detroit: Freedom Press, 2002.

BARROS, José D'Assunção. Koselleck: o Historicismo e o enigma das temporalidades. In: *Teoria da História*, Vol. IV: *Acordes Historiográficos – Uma nova proposta para a Teoria da História*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BATALHA, Claudio H. de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). *Cultura de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004.

BENTIOVOGLIO, Julio. A história conceitual de Reinhart Koselleck. In: *Dimensões*, vol. 24, 2010, pp. 114-134. Disponível em <<http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/data/uploads/Dimensoes%2024%20-%205%20Julio%20Bentiovoglio.pdf>>. Acesso em 18/09/2011.

BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, François. *Por uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BONGIOVANNI, Bruno. Maximalismo. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BORRAT, Hector. *El periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gilli SA, 1989.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

BRAVO, Gian Mario. Movimento operário. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchévique – histoire du PC de l'URSS*. Paris: Minuet, 1963.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CARRIÈRES, Henri. Uma apresentação concisa da história conceitual. In: *Cadernos de Sociologia e Política*, no. 8. IUPERJ, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius [1974]. *A Experiência do Movimento Operário*. Brasiliense, 1985.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, pp. 253-270, dez. 2007.

DREYFUS, Michel. *L'Europe des socialistes*. Bruxelas: Complexe, 1991.

DUTRA, Eliana de Freitas. História e culturas políticas. Definições, usos, genealogias. In: *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, dez. 2002, n.28, pp. 13-28.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Maria Nazareth. Para conceituar a imprensa operária. In: *Imprensa operária no Brasil*. Ática: São Paulo, 1988.

FERRO, Marc [1969]. *História da Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*. Lisboa: Edições 70, 1992.

FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*. London: Jonathan Cape, 1996.

FREEDEN, Michael. *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*. Oxford University Press Inc., 2006.

FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995.

GIRARDET, Raul. Para uma introdução ao imaginário político. In: *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, J. & NORA, P. (orgs.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

JUNG GARIBALDI, Maria Eugenia; RODRÍGUEZ, Universindo. La importancia de la prensa sindical como fuente historiográfica. In: PORRINI, Rodolfo (org.). *Historia y memoria del mundo del trabajo*. Montevideu: FHCE - Comisión de Investigación Científica, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: *Futuro passado: contribuição a uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC-Rio, 2006.

_____. *Futuro passado: contribuição a uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC-Rio, 2006.

_____. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945>>. Acesso em 09/11/2011.

KOWALSKI, Ronald. *The Russian Revolution 1917-1921*. Nova Iorque: Routledge, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1999.

LÉONARD, Mathieu. *L'émancipation des travailleurs: une histoire de la Première Internationale*. Paris: La Fabrique, 2011.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (comps.). *A Greek-English Lexicon*. Londres: Oxford English Press, 1996

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MANSILLA, H. C. F. Perspectivas para el movimiento socialista en América Latina. In: *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 108, Julio-Agosto, 1990.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MOTZIK, Gabriel. On Koselleck's intuition of time. In: LEHMANN, Hartmut; RICHTER, Melvin. *The meaning of historical terms and concepts: Occasional paper n° 15*. Washington D. C.: German Historical Institute, 1996.

MOUILLARD, Maurice. O Jornal: da forma ao sentido. In: MOUILLARD, Maurice; DAYRELL, Sérgio (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PALTI, Elías J. Temporalidade e refutabilidade dos conceitos políticos. In: FERES Jr., João; JASMIN, Marcelo (orgs.). *História dos Conceitos: diálogos transoceânicos*. São Paulo: Edições Loyola; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, IUPERJ, 2007.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

REIS, José Carlos. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e nos *Annales*: uma articulação possível. In: REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SMITH, Steve A. *The Russian Revolution: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SPENCER, Herbert [1862]. *First Principles of Sociology*. Nova York: D. Appleton, 1888.

STEKLOFF, G. M. *History of the First International*. Londres: Martin Lawrence, 1928.